



Permita-se
Recomeçar

LÁIZA DE OLIVEIRA





PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Láiza de Oliveira

PERMITA-SE RECOMEÇAR

1ª Edição

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Jaú, 2017

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Permita-se Recomeçar

Láiza de Oliveira

Direitos Autorais © 2017

Direitos Autorais reservados.

**É proibida a reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com
autorização da autora.**

(Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

Capa:
Ana Carolina Rodrigues

Imagem de capa:
Pixabay

Revisão de texto e copidesque:
Nuccia De Cicco

Diagramação para formato e-book:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Nuccia De Cicco

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

*Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes,
pessoas, fatos ou situações da vida areal terá sido mera
coincidência.*

**Para meus pais.
A vida de vocês é um constante reinício.
E àqueles que se permitiram ter uma
nova chance, trilharam outro caminho.**

**Acreditaram que sempre é possível
recomeçar.**

Agradecimentos

Escrever essa história chegou a ser insano, passei horas a fio colocando para fora tudo o que estava em meu coração. Não foi uma tarefa fácil, pensei até em desistir, tanto que fiquei alguns meses sem dar ouvidos ao que a Iza queria me contar. Quando finalmente voltei, todas as minhas energias estiveram concentradas em um único objetivo: concluir a história. E consegui com a ajuda de seres iluminados que me cercam e me enchem de amor.

Nada disso seria possível sem o apoio total dos meus pais. Eles entenderam o meu “isolamento” dentro do meu quarto por dias e até meses. Amo vocês!

Agradeço ao meu médico, Dr. Otávio que, ao saber do meu sonho, me motivou a prosseguir.

As minhas amadas leitoras betas que, até então, não fazia ideia de que esse era o termo destinado a elas. Bárbara, obrigada por acrescentar detalhes cruciais à história. Camila, todas as nossas conversas e trocas de revoltas por assuntos específicos, agradeço por me deixar usar seu relato, o que contribuiu significativamente. Larissa e o novelo de lã, jamais me esquecerei, minha eterna gratidão. O texto sobre amizade, onde Iza conversa com suas amigas, foi escrito pensando em cada uma de vocês. Franciele, minha cunhada que posteriormente se tornou uma beta, obrigada por toda ajuda e suporte.

A todos os meus familiares e amigos, seria impossível colocar o nome de cada um, poderia acabar me esquecendo e levando um puxão de orelha depois. Vocês abraçaram a causa de uma maneira que me surpreendeu, sonharam comigo esse sonho, não desistiram de mim, mesmo quando eu sumia para voltar ao mundo da Izadora e do Hugo. Porém, não posso deixar de citar alguns nomes, caso contrário estaria sendo mesquinha:

Daiene, obrigada por aquela conversa de anos atrás, pois sem ela o diálogo entre Izadora e Jéssica jamais teria acontecido. Grata por ter me mostrado a diferença entre falar e contar sobre seus problemas. Hoje consigo contar, me expressar, aquele nó na garganta não está mais aqui. Não esquecerei suas palavras “É você quem tem que aparecer, não nós”, quando estive insegura em relação às minhas escolhas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A cena na boate gay só ficou realista, com tanta minúcia, graças a Talita que descreveu nos mínimos detalhes para mim, já que eu mesma ainda não tive o prazer de ir. Foi de sua boca a primeira vez que ouvi: “você é a minha inspiração”.

Sonalie, meu raio de Sol! Minha gêmea! Obrigada por me ajudar em uma das minhas piores crises, só a sua presença foi o suficiente. Grata por cada conselho, em estar disposta a me ouvir e tentar de todas as maneiras me proteger de olhares e julgamentos preconceituosos.

Nuccia, minha revisora. Obrigada por cada “capricha aqui”, “dá para melhor isso”, “descreva mais os sentimentos” e me ajudar sempre que eu me desesperava, e olha que não foram poucas as vezes.

Quero fazer aqui um agradecimento extremamente especial. Larissa, minha leitora beta, palavras me faltam para agradecer por tudo o que fez. Participou de todos os detalhes, desde a ideia inicial, até a revisão final. Ajudou na minha própria Biografia! Poderia ter me mandado pastar todas as vezes que a procurava para falar do livro, tomei seu tempo, te intimidava a me ajudar e nunca recusou, ao contrário, segurou em minhas mãos e caminhou comigo. Conheceu todos os meus medos e dúvidas através de longos áudios compartilhados, foram dias a fio conversando, melhorando, lapidando a história. A leitora beta mais crítica. Esse livro é tão seu quanto meu. Amo você!

A Deus, que me fez entender que a cura não era o milagre que eu precisava.

Ainda não descobri que tipo de cola se usa para consertar uma pessoa, porém isso não me incomoda mais, afinal, está tudo bem.

Vai ficar tudo bem!

E se me achar esquisita, respeite também.

Até eu fui obrigada a me respeitar.

(Clarice Lispector)

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sumário

Agradecimentos

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[*Sobre a Autora*](#)

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 1

*You can take everything I have
You can break everything I am
Like I'm made of glass
Like I'm made of paper
Go on and try to tear me down
I will be rising from the ground
Like a skyscraper*
(Skyscraper – Demi Lovato)[\[1\]](#)

Izadora

Estou acordada há mais de vinte minutos sem me mexer, apenas olhando fixamente para o teto. O despertador do meu celular toca pela quinta vez. E, pela quinta vez eu estico a minha mão e o desligo. Não quero sair daqui. Não estou a fim de levantar, me trocar, tomar meu café da manhã e sair para trabalhar. Encarar todos os meus problemas e me livrar de situações desagradáveis. Só por hoje. Não quero encarar ninguém e fingir que está tudo bem, sorrir nos momentos certos, dar as respostas que querem ouvir. Seria de grande utilidade se tivéssemos um controle remoto de nossa própria vida, assim eu poderia escolher o que pausar avançar e apagar. Apagaria todos esses sintomas que me acompanham diariamente.

Não. Não. Não. Não.

Sinto meu coração começar a acelerar, a dor no peito volta a me causar falta de ar. Minhas mãos tremem descontroladamente. Percebo o suor encharcando minhas roupas e a cama. Entro em desespero, pois não quero passar por isso novamente. Minha boca parece que vai rachar, está completamente seca. Obrigo minha mente e meu corpo a relaxarem, preciso ter controle sobre algo relacionado a mim mesma.

— Um, dois, três, quatro... — começo a contar, tentando me acalmar. — Vamos lá, respire fundo, você consegue — digo para mim mesma.

Estou exausta. Sempre que isso acontece, meu corpo parece ter percorrido uma maratona.

Aos poucos me acalmo completamente. Agora estou seriamente atrasada. Levanto e faço exatamente o que tem que ser feito, me troco, penteio meu cabelo, tomo meu café da manhã e meu remédio e saio para trabalhar. Tem sido assim ultimamente, uma luta constante, uma guerra silenciosa entre o meu corpo e a minha mente. Nesse momento, 1x0 para minha mente.

Moro em Bauru, uma cidade relativamente pequena se comparada a São Paulo. Como não tem lugar para guardar meu carro em uma garagem decente, ele passa a noite toda na rua; na verdade, os carros dos meus outros três vizinhos fazem companhia para o Abacate. Sim, eu dei um nome para o carro, um Fiat Uno de um verde nada discreto.

E porque “Abacate”? Bem, quando fui comprar um carro, não tinha ideia de qual marca, cor ou modelo queria, só precisava de um carro pequeno e prático. Ao chegar à concessionária, foi o primeiro que me chamou a atenção e não foi pela cor, muito pelo contrário, eu gostei porque ele é compacto, ao menos foi isso que o vendedor me passou. Eu até queria outra cor, mas...

— Moço, você tem daquele na cor vermelha? — *daquele*. A pessoa entende muito de carro. Eu apontava para o dito cujo com o braço direito esticado ao máximo e meu melhor sorriso nos lábios.

— Infelizmente aquele é o último da loja. Se você quiser, coloco seu nome na lista de espera — o atendente estava realmente solícito.

— Estamos falando exatamente de quanto tempo? Queria tanto sair com ele esse final de semana — fiz até beicinho, acredite.

— Para esse final de semana seria impossível, mas garanto que em trinta dias você estará de carro novo.

— Trinta dias? — meu queixo quase caiu. Seriam mais trinta dias pegando carona com o babaca do Antônio. *Argh!* — Não, obrigada. Vou ficar com o abacate. Adoro verde! — odeio verde.

O que interessa é: o Abacate e eu agora formamos uma dupla imbatível. Passo pelo meu vizinho Cris, que está chegando agora da noitada. São quatro pequenas casas no mesmo quintal, a minha é a penúltima e a do Cris, a primeira.

— Bom dia, vizinha! Por que a pressa? Quer entrar e tomar o café da manhã comigo? — um galinha, definitivamente. Não que ele não seja bonito, na verdade o Cris é um baita de um mal partido com esse sorriso lindo e essa pele de jambo. Só é um daqueles caras em que não se pode dar um mero sorrisinho e ele já cai matando.

— Valeu, Cris! Deixa para outro dia, estou mega atrasada — nem ousar aceitar! Tento passar correndo por ele, pois sei exatamente para onde está olhando. Galinha, avisei.

— Se precisar de alguma coisa, você sabe onde me encontrar! — Cristian usa um tom de voz sensual. Eu mereço. Acenei em despedida, erguendo o braço direito, balançando as chaves do Abacate, sem sequer me dar ao trabalho de olhar para ele mais uma vez.

Abro a porta do carro, entro, largo a bolsa de qualquer jeito no banco do carona. Respiro fundo.

Tenho uma vida relativamente comum. Quem me vê sempre sorrindo, acha que tudo está bem, afinal faço todas as coisas de uma pessoa normal: saio com os amigos, paquero e trabalho. Aparentemente, vai tudo bem, tudo sobre controle. Só eu sei que sou uma farsa, tudo é meticulosamente calculado para que ninguém perceba.

Sofro de transtorno de ansiedade generalizada e síndrome do pânico. Descobri isso há três dias, tudo muito recente. Mas é aquele lance, se as pessoas souberem vão começar a dizer que isso é frescura, que não é doença, que é falta do que fazer.

Então, pego tudo isso e guardo o mais fundo possível. Acho que não é necessário dizer isso a alguém, é só mais um problema, o meu problema, e as pessoas em geral não perdem tempo com esse tipo de “problema”.

Mais uma respiração profunda. É preciso força extra para enfrentar meus dias. Por fim, aciono a ignição. Piso na embreagem, engato a marcha e sigo a

minha vida.



Trabalho em uma loja de departamentos no principal shopping da cidade. Meus colegas e eu chamamos nossa ocupação de “quebra-galho”, pois fazemos de tudo nesse lugar, desde limpar, organizar, atender, vender e sorrir. Aliás, esse é o lema da loja: “Sorria sempre, nossos clientes, nosso salário!”. Uma bosta! Odeio quando a chefe chega dizendo a plenos pulmões o quanto é importante sorrir quando estamos atendendo. Na última *Black Friday*, meu rosto ficou dormente no final do expediente de tanto que sorri naquele dia.

A loja ainda não abriu, então vou com calma até meu armário para guardar as minhas coisas quando vejo uma figura diferente, um ser iluminado, um colírio para meus olhos parado em pé bem ao lado do meu armário. Pele clara, cabelos castanhos bem aparados, deve ter seus 1,80 m, todo trabalhado no *whey protein*.

Imediatamente olho para suas mãos. *Que não tenha aliança. Que não tenha aliança. Que não tenha aliança.* Meu mantra do momento.

Droga! Não dá para ver. Aproximo-me um pouco e abro o armário, tentando captar algum brilho em seus dedos pelo canto dos olhos. Ele está mexendo em alguma coisa o que impossibilita a visualização das suas mãos. Se eu inclinar um pouquinho mais a minha cabeça, talvez consiga olhar melhor...

— Oi! — fui flagrada. Droga. Droga. Droga. Dro-ga! — Estou começando hoje. Prazer, meu nome é Hugo — que voz é essa?! MEU DEUS! Um tom rouco de enlouquecer qualquer mulher. Imaginei essa voz sussurrando em meu ouvido... Quase desmaiei ali mesmo.

— Ah, oi. Izadora — dou aquele sorriso amarelo. Idiota. Muito idiota mesmo.

— Em qual setor da loja trabalha? — ele se move, ficando de frente pra mim, permitindo que eu veja o castanho escuro profundo em seus olhos. No momento em que cruza os braços, consigo ver o que tanto procurava. Sem aliança. Se eu fosse a Anastasia Steele agora, minha deusa interior estaria

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

saltitando.

— Faço de tudo na loja, mas fico no setor infantil a maior parte do tempo — ele sorri, uma simpatia genuína praticamente em extinção hoje em dia. Que coisa mais linda, meu deus do céu! Droga. Preciso desviar os olhos dessa boca.

— Vou trabalhar na sessão de informática, espero gostar daqui. Helena, a chefe, me pareceu uma ótima pessoa. Estou ansioso para começar! — ele retoma a organização de seus pertences.

Dou uma risadinha sarcástica ao fechar a porta do meu armário. Faço um esforço tremendo para não revirar os olhos, contudo é impossível evitar uma pose debochada.

— Ela é realmente uma ótima pessoa. Excelente. A melhor — o veneno escorre, destila, forma uma poça no chão. Avisei que eu era uma farsa.

— Bom, a gente se vê por aí, foi um prazer, Iza — *Iza?! Que intimidade é essa?! Ele fecha a porta de metal sem estrondo. Simpático e educado. Um belo exemplar raro.*

— Ok, vai lá. Boa sorte! — fico observando-o até sumir de vista. Observo bem detalhadamente as costas largas, o balançar dos braços de forma displicente e os músculos da... *Melhor parar e ir trabalhar, né, dona Izadora?*

Quando esse tipo de coisa acontece, encontrar um deus grego solteiro desfilando sua essência viril pela loja, até esqueço dos meus problemas. Pena que é por um período tão curto de tempo.

O dia transcorre sem imprevistos até o almoço. Hoje estou na sessão de cosméticos, meu rosto começa a doer de tanto sorrir. De onde estou, consigo ver Hugo, sério, prestando atenção em tudo o que Diego ensina. Mas é só primeiro dia, muita água vai rolar. Estou reorganizando os produtos para o cabelo quando Helena me chama para ajudar no caixa, já que a loja está cheia no momento. Vou. Como sempre.

Começo a organizar o local onde ficarei. E então se aproxima uma cliente histérica:

— Já vai abrir aqui, moça? — pergunta ela com uma voz alterada.

— Já, sim, senhora. Só vou terminar de arrumar o local — dou mais um sorriso, o trigésimo do dia.

— Vai demorar? Porque estou com muita pressa, tenho outros compromissos e não posso ficar perdendo tempo em fila de caixa — insuportável. Ela fala de forma rápida, tentando sacudir os braços sem conseguir, já que estão carregados de peças de roupa.

— Pode vir, vou te atender e depois termino de organizar — quanto mais rápido ela for atendida, mais rápido vai embora.

— Quero uma calça desse modelo, mas não encontrei meu número. O que eu faço?

— A senhora perguntou para a outra atendente se tem seu número no estoque? — algo óbvio, porém é o tipo de situação que mais acontece na loja. Percebo que fiz a pergunta errada quando seu semblante fecha.

— Por que eu perguntaria? Você também é uma atendente, tem que saber o que tem na loja — sua voz se eleva. Não satisfeita, joga as demais mercadorias sobre o balcão. Essa situação começa a me incomodar. Sinto uma pequena dor na nuca. *Respire, Izadora.*

— Senhora, cada um aqui cuida de um departamento específico — uso o tom de voz mais amistoso que consigo. — Não teria como eu ver para senhora, pois não posso sair do caixa. A senhora teria que perguntar para a atendente do setor de vestuário.

— Mas você não tem como mandar alguém lá e perguntar? Será que eu tenho de fazer tudo sozinha? — já tem mais quatro pessoas na fila esperando e prestando atenção ao que está acontecendo. Sinto-me cada vez mais incomodada, a dor na nuca parece latejar um pouco mais forte.

Tenho certeza de que me arrependerei do que irei dizer. No entanto, é a única coisa que efetivamente posso fazer. Minto, posso abandonar o caixa, ignorar toda a fila de clientes, que já aumentou, e ser subserviente a essa dama conforme seus desejos. Fecho os olhos, respiro fundo e...

— No momento, estão todos ocupados, a loja está cheia...

— Onde está seu chefe que eu quero dar uma palavrinha com ele? Sou uma cliente fiel, mereço consideração!

Sabia que ia me arrepender. Chamo Helena que acaba indo procurar pessoalmente a maldita calça para essa mulher. Ela continua a falar sobre como é difícil conseguir ser tratada com respeito em qualquer loja em que compre, que é uma pessoa extremamente ocupada. Enquanto ela fala e reclama, a dor na nuca já não é a única coisa que sinto. Começo a suar e ouço meu coração pulsar na cabeça.

Helena, depois de dez minutos, volta com a calça. Pede desculpas à mulher por ter demorado e faz um gesto para mim, ela quer falar comigo depois. Lá vem bronca. Passo todas as compras da cliente que, ainda assim, reclama do local e da calça que deveria estar à mostra. Ela não para de falar. Quando estico uma das mãos para receber o cartão de crédito para o pagamento, noto sua tremedeira. Tento me acalmar respirando fundo mais uma vez, ninguém pode perceber o que acontece comigo. Colocar o cartão na máquina e o sistema cai. Maravilha!

— A loja precisa modernizar, não dá para trabalhar com essas máquinas tão velhas — ela não para de procurar defeitos no atendimento. Nem de sacudir os braços, arrumar o cabelo castanho insípido, ou mesmo de elevar o tom de voz. Ela parece fazer questão de dar um espetáculo, como se fosse uma rainha que precisasse de súditos observando cada gesto seu e a idolatrando.

Quando o sistema se normaliza, a tremedeira das mãos está pior, as palmas estão suadas. A mulher está me observando atentamente, até parece estar torcendo para que eu faça algo errado. Pelo menos está calada. Quando finalizo a compra, sinto tanta falta de ar que preciso me levantar e andar. Ignoro veementemente o restante dos clientes na fila.

— Izadora, aonde você vai? — tinha esquecido que Helena queria falar comigo. — Você não pode tratar um cliente da maneira como tratou. Ainda mais em relação àquela cliente, ela é muito influente no meio social, quanto melhor for o tratamento, maior será nosso reconhecimento.

— Então, quer dizer que se fosse uma pessoa como eu, pobre, você não faria questão de ir pessoalmente atrás daquela peça? — que absurdo! Eu

poderia jurar que nunca ouvi tanta besteira, mas o passado não pode ser negado.

— Claro que não, você entende tudo errado! O que quero dizer é que era para você ter saído do caixa e ido atrás da calça. Um agrado.

— Entendi. Era para eu ter puxado o saco dela — depois de ser chamada de burra, ainda por cima isso. Helena, no auge dos seus 1,68m, cabelos loiros curtos opacos, cuja raiz escura estava começando a aparecer, e olhos castanhos sem brilho, sempre me deu vontade de vomitar. Hoje, particularmente, ela está se superando.

— Chega! Você só me decepciona, não faz nada certo. Cuidado, tem muita gente por aí precisando de emprego — isso foi uma ameaça? Ela simplesmente me dá as costas e sai pisando duro, cheia de pose. É demais para mim! Desisto!

Vou o mais rápido que consigo para o banheiro. Fecho a porta do cubículo, abaixo a tampa do vaso sanitário e me sento. Apoio a cabeça em minhas mãos ainda trêmulas, os cotovelos sobre os joelhos. Respiro com dificuldade. As dores na nuca e na cabeça me deixam com tontura de tão fortes. O médico foi bem claro quando disse que eu precisava melhorar minha qualidade de vida, o medicamento não resolveria tudo sozinho. Mudar a alimentação, deixar de ser sedentária e, principalmente, mudar de emprego. Todos esses estresses diariamente não valem minha saúde.

Quanto mais penso nisso, mais agitada fico. Uma ânsia sobe por minha garganta. Quase não tenho tempo de me erguer e abrir a tampa do sanitário. Vomito o que sobrou do meu café da manhã. Lavo o rosto, enxágua a boca e volto a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Ninguém vai perceber. Acho que não irei almoçar...

Assim que chego novamente no caixa, noto que Hugo está me encarando com uma cara séria. Sorrio para disfarçar. Ele não sorri de volta, continua me olhando com o semblante preocupado por um tempo. Será que ele percebeu alguma coisa? Só me faltava essa.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 2

*Did you find it hard to breathe?
Did you cry so much that you could barely see?
You're in the darkness all alone
And no one cares, there's no one there.*
(Flares - The Script)^[2]

Tudo começou há mais ou menos uns seis meses. A primeira crise que tive foi em um dia bem movimentado na loja. Um dia de grandes promoções de tudo o que se podia imaginar. Recordo que eu fiz de tudo, ajudei em todas as áreas. Faltava apenas uma hora para ir embora e já sentia uma dor insuportável na nuca. Imaginei que fosse a minha pressão, o que seria muito estranho porque ela normalmente é baixa. De qualquer forma, continuei atendendo, a loja lotada, abafada; as conversas altas começaram a me incomodar. Além da nuca, meu peito também doía. Percebi que minhas mãos começaram a tremer e repuxar. A dor do lado esquerdo era muito forte e aumentava a cada minuto. Avisei meus colegas e saí para respirar. Depois de mais ou menos meia hora, tudo passou.

Contudo, isso se repetiu diversas vezes. Só fui dar real atenção para o que estava acontecendo quando, durante uma semana inteira, senti que poderia ter um AVC a qualquer momento. Esses sintomas e sensações não eram normais e, além disso, minha pressão estava oscilando. Ou era o que eu imaginava. Desde a minha primeira crise até efetivamente ir ao médico foram cerca de seis meses deixando a coisa rolar. Acabei marcando uma consulta com o Dr. Mário Andrade Neto, um conhecido cardiologista da cidade. Ele foi extremamente atencioso, me fez diversas perguntas sobre o meu dia a dia, alimentação, trabalho. Todos os exames foram feitos, meu coração avaliado, minha pressão medida e nada. Tudo normal.

— Então, qual é o meu problema? Porque não é possível eu sentir tanta dor, falta de ar, meu coração acelerar sem causa aparente — questiono. Minhas mãos se retorciam em meu colo, apoiadas sobre a bolsa. Sentia o suor começando a acumular.

— Você gosta do que faz? Do seu emprego? — por que ele quer saber isso? O jeito como perguntava parecia intimidante, olhando fixamente para meu rosto, esperando a resposta mais sincera da face da Terra. Era quase impossível ignorar a força daqueles olhos pretos. Quase.

— Ah, eu gosto, é legal — desviei o olhar. Nada convincente. Não ia explicar o que sinto.

— Você não entendeu a minha pergunta. Você gosta do que faz? Do seu emprego? — Dr. Mário insiste um pouco mais delicado e eu não tenho escapatória.

— Sinceramente? Não. Faz um bom tempo que deixei de gostar — finalmente sendo sincera.

— Você disse que trabalha em uma loja de departamentos no shopping, correto? — recomeça a fazer anotações na minha ficha.

— Isso. Trabalho de terça a domingo. Folgo na segunda.

— Somente uma folga por semana? — ele ergue a cabeça, arqueando as sobrancelhas.

— Sim — confirmo com desânimo na voz. O suor nas mãos parece ter diminuído um pouco. Limpo disfarçadamente na calça antes de prender o cabelo que caiu no meu rosto atrás da orelha.

— Tem andado estressada? Sobrecarregada? Muita cobrança? — ainda não sei onde ele quer chegar com isso. E suas perguntas são tão precisas que tenho a impressão de que ele anda me espionando.

— Demais. Praticamente todo o dia acontece algo estressante. É exaustivo — suspiro ao lembrar de cada pepino que preciso resolver.

— Imagino. Você tem chorado muito? — agora ele tocou em um ponto fraco.

— Chorado? Não. Por que choraria? — aquele meu sorriso amarelo.

— Você sente dores musculares fortes, dor intensa, falta de ar, aperto no peito, até parece que você vai morrer, formigamento nas mãos, angústia, entre outros. Estou certo? — como ele pode ser tão preciso sobre isso? Minhas mãos tornam a se retorcer à minha frente. Mais uma vez, desvio meu olhar, observando pela janela a luz do dia enfraquecer lá fora. Já estou com medo do diagnóstico.

— Sim, está — respondo cautelosamente. Para minha infelicidade, ele está muito certo.

— Izadora, seu coração e sua pressão estão normais, o que é muito bom. Porém — ele faz uma pausa dramática, o que é totalmente desnecessário, já que de drama eu entendo —, você sofre de transtorno de ansiedade e isso pode acarretar ataques de pânico. Esse transtorno se dá pelo fato de a pessoa se preocupar intensamente com coisas pequenas no dia a dia, coisas corriqueiras a afetam em demasia. Na maioria dos casos, as pessoas costumam ir atrás de ajuda médica logo de início. Você protelou muito, mais alguns meses e seria diagnosticada com depressão, sem dúvida nenhuma.

Fiquei sem chão. Ansiedade. Mas isso não é uma doença. *Ou é?* Bem, claro que é porque tudo o que sinto é real, as dores, a fadiga, o acelerar descompassado do meu coração. Ainda estou absorvendo a informação, precisando de tempo para aceitar, contudo o médico continua falando:

— Vou receitar um remédio para diminuir as suas crises. Não é um antidepressivo, por isso não vai te dar sono. No começo pode dar tontura e enjoo. Você vai tomar no café da manhã durante os próximos seis meses. Preste bem atenção, você não pode parar de tomá-lo de uma hora para outra, vamos tirá-lo aos poucos — suas palavras, apesar do tom tranquilo, transmitem cuidado e atenção. Estou concordando, movendo a cabeça ritmicamente.

Então, a ficha cai. Vou tomar remédio controlado. Somente pessoas com algum tipo de problema muito ruim usam esse tipo de medicamento e agora sou uma delas. Estava tão perdida em pensamentos que o Dr. Mário precisou chamar a minha atenção.

— Izadora, o mais importante. De nada vai adiantar o medicamento se
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

você não mudar seu estilo de vida. Se alimentar melhor, sair do sedentarismo e, principalmente, deixar esse emprego que está provocando essas crises em você — ele para de escrever a receita e me olha pensativo. — Quero te fazer uma pergunta muito séria. Isso que está acontecendo com você com certeza é acarretado por muito estresse, mas tem pelo menos mais uma coisa que faça isso desencadear, como algum acontecimento traumático no passado, seja na infância, adolescência, ou até mesmo na vida adulta. Você quer conversar sobre isso? Aconteceu alguma coisa que te traumatizou tanto a ponto de prejudicar a sua saúde?

Começo a respirar com dificuldade. Não pode ser. Aquilo não pode ter causado essa doença. Talvez o que aconteceu seja algo normal e eu me preocupe à toa. Contudo... Quem eu quero enganar? *Nada* daquilo foi normal. Sinto aquele nó na garganta, o mesmo nó que me atrapalha a pronunciar qualquer palavra quando me lembro disso. Estico minha coluna, mexo na minha bolsa, retorço as mãos, olho para o chão e não digo nada. Como não respondo e fico agitada, o Dr. Mário tenta me acalmar:

— Não se preocupe. Não vou te obrigar a nada, porém aconselho você procurar um psicólogo e conversar, ou algum parente ou amigo que você confie muito e desabafar. Você tem muita coisa guardada, nota-se, precisa falar, vai aliviar, você vai ver. E seja o que for que tenha ocorrido, o que passou, você sempre pode falar comigo. Vou estar por aqui se precisar.

Não consegui pronunciar nem mesmo um obrigado para o Dr. Mário. Saí do consultório com um papel, muitas recomendações, uma doença estranha e a certeza de que minha vida estava se perdendo mais uma vez.

Reflito sobre o que ele falou. Não é que eu não tenha tentado conversar com alguém, pedir uma opinião. Simplesmente não consigo falar. Não dá! Sei que em algum momento terei de fazer isso, precisarei desabafar, entretanto não agora, não hoje. Além do mais, pode ser que seja algo da minha cabeça. Só que... Quanto mais penso sobre o que aconteceu, mais convencida fico de que aquilo foi errado, que era para me sentir bem, e eu me sentia totalmente perdida. Sozinha.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 3

*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos,
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo.
(Oração ao Tempo – Maria Gadú)*

Uma semana tomando regularmente meu remédio. Sinto uma pequena melhora; a opressão diminuiu, as dores estão menos constantes, minha pressão parece que parou de oscilar. Contudo, manter isso vai depender muito do tipo de dia que terei no trabalho. Hoje, por exemplo, já resolvi alguns pepinos na loja, mas nada que chegasse a me causar algum incômodo. Na verdade, estou me sentindo muito bem depois de tanto tempo. Veremos como será o restante do dia.

Chegou a hora do meu almoço e decidi comer na praça de alimentação. Ontem estava com muita preguiça de cozinhar, uma das partes chatas de se morar sozinha. Seguindo a recomendação do médico, peço uma salada, contrafilé grelhado e arroz integral. Fico até orgulhosa da minha escolha. Também decidi beber somente água, coisa rara.

Estava na metade do meu almoço quando Hugo, o cara novo, apareceu. Ele faz seu pedido, olha ao redor, acho que procurando local para sentar, me vê sozinha em uma mesa para dois e caminha em minha direção. Fico observando-o como se estivesse em uma cena de um desses filmes de comédia romântica, o andar em câmera lenta, com todo aquele potencial, mesmo segurando uma bandeja de comida de shopping. Meu garfo parou na metade do caminho, estou boquiaberta e sei que estou fazendo a cena mais idiota do mundo. Não ligo, não quero perder essa visão.

— Oi, Iza, almoçando sozinha? Se eu soubesse, teria vindo mais cedo com
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

você — Hugo parece estar sendo sincero sobre isso. Ele passa a mão sobre seu cabelo, de forma despreocupada, enquanto senta na cadeira em frente, apoiando os cotovelos na mesa, um em cada lado da bandeja que já havia sido posta ali.

— Oi, Hugo. Acabei saindo mais cedo, mas obrigada mesmo assim. Da próxima, faço questão em te esperar — sim, claro que faço, como não fazer...? Soltei o garfo no prato sem levar a comida à boca. Nada de mastigar salada cheia de molho na frente dele agora. Deixemos para um futuro distante.

— E você sempre foi tão saudável desse jeito? A maioria dos jovens come todo o tipo de besteira sem pensar no amanhã — ele diz apontando para o meu prato. Gostei de ser chamada de jovem, meu ego se inflou um bocadinho.

— Ah, isso? Não mesmo. Recomendação médica. Minha pressão está meio louca ultimamente. Daria tudo por um bom pedaço de pizza agora — até suspiro, pois é verdade, realmente queria uma pizza. Doença maldita! — Vejo que você não liga muito para essas coisas, olhe só seu prato. Feijoadá? Macarrão? Que mistureba doida!

— Malho muito, então uma vez por semana me permito saborear algum prato que eu goste. Mais tarde perco essas calorias correndo — queria muito saber em qual academia ele vai. Talvez até me anime a sair do sedentarismo.

— E o que está achando da loja? Está gostando? A Helena ainda te parece uma boa pessoa? — fui praticamente obrigada a alfinetar. Ele ri da minha ironia.

— Ela até que me trata muito bem, viu? — não preciso ter uma bola de cristal para adivinhar o porquê de ela trata-lo tão bem. Safada. — O ambiente da loja é agradável. Apareceram, sim, alguns pepinos para resolver, mas foi de boa. O que mais me deixa entediado são aquelas músicas que tocam. Afinal, quem é que escolhe aquilo? São do tempo da minha avó, não que as músicas daquela época fossem ruins, mas eles poderiam melhorar nas escolhas, colocar algo mais moderno, mais atual.

— Isso é unânime por lá. Quase ninguém curte as músicas tocadas. Você vai acabar se acostumando, vai ver — abano a mão direita em sua direção, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito “deixa pra lá”, enquanto com a esquerda levo o copo de água aos lábios. Um golinho de nada e continuo. — Então, me fala, que tipo de música te agrada?

Ele para de comer, encosta-se à cadeira e cruza os braços demonstrando gostar do assunto.

— Sou bem eclético, vai mais do momento em que estou e do tipo de dia que levo. Varia, às vezes ouço muito sertanejo universitário, em outras, pagode. Eletrônico é demais.

— Entendi. Em qual momento você se encontra? Heavy Metal? Country? MPB? — pergunto, torcendo para que seja algo do meu agrado. Meu sorriso some quando ele revela o tal momento.

— Que nada, tô curtindo muito um batidão — ele diz isso naturalmente.

— Funk? Você gosta de funk?! Ha ha ha ha... Fala sério! — estou chocada! Nunca em minha vida diria que Hugo, o galã novato, poderia gostar de funk. Lá no fundo, sinto que gostei disso, ele me surpreendeu.

— Estou falando sério, por acaso você tem alguma coisa contra? — ai, minha nossa! Parece que o chatee de alguma forma. Que mancada a minha!

— Nããããooo, de forma alguma! Mas é que, tipo, você não tem cara de quem ouve funk, sei lá! — digo erguendo as mãos em sinal de rendição.

— E por acaso quem ouve funk tem algum tipo de cara específica? Não me diga que você tem preconceito musical? — Meu Deus! Quanta bola fora hoje! Será que eu não consigo parar? Percebo seu semblante decepcionado e sinto uma vontade enlouquecida de abraça-lo para pedir desculpas.

— Claro que não! Foi bem idiota o que falei porque passo por isso constantemente. No meu caso, curto Heavy Metal e, quando digo isso para as pessoas, elas me olham céticas e sempre acabam dizendo: “*Você curte rock, mas não usa roupas pretas, não tem piercing e nem tatuagem*”. É muito chato isso, eu não tenho necessariamente que me vestir dessa forma por gostar de algo. Cara, foi mal, fiz com você exatamente o que fazem comigo! — devia ter ficado com minha boca fechada. Queria muito me enfiar em um buraco no chão por dar tamanha mancada. Fiquei olhando para o meu prato pela metade, cheia de vergonha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Realmente, você não tem cara de roqueira — diz Hugo, rindo e amenizando a situação embaraçosa em que me meti. Ele esticou o braço, talvez de forma impetuosa, apertou meus dedos e os soltou quase instantaneamente, como se houvésssemos levado um choque. Fingi que nada aconteceu. — De boa, Iza. Eu também agia assim antigamente, daí mudei bastante, e como Raul Seixas dizia: *“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”*. Me diz, quais bandas você curte?

— Curto muito as bandas mais antigas, como o Guns N’ Roses, Extreme, Aerosmith, Pink Floyd, Red Hot Chili Peppers, Scorpions, The Beatles, são muitas bandas. Arctic Monkeys é a minha preferida dessa nova geração — falo com entusiasmo das minhas queridas bandas do coração.

— Muito bom, só não conheço essa última que você citou. São bandas de respeito com uma trajetória de muito sucesso. Para você ver que não estou mentindo, tem uma música que acho fantástica a letra dela, é a *“Time”*, do Pink Floyd. Ela diz mais ou menos assim... — Hugo fecha os olhos, como se estivesse se concentrando, e começa a cantar baixinho um trecho da música com sua voz rouca:

— *“And you run and you run to catch up with the sun but it's sinking, and racing around to come up behind you again, the sun is the same in a relative way but you're older, shorter of breath and one day closer to death”* — ele canta de olhos fechados, muito seguro do que está fazendo. A voz sai perfeita, sem tremidos, sem desafino. O inglês é impecável. Chego a imaginá-lo com um instrumento musical, tocando em um desses barzinhos de música ao vivo. Assim que termina, sei exatamente qual é essa parte que tanto gosta.

— *“E você corre e corre atrás do sol, mas ele está se pondo, dando a volta, até surgir novamente atrás de você. O sol é o mesmo, de forma relativa, mas você está mais velho, com menos fôlego e um dia mais próximo da morte”*. A letra dessa música é simplesmente perfeita, cara! Mandou bem agora — cito a tradução com carinho.

— Agora é a sua vez, vamos ver se você sabe cantar algum funk — Hugo sorri ao dizer isso. Um sorriso de iluminar a praça de alimentação inteira. Ele está me provocando.

— Desconheço todos os atuais, mas me lembro dessa do Claudinho e Buchecha: *“Quero te encontrar, quero te amar, você pra mim é tudo, minha terra, meu céu, meu mar”*.

Hugo começa a me acompanhar, estalando os dedos e me incentivando a continuar. Ainda não acredito que estou cantando em voz alta no meio da praça de alimentação, em plena hora do almoço. As pessoas ao redor começam a olhar para nós. Assim que terminamos de cantar a música que sugeri, Hugo emenda a próxima, ignorando completamente os olhares dos curiosos:

— *“Porque é que tem que ser assim, se o meu desejo não tem fim...”* Vai, Iza!

— *“Eu te quero a todo instante, nem mil autofalantes vão poder falar por mim”*!

Agora, cantamos juntos e até dançamos sentados sem nos importar com quem passa, quem observa, quem sorri ou desdenha:

— *“Eu não existo longe de você, e a solidão é meu pior castigo, eu conto as horas pra poder te ver, mas o relógio tá de mal comigo, por quê? Por quê...?”* — quando terminamos o acorde, estamos rindo satisfeitos com o nosso pequeno show. Gostei mesmo dele!

— Nada mal, Iza. É disso que falo! Não é porque eu ouço funk e você rock que não podemos interagir. Você, sem perceber, acabou cantando algo que está fora da sua zona de conforto. E gostou. Arrisque mais! Tente mais. De vez em quando, faça algo totalmente diferente do que está acostumada. É isso que faço quando digo que estou ouvindo funk. Permita-se experimentar, se divertir, tenho certeza que vai acabar gostando — ele me deu uma piscadela maliciosa. Esse cara não existe!

— Sério, achei que você fosse mais um “desses caras” que só falam de academia e do próprio corpo. Estou redondamente enganada. E envergonhada. E satisfeita — ops, essa última frase sai sem querer, o que provoca um sorriso em Hugo. Aquele sorriso de arrasar quarteirões.

— Que bom que te surpreendi! — ele não tem ideia do quanto.

Voltamos para a loja ainda trocando ideias musicais. Enquanto guardamos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nossas coisas no armário, Hugo se vira para mim e diz:

— O almoço foi muito bom, da próxima vez quero te ouvir cantar alguns funks do momento. É aquele lance de se arriscar — então, em um tom de voz mais baixo, como se estivesse me confidenciando alguma coisa, Hugo acrescenta — Agora vamos voltar logo antes que a Helena venha nos buscar. Vamos aproveitar que até então o dia “*tá tranquilo, tá favorável*”!

Caímos na risada. Tive até que me segurar na porta do armário, cheguei a ficar sem fôlego. Quem diria... Hugo, uma caixinha de surpresas. Com certeza, o melhor almoço da semana. Não vejo a hora de repetir a dose.

Ao terminar o expediente, pego minhas coisas do armário e tiro meu celular de dentro da bolsa. Vejo uma mensagem da minha amiga Lorena, me intimando a encontrá-la; o assunto parece ser sério e isso me preocupa. Ela conta comigo em qualquer situação. Tento imaginar a sua reação quando souber que venho escondendo dela o fato mais recente da minha vida. Preocupo-me ainda mais ao comparar com o ocorrido há mais de um ano. Certamente, o transtorno de ansiedade é fichinha perto daquilo. Minhas mãos suam só de imaginar isso acontecer. Não quero trazer à tona uma parte do meu passado. A parte mais sombria da minha vida.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 4

*So you say I'm complicated
That I must be out my mind
But you've had me underrated
Rated, rated, rated*
(Confident – Demi Lovato)^[3]

Lorena é uma das minhas melhores amigas. A bem da verdade, não tenho tantas assim, mas Lori é com quem eu mais me preocupo. Digamos que ela tenha um gênio um pouco difícil de lidar, porém é uma amiga que desmarca compromissos se você estiver em apuros. Posso contar com ela em todos os momentos e por isso me sinto tão mal em não ter dito nada ainda sobre minha ansiedade. Talvez fale sobre isso hoje, talvez.

Saí do trabalho a pé. Depois voltaria para buscar o Abacate no estacionamento. Quando chego ao endereço informado por Lorena, a dois quarteirões do shopping, percebo que é um local bem agradável. Um restaurante com iluminação baixa, música ambiente de boa qualidade, a maioria das pessoas presentes são casais. Localizo-a em um canto do local, bem afastado. Percebo que ela quer privacidade, ou seja, Lorena precisa desabafar. Da última vez que saímos, Lori estava aos prantos por ter terminado com seu mais novo namorado. Por ser impulsiva, o relacionamento mais longo que teve foi de sete dias, um recorde.

Antes mesmo de chegar à mesa, noto que ela não está bem, longe de estar parecida com a louquinha de sempre. Sequer percebeu minha chegada. De cabeça baixa, os longos e lisos cabelos castanhos cobrindo parte do rosto, Lorena olha fixamente para o copo de água em suas mãos. Eu devia ter percebido que a situação era calamitosa quando notei que o copo continha água. Água! Lorena e água não se misturam.

— Lori? Está tudo bem?

Izadora, sua lenta, que tipo de pergunta é essa?! Por que as pessoas têm essa mania idiota de fazer as perguntas mais idiotas em momentos tão óbvios?

Ela mal ergue a cabeça. E continua muda. Um alarme soa em meus ouvidos.

— Lorena, você está me assustando. Olhe para mim e diga o que está acontecendo! — agora, a preocupação é evidente em minha voz. Sento-me à sua frente, largando meu casaco e bolsa no assento ao lado, esperando alguma reação da minha amiga. Estou prestes a sacudi-la.

Finalmente, ela me olha. Puxa o ar com força e expira lentamente.

— Iza, lembra do Carlos? — sua voz sai baixa, mas ainda audível. O som ambiente não atrapalha as conversas e o local não está tão cheio assim.

Mal termina de falar e a corto.

— Ai, meu Deus! Ele é casado? Sabia que era e eu te avisei, sua vaca!

— Calma aí! — Lori sorri pela primeira vez desde que cheguei. Ufa! — Não, ele não é casado. Gosto, sim, de namorar bastante, mas esse é um limite que definitivamente não pretendo ultrapassar — ela diz, muito segura disso.

— Então, o que é? Não me diga que foi fígada dessa vez e tá preocupada porque ficou apaixonadinha? — realmente não consigo imaginar essa cena. Lori apaixonada seria muito hilário.

Observo minha amiga revirar seus olhos verdes, bufando. Acho que nem ela acredita muito em paixão ardente e duradoura. Do nada, torna a ficar estranhamente séria.

— Se fosse isso, seria dos males o menor — ela dá uma pausa dramática antes de soltar a bomba. — Acho que estou grávida, Iza.

PUTA QUE O PARIU. PUTA QUE O PARIU. PUTA QUE O PARIU.

— Puta que pariu, Lorena, você pirou? Tá falando sério? Onde você estava com a cabeça? SUA LOUCA!

Antes que Lorena tente falar alguma coisa, faço sinal para que ela fique calada. Preciso processar essa notícia. Não acredito que ela foi se meter nessa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

encrenca!

— Como isso foi acontecer? Quero dizer, sabemos bem como isso acontece, porém o que quero saber é: e o plastiquinho, o remedinho, por que não usou? Você é sempre tão precavida! — eu mal consigo respirar, pensando e perguntando o que houve. Minha amiga não é assim, quer dizer, ela é louca, mas sempre achei que tivesse uns limites.

— Será que posso falar? — ela me fuzila com os olhos. Percebo que é melhor deixa-la falar, caso contrário a terceira guerra mundial estará declarada.

— Ok, conte.

— Tudo bem. Foi assim: semana retrasada acabei encontrando por acaso o Carlos no shopping. A gente nem estava mais saindo, mas bateu aquela química e ele assim tão pertinho de mim, conversa vai, conversa vem, acabamos ficando — Lorena tem a mania de falar com as mãos. Ela enfatiza as palavras com movimentos aleatórios, chega a deixar a gente meio tonta. Dessa vez, no entanto, suas mãos continuaram firmes no copo. A situação era séria mesmo.

— Foi na sua casa ou na dele? Porque não é possível que vocês não tenham camisinhas estocadas, né? — faço questão de saber todos os detalhes.

— Então... — Lorena me olha de forma envergonhada, algo mais raro de se ver do que a ausência de mãos dançando durante o diálogo. — Foi no carro. Mais precisamente no estacionamento do shopping. Durante o dia. Foi mais forte que eu, Iza — ela diz isso como se estivesse pedindo desculpas. Estou um tanto estarrecida. Como ela conseguiu tamanha façanha?! Sexo no carro em plena luz do dia no estacionamento do shopping? Só Lorena...!

Quero continuar brigando com ela, mas vendo como está... Nunca a vi tão assustada em toda minha vida. Estou com dó dela, só que esse tipo de coisa pode ser evitado. Se ela tivesse tido um pouco mais de paciência não estaria nessa situação. Bem, agora não adianta chorar pelo leite derramado. *Ai, eca, péssima analogia, Izadora!*

— Ok, vamos lá. Você pensou na possibilidade de pegar alguma doença com isso tudo? Não é porque você conhece o cara faz algumas horas que dá

para confiar que está tudo ok por ali. E você ainda não tem certeza que esteja mesmo grávida, né?

— Isso. Minha menstruação tá atrasada já faz três dias, ela nunca atrasa — ela termina de beber sua água, bate o copo na mesa e repuxa os cabelos para trás, prendendo em um coque desajeitado. — Estou com medo de fazer o teste e dar positivo. O que será de mim? Nem encontrei meu sapo ainda — quanto drama!

Pego minha bolsa, seguro na mão de Lorena e a puxo comigo:

— Vamos!

— Onde, Iza? — pergunta assustada.

— Encontrar uma farmácia aberta e comprar seu teste de gravidez. Não existe pior sentimento que a dúvida. Vamos acabar com isso já.



— Você vai ou não fazer xixi nesse treco logo, hein?!

Faz mais de dez minutos que estamos no banheiro da rodoviária, o mais próximo que encontramos. Não curto a ideia de ficar tanto tempo em um lugar assim, dando mole para o azar. Por isso mesmo, a indecisão de Lorena está me irritando um pouco. Ela ainda está insegura, lendo e relendo as instruções da caixa do teste de gravidez, como se, por algum milagre, o resultado negativo fosse saltar dali e dançar tango para ela.

— Olhe para mim! Se esse teste der positivo, você não estará sozinha, vai poder contar comigo sempre que precisar. Ajudo no chá de fraldas, a escolher o nome, fico presente no momento do parto e até meu sobrenome dou pra essa criança se for necessário, mas, por favor, faça logo esse teste! — estou a um fio de baixar suas calças e apertar sua bexiga. Extremista, eu sei.

Lori me abraça com os olhos lacrimejantes, acho que consegui amolecer esse coração e botar juízo nessa cabecinha. Não, juízo é exagero meu. Lorena nunca terá juízo.

— Obrigada, Iza, nunca imaginei você assim, agindo tão carinhosamente comigo, já que cada carinho seu é uma patada — sou obrigada a rir. Rimos juntas dessa situação. Só mesmo um pepino de proporções homéricas para

selar uma amizade jurássica.

— Cale a boca e ande logo com isso — melhor parar logo com esse dramalhão mexicano, antes que comecem a surgir confissões indevidas.

— Ok, ok! — diz Lorena, entrando no cubículo do banheiro, fechando a porta em seguida. Acho mesmo que precisa de um pouco de privacidade nesse momento.

— Era sério esse lance de dar o sobrenome para a criança? — grita atrás da porta.

Meu deus, o que eu fiz para merecer isso?

— Era, sim. Mas não se iluda, continuo te achando uma puta de uma vaca! — estou sorrindo e acho que isso transparece em minha voz, por conta da sua resposta.

— Também te amo!

Aguardo. Ouço o som da descarga. Dizer que estou ansiosa para saber o resultado seria uma piada. A porta abre, Lorena se aproxima, olhando diretamente para mim com os olhos saltados, boca semiaberta, respiração ofegante.

— Ainda não olhei o resultado, quero fazer isso junto com você — dá para ver que ela está com muito medo.

— Ok. Mas antes você precisa fazer uma promessa. Se esse teste der negativo, vai prometer esperar dois dias antes de transar com um cara que acabou de conhecer — é o mínimo que ela tem de prometer. Ninguém pode ser tão inconsequente assim. Pelo menos, ninguém que seja amigo meu. Especialmente depois do que aprendi com minhas próprias consequências.

— Dois dias? Inteirinhos? Tipo, quarenta e oito horas mesmo? Puta que o pariu, estamos no século passado por acaso? — suas mãos, com o exame ainda pendurado nos dedos da mão direita, se apoiam nos quadris e ela começa a bater o pé ritmicamente no chão sujo do banheiro. Com isso, o coque displicente preso no restaurante está se desfazendo aos poucos, várias mechas caem ao redor do seu rosto. Com tanta coisa para ela se revoltar, tem de ser com isso?

— Lorena! Prometa. Tem que prometer que também vai se cuidar melhor, nada de sexo sem camisinha. Vamos lá, isso não é um bicho de sete cabeças!

Ela revira os olhos, mas concorda. Lori pode ser cabeça dura, no entanto sabe que faço isso para o próprio bem dela. Por fim, ergue sua mão. O teste de gravidez é colocado bem diante dos nossos olhos.

— Uma linha significa positivo ou negativo? — Lorena me pergunta.

— Não faço a menor ideia. Você deveria saber, afinal quem está possivelmente grávida é você.

— Achei que você saberia, Izadora. Por isso pedi sua ajuda! — ela diz, fazendo beicinho. Meu Deus, eu mereço mesmo!

— Cadê a embalagem? As instruções estão nela e eu vi você lendo aquilo vezes sem fim — digo, estendendo minha mão.

— Ops! Joguei no lixo. E só estava olhando os desenhos...

— Você tá de sacanagem com a minha cara, né?!

— Já estou indo pegar, sem estresse — ela sabe direitinho como me irritar.

Ela entra novamente no reservado, resmungando em voz baixa. Assim que volta com a embalagem, pego das suas mãos e começo a ler. Essa dúvida está me matando, literalmente.

— Oh, oh... — falo de uma maneira que deixa Lorena em estado de alerta.

— Ai, eu sabia! Estou prenha, né, pode falar! Como vou contar para os meus pais que o pai da criança foi só um lance de química? Eles nunca entenderiam. Estou enrolada! — ela puxa seus cabelos, se abraça e começa a chorar copiosamente. Que cena! Inevitavelmente, começo a rir de toda essa situação.

— Lorena, sua besta! — estalo os dedos, chamando sua atenção. Ela me retribui um olhar já borrado. — Um risco quer dizer negativo. Pode se acalmar, sua vaca sortuda. Você não está prenha — talvez eu esteja mais aliviada que ela.

Acho que acabei de ver a minha cena particular de transformação da água em vinho. Para uma pessoa que não sabia o que seria do seu futuro há dez

segundos, essa é a melhor forma de descrever Lorena nesse momento.

— Ai, meu Jesusinhoooooooo, não acredito nisso! Graças aos céus por esse milagre e minha vida. — Lori seca o rosto rapidamente. Vira-se para o espelho, pega alguma maquiagem na sua bolsa e começa a retocar. — Sabe o que isso significa, Izadora Rodrigues?

Tenho medo até de perguntar e como não respondo, Lorena se volta para mim com uma sobancelha erguida, me interrogando silenciosamente, exigindo uma resposta. Suspiro, pois sei que lá vem bomba. Alcoólica.

— Lorena, amanhã tenho que levantar cedo para trabalhar. Seja lá o que estiver passando pela sua cabeça, vamos deixar para sábado, por favor. Além disso...

— Sábado nada, gata! Isso merece ser comemorado hoje, ho-je! — ela enfatiza separando a palavra em sílabas. Quando Lorena quer beber e socializar, ninguém segura. — Não é sempre que a gente descobre que não está grávida, Iza! Conheço um lugar bacana, você vai adorar, vamos festejar esse momento! E você precisa desencalhar logo, não sei como consegue ficar sem sair com alguém por tanto tempo. Se continuar assim, vai acabar virando freira.

— Que exagero, não faz tanto tempo assim que saí com alguém... — paro de falar porque, na verdade, não me lembro a última vez que beijei um cara. Detesto quando ela está certa.

— Viu só? Ficou quieta porque sabe que eu tenho razão. Está na hora de esquecer aquele babaca do seu ex! Depois que vocês se separaram, você mudou muito, não é mais a mesma, nunca fui com a cara dele. *Argh!*

Não gosto quando minhas amigas acham que precisam arrumar alguém para mim. Estou bem sozinha ou é no que eu tento acreditar. Também não quero falar do meu passado, é algo que mexe muito comigo. Não é a hora de falar sobre isso, talvez nunca seja.

— Ei, Iza, me prometa uma coisa? — seu tom de voz muda abruptamente. Está mais sério, mais especulativo. — Algum dia, quando você se achar pronta, pode falar comigo, se abrir. Sei que tem algo aí guardadinho e por mais que você ache certo segurar isso tudo com você, saiba que sempre é

bom ter alguém para te ajudar e te ouvir, tudo bem?

Apenas assinto, movendo a cabeça uma única vez. Aquele nó na minha garganta não me deixa pronunciar nem mesmo um obrigado. Simplesmente não consigo falar, não consigo me abrir e me sinto péssima, pois sei que a preocupação da Lorena é real, mas não dá. Ela me confiou a dúvida de estar ou não grávida e eu, no entanto, nem mesmo sobre meu transtorno de ansiedade falo. Não é por não confiar, apenas não me abro com ninguém.

Talvez o Dr. Mário tenha razão.

Falar pode aliviar.

Preciso apenas descobrir como fazer.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 5

Shoulders sideways, smack it, smack it in the air
Legs movin' side to side, smack it in the air
Legs movin' side to side, smack you in the air
Shoulders sideways, smack it, smack it in the air
Smack it, smack it in the air.
(7/11 – Beyoncé)^[4]

Voltamos ao shopping para pegar o Abacate. Lorena me direciona, pois como não saio muito, não faço a menor ideia de onde seja essa tal “festinha”. É um bairro adjacente ao centro da cidade, onde nunca fui. Já estou me arrependendo um pouco por não ter insistido e ido para casa, deixando-a sozinha.

Até que o local está cheio para uma quinta-feira. Tem uma dupla no palco. Sertanejo universitário. Em outros tempos, sairia correndo daqui só por não me agradar esse tipo de som, contudo vou aceitar o conselho do Hugo e me arriscar mais, apesar de não conhecer uma única música do gênero.

No momento, a dupla canta algo bem depressivo sobre uma moça não aceitar que seu amor vai se casar naquele dia, querer invadir o tal do casamento e impedir o fato. “*Que se explodam os convidados...*” Uau, ela realmente está revoltada com a situação. Coitada.

Lori e eu sentamos nos bancos altos do bar principal, bem em frente ao *bartender*, perto da pista de dança. Algumas pessoas estão em mesas mais afastadas, mas a grande maioria está dançando no meio do salão. Pelo visto, isso é algo comum por aqui e Lorena deve vir muito, pois conhece o tal *bartender* pelo nome. Que novidade...

Como Lori tem certeza de que não está grávida, já pede de cara um *Big Apple com Schweppes*, enquanto vou de Pepsi mesmo, pois não quero me arriscar misturando bebida alcóolica com direção. Alguém precisa ter juízo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nessa noite e com certeza não será a Lorena. Também não tenho certeza se posso misturar álcool com o remédio que estou tomando, talvez não seja uma boa ideia.

Por ter muita gente, a danceteria – ainda se diz assim? – está abafada. Estaria mentindo se dissesse que não me incomoda ver tantas pessoas reunidas, me sinto presa de certa forma. Devo ter deixado escapar algum desconforto em minha expressão, pois Lorena faz questão de me dar um tapa no ombro.

— Izadora, que cara é essa?! Vamos curtir! Se continuar com essa cara amarrada, não vai conseguir sair com ninguém — ela sempre fica revoltada quando faço isso. Infelizmente para mim, isso acontece quase sempre.

— Como assim “ não conseguir sair com ninguém”? É justamente isso que eu quero, não vim aqui para isso. Só estou aqui por sua causa, para “festejar” sua não gravidez — Lorena revira os olhos para mim. Está estampado em sua face o quanto ela acha um desperdício não dar uns beijos em um desconhecido qualquer.

— Ok, ok, você é quem sabe! Mas já que estou aqui, quero aproveitar o máximo possível. Tom — diz ela para o *bartender* —, mais uma dose de *Big Apple com Schweppes*, quero me divertir essa noite!

— Vamos com calma, Lori! Amanhã você trabalha, dá uma maneirada, vai. Não quero te carregar para casa, mocinha — não seria a primeira vez, claro. O ar abafado passa a me incomodar mais. Tiro da bolsa uma caneta e prendo meu cabelo.

— Sabe que você está mais careta que o normal hoje? Credo, só mais uma e prometo que paro com essa e pego uma mais fraca. Ou não! — dá para perceber que já está um pouco alterada quando ela ri, puxa a caneta do meu cabelo, jogando longe. Eu gostava daquela caneta...

Tom deixa o drink à sua frente. Ela ergue o copo em um brinde desajeitado e praticamente vira o conteúdo em uma talagada. Vai ser uma longa noite. Uma nova música começa a soar alto pelo salão.

— *AI, MEU DEUS!* — Lorena gritou tão alto que quase derrubei todo meu refrigerante.

— O que foi? Não está se sentindo bem?

— IZADORAAAA, OUÇA! ESSA É A MINHA MÚSICA! MEU DEUS, VEM DANÇAR COMIGO, AMIGAAAAAA...! — ela se levanta e puxa minha mão. Nem a pau vou com ela. Não sei dançar sertanejo, seria o maior mico do século.

— Pode ir, vou ficar por aqui mesmo, Lori. Nem conheço essa música...

— Como não?! — Lorena, ainda gritando, começa a dançar e cantar na minha frente. — *“Tô namorando todo mundo, 99% anjo, perfeito, mas aquele 1% é vagabundo”*.

Não tem como não rir dessa minha amiga cabeçuda. Lorena é assim, faz o que gosta, não está nem aí para o que os outros vão achar e é muito segura de si. Um cara se aproxima dançando e chama Lori para a pista de dança. É claro que ela não recusa.

— Já volto, Iza, vou me divertir um pouco!

Antes que ela saia, seguro seu braço e grito por cima do som alto no seu ouvido:

— Não se esqueça das tais quarenta e oito horas, hein! Você prometeu!

— Claro! Horas do que mesmo? — ela pisca e me dá um sorriso sarcástico, indo dançar.

Lorena não aprende mesmo. O jeito é esperar ela se divertir um pouco e depois arrastá-la para casa antes que faça alguma merda. Fico sentada em frente ao balcão mesmo, somente observando a galera dançar. Engraçado como esse tipo de música chiclete entra na nossa cabeça, já estou começando a acompanhar cada faixa tocada, balançando levemente o corpo no ritmo. O refrão costuma ser o mais repetitivo possível e aposto que amanhã estarei cantando todas as músicas que ouvi hoje. Pensando bem, não é nada agradável isso, já que a maioria delas é sobre pessoas que não superaram o fato de o ser amado estar em outro relacionamento.

— Oi, gata, quer dançar? — um cara se aproximou de mim sem eu nem notar. Até que ele é bem bonito, mas...

— Ah, não, obrigada, não sei dançar sertanejo — mesmo que soubesse...

— Não seja por isso! Eu te ensino, gata, é muito fácil! — ele me estende sua mão, ainda pedindo a dança.

— Não, não, sério, obrigada, mas hoje só vou observar, e também estou esperando uma amiga...

— Fala sério, sua amiga se divertindo e você aqui tão sozinha, só uma dança e prometo que não te incomodo mais — que cara insistente.

Olho para o salão onde está Lorena dançando agarrada com o cara que conheceu alguns minutos atrás e vejo o quanto está se divertindo. Talvez uma única música não vá ser a pior coisa da minha vida. O cara ainda está com a mão estendida, um meio sorriso no rosto, corpo balançando ao som da canção, esperando minha decisão. Hugo disse que é bom fazer algo fora da nossa zona de conforto de vez em quando. Por que não agora? Levanto-me, estendo a mão para esse cara que nem o nome sei e deixo ele me conduzir para a pista de dança.

Está tocando uma música bem rápida que fala sobre um cara lamentar o término do relacionamento. “*Que pena que acabou uô, uô, uô, uô*”. Pelo que o Mateus me falou, esse é o nome do cara que me tirou para dançar, quem está cantando é o Gustavo Lima. Vou sair daqui hoje PhD em música sertaneja. Por fim, acabamos dançando várias músicas seguidas, com ele bebendo latas de cerveja, uma atrás da outra. Sinto-me ligeiramente cansada. Ao tentar me afastar, Mateus me puxa novamente:

— Calma aí, gata, essa é bem romântica e preciso de uma parceira pra dançar coladinho — noto que ele está alterado; apesar de não ter tentado ultrapassar os limites, não sei se gosto disso.

— Ok, só mais essa e depois tenho mesmo que ir – não vi mais Lorena enquanto dançava com Mateus. Deve estar em algum lugar se pegando com o rapaz, com certeza.

A música que está tocando é da dupla Jorge e Mateus. Tem um ritmo calmo, bem diferente das outras, até que gostei dessa... “*Mas quando o coração não me enxergar, vai te deixar louca de saudade, louca de saudade...*”.

— O que acha de sair um pouco daqui? Ir para um lugar mais calmo? —

estava demorando... Mateus tenta me abarcar com os dois braços, bafejando em meu rosto. Com agilidade me desvencilho, mas ele segura meu braço de forma assustadoramente ágil para quem está naquele nível de álcool.

— Vamos deixar para outro dia. Eu gostei mesmo da noite, mas preciso ir, tenho que encontrar minha amiga — e não estou mentindo. Olho para todos os lados do salão à procura de Lorena e ainda não a vejo. Onde ela se enfiou?

— Tudo bem então, gata, como quiser. E para você ver como sou um cara legal, vou te ajudar a encontrar sua amiga.

— Valeu, mas não precisa se incomodar, vou encontrar bem rápido — tento sair dessa.

— Para, vai! Vou com você e ponto, me deixa te ajudar, poxa! — sua testa está franzida, ele demonstra estar chateado com minha recusa. Larga a lata de cerveja vazia sobre uma mesa próxima.

Acabo me sentindo mal por tentar manter o cara afastado, convenhamos que ele até foi legal comigo e ainda quer me ajudar, e eu como sempre me esquivando. Aceito a sua ajuda e começamos a procurar por Lorena.

Tento em todos os lugares do local e nada. Bati de porta em porta no banheiro feminino e Mateus no masculino e nem sinal dela. Se ela foi para a casa do cara sem me avisar, juro que a mato.

— Só falta lá fora, quer tentar no estacionamento? Talvez ela esteja conhecendo o interior de algum carro — ele ri da própria piada, sacudindo os ombros. Eu estou nervosa o suficiente agora para fazer algo semelhante.

Saímos da boate e entramos no estacionamento. Aqui não é bem iluminado, ideal para seja lá o que Lorena tenha em mente. Se é que ela está aqui. Assim que nos aproximamos do último carro, tenho certeza de que não está.

— Acho que ela resolveu ir para casa e não me avisou. Vaca! — Mateus me olha de um jeito esquisito, com um sorriso cínico no rosto. Seu olhar tem um quê de lascívia. Não gosto disso. — Vamos voltar, vou tentar ligar para ela.

Mateus segura meu braço, me puxando para mais perto de si. Com a mão

livre, tenta apertar minha nádega, contudo eu sou rápida para desviar brevemente.

— Calma aí, gata, não vai rolar nem um beijinho?

— Me solta, você está me machucando. E não vai rolar nada, eu já te disse! — tento ser o mais clara possível. Torno a puxar meu braço, mas ele não me solta e intensifica o aperto.

— Continua se fazendo de difícil. Sabe, conheço seu tipo, vocês gostam de fazer cena — ele agora me olha com tédio, como se eu o estivesse cansando. Sua fisionomia e seu comportamento mudaram completamente.

Pânico.

Digo a mim mesma para manter a calma e respirar, porém meu coração já está tão acelerado que sinto como se tivesse corrido uma maratona.

— Cara, é sério, me solta! Não estou me fazendo de difícil coisa nenhuma, eu realmente não estou a fim. Por favor, me solta, você está me machucando! — seu aperto no meu braço aumenta. Não satisfeito, sua mão livre agarra meu outro braço. Agora estou presa.

— É claro que você tá a fim. E também mereço uma recompensa ou pensa que tentei te ajudar a achar sua amiguinha à toa? — Mateus me empurra para um carro e fico sem ar, começo a tremer e ter medo do que vai acontecer se eu não conseguir me livrar desse cara.

— Se você não me soltar, eu vou gritar... — ameaço. É o que me resta.

— Pode gritar o quanto quiser, a música tá muito alta lá dentro, ninguém ouviria — parece que alguém aqui pensou em tudo.

Ele me prende com seu corpo enquanto uma de suas mãos permanece prendendo meu braço e a outra começa a me tocar. Estou tremendo descontroladamente, minhas pernas estão prestes a ceder, sinto falta de ar como se fosse sufocada. Estou chorando e nem me lembro do momento em que comecei. Ainda tento me debater, mas ele é mais forte e me sacode, tirando mais ainda o ar com a pancada.

— Se eu fosse você, não tentaria resistir, ficaria mais fácil. Aliás, porque não assume de vez que você também tá tão a fim quanto eu? Para com esse
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

joguinho idiota e vamos nos divertir! — ele se inclina e lambe meu pescoço. Um tremor de repulsa sobe pelo meu corpo.

— EU NÃO QUERO! — grito de forma quase estrangulada.

— Cale a boca, vadia! Vai ser rápido, prometo. No final, vai até acabar gostando. Vocês sempre dizem que não, mas no fundo sempre querem. Estou acostumado.

Mateus me agarra com força, suas mãos machucam meu corpo. Ele me empurra mais uma vez, agora diretamente para o chão do estacionamento, com isso o carro em que estava encostada bloqueia tudo o que pode acontecer aqui. Minhas costas doem com o impacto. Ele se abaixa e começa a abrir o zíper da minha calça. A sensação de sufocamento é tão grande que não tenho forças para lutar. Enquanto me toca, ele segue repetindo que se eu contar para alguém, ele vai me achar, que eu queria e por isso aconteceu, tantas inverdades que tenho a sensação de irreabilidade. Viro meu rosto para o lado, assim não olharei em seus olhos, nem me lembrarei da sua fisionomia enquanto me machuca.

Por que comigo?

Sinto-me impotente.

A dor no meu peito é excruciante.

Talvez, se eu me desligar, não sinta nada.

Não veja nada.

Não me lembre de nada.

— Larga ela.

Acho que foi isso que ouvi. Mas não sei se foi real. Não sei mais o que é real e o que a minha cabeça criou. Não quero abrir os olhos e ver que foi tudo minha imaginação. Não tem ninguém aqui, ninguém para me ajudar. Ouço, meio distante, um barulho de briga, socos, contudo ainda me recuso a olhar. Estou tremendo tanto, meu corpo todo formiga, não sei se ainda estou respirando. Encolho-me em posição fetal.

— Izadora, você está bem? Olhe para mim! — a voz é insistente.

Forço-me a abrir os olhos e olhar para cima. Reconheço quem é.

— Cris...

É a única coisa que consigo falar antes de vomitar tudo e desmaiar.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 6

*Where there is desire there is gonna be a flame
Where there is a flame someone's bound to get
burned
But just because it burns doesn't mean you're
gonna die
You gotta get up and try, and try, and try
You gotta get up and try, and try, and try
You gotta get up and try, and try, and try
(Try – Pink)^[5]*

Ao acordar, estou deitada ao lado de Pedro, meu ex-namorado. Que estranho. Não me lembro de ter me encontrado com ele, muito menos de ter vindo para a casa dele. Observo o lugar atentamente. Não mudou nada desde a última vez em que estive aqui há mais de um ano. Preciso sair antes que ele acorde. Ergo a coberta e vejo que estou nua. Como não me lembro de nada?! Alguma coisa está errada. Assim que me levanto, Pedro agarra meu braço.

— Calma aí, gata, não vai rolar nem um beijinho? — a mesma cena se repetindo.

Mateus?! Mas como?

— Por que essa cara? Não vai se fazer de difícil novamente, né? — seu tom é de chacota.

— Mateus? Cadê o Pedro? Ele estava aqui agora mesmo — só o que me faltava, eu estar enlouquecendo.

— Não tinha nenhum Pedro aqui, nem sabia que você curti esses lances. Da próxima vez, chamo meu amigo para se divertir com a gente, gata — ele ri do meu desespero, da minha confusão, sem largar meu braço.

— Mas como viemos parar aqui? Essa casa é do Pedro, sim! Não sei que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tipo de piada é essa, apenas não estou gostando. Quero ir embora! E eu te disse que não queria nada, foi sem meu consentimento!

— Como não? Você curtiu muito, gata! Além do mais, quem acreditaria em você? Está parecendo uma louca, surtando desse jeito. Vamos acabar logo com isso, eu mereço por ter te aturado até agora, garota careta!

De novo, não! Tento me livrar dele. É como se estivesse revivendo a mesma cena, vezes e vezes sem fim. Chuto, empurro e grito, sem conseguir me livrar desse cara. Estou esperneando e gritando tanto a ponto de ter certeza que meus gritos seriam ouvidos do outro lado do mundo se alguém prestasse atenção. No entanto, ninguém ouve, ninguém sabe. Estou sozinha. Novamente.

— ME SOLTA!

— Izadora, se acalme, sou eu, Cris! Olhe para mim. Você está bem. Tá tudo bem!

Minha visão entrou em foco. Eu olhava para o rosto preocupado do meu vizinho. Foi só um sonho. Um muito ruim. Meu sistema nervoso cede e choro com soluços altos. Mesmo assim, Cris não me solta em nenhum momento.

— Acabou, Iza. Você está segura agora. Calma. Vai ficar tudo bem — Cris me embala como se eu fosse um filho desamparado, acolhido pela mãe. Está tudo embaralhado na minha cabeça, minha mente é uma tremenda confusão. Ao olhar ao redor, percebo estar em um hospital.

— Cris, como... Como consegui... Não entendo... — tento compreender, porém em vão.

— *Shiuuuuuu*, tente se acalmar, Iza. Eu te trouxe para cá porque você desmaiou. Além disso, não sabia o que fazer. Não contei nada para ninguém sobre o que aconteceu, estava esperando você acordar, acho que isso é uma decisão sua.

Cris se afasta um pouco e me olha nos olhos:

— Izadora, quer que eu chame a polícia para você denunciar aquele desgraçado? Ele não chegou a te machucar, mas se eu tivesse demorado um pouco mais, teria ido até o fim.

Não sei o que quero fazer. Ele me ameaçou. Não quero que meus amigos saibam o quanto fui fraca. Não quero que meus pais se preocupem comigo, já não bastam os próprios problemas. Não quero que as pessoas olhem para mim com pena, mesmo que o ato não tenha sido consumado. Não quero pena. Não quero nada disso. Mais um caco de vidro para colar. Então, sacudo a cabeça.

— Obrigada por tudo, Cris, mas prefiro deixar assim mesmo. Foi só uma tentativa...

— Só uma tentativa? Ele poderia ter te machucado muito e você diz “só uma tentativa”? Acho que você precisa descansar mais, não está raciocinando direito — dá para notar que ele está exasperado com minha decisão.

— Estou falando sério, Cris, não quero fazer isso. Não quero meus pais e amigos envolvidos nessa merda toda — ele não entenderia os motivos mais profundos. E eu não os contaria.

— Mas é exatamente isso que você deveria fazer! Você chegou aqui em estado de choque, precisa de todo apoio possível. É sua família, eles merecem saber e participar disso!

— Eu sei, e não tiro sua razão, mas eu tenho as minhas, e essa é minha decisão. Se alguém perguntar alguma coisa, diga que bebi muito e passei mal, sei lá, só nunca diga o que realmente aconteceu. Prometa-me, Cris! — fico desesperada em imaginar o que aconteceria caso soubessem.

— Não posso participar disso, sinto muito, Iza. É errado, você precisa falar! De que vai adiantar guardar isso para você? Só vai te fazer mal... — ele não entende e eu não posso explicar. Não suporto a ideia de alguém próximo a mim saber disso.

— Chega! Pare! Olha, Cris, agradeço do fundo do meu coração você ter me ajudado, ter feito tudo o que fez, mas essa é minha escolha, você não precisa participar disso, apenas preciso que a respeite. Por favor — sinto-me mal por falar assim com ele, principalmente depois de tudo o que fez, porém não quero envolver ninguém nisso. É um direito meu no fim das contas.

Somos interrompidos pela entrada de uma enfermeira no quarto:

— Que bom que acordou. Como se sente, Izadora? Vou medir sua

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pressão, ok? Você ainda está pálida — ela continua falando enquanto me examina. — Sua pressão está muito baixa, nove por cinco. Precisarás ser medicada. Faz uso de algum tipo de medicamento controlado?

— Eu... É... Uso fluoxetina... É para ansiedade... — minha face se aquece e tenho quase certeza de que estou corando. Além da tentativa de estupro, Cris também se torna ciente da minha medicação para ansiedade.

— Sim, sim, sei qual é. Avisarei ao doutor e logo volto com sua medicação. Sua pressão precisa ser normalizada. Vai ser uma longa noite por aqui.

A enfermeira se retira da sala. Ainda não olhei para o Cris, toda essa situação me deixou constrangida. Sem mais suportar o silêncio que reina entre nós, falo sem ao menos olhar para ele:

— Cris, se você quiser ir embora...

— Nem comece! Vou ficar aqui até acabar. Não se preocupe com seu carro, pedi para um amigo levar embora — Cris se senta na cadeira ao lado da cama, parecendo bem incomodado. — Estou com seu celular. Você recebeu uma mensagem, uma tal de Lorena avisando que ela foi para casa e não deu tempo de te avisar. Que tipo de amiga é essa que te deixa em situações assim?!

— Não foi culpa dela, Lorena é assim mesmo... — quero explicar, entretanto sou interrompida.

— Izadora, sério! — ele se exalta, eleva um pouco a voz e, certamente lembrando que estava em um hospital, se força a falar mais baixo. — Sei que não é da minha conta os tipos de amigos que você tem, mas não me peça para concordar com o que sua amiga fez! Ela te deixou sozinha!

Cris está realmente irritado com a Lori, seu semblante é de raiva e ele não faz questão de esconder isso de mim. Talvez esteja pensando que Lorena é mau caráter por ter feito o que fez. Não quero prolongar esse assunto porque Cris nunca entenderia as loucuras de Lorena a quem conheço desde a adolescência. Vou por um caminho mais fácil.

— Como você me encontrou? Jurava que ninguém me ouviria naquele lugar — ainda não consigo manter contato visual com ele por muito tempo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu tinha acabado de chegar com meus amigos. Estava cheio do lado de fora, então resolvi procurar a pé alguma vaga dentro do estacionamento quando ouvi você gritar. Juro que se Marcos não tivesse me segurado, eu teria acabado com aquele cara ali mesmo. Cretino! — Cris esmurra o colchão ao dizer isso, me assustando com tanta agressividade.

A enfermeira volta nesse momento. Ela me diz que terei de ficar tomando medicação para a pressão normalizar e para me acalmar, já que meus batimentos cardíacos estão nas alturas. Assim que ela torna a sair, Cris volta a me encher de perguntas.

— Ele te arrastou até o estacionamento? Ninguém percebeu? — Cris demonstra querer saber todos os detalhes, como se fosse usar essa informação para alguma coisa.

— Não, ele estava me ajudando a procurar Lorena, já que não a encontrava dentro do salão.

— Lorena. Lorena. Lorena. Será possível não gostar de uma pessoa antes mesmo de conhecê-la?

— Não seja tão cruel com ela. Não a culpo — digo em voz baixa. Parece que de nada vai adiantar tudo o que falar sobre Lori para Cris. Ele não pode julgá-la dessa forma; se Lorena suspeitasse o que poderia acontecer, jamais me deixaria sozinha. Não gosto desse tipo de pensamento em que sempre temos de achar algum culpado por nossos problemas.

— Me desculpe, Iza. Acho que estou alterado, não quero culpar sua amiga por isso, mas se ela estivesse com você, isso não teria acontecido. — Cris parece acreditar piamente no que diz.

— Quem pode garantir que não aconteceria comigo? Pode ser que não ocorresse se estivéssemos juntas, e poderia ter acontecido com qualquer outra mulher — rebato.

— Ok, entendo seu ponto de vista, porém não ameniza os fatos — meu Deus, como ele é cabeça dura! — Você vai contar a ela o que aconteceu?

— Não. Não vou falar com ninguém sobre isso. Só você sabe, Cris, e sinto muito por ter de pedir discrição — ele somente concorda com a cabeça, entretanto vejo que ainda não está totalmente convencido sobre minha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

decisão de empurrar tudo para baixo do tapete. — Outra coisa que eu queria falar, sobre o remédio para ansiedade... Minhas amigas também não sabem...

— Entendi. Descrição. Mais alguma coisa que queira me pedir, Dona Izadora? — ele está sendo sarcástico, o que me faz rir um pouco.

— Não, senhor Cristian. Agradeço mesmo de coração tudo o que fez por mim hoje. Jamais vou me esquecer disso.

— Faria tudo de novo se fosse necessário. Só espero mesmo que você, algum dia, consiga se abrir para alguém, conversar, desabafar, simplesmente falar. Você é uma garota muito bacana, Izadora, no entanto guarda muita merda para si mesma, sempre querendo poupar os outros dos seus “problemas”. Acho que está na hora de você começar a se poupar. Se abrir e não se encolher.

Quem diria que o galinha do Cristian conseguiria ser tão profundo? Reflito sobre tudo o que acabou de falar. Guardo muita merda para mim, entretanto nem sempre foi assim; eu falava o que pensava, agia sem me importar com a avaliação das pessoas. A bem da verdade, anteriormente estava pouco me lixando com o que iam achar das minhas atitudes. Era bem segura de mim.

Hoje a insegurança ronda cada passo que dou, cada decisão que preciso tomar, cada batimento que meu coração dá. Se instalou em mim e fez morada.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 7

*When your day is long and the night
The night is yours alone
if you're sure you've had enough of this life
Well hang on
Don't let yourself go, 'cause everybody cries
And everybody hurts, sometimes*
(Everybody Hurts – R.E.M., Versão Glee)^[6]

Durante todo percurso para casa, Cristian não pronunciou uma única palavra. Estamos ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Talvez fosse melhor assim. O médico que me atendeu não acreditou muito na minha mentira, provavelmente pelo fato de eu não ter ingerido uma única gota de álcool. Percebeu que eu não queria comentar sobre o acontecido, então apenas me deu um atestado, alegando que estou impossibilitada de trabalhar por um dia, o de hoje, pois já são quase cinco da manhã. Vai ser bom poder descansar um pouco finalmente.

Quando viramos a rua que dá acesso à nossa casa, vejo o Abacate sã e salvo, estacionado.

— Agradeça seu amigo por mim, por ter trazido meu carro para casa. — Cris apenas assente, ainda mudo. Acho que não quer muito papo agora. Saltamos do seu carro. Ele pega as chaves do meu carro no seu bolso e me devolve junto com meu celular e bolsa.

Andamos em silêncio até a porta da minha casa.

— Se precisar de alguma coisa é só me chamar que eu venho. Fique bem, ok? Mais tarde venho ver como você está — ele coloca as mãos nos bolsos da calça, como se não soubesse bem o que fazer ou como se isso fosse ajuda-lo a não falar o que pensava. — Descanse bastante, foi uma noite longa para todos nós, principalmente para você. Se cuida, Iza.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mais uma vez quero agradecer por... — Cris ergue uma das mãos, não me deixando finalizar.

— Não precisa, é sério. Só quero que fique bem, certo? — diz, ainda meio constrangido.

— Certo! — Cris se aproxima, me abraça, depois se afasta um pouco e olha para mim. É evidente que quer falar mais alguma coisa, mas desiste.

— Boa noite, Izadora!

Cumprimentei de volta, enquanto ele se encaminha para sua própria casa.

Assim que entro em casa, tiro minha roupa durante meu caminho até o banheiro. Preciso de um banho quente. Ao abrir a torneira, parece que alguma coisa em mim também se abriu e desando a chorar copiosamente embaixo da água. Choro tanto que fico exausta; choro pelo que aconteceu, por minha dificuldade em me expressar, por toda essa merda de ansiedade e pânico que me abate. Choro pelo meu passado. Por trabalhar em um lugar que odeio. Choro por mim. Por tantas coisas que estou guardando a tanto tempo e que me sufocam. Choro simplesmente para tentar aliviar esse turbilhão de emoções que sinto nesse momento. Por cada caco de vidro espalhado dentro de mim.

Perdi a noção do tempo de tanto que fiquei no chuveiro. Quando saio, limpo o espelho embaçado e fico me observando, tentando entender essa pessoa refletida ali. Aquela mulher de cabelos ondulados, na altura da cintura, em um tom de castanho quase chocolate, magra, um pouco mais do que deveria. Seus olhos, também castanhos, estão tristes e são desconhecidos.

— Quem é você? — me pergunto. — Quem é essa pessoa que estou olhando? Não te reconheço mais, Izadora. Você nunca mais foi a mesma. Até quando vai conviver com isso?

Vou direto para a cama e me cubro até a cabeça. Só preciso dormir um pouco, é o que digo a mim mesma. Amanhã será um novo dia, assim espero. Acabo pegando no sono mais rápido do que imaginei. E os pesadelos me perseguem.



Mateus está em meu encalço, atrás de mim de forma implacável. Ele tenta me agarrar e me agredir.

— Calma aí, gata, não vai rolar nem um beijinho? — a cena parece estar em um *looping* infinito, sempre se repetindo.

Corro desesperadamente, chego a estar suando. Assim que percebo ter escapado dele, Pedro aparece.

— Oi, amor, que bom que voltou! Sentiu minha falta, né? Sabia que você viria! Avisei que ninguém iria te querer, só eu, mais ninguém — tento fugir, mas ele me prende.

— Por que a pressa? Ainda nem começamos, benzinho. Você vai gostar, vai ver — apenas o som da sua voz me dá medo. Então passo a sentir o calor do corpo junto ao meu. Pânico.

Tento de todas as formas fugir e não consigo. Tudo muda e agora vejo que Mateus é quem está em cima de mim. Estou lutando, resistindo, porém minhas forças estão acabando. Isso não pode acontecer! Não vai!



Acordo assustada com o barulho do despertador. Droga! Esqueci-me de desligar.

Fico parada por uns segundos até normalizar a respiração. Estou encharcada de suor e tremendo muito. Lembro que preciso ligar para Helena na loja e avisar que não irei. Só de imagina-la reclamando da minha falta, perco toda e qualquer vontade. Dane-se!

Pego, então, meu celular. Havia várias mensagens não lidas no *WhatsApp*, a maioria de Lorena. Não estou com saco para isso agora, no entanto preciso ocupar minha mente com alguma coisa. Levanto-me e faço um café bem amargo, da mesma forma que está minha vida. Penso em arrumar a casa, limpar alguma coisa, mas nada me anima.

Por fim, ligo meu notebook e entro no *Facebook* para procurar grupos relacionados a TAG e pânico. Desde que comecei a tratar minha ansiedade pensei nisso e sempre protelei. Dou uma rápida olhada nas últimas novidades, me perguntando, mais uma vez, se realmente a vida dessas pessoas é tão

perfeita como postam: fotos sempre sorrindo muito com legendas do tipo “*Curte aí se gostou*”, declarações de amor bem açucaradas em um dia e, no outro, tantas indiretas que nem sei se são as mesmas pessoas que juravam amor eterno para quem quisesse ver. Queria saber a porcentagem de verdade que há em cada uma dessas postagens. Uns trinta por cento, talvez? Não sei, acho que é muito.

Tento minha primeira busca. Não sei bem o que colocar. Digito apenas “Crise de Ansiedade” e aparecem alguns grupos, todos fechados. Leio a descrição de cada um deles. Não sei ao certo se deveria fazer esse tipo de pesquisa ou se estou fazendo esse tipo de pesquisa da forma certa... O que sei é que preciso aprender a lidar com minhas crises e talvez depoimentos de pessoas que estão se tratando há mais tempo possam me ajudar. Acabo escolhendo um aleatoriamente e envio a solicitação. Pode ser que demorem a me aceitar. Decido, então, tomar mais café com meu remédio, antes de me deitar novamente. Deixo o computador ligado com a rede social aberta no navegador. Nível de disposição? Zero.

Dessa vez, durmo muito bem; chego até a dormir demais. Ao acordar, o relógio mostra que já passou de uma da tarde. Ainda com preguiça, levanto, escovo meus dentes e lavo meu rosto. Meu estômago ronca. Penso em fazer algo rápido, talvez um macarrão instantâneo mesmo. Lembrei de ter deixado o computador ligado; verifico se o grupo de discussão me aceitou. Há uma nova notificação de amizade, mas nada do grupo. Suspirando, clico no ícone e aparece “Hugo Martins”.

Antes de aceitar o pedido de amizade, bisbilhoto seu perfil. Parece tudo normal. Achei que encontraria muita coisa relacionada à academia, mas ele me surpreendeu novamente. Grande Hugo! Clico em aceitar e atualizo a página. Imediatamente sua primeira mensagem aparece:

Hugo (13:17): Oi, Izadora. Está por aí?

Hugo (13:17): Acho que está, já que acabou de me aceitar! rsrs...

Sorrio pela primeira vez no dia.

Izadora (13:18): Olá, Hugo! Estou, sim. Não deu nem tempo de respirar e você me mandou a mensagem rs

Assim que envio, vejo que já está digitando. Nossa, ele é bem rápido!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Hugo (13:18): Queria saber como você está, uma vez que não veio trabalhar hoje.

Hugo (13:19): Fiquei preocupado, nunca te vi faltar.

Hugo (13:19): Está tudo bem?

Faz muito tempo que não sei o que é estar bem. Não respondo isso, lógico. Achei bacana da parte dele se preocupar comigo. Até foi fofo, vai... Como demoro para responder, recebo mais mensagens:

Hugo (13:21): Desculpe se pareceu invasivo da minha parte te fazer tantas perguntas assim.

Hugo (13:22): Realmente me preocupei quando você não apareceu.

Izadora (13:22): Relaxa, agradeço por se preocupar =)

Izadora (13:23): Ontem à noite passei mal, acho que bebi demais e minha falta de responsabilidade me cobrou isso hoje =/

Fico péssima por mentir dessa forma para ele, logo quando se vê que está claramente preocupado comigo.

Hugo (13:24): Em plena quinta-feira, foi se embriagar?! Coragem! rrs

Hugo (13:24): Mas você já está melhor? A ressaca passou?

Izadora (13:25): Estou, sim! O médico me deu um atestado, então tenho o dia para me recompor.

Izadora (13:25): Como estão as coisas na loja?

Hugo (13:26): Até que está calmo, Helena acordou de bom humor hoje rrs

Hugo (13:26): Cheguei a ouvi-la perguntando por você mais cedo. Aliás, quer que eu a avise que você não virá hoje?

Izadora (13:27): Agradeceria muito =)

Hugo (13:28): Que bom que está tudo certo com você =D

Hugo (13:28): Agora preciso ir, meu almoço acabou =/

Hugo (13:29): Se cuida, Iza, falo com você mais tarde

Hugo (13:29): Beijos :*

Izadora (13:30): Obrigada mesmo, Hugo, por se preocupar. Até

mais. Bjus :*

Não sei bem o que pensar dessa demonstração de preocupação. Será que ele vai me chamar mesmo mais tarde? Ou eu chamo? Sigo uma regra bem idiota que só funciona na minha cabeça, por exemplo, se eu fui a última a me despedir, consequentemente a pessoa deve ser a primeira a chamar na próxima conversa, e vice-versa. Desisto dessa análise quando meu estômago ronca mais uma vez.

Levo meu notebook para a cozinha e o coloco em cima do balcão. Preciso comer algo, a fome me deixa de mau humor. Já que minha disposição continua abaixo de zero, coloco água para ferver e pego um pacote de macarrão instantâneo. Nesse instante, alguém bate na porta. Espero que não seja Lorena, ainda não estou a fim de mentir para mais uma pessoa. Abaixo o fogo e vou atender.

— Olá, vizinha! — Cris me dá um meio sorriso. Parece que continuamos com dificuldades para lidar com o ocorrido na noite passada. — Posso entrar?

Abro mais a porta e me afasto, fazendo um gesto para que entre. Ele observa a casa:

— Nossas casas são exatamente iguais. Claro que a decoração da sua é muito melhor — a sala é relativamente pequena, com um sofá de três lugares, uma mesinha de canto perto da porta, onde costumo largar minha bolsa e chaves, uma mesa de jantar com duas cadeiras no canto oposto, uma TV na parede em frente ao sofá e um pequeno tapete marrom entre os dois. As paredes são em tom pastel, para manter o ambiente claro. Apenas um quadro e um vaso com flores artificiais. Se a decoração dele é pior, imagino que não tenha quase nada lá.

Eu ainda não disse uma única palavra. Não sei se agradeço de novo ou ofereço uma bebida, ou até mesmo convido para o almoço, mesmo sendo macarrão instantâneo. Sou salva do meu dilema quando Cris se vira para mim:

— Só passei para ver como estava, e te trouxe isso. Não sei se já almoçou, espero que goste — ele me entrega uma sacola. Cheira muito bem, mas não sei o que é.

— Obrigada — começo a abrir a sacola, quando sou interrompida mais uma vez.

— Izadora, eu adoraria dividir isso com você, porém preciso ir trabalhar. Se precisar de alguma coisa, sabe onde moro, é só chamar. — Cris está apreensivo, com muita pressa. Fico me perguntando o motivo, mas acho melhor não me meter. Então, não me estendo também.

— Valeu, Cris, por tudo. Obrigada mesmo!

— Não é nada. Até mais então. Se cuida — nos despedimos enquanto o levava até a porta.

Apesar de tudo continuar um pouco estranho entre nós dois, fico imensamente grata por Cris trazer almoço para mim. Jogo o que restou da água fervendo na pia, sento-me na cadeira mais próxima do balcão e abro a sacola: mini pizzas. Muitas! Mais uma vez, Cris salvou meu dia.



Devidamente alimentada, decido que é hora de responder meus recados no celular. Só da Lorena já são treze, uma mais louca que a outra:

Lori (9:10): Iza, cadê vc? Pq não me responde, sua anta?!

Lori (9:42): Anda logo, fala cmg, quero falar da minha noite de bosta!

Lori (9:59): VAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!

Lori (10:20): Sério, pq não tá me respondendo? =/

Lori (10:37): arquivo de áudio (03:00)

Três minutos de áudio?! Nem vou ouvir.

Lori (11:00): Agora vc deve estar no trampo. Qnd sair me chama, sua putiane de uma figa!

Lori (12:07): Sei que vc vai sair pra almoçar daqui a pouco...

Lori (12:07): Se não me chamar, juro que te mato!

Lori (12:08): É o último aviso, hein?!

Lori (13:02): O QUE TA ACONTECENDOoooooooooooo!!!

Lori (13:03): VC NUNCA SOME ASSIM AAFFFEFFFFFF

Lori (14:18): PQP!!

Essa veio acompanhada de um emoji mostrando o dedo do meio. Lorena às vezes se supera.

Lori (14:35): Assim que eu sair vou direto pra sua casa!!!!!!!!!!

Puxa, ela sabe como ser insuportável... Continuei lendo as mensagens de outras pessoas. Muitas feitas pelas outras meninas no grupo. Nada demais. Hora de responder à Lorena:

Izadora (14:42): Oi, Lori! Não fui trabalhar hj pq acabei bebendo muito ontem e passei mal. Meu vizinho Cris me ajudou a chegar em casa, não se preocupe. Bjus.

Resolvi mandar tudo em uma mensagem só para ver se ela se acalma um pouco. Amo demais essa cabeçuda, mas preciso de um tempo só meu, ficar aqui no meu mundinho.

Preciso pensar em tudo o que me aconteceu e decidir o que fazer com essa bagunça chamada vida.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 8

*I wanna have friends that will let me be
All alone when being alone is all that I need
(The Perfect Space – The Avett Brothers)*^[7]

Lavava a louça quando um copo escapou das minhas mãos, caiu e se estilhaçou. Fiquei ali, olhando para os cacos, comparando a minha vida com o vidro.

Criar vidros é um processo extremamente interessante, mas poucas pessoas prestam atenção. Parece uma receita qualquer: uma porcentagem de areia, sódio, cálcio e alguns componentes químicos. Não sei ao certo como ocorre, sei que esses “ingredientes” são levados ao forno em temperatura imensamente alta e, quando saem, estão unificados na forma de uma gosma viscosa e dourada, muito parecida com o mel. Essa gosma precisa passar por dois tipos de moldes. O primeiro dará o contorno inicial do vidro e o segundo, a modelagem final. Depois dessa etapa, a temperatura dele começa a cair e o vidro fica rígido, desta forma pode ser retirado do molde. Por último, vem o resfriamento controlado e o corte.

A forma com que enfrentamos nossos problemas é bem parecida com a criação do vidro.

Nossas adversidades são o forno: quanto maior a dificuldade, mais elevada a temperatura. Toda vez que passamos por algo que machuca, fere e nos deixa sem chão, a sensação é a mesma de sair desse forno, estamos em estado líquido e quem olha para nós só vê algo sem forma, sem atrativos. Esse processo acaba sendo necessário, pois esse estado em que nos encontramos é aquele no qual podemos ser moldados.

O primeiro molde é o exterior, nossa aparência, o que as pessoas enxergam. O interior está oco, sem vida e precisa ser preenchido e é aí que entra o segundo molde. Precisamos encher esse recipiente, que é nosso corpo, com esperança, acreditar que um novo dia virá, que alguma coisa boa vai

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acontecer. Enquanto isso, a temperatura vai cair, logo iremos enrijecer e amadurecer, estaremos mais experientes, confiantes. Então, o corte virá e nos moldará e uma nova pessoa sairá disso tudo.

Não saberia definir completamente o que sinto no momento, mas tenho certeza de estar na segunda etapa. Acabei de sair do forno e me pareço com uma gosma viscosa, totalmente sem forma e pronta para ser modelada.

Toda essa divagação acaba por me distrair e me corto ao tentar juntar os cacos. Somos tão frágeis e ao mesmo tempo afiados. O vidro que aparenta vulnerabilidade é o mesmo que corta, dilacera e faz sangrar.

Limpo tudo o que encontro pela frente, pois preciso ocupar minha mente. Optei por desligar meu celular e o computador, largando ambos sobre a cama no quarto. Às vezes estar sozinha, desligada do mundo, é algo que pode ser primordial para tomar decisões. Li em algum lugar uma vez que o ruim não é estar sozinho, mas, sim, se sentir sozinho. Nesse momento, por mais louco que pareça, não me sinto sozinha, acho que o isolamento pode ser a melhor forma de estar acompanhada.

Nesse meio tempo, coloquei para tocar uma música, cuja letra descreve que o sinto agora. É dos The Avett Brothers, *“The Perfect Space”*. A música fala de um homem que quer se encaixar no espaço perfeito, se sentir natural e seguro em um lugar volátil, envelhecer sem a dor, entregar o corpo de volta para a terra e não reclamar. A parte que mais gosto é quando diz: *“Eu quero ter amigos que eu possa confiar que me amem pelo homem que me tornei e não pelo homem que eu era. Eu quero ter amigos que me deixem sozinho, quando ficar sozinho é tudo de que preciso”*. Perfeita!

Lembro de quando descobri essa música por acaso ao ler um livro indicado pela minha amiga Jéssica. Jéssica é assumidamente uma *bookaholic*, ou seja, é extremamente viciada em livros. Até gosto de ler, mas não é muito a minha praia. Entretanto, esse livro, *“Métrica”*, que Jéssica não só indicou, como também me emprestou, simplesmente amei. Surtei. Devorei! Gostei tanto que até comprei um exemplar para mim.

Num ímpeto, vou até meu quarto e abro meu guarda-roupas. Já que não tenho muitos livros, não fiz questão de comprar uma estante. Pego um livro que comprei há mais de um mês e nem abri e resolvo começar a ler, dar uma

chance. O nome dele chamou minha atenção quando entrei na livraria do shopping. Preciso confessar que não sei seu tema ou história principal, a compra foi mais pelo título e pela capa: “Entre o Agora e o Nunca”. Fiquei curiosa.

Deito no sofá e deixo meu *ipod* no aleatório, pois gosto de não saber qual música virá. Começo, então, minha leitura ao som de Pink Floyd, “*Wish You Were Here*”.

Diferente de “Métrica”, essa leitura ainda não me prendeu, porém acho bobagem desistir de repente sem ao menos dar uma chance. Insisto na leitura, no entanto acabo pegando no sono ao som dos acordes do violão e da voz suave do David, o vocalista.

Acordo assustada com sons fortes de batidas em minha porta.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 9

The world we knew

Won't come back

The time we've lost

Can't get back

The life we had

Won't be ours again

(Never Too Late – Three Days Grace)^[8]

Olho para a janela. Lá fora já está escuro, perdi total e completamente a noção do tempo com a leitura. O começo do livro foi bom, mas sinto que talvez não vá gostar da Natalie, a melhor amiga da personagem principal, Camryn. Ela não confiou na amiga, que vaca! Largo o livro no sofá, levanto-me e, quando abro a porta da minha casa, Lorena entra como um furacão.

— Izadora, dá para você ligar a porcaria do seu celular? Tentei te ligar umas oitenta e cinco vezes! — braços voando em todas as direções, bem ao estilo de Lorena. Minha amiga parece um sapo cheio de ar, bufando de forma quase paranoica.

— Estava lendo e acabei esquecendo desligado. Relaxa, não é pra tanto! — nem tento justificar muito, sei que ela não daria ouvidos.

— Como não? Eu fiquei preocupada quando você mandou aquela mensagem dizendo que passou mal. Aí, desliga seu celular, não consigo falar contigo e me diz que “não é pra tanto”? — ela retruca, fazendo as aspas com as mãos e uma careta de desagrado, enquanto anda de um lado para o outro na sala, o que me deixa um pouco tonta. Lorena está histérica.

— Ok, ok! Me desculpa mesmo por te deixar tão preocupada assim, só precisava de um tempo sozinha. — pelo jeito, parece que sou obrigada a dar satisfação pelos meus atos. Até para ficar sozinha tenho anunciar, que saco!

— Tudo bem, não é a primeira vez que você some desse jeito. Mas, por favor, prometa que da próxima vai avisar que irá “sumir” um pouco — como se ela estivesse no direito de impor algo. No entanto, seu tom de voz parece mais tranquilo e ela finalmente se aquietou. Será que deixei transparecer minha indignação com tanta reprimenda desnecessária? Mesmo assim, não deixei barato.

— Olha quem fala em promessa! Ontem você acabou me deixando sozinha para ir transar com um cara que acabou de conhecer. Não que isso seja novidade! De você, não estou esperando mais nada! — ela arregala os olhos ao ouvir isso. Aproveito e deixo sair o que está entalado na garganta. — Eram só quarenta e oito horas! Como isso pode ser tão difícil para você?! Sinceramente? Cansei de tentar ajudar! — bufo, erguendo as mãos para o alto e largando os braços ao sabor da gravidade logo em seguida.

— Calma lá! — sua voz está exaltada, ela coloca sua mão esquerda na cintura e ergue o dedo indicador direito. Mexi na ferida. Ótimo! — Eu saí, sim, com o cara, ele me levou embora, a gente se beijou por um tempo, mas quando disse para ele que não iria rolar nada naquela noite, o cara surtou! Disse que eu o usei e um monte de bobagens que não valem a pena repetir. Cumpri a promessa e até que foi bom, porque a forma como ele reagiu ao saber que não rolaria nada foi de um grande babaca! — ela cruza os braços ao finalizar, igual a uma criança quando dizem que não terá sobremesa.

Eu ouvi direito?! Um milagre aconteceu!

— Sério isso?! Você saiu e só beijou? Aleluia! — ainda não acredito que ela conseguiu.

— Para, vai! Pra tudo tem sua primeira vez — agora com os ânimos mais calmos, ela prossegue — Mas chega de falar sobre minha noite nada favorável. Como você está? O que misturou que fez você passar tão mal assim?

E que comecem as mentiras novamente!

— Misturei *Big Apple* com *Schweppes*, depois caipirinha de vinho e um pouco de *St. Remy*. Dancei por um tempo e como bebi muito rápido foi tiro e queda — nem desvio o olhar, pois vi em um filme que mentirosos não focam o rosto do interlocutor. Tento puxar pela memória o momento em que aprendi

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

a mentir tão bem.

— Mas é burra mesmo, hein! E foi com esse seu vizinho que estava dançando? Você sempre me disse que acha esse cara um galinha! — Lori franze as sobrancelhas, as mãos voltam para sua cintura. Em seu rosto, sua melhor cara de incrédula.

— E ele é. Bom, era o que eu pensava... Ele me ajudou muito, só que não era com ele que eu dançava não, foi outro cara, que também acabou sendo um baita de um babaca. O Cris me salvou — *literalmente*.

— Foi ele quem trouxe o Abacate para casa? — confirmo, balançando a cabeça e com um meio sorriso. — Ok, então. Sua carinha está um pouco abatida, vaquinha... Tem certeza que está tudo bem? Quer que eu fique aqui com você? Se precisar, eu pouso aqui — ela volta a ficar dócil. Da água para o vinho, do vinho para a água, tudo em milissegundos.

— Sério, estou bem, sim — mentira. Des-la-va-da.

Mais batidas em minha porta. Francamente! Hoje é dia!

Assim que abro, dou de cara com Cris sorrindo para mim. Droga, esqueci que ele viria! Lorena e Cristian no mesmo lugar talvez não seja uma boa ideia. Agora já era...

— Oi, Iza! Vim ver como você está — diferente de mais cedo, Cris parece estar mais à vontade.

— Oi, Cris. Estou bem melhor, obrigada — respondo, mas seu olhar está se esticando para outra direção com um ar imenso de curiosidade. Melhor apresenta-los de uma vez. — Ah, esta é minha amiga Lorena. Lorena, este é o Cris.

Assim que digo o nome dela, Cris fecha a cara. Sinto cheiro de treta no ar.

— Lorena... Então é você a amiga que deixou Izadora sozinha ontem sem dar satisfação? — Lorena, que estava com um leve sorriso no rosto até o momento, fecha o semblante, a maior cara de incrédula que eu jamais vi. Respira fundo e volta a dar um sorriso para Cris, só que bem sarcástico.

— E você é o Cris, o vizinho galinha da Iza, estou certa? — é claro que a vaca sacana da minha amiga não perderia essa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Merda. Merda. Merda. Merda. Merda. Cristian olha na minha direção, me interrogando silenciosamente. Meu rosto esquenta, devo estar vermelha tal qual um tomate maduro. Como sair dessa situação embaraçosa?

— Posso até ter fama de pegador, ou galinha como preferir, mas nunca deixei um amigo na mão só para poder me “divertir” mais. — pu-ta-mer-da!

— Acho melhor você baixar essa sua bola! Acabou de me conhecer e quer me julgar? Não te devo nenhuma satisfação e, além do mais, você deve implorar para vacas saírem contigo porque se depender da sua “beleza”, haha... Nem gripe pegaria!

É isso! Já chega, vou interferir antes que tenha de limpar o sangue de ambos no chão da minha sala.

— Ok, pessoal, vamos parando! Vocês são bem grandinhos para isso não acham? — olho para Lorena fazendo sinal para que ela saia. Lori, toda braços e raiva, bufa, mas acaba indo para cozinha. Me viro para Cris. — Me desculpe por tudo isso, Lorena às vezes não tem papas na língua. Mas você não precisava provocar também, né? — não quero tomar partido de ninguém. Me recuso.

— Eu que peço desculpas — em sua face, o constrangimento está estampado em neon —, não sei porque tive tanta vontade de brigar com ela. Talvez precisasse descontar em alguém. Foi mal, Iza. Que cena, até pareceu que a gente estava na pré-escola.

— Tudo bem. Até que foi engraçado, pelo menos até uma faca ser puxada, daí deu um certo medinho — ele me olha espantado. Acho que ele me levou a sério, ou então achou que eu nunca brincaria desse jeito. Por fim, acabamos rimos juntos.

— Aliás, não sabia que você me achava tão galinha assim. Valeu pela fama de pegador! — merda! Achei que ele não iria tocar nesse assunto. Sinto que estou ruborizando mais uma vez.

Antes mesmo que eu possa pensar em um pedido de desculpas, ele se despede.

— Bom, Iza, vou indo nessa. Fica bem, ok? Até mais!

— Tchau, Cris! Obrigada por se preocupar.

Fecho a porta. A sensação é de temor e expectativa. A terceira guerra mundial foi declarada. Ser a amiga em comum vai me deixar no meio desse fogo cruzado.



Depois de Cris, foi a vez de Lorena ir embora. Sozinha, me propus a fazer algo para jantar.

Coloco água para ferver, frito o arroz e jogo a água quente sobre ele. Enquanto o arroz cozinha, aproveito para tomar um banho bem quente. Seria tão bom se a água do chuveiro pudesse penetrar nos lugares mais profundos do nosso corpo e retirar toda impureza, uma limpeza de dentro para fora. Lavar cada memória ruim, desfazer momentos desagradáveis e nos hidratar de esperança.

Paro uns instantes, apenas observando a água cair, perdida em pensamentos, quando sinto cheiro de queimado no ar. O arroz! Droga! Saio correndo do banheiro, totalmente nua com a toalha nas mãos, molhando a casa quase inteira e, assim que chego derrapando à cozinha, o cheiro de queimado já está insuportável. Desligo o fogo e abro a tampa da panela; sem salvação esse arroz. Aliás, acho que a panela também não tem salvação. Não estou a fim de começar tudo de novo. Outra vez macarrão instantâneo.

Pego uma panela limpa, coloco a água para ferver. Ando até meu quarto, enxugando meu corpo. Pego meu notebook e o levo para a mesa da sala. Aperto o botão para ligar, na esperança de que o grupo tenha me aceitado. Enquanto o computador carrega, termino de enxugar meus cabelos e prendo a toalha enrolada no corpo. Logo que entro no *Facebook*, vejo algumas notificações. A mais importante de todas: me aceitaram. Fico feliz, pois assim posso acompanhar a forma como cada membro lida com a ansiedade. Tenho mensagens também: Hugo.

Hugo (19:02): Olá, Izadora!

Hugo (19:02): Melhorou?

Realmente não sei o que pensar dessa preocupação toda que Hugo demonstra. Ele está *online*, resolvo responder:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Izadora (20:07): Oie!

Izadora (20:07): Estou bem, sim, obrigada por perguntar. Desculpe a demora em responder, é que fiquei desconectada a tarde toda rs

Achei que ele responderia rápido, como no almoço. Que demora! Se ele está *online*, por que não responde? Deve estar falando com alguém... Ok. Somente dois minutos se passaram, mas convenhamos que eu sou ansiosa.

Hugo (20:09): Sem problemas =)

Hugo (20:10): Vai sair hoje?

Izadora (20:10): Vou nada, preciso me recuperar rs

Izadora (20:11): Além do mais, o macarrão instantâneo está no fogo, o meu jantar. Servido? =D

Hugo (20:12): Sério que você vai comer isso!? Você está fraca e desidratada, precisa de algo melhor.

Izadora (20:13): Eu sei, mas acabei queimando meu arroz e não estou com ânimo para fazer nada agora =/

Hugo (20:14): Me passa seu endereço.

Izadora (20:14): Por que você quer meu endereço??????

Hugo (20:15): Relaxa rs

Hugo (20:15): Você precisa comer melhor. Vou te mandar alguma coisa =)

Hugo me mandando comida? Ele só pode estar zoando!

Izadora (20:17): Tá de brincadeira comigo, né?!

Hugo (20:17): Claro que não =\

Hugo (20:18): Desde quando macarrão instantâneo sustenta alguém?

Hugo (20:19): Cadê o endereço? Já estou ligando!

Ai meu Deus, ele fala sério! Por fim, depois de um minuto relutante, acabo enviando meu endereço. Ainda com um pé atrás.

Hugo (20:22): Pronto. Só vão demorar uns 40 minutos.

Hugo (20:22): Consegue aguentar?

Izadora (20:23): Consigo, sim =D

Vou até a cozinha, desligo o fogão e jogo a água fervendo fora. A segunda vez no dia. Vou acabar ficando mal-acostumada com esses meninos me trazendo comida.

Volto para a sala, ainda enrolada na toalha. Começo a sentir um pouco de frio.

Hugo (20:25): O que fez durante o dia? Descansou bastante?

Izadora (20:25): Descansei, até li um pouco. Deu para relaxar.

Hugo (20:26): Fico feliz! =)

Hugo (20:26): O dia na loja até que foi calmo para uma sexta-feira.

Hugo (20:27): Falei com a Helena sobre você, e ela me pareceu preocupada.

Até parece que acredito. Certeza que foi só ceninha.

Izadora (20:28): Ela, preocupada? Isso é novidade.

Hugo (20:28): Ela não pode ser tão ruim assim, até agora foi muito prestativa comigo.

“Quem não seria prestativa com você, né?” Ah, esses meus pensamentos...

Izadora (20:29): Relaxa, tudo no seu tempo ;)

Ficamos conversando coisas corriqueiras da loja por mais algum tempo. Hugo disse que precisava sair e voltaria logo, mas estou esperando há mais de 20 minutos. Onde foi que ele se meteu?

Já passam das nove. Vesti meu pijama de poá branco com bolinhas vermelhas. Uma graça! E estou usando minhas pantufas do Bob Esponja, bela combinação. Quando estou a caminho da cozinha para beber água, ouço batidas na porta da frente de novo. Supondo ser Lorena ou Cris, abro a porta e me arrependo na hora por estar usando essas roupas.

— Boa noite, Iza! — Hugo está bem na minha frente, me olhando dos pés à cabeça, sorrindo abertamente. — Belo pijama!

AI.

MEU.

PERIGOSAS

DEUS!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 10

*O coração dispara
Tropeça, quase para
Me encaixo no teu cheiro
E ali me deixo inteiro.
(Amei te ver - Tiago Iorc)*

Hugo continua me olhando fixamente, um sorriso de orelha a orelha estampado na face. Ele deve estar adorando essa minha cara de surpresa. Mas, ao notar a minha falta de reação, pois desde o momento em que abri a porta não pronunciei uma única palavra e não me movi, Hugo muda seu semblante para preocupado.

— Me perdoe, Izadora, foi um erro ter vindo sem avisar. Você está bem? Quer que eu... —inevitavelmente começo a rir da forma que ele ficou constrangido. Não tem como não achar toda essa situação engraçada.

— Desculpe, você deveria ter visto a sua cara, parecia até um cachorrinho que caiu da mudança — agora ele parece aliviado. Tive que rir, era uma oportunidade que eu não perderia por nada.

— Então é assim? Você que deveria ter visto a sua cara quando abriu a porta com esse pijama de bolinhas — droga! Tinha até me esquecido disso. Ele também não perde uma.

— Ok, ok! Estamos quites. Você vai entrar ou só veio fazer sua entrega? — digo, abrindo caminho para ele. Não dei muitas opções, então Hugo entra, um pouco tímido para um cara como ele. Vamos até a cozinha.

— Fique à vontade, só vou trocar esse pijama por algo mais apresentável e já volto — digo e começo a me afastar pelo corredor.

— Trocar? Sério, não precisa mesmo, está ótima assim. Natural — paro e dou meia volta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Fala sério, Hugo! Estou com essas pantufas de personagem infantil, pijama de poá e sem maquiagem nenhuma. Daqui a pouco você sai correndo por não aguentar ficar olhando para mim!

— Queria entender porque as mulheres acharem que devem estar sempre bem produzidas, caso contrário ninguém olharia para elas. O natural é muito mais *sexy* se você quer saber — ele conclui a frase dando uma batidinha leve na ponta do meu nariz com o dedo indicador, ainda segurando as sacolas que trouxe.

— Quer dizer que estou *sexy* nesse momento? — pergunto, brincando.

— Completamente. Não mudaria um fio de cabelo do lugar! — ele diz e sorri, sem o menor constrangimento. Nota-se de longe a veracidade em suas palavras.

Fico sem palavras, não sei como reagir ou o que falar. Ainda bem que Hugo percebe e me salva.

— Eu me lembrei de que, por orientação médica, você não está comendo coisas pesadas. Foi quase impossível encontrar alguma coisa saudável essa hora — ele diz como se estivesse se desculpando por não encontrar a comida certa para mim. E se lembrou da nossa conversa! Eu não lembro nem o que comi no café da manhã.

Ele coloca as sacolas sobre o balcão, agora parecendo um pouco envergonhado. Estou achando isso muito fofo, sério.

— Enfim, trouxe pizza. De alface. Literalmente tem salada na sua comida, então pode ser considerada parcialmente saudável.

Não tem como não rir disso.

— Obrigada, Hugo! Não precisava se preocupar, de vez em quando eu me permito alguma coisa menos “saudável”.

— Ah, calma, ainda não acabou! Trouxe suco de laranja natural. E... — ele mexe na sacola, tirando um pote bem embalado — o *gran finale...* *Tcharam!* Salada de frutas. Não foi fácil, mas consegui — ele diz, satisfeito consigo mesmo por ter conseguido encontrar a salada para mim.

Esse cara não existe, não é possível! Não tenho como não me sentir um
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pouco culpada por ele ter se desdobrado em achar e me trazer tudo isso. É, eu sei que não pedi, mas infelizmente essa sensação de culpa ainda me persegue. *Até quando, Izadora?*

— Realmente, não precisava se incomodar assim, Hugo. Nem sei como agradecer — sinto vontade de abraça-lo e fico completamente sem jeito por conta disso.

— Pare com isso, não foi nada! Como hoje não tenho aula, iria pedir alguma coisa para comer de qualquer forma. Já que você quer tanto agradecer, coma comigo! — não precisa pedir novamente.

Hugo me ajuda a arrumar a mesa cantarolando uma música. Sorrio, pois ele parece estar bem à vontade agora.

— Que música é essa? — tento puxar pela memória, em vão.

— Quantos anos você tem mesmo? — ele pergunta, sem motivo aparente.

Não entendo porque quer saber, porém respondo, meio ressabiada.

— Vinte e três, por quê?

— Acho que talvez você não conheça, é bem antiga. “*Always Somewhere*”, dos Scorpions.

— Tá de brincadeira, né? — fico tão aborrecida com ele por menosprezar meu gosto musical desse jeito que acabo dando um tapa, não muito forte, em seu ombro. — É claro que conheço! Adoro essa música, aliás, adoro a banda!

Mesmo assim, Hugo me olha ressabiado. Acho que agora darei o tapa com mais força...

— Conhece mesmo? Cante alguma parte, então — sério isso? Olho desconfiada para ele. O que ele realmente quer com isso de “cante alguma parte”? — Vai me dizer que está tímida?

— Claro que não! É que você sempre está me fazendo cantar de alguma forma...

— Cantar é bom, Iza! Ajuda muito quando não estamos bem. Cantar talvez seja a forma mais fácil de expressar sentimentos quando as palavras nos faltam. É mais simples falar através da música do que com as palavras

propriamente ditas.

Sinto que vou aprender muito com esse cara ainda. Por fim, me rendo. Fecho meus olhos, começo a cantar apenas o refrão, pois é a parte que mais me deixa à vontade.

— *“Always somewhere, miss you where I’ve been, I’ll be back to love again”*^[9].

Quando termino Hugo está me olhando de uma forma diferente. Ao perceber que me encarava, muda de assunto:

— Muito bom, tem uma voz delicada. Eu ficaria te ouvindo cantar por horas sem problema nenhum, sério, mas estou morrendo de fome!

— Que bom que falou em comer, sou melhor comendo do que cantando. Pode apostar nisso.

Enquanto comemos, Hugo me faz perguntas sobre minha vida, ele me deixa muito à vontade. Isso é bom e ao mesmo tempo me dá certo medo, pois não quero me envolver dessa maneira. Tenho muitos cacos espalhados, não quero que ele se machuque ao tentar se aproximar.

— Você é de Bauru mesmo, Iza?

— Não, sou de Jaú. Vim para estudar e acabei ficando. Me costumei com a cidade, com o clima e até mesmo com o trânsito — olho para ele ao responder, mastigando um pedaço de pizza.

— Que legal! Você está estudando o quê? — sempre que fazem essa pergunta me sinto péssima. Paro de comer.

— Na verdade, não estou estudando mais, precisei trancar a faculdade. Aconteceram algumas coisas que não foram legais, mas pretendo retomar logo. Fazia Marketing, eu adorava — lembranças ainda insuportáveis invadem minha mente. Luto e as espanto.

— Muito bom, espero que você consiga retomar seus estudos no seu tempo, quando se sentir pronta. Seja o que for que aconteceu, saiba que nunca é tarde para voltar a estudar. Eu mesmo protelei muito antes de decidir o que fazer e, mesmo depois de decidir, digamos que eu não queria estudar por pressão, do tipo “Nossa, você já tem mais de vinte e tantos anos e não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pensa em estudar? A maioria da sua idade já está na metade do curso”, ou “Não tem vergonha de olhar para seus amigos e perceber que já estão decidindo como serão suas vidas?”, coisas assim. Nunca quis isso para mim, acompanhar a maré — ele larga seu pedaço de pizza no prato, apoia os cotovelos no balcão e continua a conversa, me deixando bem entretida. — Se as pessoas soubessem que colocar pressão em nós para que tomemos uma decisão assim que acabarmos o colégio é uma grande merda, nos deixariam mais à vontade. A escolha viria naturalmente. Conheço muitos amigos que estudam determinado curso não por vontade própria, mas por pressão dos pais. Eles não são felizes, pois não é aquilo que queriam para suas vidas.

Ele faz uma pausa. Eu mal pisco. Entendo perfeitamente o que Hugo quer dizer.

— Espero que esse não seja o seu caso, Izadora — ele complementa seu raciocínio com certo receio na voz.

Pisco muitas vezes para fazer meu cérebro sair do transe em que se enfiou. Muitas coisas erradas aconteceram desde que entrei na universidade, mas nenhuma delas foi por pressão paterna.

— Não mesmo! Meus pais sempre me apoiaram muito em todas as minhas escolhas, até quando resolvi morar sozinha aqui em Bauru, mesmo com minha mãe sendo a mais preocupada por ser uma cidade muito maior que Jaú, sem nenhum conhecido. Vim com a cara e a coragem.

— Se ela não tivesse se preocupado, eu acharia estranho. Mães, são todas iguais... — sorrio com sua resposta. Dá para notar um carinho em sua fala.

— Minha mãe é bem coruja mesmo, adora me paparicar, sempre ligando para saber se comi, se estou dormindo bem, essas coisas. Mas, e você? É de Bauru?

— Não, sou de Lençóis Paulista. Moro aqui há pouco tempo. Resolvi me mudar pra cá porque não aguentava mais esse trajeto, ir e vir, chegava muito tarde em casa, era bem cansativo. E desanimador — ele torna a pegar a pizza do prato e dá uma mordida.

— Imagino. Eu ficava cansada com o trajeto sendo ele dentro da cidade, o que dirá de uma cidade para outra — respondo. Agora é a minha vez de sanar

a curiosidade — Qual faculdade está cursando?

— Estou no último ano de Produção Audiovisual. Demorei, mas me encontrei. A graduação finaliza no final do ano, assim espero, se eu conseguir terminar meu TCC — ele arremata erguendo as mãos para o céu, como uma oração rápida e secreta.

— Não tenho dúvidas que será a melhor apresentação. Você fala muito bem, se expressa de forma clara.

— Quem me dera! Estou assim, à vontade, porque é você quem está aqui, me sinto muito bem quando estou em sua companhia — assim, direto, sem rodeios.

Hugo sorri e me encara. Eu o encaro de volta. Com o passar dos segundos, ninguém diz mais nada, apenas nos observamos. É como se ele pudesse olhar dentro de mim, me desvendar, descobrir tudo o que guardo apenas me olhando. Os olhos dele descem até a minha boca e ali param. Realmente, eu não sei o que fazer. O *tic-tac* do relógio é o único som audível nesse momento, a melhor trilha sonora que poderia existir. Hugo engole em seco, acho que ele quer falar alguma coisa, mas não sabe se deve.

— Izadora... — começa e é interrompido pelo soar do seu celular. Solto a respiração, nem sabia que a estava segurando. Hugo olha para a tela e arqueia as sobrancelhas. — Preciso atender, me desculpe, já volto.

Ele sai da cozinha em direção à sala e fala em voz baixa. *Respire, Izadora.* O que Hugo iria falar? Esse momento passou, tenho certeza de que talvez eu nunca saiba o que se passava na cabeça dele. Quando ele volta, parece estar preocupado.

— Sinto muito, Iza, vou precisar ir, coisas de família. Outra hora explico melhor. Me perdoe mesmo — ele parece bem afetado com a chamada recebida. E com pressa.

— Pare com isso, Hugo! Não precisa se desculpar, a família vem em primeiro lugar. — digo preocupada com a ligação ao mesmo tempo em que tento tranquilizá-lo.

— Obrigado por entender.

Acompanho meu colega de trabalho até a porta e é nítida a preocupação que ele demonstra. Queria muito poder ajudar, mas me sinto de mãos atadas, pois Hugo não entrou em detalhes. Assim que abro a porta, ele passa por mim e se volta para falar uma última vez comigo. Parece estar se culpando por ter de sair dessa forma.

— Iza, mais uma vez, me desculpe. Prometo que vou compensar da próxima, você merece muito mais que uma pizza de alface, salada de frutas e meia dúzia de conversa jogada fora.

— Hugo, sério, não precisa se preocupar tanto! Estou bem, adorei a noite, foi uma surpresa muito boa, eu estava precisando me distrair um pouco. — e consegui. Ele conseguiu.

Ele apenas concorda com a cabeça. Então, Hugo se aproxima e segura meu rosto com as duas mãos. Seu toque é carinhoso, ele me segura delicadamente como se eu pudesse cair e quebrar. Olha fixamente em meus olhos, depois para minha boca.

Não sei se quero ser beijada. Quem é que estou querendo enganar? É claro que quero muito ser beijada por Hugo! Nossas testas se encostam, vejo que ele quer falar algo e mais uma vez desiste. Beija minha testa e se afasta.

— Boa noite, honey!

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 11

*You are young and life is long
And there is time to kill today
And then one day you find
Ten years have got behind you
No one told you when to run
You missed the starting gun
(Time – Pink Floyd)^[10]*

Em seguida à saída de Hugo, fiquei pensando nessas últimas vinte e quatro horas da minha vida. Quanta coisa aconteceu! Quando acordei ontem, achei que seria mais um dia comum. Trabalhei, almocei com Hugo, à noite saí com Lorena e depois, bem, depois aquilo. O dia anterior tinha tudo para dar certo e acabou dando todo errado. Me senti estilhaçada em milhares de pedaços de vidros. Praticamente impossível enxergar a forma original. Contudo, também percebi que passei por algumas etapas nas horas que se seguiram.

A primeira foi a destruição. Aquele momento em que nos sentimos um nada quando algo extremamente ruim nos atinge. Achamos que nunca encontraremos uma saída. Que toda essa situação não vai passar, que irá nos afundar e afogar em sua escuridão. Para onde olhamos não conseguimos enxergar um escape. Estamos sozinhos.

Acho que a segunda etapa foi a aceitação. Quando se percebe onde está e como está, quando as forças se esvaem, ou quando você acha que não pode fazer nada para mudar, acaba de certa forma aceitando essa situação. O pior em “aceitar essa situação” é que nos acomodamos, achando que, já que isso aconteceu, por que enfrentar? Por que tentar novamente? Quando estamos estagnados, voltar a lutar é uma tarefa nada fácil.

Antes de Hugo chegar, minha etapa se classificaria como impassibilidade. Indiferença ao meu sofrimento, à minha dor. Se não posso apagar o que

aconteceu, de que adianta ficar sofrendo? Se martirizando? Lamentar o ocorrido não vai me trazer uma cura. Todavia, depois da visita dele, percebi que não quero mais estar nessa etapa. Tenho de sair dessa comodidade.

Percepção. Essa é uma etapa tão importante quanto às outras, ou até mesmo a mais significativa, pois é o ponto de partida para a mudança. É o momento em que você faz uma avaliação detalhada sobre sua vida, o ponto no qual você analisa sua situação e decide continuar a sofrer ou não. Estou nessa etapa. Não que eu vá me levantar amanhã e fingir que nada disso aconteceu, jamais. Mas dá para seguir em frente juntando os cacos ao mesmo tempo em que caminho.

Deu para ver que aquela ligação mexeu muito com Hugo. Deve ser algo realmente importante e nada agradável. Vi dor em seus olhos. Todos sofrem, porém a forma como enfrentamos nossa dor é o que nos diferencia um dos outros. Ele não me parece uma pessoa que foge dos problemas.

Existem pessoas que conseguem tirar o nosso melhor sem esforço nenhum e, de alguma maneira, Hugo fez isso por mim hoje. Ele me fez perceber que de nada vai adiantar eu ficar em casa me lamentando. Passaram-se apenas vinte e quatro horas da tentativa de estupro. Pode ser que não seja tempo suficiente para apagar o que aconteceu, mas tempo é relativo. Exemplo disso é ter sido o suficiente para eu enxergar que não quero me encolher, me diminuir pelo o que passei.

Vinte e quatro horas não vão apagar mesmo essas cenas em minha mente. No entanto, me fizeram acordar: posso escolher sofrer sozinha em casa, ou sofrer seguindo minha vida.

Tempo.

É o nosso melhor amigo nesses momentos. É o bálsamo que precisamos.

Tempo.

Perdi tempo demais me afogando em minhas próprias lágrimas.

Tempo.

O tempo e eu vamos entrar em um acordo. Eu o usarei da melhor maneira possível, vivendo plenamente a minha vida enquanto ele vai amenizando e

PERIGOSAS

apagando minhas cicatrizes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 12

You never know the top till you get too low
(I'm So Sorry – Imagine Dragons)^[11]

A cordo bem antes do toque do despertador. Lembro de ter alguns sonhos estranhos durante a noite e mesmo assim conseguir dormir relativamente bem.

Sábado.

Um dia para relaxar, aproveitar e sair, fazer comprar, encontrar família e amigos, sem ter hora para acordar. Não no meu caso. Entro no serviço às dez horas e só saio depois das seis. Se tudo correr bem. *Se*.

Como tenho mais de uma hora livre antes de sair, decido olhar as postagens dos meus colegas no grupo sobre ansiedade. Começo a ler alguns depoimentos de pessoas que estão se tratando há mais de dois anos. Que tratamento longo! Não imaginava que seria assim para alguns casos. Enquanto leio, percebo que o transtorno de ansiedade afeta de muitas outras maneiras que eu nunca imaginaria. Uma postagem acaba chamando minha atenção:

“Olá, boa noite, estou passando por uma crise nesse exato momento. Já fui medicada, mas não passa, dor do lado esquerdo do corpo, no peito, meu braço e minha mão estão adormecidos, e muita, mas muita falta de ar. Avisei um membro da família, porém ele acha que isso é frescura. Algum de vocês já passaram por isso? Por favor, me ajudem!”

Só de ler a mensagem dessa pessoa me sinto angustiada, pois é exatamente o que sinto quando tenho uma crise, e o sofrimento dela me afeta. Os comentários são de pessoas que parecem realmente querer ajudar:

“Faça exercícios de respiração para oxigenar o cérebro, daí ele funciona direito; Escute uma música... Cante; Chore... Chore com

todas as suas forças. Vai te aliviar. E procure se lembrar de um acontecimento bom e agradável. Desejo paz a você; Você tem que manter o foco em alguma coisa que seja sua fortaleza.”

Os comentários são infinitos. Além de ter os mesmos sintomas, outro fato que me chamou a atenção foi descrever que um familiar acha que tudo isso é frescura. Foi por esse mesmo motivo que resolvi guardar meu problema para mim, as pessoas ainda são mal informadas em relação à ansiedade e pânico. Julgamentos virão de uma forma ou de outra.

Anteriormente, quando ouvia sobre crise de ansiedade, me encaixava perfeitamente nesse grupo de pessoas mal informadas e, sim, eu desacreditava que isso fosse real. Acabava julgando. Até que determinadas situações não aconteçam conosco, inevitavelmente iremos julgar. Somos falhos. Todavia a vida é um grande aprendizado.

Não quero dizer que, para deixarmos de achar que ansiedade é frescura, precisaremos passar por isso. O que precisamos, de fato, é desconstruir pensamentos assim, alcançar um ponto em que não seja necessário passar por determinada situação para mudar de ideia sobre a mesma, mudar a forma de pensar, a forma como olhamos para aquele problema.

Olho mais alguns comentários até meu despertador tocar. Está na hora de encarar mais um dia de trabalho. Espero realmente que hoje seja um dia bom.

Troco de roupa, tomo meu café da manhã, meu amado remédio, escovo os dentes e saio. Passo em frente à casa de Cris e recordo que não falei mais com ele desde ontem à tarde, quando ele e Lorena quase se esquartejaram. Está tudo quieto; deve estar no primeiro sono, já que tem o costume de chegar sempre que estou saindo. Faço uma nota mental de passar na casa dele quando voltar do shopping. Nesse instante, recebo uma mensagem de Jéssica, uma amiga de Jaú.

Jessie (9:42): Oi, Iza, sua sumida! Não esqueceu de mim, né? Hoje vou aí na sua casa, aproveitar minhas férias na melhor companhia, lembra?

Jessie (9:43): Beijos, cabrita, me responda logo.

Nossa, com tudo isso acontecendo, tinha me esquecido que era nesse final de semana que ela viria ficar aqui em casa!

Iza (9:45): Oi, gatinha! Claro que não me esqueci! Me fala o horário que vai chegar para eu ir te buscar na rodoviária. Estou indo trabalhar, depois nos falamos. Beijos =D

Izadora, sua mentirosa! Enfio o celular na bolsa ao mesmo tempo em que entro no meu querido Abacate. Ontem não tive ânimo nem mesmo para dar uma olhada nele. Bolsa e casaco largados no banco do carona, cinto sobre o tórax, ligo meu verdinho e deixo o rádio no aleatório. Começa a tocar “*R U Mine*” do Arctic Monkeys, uma banda britânica de indie rock. Amo! Depois do heavy metal, indie rock é o que mais ouço, essas músicas sempre conseguem me acalmar. Por mais “gritaria” que possam conter, as letras são sempre bem elaboradas e se encaixam em alguma fase da minha vida.

“Enlouqueço, porque não é aqui que eu quero estar”.

Essa estrofe pode se aplicar facilmente ao meu trabalho.



Quando chego ao banheiro da loja, vejo Suzana apoiada na parede, pálida. Suzana é baixinha, um pouco mais que a insípida da Helena, e seu tom de pele é levemente rosado, como uma pessoa que pegou sol demais. Portanto, a palidez fica logo evidente.

— Suzana, o que houve? Você está bem? Precisa de ajuda? — assim que encosto minha mão em sua testa, percebo o quão gelada está.

— Acho que é minha pressão, não sei se caiu... — sua voz está fraca. Ela mal se aguenta em pé. Seu cabelo curto, em um corte quase *channel*, está grudado no rosto, devido ao suor frio.

— Você está branca e gelada, menina, precisa ir ao médico. Tomou algum remédio? Quer que eu avise alguém? Se quiser te levo ao hospital... — estou realmente preocupada com ela.

— Não se preocupe, Iza. Logo passa, minha pressão é mais louca que eu — ela se esforça até para sorrir.

— Comeu alguma coisa antes de sair de casa? — pergunto, enquanto balanço minhas mãos para tentar abanar seu rosto, na vã esperança de que melhore um pouco.

— Comi, sim...

— Você não pode ficar aqui assim, não vai conseguir trabalhar, está fraca... O correto seria fazer repouso nesse momento — será que foi algo que comeu? Ela parece deslizar cada vez mais pela parede. Largo minha bolsa no chão para apoiar-la.

— Obrigada, amiga, mas prefiro ficar. Não quero faltar e ter que trazer atestado, você sabe que lá fora o desemprego está horrível...

— Sim, eu sei, mas é a sua saúde que deve vir em primeiro lugar. A gente se vira, vai se cuidar que é melhor.

Já estava quase convencendo-a. Nesse momento Gabriela, a puxa saco de Helena, entra no banheiro. Merda! Gabriela é daquelas pessoas que fazem questão de chamar atenção por onde passam, nem sempre de uma forma positiva. Roupa sempre justa, saltos plataforma, cabelo colorido em tons berrantes de azul e loiro. Voz alta, irritante. E uma mania mais irritante ainda de se meter onde não foi chamada.

— Credo, Suzana, que cara de morta, eu hein! — menti, essa garota é total e completamente irritante.

— A Suzi está mal, deve ser a pressão e ela não quer ir ao hospital averiguar. — respondo por Suzana.

— Tá certa! Só tomar um pouco de ar que vai melhorar, não tem necessidade em ir ao hospital por qualquer coisa, Izadora — enquanto fala, Gabriela retoca o batom, fazendo caras e bocas na frente do espelho como se uma plateia gigantesca a estivesse ovacionando. — Você está exagerando. Aliás, hoje é sábado, dia de muito movimento, Helena precisa de todos aqui.

Garota insuportável. Quero dar uma resposta à altura, mas Suzana toca em meu braço e nega com a cabeça. Por mais que eu queira, sei que não vale a pena. Adoraria falar umas boas verdades na cara dessa vaca.

— E outra, parem de reclamar! Deviam agradecer por estarem empregadas, tem muita gente que daria o sangue para estar no lugar de vocês — dizendo isso, Gabriela sai do banheiro estalando os saltos no piso.

— Alguém precisa baixar a bola dessa garota, sério. Que péssima! — ela

me irrita.

— Relaxe, Iza, estamos acostumados a isso. A queridinha da Helena faz o que bem entende e ninguém liga.

Gabriela começou a trabalhar na loja depois de mim, mas praticamente comanda tudo quando Helena não está. Ela conseguiu subir rapidamente porque, desde que chegou, paparicou a chefe de todas as formas. E também tem aquele lance, se Helena for com sua cara, pode ter certeza de que logo estará assumindo a direção na ausência dela, o que não foi o meu caso. Fato muito injusto com vários colegas que são realmente qualificados para outro cargo e, por não puxarem o seu saco, ficarão nos seus postos até que a boa vontade da chefia mude. Se é que um dia vai mudar.

Assim que saio do banheiro e entro na loja, vou direto falar com Helena. Não quero ser bombardeada de perguntas, então me adianto. Ela está ao telefone e, ao me ver, indica com a mão para me aproximar. Espero terminar a ligação e começo a falar antes dela.

— Helena, ontem não tive condições...

— Sei, sei — ela me corta. — Hugo me passou seu recado ontem. Trouxe o atestado?

Não vai nem me perguntar se melhorei? Onde está a compaixão dessa mulher?

— Está aqui — tiro meu atestado do bolso e lhe entrego.

— Hoje você fica no setor de vestuário com a Suzana. Gabriela já me avisou da condição dela. Vou te deixar lá para ajudar e ficar de olho nela. Não dá pra perder ninguém hoje, o dia será muito corrido. Agora pode ir, tem muita coisa a ser feita — me despacha, sacudindo a mão, e vira as costas sem nem me olhar mais uma vez.

Se eu não tivesse aluguel para pagar, pediria a conta agora mesmo. Ser humano insuportável! O bom de tudo isso é que ficarei junto com Suzana, ainda me preocupa ela não estar bem e não querer ir ao médico. Dane-se o movimento, se ela não melhorar, vou levá-la ao hospital, querendo ou não.

Enquanto caminho ao setor destinado, procuro por Hugo com o olhar, não

o vi até agora. A loja já vai abrir e nada dele aparecer. Estranho. Será que tem algo a ver com a ligação que recebeu ontem à noite? Penso em ligar para ele mais tarde e acabo percebendo que não sei o número dele. A bem da verdade, percebo que ele sabe mais sobre mim do que o contrário. Não faço a menor ideia nem da sua idade!

A movimentação de clientes na parte da manhã sempre é bem calma, então Suzi e eu conseguimos organizar praticamente todo o setor. Ela está bem melhor, mas fraca. Ainda falta mais de uma hora para o almoço.

— Su, quer parar um pouco e comer alguma coisa? Beber água? Tomar um ar?

— Obrigada, mas o que eu poderia comer? Não podemos comprar nada no nosso horário de serviço.

— Sei que não. Olha, tenho algumas barras de cereais na bolsa — retiro a chave do armário do meu bolso e coloco na mão dela. — Vai lá, pega o quanto quiser e coma. No banheiro, de preferência. Eu te cubro por aqui.

— E se Helena aparecer e perguntar... — ela arregala os olhos.

— Não se preocupe com isso, eu me viro caso ocorra algum imprevisto. Relaxa, amiga, pense em você.

Suzana sai sorrateiramente em direção aos armários. Enquanto ela vai comer alguma coisa, dou outra procurada pela loja. Nada de Hugo. Durante o tempo em que espero uma cliente experimentar algumas calças, começa a tocar “*More Than Words*” do Extreme. Até que enfim uma música que vale a pena ser ouvida. Cantarolo algumas frases; a letra fala que não é necessário dizer “eu te amo” quando demonstrar isso dispensaria todas as palavras.

— Com licença, meu bem... — a cliente está com a cabeça para fora do provador. Parece um pouco constrangida. — Poderia pegar outra calça desse modelo, mas um número maior?

Coitada, quem nunca passou por isso que atire a primeira pedra. Na verdade, nunca passei, mas isso não quer dizer que não vá passar.

— Claro que sim, volto em um minuto.

Durante o tempo em que procuro a peça para a cliente, vejo Helena e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Gabriela vindo do banheiro gargalhando. De quem será que estão falando mal agora? Melhor nem perder meu tempo com essas duas. Assim que encontro a calça, volto rapidamente ao provador, entrego para a moça e aguardo. Continuo cantarolando a música. Sempre que faço isso me perco em pensamentos; estou tão distraída com a canção, que levo o maior susto quando ouço alguém me chamar.

— Izadora! — me viro e Hugo está me olhando com seu sorrato sorriso.

— Oi, Hugo! Tudo bem? Faz tempo que chegou? — saio cuspindo as perguntas. — Não te vi quando entrei, então fiquei preocupada porque você não falta. Pensei em te ligar, mas esqueci de que não tenho seu número, e nossa, nem sua idade eu sei ainda. Está tudo bem?

— Ok, Iza. Pode respirar agora — diz ele rindo. Ai que vergonha!

Nota mental: não fazer papel de trouxa na frente do Hugo novamente.

— Vim aqui porque queria pedir desculpas por ter saído daquela maneira ontem, mas era urgência.

— Não se preocupe com isso. Está tudo bem agora? — noto seu semblante cansado.

— Está, sim, obrigado. Por isso cheguei atrasado, estava na casa dos meus pais.

— Você foi para Lençóis ontem à noite? — uma viagem e tanto. Deve ter sido muito importante mesmo.

— Precisei ir, algum dia te explico a loucura que é minha vida.

Hugo nota a música que está tocando e sorri. Começa a cantarolar e olha para mim.

“All you have to do is close your eyes and just reach out your hands” [\[12\]](#).

Não quero me gabar, mas ele está cantando para mim, aqui, no meio da loja enquanto os clientes passam. Hugo realmente não liga para o que as pessoas pensam, muito seguro de si.

— Com licença — opa! Tinha me esquecido da cliente —, vou ficar com esta calça, ficou ótima.

— Que bom! Vou te acompanhar até o caixa.

Hugo se afasta indicando com as mãos que quer almoçar comigo. Concordo de longe, confirmando com a cabeça. O que será que aconteceu? Deu para notar que ele não dormiu bem, parece triste. Seja o que for, ele não se deixou abalar.

Assim que finalizo a compra da cliente, volto para o setor. Suzana passa rapidamente por mim aos prantos e entra direto em um provador. Essa não!

— Suzi, o que aconteceu? — bato na porta, dá para ouvi-la chorando baixinho. — Estou preocupada com você, me deixa entrar, por favor!

Ela abre a porta o suficiente para eu passar.

— Su -- me agacho para ficar na sua altura, ela está sentada no banquinho —, você se sente mal? Quer ir ao médico? O que houve?

— Não preciso ir ao médico, estou bem, pode acreditar — diz, limpando algumas lágrimas.

— Então por que está chorando dessa forma? Por favor, está me deixando aflita!

— Ok, mas antes me prometa que não vai sair daqui e tentar me defender, ninguém acreditaria.

— Prometo — digo rapidamente, com ênfase. Porém não confio em mim.

Ela me olha intensamente, avaliando se a promessa é válida ou não. Por fim, desiste e começa a narrar o acontecido.

— Bem, eu fui até o seu armário e peguei as barrinhas de cereais... Fui ao banheiro e me tranquei. Estava terminando a segunda barra quando ouço Helena e Gabriela entrando... Parei de comer, pois não queria fazer barulho e por precaução ergui meus pés sobre o vaso... Ai, Iza, por que existem pessoas assim?

— Elas te pegaram no flagra? Vai te dar algum problema? O que aconteceu depois? — fico aflita com o que acabei de saber.

— Nada disso. Elas estavam rindo, ouvi quando a Gabriela disse “*Helena, meu amor, você deveria ter visto a cara dela, parecia o Gasparzinho, a*

bobinha nem quis ir atrás de médico com medo de perder o emprego. Aliás, falei que você precisaria de todos aqui hoje, tem que botar medo nessas sonsas”.

Nem ousou me mover. Estou estarrecida. Isso só pode ser brincadeira...

— Tem mais, a Helena respondeu *“Você acha que acredito nela? Deve ter sido uma ceninha ensaiada para me deixar com dó e manda-la para casa! Na certa, passou muito pó para parecer mais real o sofrimento dela, essa Suzana está me dando muito trabalho, vamos ter que dar um jeito nisso”* — Suzana está se esforçando para não começar a chorar novamente. Respira fundo e continua — *Aí, então, Gabriela começou a rir novamente e disse “Não se preocupe com isso, Heleninha, vou atazanar a vida dela a ponto de nunca mais querer colocar os pés aqui”.* E Helena retrucou *“Aproveite e faça alguma coisa em relação à mula da Izadora”*, ao que a Gabriela respondeu *“Pode deixar comigo, chefinha, eu cuido do Gasparzinho e da Mula”*. Assim saíram rindo e falando mal de nós duas. Ai, Iza, não posso perder o emprego, ajudo em casa, como vou aturar aquela vaca? Ela vai infernizar a minha vida.

Minha respiração está acelerada, minhas mãos tremem. Isso tudo é um absurdo, elas estão se favorecendo do “poder” que tem aqui. Quem pensam que são para fazerem isso? Isso é abuso de poder. Riram do problema da Suzana, querem de alguma forma eliminar pessoas de quem não gostam, favorecem somente se forem com a cara do indivíduo. Não sei até quando aguentarei essa situação.

O que o doutor me disse vem à mente: minha situação só vai melhorar quando eu sair daqui. Mas o desemprego está tão grande, pode ser que não consiga nada melhor lá fora. Talvez o que Gabriela falou possa ter um fundo de razão, deveria agradecer por estar empregada. Contudo, estar em um lugar como esse, sendo humilhada diariamente, aguentando desaforo de pessoas mal-educadas por medo de não conseguir algo melhor, vale a minha saúde?

Assim que minha nuca e minha cabeça começam a doer, sei exatamente a resposta.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 13

*Better stand tall when they're calling you out
Don't bend, don't break, baby, don't back down*
(It's My Life – Bon Jovi)^[13]

Depois de alguns minutos, consegui acalmar Suzana. E me acalmar. Essa situação nos deixou alertas durante as horas que se seguiram, mais ainda a Suzi que não pode perder o emprego; no meu caso, seria mais estresse e revolta. Isso tudo é um absurdo, as coisas já não estavam boas e, do jeito que estão encaminhando, melhor acender um sinal de alerta.

— Suzi, quer almoçar comigo? — sempre que possível fazemos isso.

— Obrigada, mas hoje vou almoçar em casa. Quer vir? Minha mãe adoraria sua presença. — a mãe dela é realmente uma senhora muito bacana, simpática e risonha. Uma pena que já tenha marcado com o Hugo.

— Ah, valeu, quem sabe em outra ocasião. Hoje combinei de me encontrar com Hugo na praça de alimentação.

— Hum, Hugo, bem ligeira, hein... — Suzana me olha enviesado, com um meio sorriso nos lábios cheio de significados ocultos. Pelo menos teve a decência de ficar levemente ruborizada.

— Pare com isso! Somos amigos, nada mais — sinto meus próprios lábios sorrindo ao dizer isso.

— Amigos até que se prove o contrário — Suzana ri, me deixando ainda mais sem graça. Ela se despede ao caminhar em direção à saída. — Até mais tarde então, aproveite seu “almoço” com o Hugo.

Vaca! Depois de tudo que fiz hoje por ela, fica nessa sacanagem... Guardo minhas coisas no armário, logo depois de pegar apenas o dinheiro e meu celular, e saio da loja para almoçar. Como não combinamos nada, me sento

no mesmo lugar do outro dia, na esperança de que ele se lembre onde é. Peço mais um almoço “saudável” com arroz integral, salada, filé de frango grelhado e um suco. Posso enfrentar o problema que for, mas uma coisa que nunca perco é a fome. Apesar de ser relativamente magra, como muito bem, exceto nos dias de macarrão instantâneo.

Estou quase na metade da refeição quando ergo a cabeça e vejo Hugo fazendo seu pedido. Ele olha ao redor e me encontra, seus lábios abrindo um amplo sorriso assim que seus olhos registram a minha presença. Posso me acostumar facilmente com esse sorriso. Ele pega sua comida e se aproxima da minha mesa.

— Vinte e sete — diz ao se sentar. Ainda com aquele sorriso de matar, Hugo ergue as sobrancelhas, todo animado. Como não entendo o que ele quis dizer, arqueio as minhas, ainda confusa. O que seria “vinte e sete”? Estou prestes a perguntar quando seu olhar se volta para baixo. Lentamente, acompanho seu olhar.

Ai, meu Deus! Minha boca se abre em um grito mudo. Estou tão estarecida que minha mão deixa o garfo cair dentro do prato com um som audível. Será que é *isso* o que estou pensando? Por que Hugo tocaria justo *nesse* assunto? Será que eu dei a entender que tenho curiosidade sobre aquele local? A cada pensamento, minha cara de espanto é cada vez maior. Hugo é tão tarado assim?! Se for tudo isso mesmo, ele é um *fenômeno*! Puta que o pariu!

Ele levanta a cabeça, me vê boquiaberta, estática e acompanha a direção do meu olhar. Ao entender para onde olho e o que está acontecendo, começa a gargalhar tão alto que as pessoas se viram para olhar. Ele toma fôlego, entre uma risada e outra. Cubro meu rosto com as mãos. *Caramba, Izadora!*

— Izadora do céu, vinte e sete é a minha idade! Você me perguntou isso hoje de manhã quando cheguei. Não vai me dizer que achou que o meu amigo...

— Você olhou para baixo assim que falou o número! — respondo imediatamente, retirando as mãos do rosto e apontando para ele, na defensiva.

Agora, Hugo está chorando de tanto rir. Sua mão direita some embaixo da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mesa, provavelmente para ele pegar alguma coisa no lugar que era o motivo dessa conversa maluca, e surge novamente mostrando-me seu celular. *Ai que vergonha!* Só dou bola fora! Minha nota mental de nada valeu, mais um papel de trouxa executado com sucesso. Talvez o maior da minha vida!

— Quando te falei minha idade, chegou uma mensagem e eu olhei — ele ainda se dá ao trabalho de explicar. — Tudo bem, me sinto lisonjeado com isso, mas seria um exagero, não acha?

— Ai, com certeza, isso é até um alívio... Não que eu pense nisso... Nem que eu não queira conhecer... Ai... Não é isso... É que... Meu Deus, nem sei mais o que estou falando... Onde posso me esconder?! — torno a tapar o rosto com minhas mãos. Minha pele está queimando de vergonha. Onde há um buraco para eu me enfiar, por caridade?

Hugo continua rindo, o que me deixa cada vez mais envergonhada. Eu e minha boca grande. Por que não penso antes de falar?

— Relaxe, Iza! Foi hilário, precisava mesmo rir um pouco.

— Um pouco? Você nem parou de rir, seu babaca! — e a risada dele não é nada discreta.

— Como parar? — ele enxuga as lágrimas, tentando ficar sério, mas assim que me olha vem outra onda de risos. — Desculpe, talvez eu ria para sempre. Não posso fazer nada sobre isso.

Impetuosamente, pego um pedaço do meu frango e jogo nele. Errei por pouco. Como ele continua rindo, jogo mais um pedaço. Agora, sim! Acerto sua cabeça.

— Então, você quer guerra? — um meio sorriso sacana brinca em seus lábios. Ele passa a mão esquerda de forma displicente pelos cabelos e então, em um movimento mais rápido do que eu poderia notar, atira um pedaço do seu frango também e acerta meu nariz. Inevitavelmente, começo a rir da nossa guerrinha particular, quer dizer, não tão particular assim já que as pessoas ao redor nos olham, achando um absurdo desperdiçar comida dessa forma.

Jogo duas rodela de tomate nele, agora não me importo mais com o que vão pensar. Dane-se! Quero aproveitar esse momento. Hugo joga um pedaço

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de pepino em mim e acerta minha boca. Ele se empolga:

— Abra a boca, vou tentar acertar — diz, apontando o fruto em sua mão direita.

— Claro que não vai, esse pedaço de pepino é enorme!

— Pode ser, mas ele não tem vinte e sete centímetros — que filho da puta malvado!

— Seu babaca, vai se ferrar! — falo em um tom de voz mais alto que o normal. Quem ainda não nos observava, agora com certeza está antenado. Acabo jogando de uma vez toda minha salada nele; Hugo torna a rir de mim.

— Com licença — a moça que faz a limpeza do local se aproxima de nós —, vocês ainda vão comer ou posso retirar seus pratos?

Na mesma hora, Hugo corrige a postura e se levanta, todo solícito.

— Não se preocupe com tudo isso — ele responde, apontando para os restos de comida espalhados pelo chão. — A senhora teria uma vassoura e uma pá? Pode ficar sossegada que nós iremos limpar a nossa bagunça, não é, Izadora?

— Nós? Ah, sim, claro, iremos limpar tudo! — dou meu sorriso amarelo.

A moça da limpeza, com o semblante cheio de dúvidas, traz vassoura, pá e um pano para limparmos nossa sujeira. Hugo se prontifica para varrer, enquanto eu vou atrás, segurando a pá e recolhendo os restos de comida. Ele olha para mim de vez em quando e pisca, deve estar adorando tudo isso. Depois que acabamos de limpar, Hugo pede desculpas mais uma vez e agradece à mulher, devolvendo os materiais de limpeza. Voltamos juntos para nossa mesa.

— Bom, vou ter que comprar parte da minha comida novamente. Ainda bem que o restante tem salvação. Quer que eu pegue algo para você?

— Obrigada, mas já estou satisfeita — recuso, pois estou mesmo bem alimentada.

— Beleza, não demoro — ele se levanta, se aproxima de mim, abaixa levemente e beija minha testa. Levo um susto, não esperava por isso de jeito

nenhum.

Enquanto Hugo busca por comida, pego meu celular para conferir minhas mensagens e saber se Jéssica me respondeu.

Jessie (9:57): Vou chegar às oito da noite.

Jessie (9:57): Não se atrase!

Jessie (9:58): Beijos, vaquinha <3

Iza (13:32): Ok, cabrita

Iza (13:32): Estarei lá

Iza (13:32): Beijos <3

Uma nova bandeja é posta sobre a mesa. É Hugo retornando. Guardo meu celular e olho para o seu prato. Só agora noto que ele pedira a mesma coisa que eu. Displícientemente, ele desdobra um guardanapo de papel, tira os novos talheres do pacote e começa a se alimentar ao mesmo tempo que que conversamos.

— Então, Izadora Rodrigues, o que mais quer saber sobre mim além da minha idade? — o garfo sobe e uma porção grande de salada é engolida.

Não perco tempo, será um longo questionário; minha curiosidade precisa ser alimentada também.

— Nome completo? — apoio meus braços cruzados sobre a mesa, no espaço deixado pela saída da minha bandeja.

— Hugo Martins — gostei, esse nome tem presença, assim como ele.

— Natural?

— De Lençóis mesmo — fala mostrando satisfação, deve gostar da cidade.

— Cor? — sinto-me a própria Marília Gabriela.

— Preto.

— Comida preferida?

— Lasanha — ele responde, largando o garfo e limpando os lábios.

— Também amo lasanha — levanto minha mão e Hugo não me deixa no vácuo, fazemos *high five*.

— Signo?

— Não entendo porcaria nenhuma desses lances, talvez eu tenha um ascendente em “o raio que o parta” — ele está terminando sua comida. Que rápido!

— Boa, eu também não entendo nada, só perguntei para saber se você é desses caras que se amarram em astrologia.

— Sinto muito te decepcionar, não vai rolar mapa astral — uma figura, definitivamente!

Começo a rir da sua resposta. O movimento faz com que meu cabelo caia à frente de meus olhos. Sacudo a cabeça para jogar o cabelo de volta e limpar a vista e percebo um brilho em seu olhar. Levemente constrangida, recomeço as perguntas rapidamente, para não demonstrar que notei algo.

— Música favorita?

— Difícil. Talvez seja “*Patience*” do Guns N’ Roses. Essa música tem o poder de me deixar calmo, relaxado. Me traz um sentimento bom, meio louco, né? — sua bandeja foi retirada, ele agora também está com os braços cruzados sobre a mesa.

— Claro que não, tem músicas feitas para nos completar. É maravilhoso!

— Qual seria a sua?

— Não vale rir, hein...

Hugo muda seu semblante e fica sério.

— Por que acha isso? — ele questiona.

— Bem, como gosto de rock, o que se “espera” é que seja uma música desse gênero, mas não é.

— Bobagem, não ligo para essas coisas, me diz qual é.

— Acho que a música que mais ouvi durante a minha vida, ou melhor, depois que ela foi lançada é claro, é “*If I Were a Boy*” da Beyoncé — digo,

olhando para a mesa para, logo em seguida, fixar seus olhos.

— E o que essa música tem de tão especial? — dá para perceber que ele realmente está interessado em minha resposta.

— Seria incrível poder andar na rua sem medo de ser atacada a qualquer momento, abusada, essas coisas. Aquele lance de que não é a mesma coisa para a mulher sair à noite sozinha — respondo, ainda observando sua reação. Ele continua sério, sem nenhuma demonstração de sarcasmo ou descrédito. — Sempre o medo vai nos acompanhar. Se eu fosse um garoto por um dia, faria tudo isso para saber qual é a sensação de liberdade. Acho que basicamente é isso, não sei se faz sentido para você. Se deixar fico falando sobre isso o dia todo.

— Faz todo sentido. Gosto de acompanhar os movimentos de mulheres em relação a isso. Acho um absurdo, em pleno século XXI, vocês precisarem lutar por essa questão, é uma cultura tão enraizada que a batalha tem que ser diária para que a mudança aconteça algum dia — ele responde, apoiando suas costas no encosto da cadeira, uma postura mais relaxada, mas ainda mantendo a seriedade em sua face.

Somos interrompidos pelo alarme do meu celular tocando. Tenho o costume de ativar o alarme porque tenho medo de perder a hora de voltar do almoço. Sim, sou dessas.

— Ah, que saco! Tenho de voltar, minha hora já deu. Precisamos falar mais sobre isso, qualquer hora se quiser. Música é um tema que adoro abordar — arrasto levemente a cadeira para trás, me levantando.

— Claro que quero. A gente combina com toda certeza. Por falar nisso, salva meu número no seu celular.

Estendo a mão com o celular para ele. Hugo o retira, sem nem encostar em meus dedos, mexe no meu aparelho por algum tempo. Logo depois, o celular dele apita, indicando uma nova chamada.

— Pronto — ele me devolve o celular, dessa vez fazendo questão de tocar minha palma. Um leve arrepio sobe pelo meu braço —, marquei meu número e agora também tenho o seu — arremata, com uma piscadinha.

— Ok! — dou dois passos para trás, ainda de frente para ele e emendo —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Apesar do meu amigo mico, que me acompanha a qualquer lugar que vou, adorei esse almoço, seu mala!

Ele ri ainda sentado, me observando.

— Não seja por isso, podemos repetir a dose quando quiser, Iza.

Assim, me despeço de Hugo e volto para a loja. Antes de guardar meu celular no armário novamente, recebo um sinal de nova mensagem. Desbloqueio a tela e começo a rir sozinha.

Hugo 27 (13:56): <3

Adoro esse babaca.



O restante da tarde foi estressante. Muita coisa para resolver, várias devoluções, a Suzana cabisbaixa, Gabriela de olho em nós. Péssimo. Mais uma vez penso que se eu tivesse o poder de pular todos os momentos ruins da minha vida e passar direto para as partes boas, faria com maior prazer.

Sem a tristeza, a felicidade não faria sentido. Sem dor, o alívio seria em vão. Sem os problemas, a solução seria indiferente. Sem derrotas, as conquistas não seriam necessárias. Sem perda, não temos ganho. Recomeçar é a palavra chave para viver plenamente.

Assim que saio da loja ao final do expediente, vou direto para a rodoviária. Sei que ainda falta mais de vinte minutos para a chegada de Jéssica, mas prefiro estar lá quando acontecer, sem ela ter necessidade de ficar me esperando. Enquanto dirijo, deixo meu rádio escolher o que tocar. Ouço quase todo tipo de música, e as que me confortam ou trazem alguma mensagem de amor sempre estão na minha *playlist*, independente do gênero.

De início, só pela melodia, não identifico a música que está tocando. Porém, assim que Bruna Karla canta a primeira frase, sinto vontade de chorar. Esse tipo de música sempre me sensibiliza. “Pai, eu confiarei”.

“Eu sei que a caminhada é tão difícil de seguir, é tão bom estar sorrindo quando tudo vai bem”.

Nunca fui de frequentar igreja e seguir padrões, muito menos doutrinas.

Sempre acreditei que cada um pode escolher ter Deus ou não. É uma escolha, não uma regra ou obrigação. Vi muita gente brigar por causa de religião, o que é bem hipócrita já que Jesus disse para “amar ao próximo como a si mesmo”. Guerras são travadas por religião, por querer impor qual é a certa e qual a errada. Se o objetivo é transmitir amor, tem muita gente no caminho errado, julgando o caráter de outra pessoa apenas por sua aparência.

Escolhi ter Deus e segui-lo conforme o que meu coração mandar. Não preciso necessariamente estar em uma determinada doutrinação para provar que tenho Deus. São as minhas atitudes que determinarão isso, não uma placa de igreja.

Suspiro profundamente. Por mais que tudo pareça estar fora do lugar, eu confio que essa fase vai passar e me deixará uma grande lição. Como não tenho o poder de pular essas situações, o jeito é seguir lutando, um leão por dia.

Um ônibus chega na plataforma. Assim que vejo o nome da cidade de partida, sei que é o ônibus da Jéssica estacionando. Saio do Abacate e vou recebê-la. Ela é a amiga mais cabeça que tenho, sempre me aconselha de forma carinhosa. Observadora e muito crítica.

Saber que ficarei ao lado dela nesses dois dias me deixa até um pouco apreensiva, muito difícil esconder qualquer coisa dela. Tenho medo de que consiga me desvendar nesse final de semana e perceber que a amiga dela esconde muito mais do que possa imaginar.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 14

No inhibitions - make no conditions

Get a little outta line

I ain't gonna act politically correct

I only wanna have a good time

(Man! I Feel Like a Woman – Shania Twain)^[14]

— **I** zadora, sua vaca! Que saudade de você, menina! — Jéssica me abraça forte. Não nos vemos há mais de sete meses, morando em cidades vizinhas.

— Jessie, cabritona, senti tanto a sua falta!...

— Olha quem fala! Vai sempre para Jaú ver os pais, mas não passa lá em casa nem para me dar um “oi” — eu disse que ela era observadora, nada escapa.

— Não é sempre que vou, você sabe disso, só quando minhas folgas se encaixam, o que raramente acontece. Agora, pare de reclamar, você está aqui comigo e vamos sair para relaxar!

Seguimos de braços dados para meu verdinho. Guardo sua mala no banco de trás, já que é pequena. Até nisso ela é eficiente. Se fosse eu, com certeza estaria empurrando uma mala com rodinhas. Entramos no Abacate e, ao prender o cinto de segurança, vejo que ela segura um livro. Na verdade, nunca sai de casa sem um a tiracolo.

— Sempre um livro nas mãos! Qual é a leitura do momento? — questiono, apontando para o exemplar preso em seu abraço logo depois de dar a partida.

Jessie abre um sorriso. Falar sobre livros é seu assunto preferido.

— “Dançando sobre cacos de vidro”, conhece? — faço sinal negativo com a cabeça. — Pois bem, é sobre uma mulher que quer muito ter um filho, mas está com câncer, é tão triste. É dramático. É intenso. É maravilhoso!

Minha nossa! Vai gostar de ler assim lá longe... E a história é bem ao estilo dela, não pude deixar de observar tal fato.

— A sua cara esse tipo de livro. Parece que se não tiver tragédia, morte, derramamento de sangue não passa na sua avaliação — caçoo, sem tirar os olhos das ruas. O trânsito hoje está complicado.

— Não é bem assim! Gosto de ler coisas do tipo porque sempre passam uma mensagem gratificante de alguma maneira. Mostram que, independente da dor, você consegue encontrar seu caminho. Como a Hazel Grace disse: “A dor precisa ser sentida”, ou foi o Gus? Sei lá! — ela segura o queixo como se estivesse pensando seriamente no assunto. — Enfim, John Green é o autor! A questão foi sanada.

— Besta! — rimos juntas, não sem um acréscimo de revirar de olhos da minha parte.

Jéssica é meu oposto. Loira, olhos verdes, adora ler, fala o que pensa e dá ótimos conselhos. Junto com Loerna, uma das amigas que não pretendo perder até o final da vida.

— Então, já que está aqui, o que vai querer fazer essa noite? Balada? — faço a pergunta mais como uma sugestão.

— Nada disso, quero é sair para comer. Vamos dar um “*jet*”! Acredita que é assim que falam em Jaú quando vão sair? — ela ri da própria gíria.

— *Jet*? Primeira vez que ouço isso!

— Quando ouvi pela primeira vez, também fiquei perdida. De onde tiram essas palavras estranhas?

Meu celular anuncia uma nova mensagem. Peço para que Jessie o tire da minha bolsa e leia para mim. Como ela demora um pouco, desvio rapidamente o olhar para saber o que houve. Jessie está sorrindo e, quando olha para mim, há um sorrisinho cheio de intenções em seus lábios.

— Quem é “Hugo 27”? — até seu tom de voz está cheio de intenções.

— Um amigo do trabalho – respondo. Ela, então, observa a foto dele no aplicativo.

— Hum... E que amigo, hein! Vai conta, fala o que tá rolando entre vocês!
— agora sua voz traz animação ao imaginar meu suposto envolvimento com Hugo.

Ou falo de uma vez quem ele é ou Jéssica vai descobrir sozinha. Melhor soltar logo a bomba.

— Ok. Bom, na verdade nem sei direito. Começamos a almoçar juntos esses dias, ele é bem gato, me trata muito bem, me levou comida ontem, mas...

— Calma aí, deixa eu acompanhar — ela me interrompe. É como se eu ouvisse as engrenagens em sua cabeça ao tentar encaixar tudo o que digo. — Ele te levou comida? Tipo, ele comprou a comida e levou?

— Isso, na minha casa. Ele é muito gentil, somos amigos...

— Na sua casa?! Amigos?! Sério isso, Izadora? — ela me interrompe mais uma vez. Agora, a desconfiança de sempre está em cada letra que sai da sua boca. — O cara te leva comida, é lindo pra cacete, te trata bem e vocês são amigos. Só isso? Para, vai! Abre logo o jogo!

— Não estou mentindo. Ele entrou na loja há mais ou menos um mês. A gente se fala bastante, talvez ele queira ser só meu amigo — quanta inocência da minha parte... No fundo, desejo veementemente estar errada.

— Amigo? Pare de se fingir de sonsa. Mesmo sem conhecer, dá pra perceber que o cara tá tão na sua, mana — não tem como não rir com essa menina. Ainda mais quando ela usa alguma frase de efeito das suas séries favoritas. Pois é, além de *bookaholic*, seriadora. Jéssica é uma *nerd* assumida.

— Digamos que esteja, mas nada aconteceu ainda para que eu tenha certeza sobre isso — sou obrigada a refletir sobre o que acabei de falar por uns minutos. No fim, confirmo, é isso mesmo, nada aconteceu. Ainda.

— Ele foi na sua casa e não te beijou? — nego com a cabeça. Sei exatamente o tipo de beijo sobre o qual ela pergunta.

— Beijou a minha testa.

— Ele é gay? Nada contra, mas você sendo esse pedaço todo de mau caminho e ele não tentou nada... — ela guarda meu celular na bolsa sem ler a

mensagem. Talvez queira nos dar privacidade. — Bom, seja como for, o fato é: você ainda não afastou o cara, isso é um bom sinal.

— Bom sinal por quê? — não entendi o que quis dizer com isso.

— Você afasta os caras que tentam se aproximar como se tivessem alguma doença contagiosa. Desde que largou do Pedro, nunca mais saiu com ninguém, não foi mais a mesma. Bom, antes mesmo de se separar dele, eu tinha notado uma mudança em você. Mais contraída, insegura — não gosto desse caminho que a conversa está tomando. Observo minha amiga de soslaio e vejo que está séria, olhando em direção à minha rua, logo à frente. Por fim, ela dá uma leve sacudida na cabeça, como se para espantar algum pensamento sombrio. — Enfim, já é muito esse “Hugo 27” conseguir fazer isso. Encontrar a verdadeira Izadora que se escondeu e que eu nunca mais consegui encontrar.

Dou um meio sorriso, à guisa de concordância. Se ela soubesse que também estou tentando reencontrar essa pessoa que se perdeu de mim há algum tempo, ficaria surpresa. Decepcionada, talvez.



Adoro usar um estilo de roupa o mais básico e confortável possível, por isso escolhi para esta noite calça jeans rasgada, coturno, uma camisa do Slipknot. Deixei meu cabelo ondulado solto e passei um batom cor de boca. Já Jéssica está de salto, saia azul de cintura alta com pregas e uma *t-shirt* preta, batom vermelho e seu cabelo claro ao estilo da Pink. Ela ama essa mulher. Enquanto ela dá a última retocada no batom, aproveito para ler e responder à mensagem do Hugo.

Iza (21:29): Oi, pessoinha =D

Iza (21:29): Uma amiga de Jaú está aqui em casa e agora vamos dar um “jet”. Se por acaso eu demorar para responder, é que estou curtindo minhas amigas.

Iza (21:30): Beijos <3

Ergo meus olhos e vejo que minha amiga continua defronte o espelho, ajeitando sei lá mais o quê. Começo a ficar impaciente.

— Vamos, Jéssica! Ainda temos que pegar Lorena! — dou uma leve

cutucada em seu ombro. Antes que ela possa se virar, sinto meu celular vibrar em minhas mãos.

Hugo 27 (21:32): O que é JET?

Hugo (21:32): Divirta-se com suas amigas, honey.

Hugo (21:33): <3

Não vou contar para ele o significado da palavra agora. É uma desculpa boba, mas quero ter assunto para puxar mais tarde. Muito bobona.

Durante o caminho para a casa da Lori, Jessie e eu colocamos o papo em dia. Fico sabendo de um cara com quem está saindo. Adora ler e tem barba curta, do jeito que Jéssica gosta. Estou feliz por minha amiga, ela sempre quis um cara cabeça, mas só apareciam aqueles que não queriam nada sério. Ela está radiante, nota-se em seu jeito, sorriso e olhar.

Diferentemente de nós, quando Lorena sai, sua roupa é para causar. Calça jeans de cintura altíssima colada ao corpo, *cropped* vermelho e sandália de salto fino. Um espetáculo, como sempre. Jessie sai do carro para abraça-la. Confesso que, no começo, quando apresentei as duas ainda cursando o ensino médio, não achei que se dariam bem e me enganei redondamente, elas se amam. Desde aquela época Jéssica pega no pé de Lori sem medo e consegue colocar a guria na linha, por pouco tempo, mas consegue.

— Ei! — grito de dentro do carro. — Dá para as duas se pegarem aqui dentro? Estou morrendo de fome. Venham vacas, vocês precisam pastar! — é algo tão particular nosso que se tornou natural essa troca de “elogios”.

Lorena faz uma careta. Elas entram e, pelo barulho da conversa das duas, até parece que estamos em muitas. Tagarelas.

— Então, o que vai ser? Pizzaria? Barzinho? — pergunto.

— Os dois — elas respondem ao mesmo tempo e começam a rir de um jeito descontrolado.

— Izadora, vaquinha, vamos comer primeiro porque faz oitenta e cinco anos que não como — Jessie, no banco do carona, me dá um olhar de cachorrinho. Tão dramática.

— Isso! Mas depois iremos a um lugar bem bacana que conheci semana
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

passada. Beber algumas caipirinhas! — Lorena completa do banco de trás, sempre pensando no álcool.

— Ok! Mas antes... — faço uma pausa, ligo o rádio e procuro na minha *playlist* o som ideal — Nossa música de todo santo *rolé!*

O rádio começa a tocar “*Man I feel like a woman*” da Shania Twain, dou a partida no carro. Toda vez que saímos essa música precisa ser tocada. Parece que não é a mesma coisa sair sem ouvi-la, virou nosso hino.

As meninas dão gritinhos de entusiasmo e começam a acompanhar a letra. A primeira parte é Jéssica quem canta, fingindo que seu celular é um microfone. Estico o braço e coloco o som no máximo. Minha parte é a segunda e, como não posso soltar o volante, Jessie coloca seu celular diante da minha boca. Canto com vontade, faz muito tempo que não saímos juntas.

“No inhibitions - make no conditions, get a little outta line.

I ain't gonna act politically correct, I only wanna have a good time” ¹⁴

Lorena é a última. Ela dá um pulo para frente, se coloca entre os dois bancos para se aproximar de nós. Lori sempre é a mais espontânea. Paro no sinal vermelho bem ao lado de um carro com dois caras, eles acabam olhando para nós. Quando chega ao refrão, cantamos todas juntas. Chego a ter dó de quem está por perto, não deve ser uma tarefa fácil nos aguentar cantando. Assim que o sinal abre, o carro vizinho buzina para nós em saudação.

Durante todo o percurso até a pizzeria foi assim, cantamos a plenos pulmões. Estacionei e caminhamos para o restaurante ainda rindo e contando novidades. Escolhemos sentar em um local afastado dos demais clientes já que estamos cientes de que falamos e rimos em tom alto, tentaremos poupar as pessoas.

— Comería um boi agora mesmo! — Jéssica anuncia, sentando, sempre esfomeada. — Minha barriga está roncando, odeio ter que esperar.

— Queria tanto começar a ser fitness, mas minha vontade de comer pizza é maior — Lorena retruca. Essas duas, quanto drama!

— Para com isso, Lorena. Olhe só para você! Tudo no lugar, fica reclamando à toa! — sou obrigada a chamar sua atenção.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— É que você não vê, Iza, mas estou com algumas gordurinhas acumuladas bem aqui — diz, apontando para a própria barriga que mais se parece com uma tábua de tão reta que está.

Jessie revira os olhos enquanto escolhe no cardápio o que vai comer.

— Vocês gostam de pizza de alface, né? — ela pergunta e a primeira coisa que lembro é de Hugo. Sem querer, surge um sorriso gigante em meu rosto no momento em que olho para o cardápio. Sorriso esse que atrai a curiosidade das minhas amigas — Está rindo por quê, Iza?

— Oi? — fui pega. Droga!

— Oi, tudo bem? Parecia estar no mundo da lua — Jessie diz, semicerrando os olhos. A desconfiada ataca novamente.

— Deve estar pensando em macho, certeza — para Lorena, tudo envolve macho. Não que agora ela esteja errada, mas...

— Claro que não, Lorena, só me lembrei de algo. Por acaso, agora não posso mais sorrir? — tento disfarçar, completamente em vão.

— Já sei, o pensamento estava no “Hugo 27”, não é? — Jessie questiona.

— Quem é Hugo? E por que vinte e sete? — Lorena pergunta séria. Não me recordo se falei dele para ela. Sinto que vai dar merda.

— Um amigo do trabalho, só isso. Vocês duas parem com isso — volto a olhar para o cardápio, torcendo ao máximo para elas mudarem de assunto.

— Por que não me falou dele, Iza?

— Lori, não tem nada para contar, é só um cara legal — não estou gostando disso. Sinto mesmo que vai dar merda.

— Um cara legal que te levou comida, não é mesmo? — por que Jéssica tinha que falar desse pequeno detalhe? Agora Lorena me olha com cara de espanto.

— Como assim um cara te levou comida, é legal contigo, trabalham juntos e nem me contou nada? Jessie que mora em outra cidade ficou sabendo antes de mim?!

— Já chega! — digo de forma ríspida. — Parem de especular sobre minha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vida! Até parece que não posso fazer nada sem ter que contar nos mínimos detalhes tudo o que acontece. Também tenho minha privacidade, acho que dá para cada uma cuidar um pouco da sua, né?

Pela primeira vez na vida, sou extremamente grossa com as meninas. Ficamos em um silêncio constrangedor, todas com os olhos enfiados em um cardápio, até o garçom aparecer para pegar nossos pedidos.

Essa minha explosão me assusta. Não me lembro de quando comecei a sentir tanta irritabilidade, tantas mudanças de humor. Será que tudo isso tem a ver com minha ansiedade?

Depois de fazermos nossos pedidos, as meninas se olham e mudam de assunto. Espero não ter estragado nossa noite.



Horas mais tarde, estamos em um bar bem agradável, por recomendação de Lorena. Como sou a motorista da vez, não estou bebendo. Ainda bem que conseguimos salvar nossa noite depois da minha pequena explosão de palavras. Amigos... Você pode ser o babaca que for, falar a pior merda ou se meter na pior encrenca, se for amigo de verdade, ele vai estar lá para te ajudar, te aconselhar ou simplesmente mandar você para aquele lugar.

Jéssica só tomou uma caipirinha e disse estar de bom tamanho; Lorena parece insaciável. Para compensar o que falei, resolvi sanar a dúvida delas em relação aos tais vinte e sete no nome que o Hugo salvou no meu celular. Elas estão chorando de rir, o que quase me deixa arrependida de ter falado qualquer coisa. As risadas altas chamam ainda mais a atenção das pessoas ao redor. Como se elas ligassem para isso.

— Sério que você achou que o brinquedo dele tinha vinte e sete centímetros? — Lorena enxuga as lágrimas de seus olhos, um sorriso aberto na face. Que vaca!

— Sei lá, ele disse o número ao mesmo tempo em que olhava para baixo, não tenho culpa — saio em minha defesa.

— Que bom que não é isso tudo, né, Iza? Sabemos que você é uma vaca, mas não é para tanto. Iria andar de cadeira de rodas por alguns dias — Jéssica retruca, com um sorriso maior que o da Lorena.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Elas se contorcem de tanto rir.

— Vou te matar, Jéssica. Aliás, vou matar as duas. Que vergonha! — escondo meu rosto com as mãos.

— Relaxa! – Lori consegue se recompor. — O cara deve estar amarrado em você para ter levado isso numa boa, qualquer outro te taxaria de louca, problemática, sei lá. Por acaso já se beijaram?

— Ainda não...

— Ahá, te pegamos! — Jéssica faz um *high five* com Lorena que colabora. — “*É só um amigo*”... Depois vem dizendo que “*ainda não*”, ou seja, está louquinha para pegar o bofe. Confesse!

— Ok! — melhor confessar logo, afinal não deixa de ser verdade. — Sim, estou muito a fim de beijar ele, mas não sei se é recíproco — eu e minha amiga insegurança.

Lorena revira os olhos, joga uma mecha do cabelo para trás, um tanto teatralmente.

— Como não sabe? O cara levou comida na sua casa, te trata bem, desde quando ficou tão insegura, Izadora? — Lorena está com um tom de reprimenda na voz. Isso e as mãos nos quadris e sei que lá vem um daqueles discursos dela. — Quando nos conhecemos você era bem decidida em relação a tudo. Confiava mais em si mesma. Queria muito saber onde foi parar aquela Iza que me fez ser mais eu, que me ensinou a ter segurança nas minhas decisões, que me disse certa vez para eu nunca, jamais abaixar a cabeça diante de qualquer situação embaraçosa. A Izadora que me ensinou isso era uma mulher confiante. O que vejo hoje diante de mim é uma menininha se escondendo, com medo do mundo.

Enquanto Lorena discursa, Jéssica me observa seriamente. Alguma coisa passa por seus olhos, um brilho estranho. Compreensão, talvez? Pena? Tristeza? Se eu fosse uma música, diria que ela está tentando me decifrar, me traduzir. Se ela conseguir, pode ser que não vá gostar da tradução, a letra é ruim, a melodia desafinada, a composição foi feita em meio às lágrimas. Um som que incomoda quem ouve, não foi feito para ser apreciado, mas sim desligado. Deletado. Esquecido.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Ficamos por mais algumas horas naquele bar jogando conversa fora. Adoro estar com minhas amigas, as diferenças entre nós é o que nos completa. Lorena é impulsiva, pavio curto, extremamente confiante, dona de si, alegre, espontânea, dramática e divertida. Vive intensamente. Jéssica é cabeça dura, a mais responsável das três, pés no chão, atenciosa, detalhista, observadora, divertida e forte. Vive em seu mundo particular, juntamente com seus livros e seriados. Uma é um dilúvio, por onde passa deixa rastros, faz você se mexer, sair da sua zona de conforto. A outra se parece com a chuva de verão, chega devagar, sem ninguém perceber, é o alívio de que precisamos em meio ao calor.

Deixamos Lori em sua casa, mais uma vez bebeu um pouco além da conta. Nenhuma novidade. Já em minha casa, depois de me trocar e escovar meus dentes, organizo meu quarto, pego um travesseiro e o coloco no lado onde Jessie vai dormir. Estamos deitadas faz algum tempo, cada uma mexendo em seu celular até que percebo ela olhando para mim, seu celular esquecido em algum canto, a claridade do meu iluminando meu rosto.

— Iza, posso te perguntar algo? — Jéssica parece estar pisando em ovos.

Pelo seu tom de voz sei que é sério. Tenho até medo de saber o que é.

— Claro que pode, vaquinha — deixo meu celular de lado. Agora estamos totalmente no escuro, assim fica mais fácil esconder minhas emoções caso ela toque em algum assunto nada agradável, como tenho quase certeza de que vai fazer.

— Você nunca me contou o porquê de ter deixado a faculdade. Tem alguma relação com seu ex?

Zona de perigo. Sabia que viria algo sério, mas não imaginava que ela seria tão direta assim.

— Conte, sim. Problemas de grana e tal, também estava saindo muito tarde do lugar onde trabalhava antigamente. Você sabe disso — solto uma risadinha contida para amenizar a situação. Mas ela não cai na minha.

— Sim, isso é o que você sempre falou, mas percebo que tem mais aí guardado do que só o problema com a grana e a “falta” de tempo — sua voz

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

demonstra a seriedade e a exasperação com minha tentativa de drible. Consigo imaginar as aspas perfeitamente. — Pedro de alguma forma te influenciou a trancar a faculdade?

Respire, Izadora, penso comigo. Dou graças aos céus pela minha ideia de desligar o celular. Ainda bem que ela não pode me ver.

— De onde tirou essa ideia? Por que falar dele também? Faz mais de um ano, é passado!

— Calma. Quero saber porque, depois desse relacionamento, você mudou muito, minha amiga. Hoje aparenta estar muito bem, porém na época você praticamente se escondeu. Preocupo-me com você — se eu pudesse ver direito sua fisionomia, veria um olhar quase piedoso. Uma pontada de irritação me atinge.

— Eu sei, Jessie, obrigada mesmo pela preocupação. Só não quero falar do Pedro agora, nossa noite foi tão boa — tento mais uma vez amenizar.

— Estou perguntando tudo isso porque sei que você é muito expressiva, nada tímida. Ou era. Hoje em dia, quando se trata de falar sobre si mesma e suas dores, você nunca se abre com ninguém, foge desses assuntos como se tivesse medo do que os outros fariam com isso, com essas informações. Um exemplo é quando perguntei da faculdade. Você disse o porquê, mas não se abriu para falar como trancar aquele curso mexeu com você, como te afetou, te entristeceu.

Estou entendendo a linha de pensamento de Jéssica. Isso não significa que esteja gostando dela. Ela continua.

— Você até fala dos seus problemas artificialmente, contudo não se abre para falar o quanto esses problemas te afetam e te machucam. Você precisa falar mais de si para alguém em que realmente confie ou se sinta à vontade. Não que você não confie em mim ou na Lori. Porém precisa se abrir, aliviar esse fardo que carrega. Fardo esse que todos temos, mas de formas diferentes.

Permaneço calada. Quero muito fazer isso, ainda não sei como ou se vale a pena colocar para fora tudo o que me sufoca.

Uma lágrima silenciosa desce pela minha face. Agradeço mentalmente por Jéssica não conseguir vê-la.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 15

*A warning sign
I missed the good part then I realized
I started looking and the bubble burst
I started looking for excuses.
(Warning Sign – Coldplay)*[\[15\]](#)

A vibração insistente do meu celular me desperta. Sonolenta, rolo sobre a cama, ergo o aparelho até a altura de meus olhos e tento identificar o que está escrito na mensagem que chegou.

Hugo 27 (08:40): Bom dia, dorminhoca.

Hugo 27 (08:40): =D

Um sorriso se amplia em meus lábios de forma inevitável. Agora, estou completamente desperta.

Mais de um mês se passou desde que Jessie veio de Jaú me visitar e, com isso, são mais de dois meses que o conheço. Desde o jantar de pizza de alface, troco mensagens com Hugo diariamente. Ele não apareceu mais em minha casa trazendo comida, o que é uma pena. Nossa relação é estranha, nos falamos de forma constante, mas nada efetivamente aconteceu até agora. Não vou negar que me sinto atraída por ele e que quando não nos vemos sinto sua falta.

Sento, puxando o travesseiro para me apoiar na cabeceira da cama. Começo a digitar.

Iza (08:42): Você não dorme, não?

Iza (08:42): Tenho medo de pessoas que levantam cedo sem necessidade

Iza (08:43): Pessoas desse tipo são capazes de qualquer coisa!

Iza (08:43): Bom dia =)

Hugo 27 (08:45): Você que é preguiçosa, já corri 10 km

Hugo 27 (08:45): Enquanto você só dorme

Hugo 27 (08:46): Poderia correr comigo e presenciar todo meu potencial ;)

Iza (08:47): Vai se ferrar =)

Essa troca de mensagens acabou por virar meu ritual favorito de todas as manhãs, me acordando antes do despertador. Hoje é quinta-feira, semana de pagamento, estou estressada e cansada. A única parte boa do meu dia é falar com minha família, com as meninas e Hugo.

Hugo 27 (08:50): Vou tomar banho, nos vemos na loja

Hugo 27 (08:50): Beijos <3

Hugo e essa mania de enviar corações.

Não tenho me sentido muito bem essa semana. Irritabilidade, mudanças de humor e cansaço andam lado a lado comigo nesses dias. Achei que estava melhorando por tomar a medicação receitada, contudo não estou vendo resultados ainda.

Estou há dois dias sem tomar meu remédio, esqueci completamente dele. Toda vez que chegava à loja me lembrava, mas já era tarde demais. Preciso toma-lo hoje de qualquer forma, não posso esquecer. Li alguns depoimentos no grupo de apoio sobre pessoas que ficam mais de uma semana sem tomar e não acontece nada. Dois dias não farão a diferença. Acho.

Enquanto me arrumo, abro o notebook que ficou ligado a noite toda na tomada, péssimo hábito, para dar mais uma rápida olhada no grupo. Ainda não escrevi nada, não sei se seria legal me expor dessa forma. Uma postagem chama minha atenção:

“Olá, pessoal, preciso da ajuda de vocês. Eu sentia vários sintomas estranhos como dor no peito, náuseas, dificuldade para respirar. Acabei descobrindo que tenho crises de ansiedade. Eu era muito ativa, sinto tantas coisas que nem no mercado consigo ir mais, tomei calmante natural, mas não resolveu, não sei qual médico procurar. Alguém me ajuda?”

As pessoas do grupo recomendam procurar psicólogo ou psiquiatra. Pergunto-me se deveria fazer a mesma coisa. Minha próxima consulta com o ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dr. Mário é daqui a um mês, espero estar melhor para poder começar a parar aos poucos com a medicação.

Ao sair de casa, já tendo desligado tudo, vejo Cris, não sei se chegando ou saindo, parado em frente à sua casa, mexendo no celular com um sorriso no rosto, provavelmente tramando alguma. Nesse mês que passou, ele veio várias vezes em minha casa e acabamos por nos tornarmos amigos. De certa forma, foi muito bom já que Cris é o único que sabe sobre minha ansiedade, além dos meus pais. Assim que me vê após guardar o celular no bolso, caminha em minha direção.

— Oi, vizinha, tudo bem? Está muito bonita! — ele me abraça sem cerimônia alguma.

— Oi, vizinho, tudo ótimo!

— Quando vamos sair para curtir um sertanejo e dançar agarradinhos? Seria fantástico! — tem coisas que nunca mudam.

— Nunca! Sabe que não curto sertanejo e ainda mais sair com você, assumidamente um galinha. Nem pensar! Obrigada! — digo isso, sorrindo de orelha a orelha.

Ele ri de volta. Desde que Lorena soltou aquelas pérolas no mês passado, passamos a conversar sobre sua fama abertamente.

— Mas com você seria diferente, te respeito. Só não deixaria ninguém chegar perto também. — Cris sempre me respeitou muito, não duvidaria dele. Mesmo assim, se fosse para dançar agarradinha com alguém, não seria com ele. De jeito nenhum.

— Aliás, Iza, e sua amiga Lorena? Não a tenho visto por aqui. Estão brigadas? — ele pergunta, parecendo displicente, mas a verdadeira curiosidade perceptível em cada entonação. Aí tem.

— Brigadas? Não mesmo! Hum... Por que quer saber da Lori? Está a fim dela? Mas, peraí, vocês não se deram bem de cara! — dramatizo apenas para tirar uma onda com a cara dele.

— Relaxa. Só quero me desculpar por ter sido tão grosso com ela, essas coisas — ele coça a cabeça ao confessar isso.

— Uhum, sei bem — continuo provocando.

— Chata, é sério! — Cris está acanhado, o que é bem legal.

— Pode deixar que passo seu recado para ela — dou uma piscadinha e começo a sair. — Tenho que ir agora, Cris.

— Te acompanho até o Abacate.

Assim que entro, coloco meu cinto e ligo o rádio. Abro a janela e Cris se abaixa para me olhar e se despedir.

— Tenha um ótimo dia e não se esqueça do que te falei. Pense também sobre a dança, quem sabe você acaba mudando de opinião — Cris e seu sorriso sacana.

— Obrigada, para você também! Deixa comigo, seu recado será dado. Quem sabe você consegue domar a onça, não é mesmo? — dou a partida e começo a fechar o vidro novamente. Não antes de encerrar a conversa. — E quanto a dançar contigo? Não!

Vejo pelo retrovisor Cris rindo e acenando, dou uma leve buzina em resposta. Acho que ele se interessou pela Lori, como isso foi possível ainda não sei já que quase se mataram na única vez em que trocaram meia dúzia de palavras. Dizem que os opostos se atraem, no caso deles pode ser que seja verdade. Durante meu percurso até o trabalho, coloco Slipknot para tocar, preciso de algo mais pesado. *“Duality”*.

“Tell me the reality. Is better than the dream, but I found out the hard way, nothing is what it seems!” [\[16\]](#).

Assim que entro no estacionamento do shopping, lembro do remédio. Mais uma vez esqueci essa droga. O que está acontecendo comigo para começar a esquecer de coisas tão corriqueiras dessa forma? Respire fundo, Izadora, é só manter a calma que tudo vai dar certo. Não consigo evitar sentir medo por ficar tantos dias sem medicação e não tenho tempo de voltar em casa para buscar, estou em cima da hora. Lembro-me de alguns dos comentários que li no grupo de ansiedade: “Focar em algo bom; respirar para oxigenar o cérebro”. Pode ser que ajude.

Quando entro na loja, antes mesmo de sequer pensar em ir até os

armários, Helena me chama de imediato:

— Izadora, bom dia! Estamos com uma falta hoje. Vou precisar de você no setor infantil. Obrigada — diz, se afastando. Simples assim, ela manda e nós obedecemos. Péssima!

Caminho através da loja em direção à sala dos funcionários quando vejo Hugo no setor de informática. Decido passar por perto para dar um “oi” rapidinho.

— Bom dia, querido despertador! — nada como zoar com ele um pouquinho, já que agora me acorda todos os dias. Hugo se vira e sorri ao me ver.

— Bom dia, dorminhoca! Está tudo bem? — e sua atenção é voltada totalmente para mim. Ele sempre faz isso. Eu adoro.

— Está, sim, vou ficar no setor feito para mim, o infantil.

— A sua cara! Talvez precise de você por aqui, já que hoje é queima de estoque. Vou ver com Helena se você pode me dar uma mãozinha — ele dá uma piscadela. Seria ótimo trabalhar junto dele hoje.

— Ok, qualquer coisa me avise — me afasto sem muita vontade.

— Com certeza, honey. — ele continua me encarando até eu sumir de sua vista.

Por volta das onze horas, precisei ajudar Hugo e Diego, então Suzana ficou no meu lugar. Depois de algum tempo atendendo sem pausas, minha cabeça começava a doer. Respiro fundo algumas vezes e continuo meus afazeres. Gostei de ficar junto dos meninos, eles são rápidos e dinâmicos, me dão total liberdade para negociar com os clientes.

Meio dia e meia. Minha cabeça agora lateja. A nuca dói muito. Não consigo mais sorrir, incomoda até mesmo falar. A dor está se tornando insuportável.

— Você está bem, Iza? — Hugo me olha seriamente. Nem sei com que cara estou.

— É só uma dor de cabeça insuportável. Nada de mais, logo passa —

não quero preocupar ninguém.

— Então precisa tomar algum remédio.

— Sim, vou ir tomar. Trouxe dipirona, acho que vai bastar — é o que espero.

— Pode ir, a gente se vira por aqui. Tome o remédio e espere um tempo até melhorar. Não trabalhe com dor, é pior — Hugo realmente está preocupado, vejo tensão em sua face.

— Obrigada.

Caminho até os armários. Minha visão está turva. A dor parece só aumentar. Será que isso é decorrência da ausência do remédio? O dia nem está tão estressante assim. Pode ser uma enxaqueca, não tem porque me preocupar. O ruim de tomar dipirona é que ele tem efeito colateral de abaixar mais a minha pressão já baixa. Fico no banheiro esperando passar a dor.

Uma e dez. Ouço alguém entrar no banheiro e me chamar em voz baixa.

— Izadora, está aqui? — é Suzana.

Abro a porta do cubículo. Ela me vê e vem até mim.

— Estamos preocupados, você não voltou mais. Hugo me disse que estava com dor de cabeça. Está melhor? Tomou algum remédio?

— Um pouco. Ainda dói. Tomei algo que trouxe de casa mesmo. Que horas são? — sinto dificuldades até em falar. A luz do banheiro ainda me incomoda.

— Estamos saindo para almoçar. Quer ir ao médico?

— Obrigada. Talvez seja falta de comida. Vou almoçar e pode ser que melhore — quero muito acreditar nisso.

— Hugo está aí fora te esperando. Coma alguma coisa logo, então. Vai melhorar, sim, amiga. — tadinha, está preocupada comigo também.

Assim que saio do banheiro, Hugo vem ao meu encontro.

— Como está, Iza? Passou?

— Ainda não. Vou almoçar, isso deve ajudar — porém, sinto que talvez o almoço não seja o suficiente para a dor diminuir.

— Quer ir para casa? — pergunta solícito.

— Obrigada, mas acho que consigo — falo em tom baixo porque ao menor dos movimentos a dor volta com força.

Enquanto aguardo Hugo pegar nossa comida, percebo minhas mãos tremerem. Uma crise, só pode ser isso. Coloco as mãos embaixo da mesa para ninguém perceber a tremedeira. Ele volta com a comida e noto que se mantém preocupado comigo, pois continua a me olhar seriamente.

— Se depois de comer, essa dor não passar, você não vai voltar para a loja, mocinha. Sua cara está péssima e olha que te acho a criatura mais linda que já vi. Te vendo assim é notável que não está bem. Combinado?

Não tenho como negar. Concorde, movendo a cabeça devagar. Comemos em silêncio; até nisso Hugo é atencioso, encontrou o lugar mais afastado e não fica tentado puxar assunto sabendo que não consigo nem falar. Consigo comer somente a metade da minha comida, cada mordida faz a dor aumentar. Minha nuca me incomoda. Nunca minha cabeça pesou tantas toneladas.

— Quer que eu te leve embora ou acha que consegue dirigir até sua casa? Por que voltar você não vai, dá para ver que a dor ainda não passou.

— Consigo... Acho que consigo... — suspiro.

— Não seria melhor você ir ao hospital? Não me agrada a ideia de você não estar bem e ficar sozinha.

— Não se preocupe, só preciso descansar — mais uma vez tento me convencer disso.

Hugo se atrasa para retornar à loja me acompanhando até o carro. Percebe-se que ele não quer me deixar sair sozinha, está muito preocupado. Infelizmente, não há saída.

— Assim que chegar em casa, por favor, mande uma mensagem — ele quase implora por isso.

— Mando, sim. Obrigada.

Não quis deixa-lo mais preocupado ainda, por isso não falei da minha dor na nuca. Fora as minhas mãos que ainda tremem muito e, agora, a respiração acelerada.

Minha visão turva dificulta o meu retorno, porém consigo chegar em casa. Depois de sair do carro, entro tão rápido que não sei se estacionei direito o Abacate e nem se fechei a porta da minha casa. Só preciso deitar e dormir. Vai passar. Sei que vai. Essa dor precisa passar! Deixo tudo na mais completa escuridão e tento dormir.

Acordo assustada. Meu celular mostra que são mais de cinco da tarde. A dor ainda continua lado a lado comigo. Levanto e tomo quarenta gotas de dipirona. Devo estar com a pressão baixa também, um maldito efeito do medicamento. O lado esquerdo do meu corpo está dormente, se eu não soubesse que isso é uma crise, teria quase certeza que iria morrer, que seria um AVC. Os sintomas são muitos parecidos. Deito novamente, não tenho forças para nada.

Não sei se estou sonhando ou se realmente há alguém me chamando. O tom em sua voz é de desespero. Não sei mais o que é real e o que minha mente imagina. Talvez ela esteja brincando comigo.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 16

*Talk to me softly
There is something in your eyes
Don't hang your head in sorrow
And please don't cry*
(Don't Cry – Guns N' Roses)^[17]

Hugo

Saio mais tarde do serviço do que o planejado, o que me deixou ainda mais preocupado com a situação de Izadora. Fiquei pensando nela a tarde toda. Ela é teimosa, sempre tenta de todas as formas poupar as pessoas e, mesmo estando mal, não queria dar o braço a torcer. Peguei-me pensando se não seria melhor ter ficado de olho nela. Ela não enviou a mensagem que prometeu e, por isso mesmo, estou a caminho de sua casa.

Porra! Acho que gosto dela muito mais do que eu imaginava. É tão difícil estar perto dela e não a beijar. Poderia ter feito isso há muito tempo, mas esse lance da gente é diferente, nunca me interessei tanto assim por alguém já de cara. O nosso primeiro beijo também precisa ser algo especial, ela merece. Nós merecemos. Contudo, antes quero que ela saiba da minha vida, as merdas que carrego, quero dar chance a ela de querer ficar ou pular fora. Espero que fique.

Estaciono minha moto ao lado do carro, o Abacate. Bem a carinha dela escolher um nome desses. Passo a tranca nas rodas, enfio o capacete no braço e sigo em direção à entrada. Antes mesmo de chegar perto, vejo que a porta da frente está entreaberta. Será que há alguma amiga com ela na casa?

Empurro devagar a porta e noto meu engano. Está tudo apagado. Não gosto disso, nem da sensação que me vem. Izadora não se esqueceria de fechar a porta. Procuro por algum interruptor. Um novo pensamento surge: e se ela saiu e há alguém aqui dentro tentando roubar alguma coisa? Mesmo

assim, acendo a luz da sala, observo o ambiente. Sua bolsa está jogada sobre o sofá de qualquer maneira, tanto que alguns objetos caíram pelo chão. Mais nenhum sinal dela ou de outra pessoa. Minha apreensão aumenta, juntamente com a sensação de urgência. Por cada cômodo que passo, acendo as luzes, evitando ser pego desprevenido caso exista mesmo algum estranho na casa.

Na cozinha, um copo quebrado dentro da pia. Abro outra porta e encontro o banheiro. Nada. Só falta uma porta, possivelmente o quarto dela. Seguro a maçaneta, respiro fundo e abro a porta de forma lenta, deixando a luz de fora clarear o local. Ouço uma respiração pesada, quase um sufoco. Acendo de vez a luz e a vejo encolhida em posição fetal, tremendo, respirando muito mal. Caralho!

— Izadora! Consegue me ouvir? — sacudo um pouco seu ombro esquerdo para que acorde. Ela está encharcada de suor e continua respirando com dificuldade. — Honey, acorde, olhe para mim! — está gelada, seus lábios tremem, parece estar com muito frio.

— Iza, acorde! Consegue me ouvir? Sou eu, Hugo! — ela abre os olhos de forma pesada, angustiante, e força um sorriso.

— Hugo... — sua voz está fraca, sumindo.

— Vou te levar para o hospital agora mesmo — ela segura meu braço de forma débil. Aproximo meus ouvidos de sua boca para tentar entender sua fala fraca.

— No meu celular... Meu médico... Mário... Ligue para ele...

Saio correndo até a sala a fim de procurar seu celular. Reviro a bolsa que estava no sofá até encontra-lo. Ainda bem que não tem senha. Pesquiso nos contatos o nome do tal médico e, assim que encontro, faço a ligação. Enquanto o aparelho não completa a chamada, volto até o quarto, ela continua tremendo, sem controle dos membros. No quarto toque, finalmente a recepcionista me atende.

— Consultório do Dr. Mário de Andrade, boa noite?

Explico de forma resumida a situação para ela e mais detalhadamente ao médico, após ser encaminhado ao ramal dele.

— Meu jovem, traga-a imediatamente! Pelo que pude entender, Izadora está tendo uma crise de ansiedade.

Com o endereço fornecido, registro no GPS do meu celular. Não é tão longe quanto pensei, mas pode ser que haja um trânsito no caminho. Procuro as chaves do Abacate, inexistente qualquer chance de leva-la na moto. Quando encontro, retorno para o quarto e a carrego até o carro.

Bato a porta da frente de forma desajeitada, torcendo para que ninguém veja e decida invadir. O carro também não estava trancado, ela estava mesmo muito mal o dia inteiro. Coloco-a sentada no banco do carona, prendo o cinto de segurança, fecho a porta e dou a volta. Durante o trajeto até o consultório, ela reclama de dor na nuca.

— Calma, honey, vai ficar tudo bem! — seguro em sua mão, mantendo minha mão esquerda no volante e dividindo a atenção entre estrada e Izadora até chegar no endereço certo.

No momento em que entramos, comigo ainda sustentando a maior parte do peso dela, a recepcionista nos guia por um pequeno corredor. Sem mais uma palavra, a moça abre a segunda porta à direita e dá espaço para que eu entre com Izadora. O médico levanta de sua poltrona imediatamente.

— Há quanto tempo ela está assim? — o doutor me pergunta, indicando a maca na qual deitá-la.

— Encontrei Izadora assim há uns trinta minutos, mas ela reclamou muito de dor de cabeça desde hoje de manhã, no trabalho.

— Sabe se ela está tomando corretamente a medicação que receitei? — não faço ideia. Ela sempre tomou a medicação e nunca contou a ninguém? Ou nunca contou para *mim*?

— Desculpe, não sei informar. Nem sabia que a Iza tomava algum remédio — Dr. Mário me olha com leve interesse, como se questionasse de forma silenciosa meu papel na vida de minha amiga.

— Você é o namorado dela? — pergunta desconfiado.

— Um amigo. Do trabalho — complemento.

— Izadora tem transtorno de ansiedade generalizada e síndrome do pânico

— o médico informa como se fosse o suficiente para que eu entenda o que se passa. De certa forma, entendo, saúde mental é algo realmente delicado e conheço muito mais do que gostaria sobre essas patologias.

Ele chama por Izadora de forma firme e constante até ela se concentrar e estar apta a responder.

— Izadora, preciso saber se tomou sua medicação hoje — o semblante do médico é sério.

— Não... Tem três dias que não tomo...

A fisionomia do médico não deixa dúvidas de que não gostou nada dessa informação. Ele se vira para mim.

— Precisa me deixar sozinho com ela. Assim que houver melhoras no quadro, avisarei.

Minha vontade é ficar ao lado dela, mas o olhar do médico é firme. Então, sem outra opção, saio da sala e caminho lentamente até a recepção. Iria mais tarde para Lençóis visitar meus pais, no entanto não posso deixá-la sozinha em hipótese alguma. Assim, ligo para avisar meus velhos.

— Alô? — uma voz masculina cansada atende.

— Pai? Sou eu. Aconteceram algumas coisas por aqui, então não vai rolar de ir aí hoje.

— Está tudo bem com você, filho? — imediatamente a voz cansada demonstra alerta e preocupação.

— Está, sim, meu velho, não se preocupe comigo. Como ela está? — trato de acalmá-lo.

— Sua mãe está bem — ele responde. Fico aliviado ao ouvir isso.

— Ok, depois te explico melhor o que aconteceu — não quero que fique angustiado, mas agora seria impossível.

— Tudo bem então, avisarei sua mãe. Cuide-se. Amamos você.

— Eu também amo vocês.

Guardo meu celular no bolso traseiro da calça jeans, ao mesmo tempo em

que tiro o dela dali. Não sei se deveria procurar alguma amiga nos contatos e avisar por mensagem, talvez fosse invasão de privacidade. Talvez ela não confie em mim, por isso nunca falou sobre a ansiedade. E se nenhum amigo dela souber? Não há outro jeito. O melhor agora é esperar.

Mais de uma hora se passa enquanto espero por notícias de Izadora. Durante esse tempo, tentei puxar pela memória se ela demonstrou algum indício da doença. Iza sempre é muito fechada, só me deixou ver o que se sentiu confiante em mostrar. Não consigo chegar a nenhuma conclusão.

A porta no corredor se abre e o médico sai por ela.

— Izadora está melhor. Já pode entrar para vê-la — finalmente uma boa notícia.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 17

Don't get too close
It's dark inside
It's where my demons hide
It's where my demons hide
(Demons – Imagine Dragons)^[18]

Izadora

Minha cabeça dói um pouco menos, meu corpo está extremamente cansado, o lado esquerdo ainda dormente. Pelo menos não estou mais tremendo e nem suando. O coração desacelerou. No momento, consigo permanecer sentada na cadeira, ouvindo o sermão do Dr. Mário pelo meu descaso por ficar tantos dias sem o remédio. Quando o questionei sobre algumas pessoas usarem, ficarem dias sem tomar e nada acontecer, ele respondeu que cada organismo reage de uma maneira e que o medicamento pode ter uma fórmula diferente. Algo óbvio que ignorei completamente.

O médico também perguntou porque eu não contei a nenhum de meus amigos o que se passava comigo. Soube por ele que, quando perguntou a Hugo sobre a medicação, percebeu que meu amigo não fazia ideia do que acontecia. Mais uma vez meu médico me aconselhou a falar, explicando que se algum amigo souber, em casos assim o auxílio que podem dar faz toda a diferença nessa situação. Por fim, ele abre a porta do consultório, ficando menos de dois minutos fora.

Logo em seguida, percebo Hugo e o médico no corredor. Noto sua preocupação, está sério, concentrado em algo que o médico diz a ele e que não tenho forças para entender também. Não foi assim que me imaginei falando sobre qualquer coisa relacionada a mim. Em um consultório, depois da maior crise que tive até o momento. Então, ele entra na sala.

— Oi, como se sente? — Hugo ainda está muito preocupado.

— Estou bem melhor. Obrigada.

Ficamos em um silêncio constrangedor, com Hugo me perscrutando minuciosamente. Seus olhos assimilam cada detalhe do meu rosto. Dá para perceber que ele quer falar mais, seu maxilar está travado, contudo não move os lábios. Pelo visto, ele não vai perguntar nada agora. Nosso combate silencioso é interrompido pelo retorno do Dr. Mário.

— Izadora, espero que nossa próxima consulta não seja parecida com essa. De novo, você não pode ficar sem tomar seu remédio. Não precisávamos saber, mas agora temos certeza dos danos colaterais que o esquecimento traz. Portanto, mais juízo, mocinha. Aliás, tem praticado algum exercício físico como receitei?

— Ainda não — fico tão envergonhada ao confessar isso que nem ergo a cabeça para responder ao médico.

— Correr, andar, praticar algum esporte ajuda muito. Precisa fazer.

— Com licença... — Hugo olha para o médico e para mim, alternadamente. — Pratico alguns esportes, se ela quiser posso auxiliá-la. Ajudo no que for preciso.

— Ótimo. Estamos entendidos então — meu médico ficou realmente feliz ao saber disso. Só ele, que fique claro.

Agora tenho certeza de que serei obrigada a fazer algum exercício. Com Hugo no meu pé, não vai ser fácil escapar dessa. Nos despedimos e Hugo me ajuda a caminhar até o carro.

Estamos no Abacate, voltando para casa. O trânsito é bem leve. Hugo segura minha mão, dirige calmamente. Minha mente dá um clique, lembro que ele me encontrou dentro de casa.

— Como conseguiu entrar lá em casa? — questiono por pura curiosidade.

— A porta estava aberta. Talvez achasse que tinha fechado, sei lá — realmente não recordo desse detalhe.

— Obrigada por tudo o que fez por mim — digo, ligeiramente constrangida. Minto, severamente constrangida.

— Faria a mesma coisa, quantas vezes fossem necessárias — ele diz, com firmeza na voz.

— Perdeu sua aula hoje... — me sinto culpada por isso.

— Eu não ia pra aula, na verdade ia ver meus pais hoje, outro dia os vejo.

— Desculpe por...

— Izadora, pare de pedir desculpas, de se sentir culpada por algo que não fez! — ele me corta, um tanto exasperado. — Não estou feliz com o que aconteceu com você, mas fico feliz por ter ido até sua casa e poder ajudar, honey. Não se sinta culpada. Jamais. Aconteceu — essa última frase Hugo diz olhando diretamente em meus olhos.

Ele faz carinho na minha mão, o que é muito bom e reconfortante. Olho para seu perfil, apenas com as luzes dos postes clareando seu rosto. Ele é lindo, de muitas formas.

— Pode me olhar o quanto quiser que não me importo. Não que eu me ache um Cauã Reymond, longe disso, mas é muito bom ser apreciado de vez em quando — ele vira a cabeça para olhar para mim e dá uma piscadinha. — Ainda mais por você.

— Convencido! Não estava te “apreciando”.

— Não? Que pena porque adoro apreciar você — o tom de voz dele dá uma indicação que eu não esperava, porém fico feliz ao saber disso e sem graça também.

Mordo os lábios involuntariamente ao pensar assim.

— Por favor, não faça isso — ele pede, com um lamento leve.

— Fazer o quê? — me confundiu agora...

— Morder os lábios assim... Desse jeito, corro o risco de perder minha concentração e bater seu carro em algum poste — ah! Sorrio antes mesmo que ele possa acabar de falar.

O rádio do carro estava ligado. Começa a tocar “*More Than Words*”. Hugo acompanha toda a canção, olhando em meus olhos a cada parada em um semáforo. Ele tem uma voz muito bonita...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— *“What would you do if my heart was torn in two? More than words to show you feel, that your love for me is real.”* [\[19\]](#)

— Sabia que você tem uma bela voz? Por acaso já cantou em algum lugar? — não sei como não tinha pensado nisso antes.

— Na época da escola, junto com alguns amigos, criamos uma banda de rock, mas nada de mais. Eu era o vocalista, tenho meu violão até hoje.

— Sério?! Que legal! E como era o nome da banda?

— *Los Antas* — Hugo fica acanhado ao revelar o nome da antiga banda.

Tento controlar a risada, pois minha cabeça dói, mas é impossível me segurar.

— *Los Antas*? Como assim?! Por que se intitulavam de antas?

— Éramos uns garotos estranhos, magrelos, desajeitados e nunca conseguíamos sair com nenhuma garota. Toda vez em que tentamos sair com alguma menina, era o maior mico. Definitivamente uns “antas” mesmo. A única coisa que fazíamos bem era tocar. Daí veio à ideia do nome. Fez o maior sucesso no colégio.

— E depois da estreia conseguiram sair com alguma menina? — faço a pergunta, inevitavelmente estou sorrindo por já imaginar a resposta.

— Não! — ele diz, rindo. — Mas foi a melhor época na escola que eu tive.

— Não consigo te imaginar da forma que descreveu.

— Ainda bem, você sairia correndo se visse — ele parece aliviado ao confessar isso.

Entramos na minha rua. Avisto uma moto maravilhosa estacionada em frente à minha casa. Estofamento preto, cromada, limpa, linda, de arrasar.

— Uau, que moto linda! Quem é o louco que deixa uma moto dessas assim, no meio da rua, com tantos assaltos acontecendo por aí? — acho estou babando.

— O louco em questão sou eu — ele responde, apontando para si mesmo.

Não me sacaneia! Giro meu pescoço rapidamente para ele.

— É sua?! Suspeitei desde o princípio. Ela é linda, parece ser potente — minha mente dá uma cambalhota. Hugo, de moto. Sobre a moto. Meu Deus...

— Muito. É uma Harley Davidson Dyna Low Rider.

— Estou boiando, não entendo nada de motos. Mas adorei a cor, preto combina com você — torno a voltar meu olhar para a máquina, a observo melhor. Lustrada, bem moderna, de perto parece alta e cara. — Parece ser cinco vezes o valor do meu carro.

— Acredite, vendi meu rim para compra-la — não duvido disso.

Saímos do carro. Hugo tranca e me acompanha até a porta. Por conta da leve dor de cabeça persistente, caminho devagar, porém não estou mais tonta a ponto de precisar ser carregada. Percebo, então, que ele está indeciso com alguma coisa. Abro a porta com a chave reserva que fica dentro do Abacate, já que Hugo disse não ter lembrado de pegar minha bolsa quando saímos. Vejo minhas coisas espalhadas pela casa, não me lembro de ter feito isso. Hugo retira meu celular do seu bolso e o coloca em cima da mesinha de canto juntamente com as chaves do carro.

— Caramba, até parece que um furacão passou por aqui... Não acredito que fiz tudo isso — estou um pouco estarrecida e muito envergonhada.

— O pior de tudo foi chegar aqui e, ao constatar a porta aberta e toda essa bagunça, achar que sua casa tinha sido assaltada e alguma coisa tinha acontecido com você. Foi uma sensação muito ruim.

Tento recolher uns poucos objetos do chão. No momento em que me abaixo, minha cabeça torna a doer. Desisto, sento cambaleante no sofá.

— Pode deixar que eu faço isso para você, Iza. É melhor deitar e descansar, dormir vai te fazer bem — Hugo me olha, seu semblante pensativo. — Não me sinto confortável em te deixar sozinha ainda, será que eu poderia ficar até você pegar no sono? Se não se importar, claro.

— Eu vou ficar bem, pode acreditar. Mas se você quiser ficar, tenho uma pequena condição.

— Que seria?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Se você for roubado, vou me sentir realmente culpada, então, por favor, traga aquela sua máquina para dentro. Deixe no corredor ou no canto da sala, assim me sinto melhor.

— Sim, majestade, seu desejo é uma ordem! — ele faz reverência.

Enquanto Hugo ajeita a moto e arruma minha casa, aproveito para tomar um banho quente e demorado. Saio do banheiro já de roupa limpa e fico parada no batente, apreciando a vista. Ele está na cozinha, lavando minha louça muito concentrado. Com um meio sorriso no canto dos lábios, vou para meu quarto e me deito. Só então percebo o quanto meu corpo está exausto. Fico pensando em toda essa situação e no que aconteceria se ele não tivesse me encontrado, como eu estaria agora. No geral, Hugo está sendo muito discreto com tudo isso, nem mesmo tocou no assunto sobre minha ansiedade ainda. Talvez esteja esperando que seja uma decisão minha. Devo isso a ele.

Nem bem meu pensamento finaliza, Hugo entra no quarto. Se passou algum tempo, nem percebi. Ele aparenta estar desconcertado.

— Já está tudo no seu devido lugar.

— Obrigada... — faço sinal para ele se aproximar, abro espaço para que ele se deite também. Hugo fica parado de pé ao lado da cama, parecendo não saber o que fazer. — Quero conversar com você um pouco e, como estou deitada, iria parecer que você é meu psiquiatra se ficasse sentado enquanto falo.

Ele não me questiona, nem retruca, apenas deita ao meu lado e, para minha surpresa, puxa meu corpo para si e me abraça. Minha cabeça fica repousada em seu ombro. Por mais estranha que essa situação pareça ser, sinto-me muito segura ao lado dele.

Hugo ainda não diz uma palavra, permanecendo em silêncio, esperando eu falar.

Começo contando como tudo aconteceu, desde o início. Conto das dificuldades no trabalho, a pressão, as cobranças, meus medos, minha insegurança. Como é conviver com uma pessoa autoritária como nossa chefe, o abuso de poder que é infligido, a relutância em sair de lá e não conseguir nada melhor, se sujeitar a passar por tudo isso por medo de ficar

desempregada. Hugo me deixa livre para narrar, somente me interrompe para sanar alguma dúvida, ouvindo com muita atenção. Em todo o tempo que falo, ele acaricia minhas costas, sua respiração é leve, seu perfume é bom. Poderia ficar aqui dessa forma por muito tempo, muito mesmo, eu não enjoaria.

Antes de pegar no sono, ouço uma última coisa que Hugo tem a dizer:

— Vai ficar tudo bem, honey. Estou aqui e só saio da sua vida se você me expulsar — seu sussurro transmite carinho e respeito.

Jamais expulsaria a pessoa que tem sido meu porto seguro. É a última coisa em que penso antes de apagar.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 18

*Never opened myself this way
Life is ours, we live it our way
All these words I don't just say
And nothing else matters*
(Nothing Else Matters – Metallica)^[20]

A cordo com o zunido irritante do despertador do meu celular tocando ao longe. Um barulho insistente, mas baixo. Conforme desperto, percebo não estar sozinha na cama. Os braços de Hugo envolvem minha cabeça e minha cintura. Ele está atrás de mim, sua respiração é suave. Quase não acredito que ele dormiu aqui, comigo, na minha cama.

O despertador continua tocando. Ficaria assim o dia todo se pudesse, mas ele precisa ir trabalhar já que eu mesma não irei. Mais um atestado, Helena vai simplesmente adorar. Tento me levantar sem acordá-lo. Pego em sua mão e a tiro delicadamente de cima de mim. Saio de forma o mais suave possível da cama. Ele nem se mexeu, dorme profundamente. Afasto-me um pouco e aproveito a oportunidade para apreciar essa visão.

Seu corpo alto e esguio toma todo o comprimento da cama. Suas pernas encolhidas ligeiramente são a única coisa que impedem seus pés de estarem pendurados para fora. Hugo é alto mesmo. Sua face parece em paz. A respiração é ressonante, com um ritmo lento de sono profundo. Os cabelos estão espetados para todos os lados, deixando-o ainda mais sexy. Preciso sair antes que o agarre de uma vez.

A primeira coisa que faço ao sair do quarto é ir até a sala procurar o celular. Onde foi que ele ficou? Com um estalo, lembro que foi deixado em cima da mesinha junto com as chaves; pego o aparelho e o desligo. Depois disso, vou ao banheiro escovar os dentes e tentar arrumar meu cabelo que está apontando para todas as posições possíveis. Retorno ao quarto, já

sentindo dó por ter de acordá-lo. Ele parece estar dormindo tão bem! Todavia, não posso ser a responsável por Hugo perder o dia de trabalho.

Antes de chama-lo, aproveito para acariciar seu rosto. Sereno e tranquilo, agora respira suavemente. Sua barba por fazer faz cócegas em minhas mãos. Suspiro de forma dramática.

— Hugo, acorde — seguro seu ombro levemente e o balanço para que desperte. — Tem alguém aí? — *isso são modos de acordar alguém, Izadora?*

Ele se mexe. Assim que abre os olhos e me vê, percebendo onde está, sorri. Um sorriso largo e genuíno. Achei que pularia da cama e sairia correndo.

— Bom dia, honey — essa voz rouca pela manhã pode ser a minha perdição.

— Bom dia, pessoinha. Dormiu bem?

— Muito. E você, como está? A dor passou? — e com essa pergunta, Hugo se senta, preocupado em saber se realmente melhorei.

— Não vou mentir para você, ainda dói minha cabeça. Acho que vai demorar um tempo para voltar ao normal.

— Já tomou seu remédio?

— Ainda não, doutor. Só depois do café da manhã.

— Que horas são?

— Quase nove — infelizmente.

— Tenho que ir, Iza. Preciso tomar um banho, trocar de roupa e trabalhar — ele levanta e se espreguiça. Fico tentando imaginar como será por baixo dessas roupas. Sou uma vaca mesmo. — Meu celular não despertou, deve ter acabado a bateria. Posso usar o banheiro?

— Fique à vontade.

— Obrigado — ele responde, caminhando para o cômodo desejado.

Espero por ele na sala. Assim que surge, procura por seu capacete e, em seguida, vem em minha direção. Um beijo longo é deixado em minha testa.

— Mais tarde passo aqui para te ver. Tome seu café, tome o remédio. E segunda, sem falta, vamos começar a correr, entendeu, mocinha?

— Sim, mestre — bato continência para zoar com sua cara.

Ele sorri e me abraça. Apertado, demorado. Isso é tão bom. Parece tão certo estar assim com ele. Depois que Hugo vai embora, deito no exato lugar onde ele ficou, quero apreciar mais um pouco do perfume que deixou em minha cama.



Estou há mais de duas horas lendo as postagens no grupo sobre ansiedade. Até pensei em escrever algo, contudo percebi que não é assim que quero fazer. Em um ímpeto, resolvo pesquisar sobre blogs. Isso está muito em alta e o blogueiro não precisa necessariamente mostrar quem é de verdade em seu perfil.

Encontrei uma infinidade de blogs que abordam os mais diversos tipos de assuntos, porém quase nenhum sobre ansiedade. Os poucos que encontrei são de médicos indicando tratamentos ou de pesquisas sobre o assunto. Nada muito pessoal.

É isso, decidi. Procuro, então, por orientações de como começar a escrever em um blog, layout, cores, etc. Levo bem mais de uma hora para fazer tudo, não fica perfeito, com o tempo eu vou ajustando. Só falta o primordial: o nome do blog. Empaco. Não tenho tanta criatividade assim. Testo diversos nomes e nenhum me agrada. Se é para ser um blog pessoal e eu quero de alguma forma desabafar através dele, precisa de um nome coerente. *Pense, Izadora*. Pego um papel de rascunho na mesa e escrevo nele alguns tópicos para me ajudar.

Sofro de ansiedade. Ok.

Ataque de pânico. Ok

Minha mente não para. Ok.

A ansiedade atrapalha minha vida. Ok.

É isso. A junção de alguns itens dessa lista me leva ao nome definitivo do blog.

“Minha Ansiosa Vida”.

Gostei do resultado. Outro ponto importante é não ter a intenção de que meus amigos saibam que sou eu quem escreve. Vai que algum dia alguém, por qualquer motivo, resolva pesquisar sobre o tema. Não mesmo!

Procuro a tradução em inglês da palavra “ansiosa” no site de pesquisas. “*Anxious*”. Acho que vai servir, não foi criativo, mas pelo menos não irei mostrar minha identidade. Escrevo, então, minha primeira postagem.

Preciso de um título para o texto. Penso em como meu dia muda constantemente de acordo com meu humor. Varia muito entre me sentir bem e, ao mesmo tempo, me sentir mal. É um alto e baixo constante, como uma montanha russa. Na verdade, é exatamente como esse brinquedo! Gostei do nome.

Montanha Russa

Olá, bom dia, boa tarde ou boa noite, isso vai depender do momento em que você estiver lendo rsrs

Enfim... Não sei ao certo como iniciar esse blog.

Meu nome é Anxious.

Quero falar como descobri minha ansiedade e como estou lidando com ela hoje em dia.

Bom, há uns oito meses, minha primeira crise apareceu, mas até então eu não sabia sobre o que se tratava. Falta de ar. Sudorese em excesso. Palpitação. Dor muscular. Dor de cabeça. Formigamento nas mãos. Tremedeira. Boca seca. Batimento cardíaco acelerado. Entre outros.

Parecia que eu ia morrer. Esse quadro se repetiu diversas vezes no decorrer de seis meses, até eu buscar ajuda médica.

Quando recebi o diagnóstico, fiquei perdida porque até então, para mim, esse tipo de coisa só acontecia com o vizinho. Nunca com a gente mesma.

Essa “novidade” não foi fácil de encarar.

Eu não tinha ideia de como lidar com tudo isso. Meus pais me

ajudaram muito, mas resolvi não contar para nenhum de meus amigos. Foi algo que quis guardar para mim, e um dos objetivos desse blog é falar, desabafar.

O início foi amargo, não queria aceitar. Por que eu? Por que comigo?

Mas hoje vejo que a nossa vida é assim. Altos e baixos.

É como uma montanha russa. Subida e descida. Dias bons e dias ruins. Ou os dois no mesmo dia.

Quando você entra em uma montanha russa, está extremamente ansioso para que o brinquedo comece a funcionar. No momento em que ele funciona, você percebe que não tem mais como descer ou pedir para que parem e desliguem o brinquedo. Você está ali, ou encara ou encara. Sem opções. Aí vem a subida, ela até te dá, por um breve tempo, a sensação de estar tudo bem, tudo tranquilo, pois vai devagar, sem percalços no caminho. Quando o carrinho da montanha russa está no ponto mais alto, é o hiato para a próxima etapa. A descida. A força com que esse brinquedo desce é de abalar as estruturas por onde passa. E assim é por todo o caminho, subida e descida, até o momento em que o brinquedo para e tudo volta ao normal e você agradece por pisar novamente no solo. Em segurança.

Quando acordo, estou ansiosa para saber como terminará meu dia. Na maioria das vezes, quero muito ficar deitada e não me levantar. Mas é um novo dia, ou eu enfrento mais um dia ou eu enfrento mais um dia. Não tem como escapar. Não dá para escolher ficar em casa e pedir para que o sol não apareça, que continue noite, já que não tenho forças para encarar mais um amanhecer. No decorrer do dia é uma subida constante, estresse, pânico, ansiedade. Estão ali se acumulando. Quando essa bolha estoura, o intervalo entre a subida e a descida é menor que um grão de areia. Parece que todas essas sensações vêm à tona de uma vez, te levando para baixo em uma velocidade muito rápida. Esses sentimentos abalam qualquer estrutura. Quando o dia termina, é como se desligassem a montanha russa de sensações. O carrinho foi desligado. O sono vem. Logo outro dia irá começar. Não tenho escolha a não ser subir novamente nesse brinquedo mais uma vez ao acordar.

Um dia de uma pessoa com ansiedade é assim.

Minha vida é assim.

Consigo sentir todas as sensações, boas ou ruins, em um único dia, e

isso é extremamente exaustivo.

Não é simples conviver com uma montanha russa. Eu sou uma montanha russa.

Clico em enviar e assim o blog “*Minha Ansiosa Vida*” nasce.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 19

*Broken lights on the freeway
Left me here alone
I might have lost my way
Haven't forgotten my way home
(Broken – Lifehouse)^[21]*

Sexta-feira. Terei o final de semana inteiro em casa uma vez que meu atestado é para três dias. Acho excelente a ideia de encontrar Hugo à noite, contudo sei que preciso de outra coisa no momento. Família. Decido ir até a casa dos meus pais em Jaú. Passar dois dias lá me fará muito bem.

Imediatamente após a decisão, pego o celular.

Iza (11:48): Mãe

Iza (11:48): Está por aí?

Enquanto espero pela resposta, arrumo minhas coisas. Jogo toda a comida velha no lixo. Não preciso limpar minha cozinha, Hugo fez isso por mim ontem. Sorrio ao me lembrar da cena. No quarto, vejo jogado no fundo de uma gaveta da cômoda o livro que comecei há mais de um mês e não finalizei. Levarei comigo, quem sabe eu volte a ler um pouco. Meu celular vibra no bolso.

Mamma mia (11:57): Oi, princesa, estou com saudades, vem quando me ver?

Iza (11:58): Daqui a pouco estou aí. Tenho alguns dias livres. Quando chegar te explico melhor =)

Mamma mia (12:00): Ok. Dirija com cuidado. Beijos.

De mala em punho, tranco a casa e entro no meu amado verdinho, já ligando o som.

“You can't be hard on yourself. For these were the cards that you were
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

given

So you have to understand that these, like, that's not who you are

You know you're trying to be the best you can be, but that's all you can do” [\[22\]](#)

“*Purpose*”, do Justin Bieber. Quem diria que um dia eu ouviria alguma música desse cara? A letra é linda, a canção é boa, a voz dele até que está legal, nada parecida com a música “*Baby*” de anos atrás. Justin não fala de uma garota, coração partido, nada disso. Parece que ele quer mostrar que conseguiu alcançar seu objetivo na vida e, se ela acabasse agora, seu desígnio teria sido atingido.

Durante o caminho, faço uma análise da minha própria vida, o que tem acontecido até o momento e se, como essa música, ela tem algum propósito. Se a resposta for sim, ainda não descobri qual é. E se ela acabasse agora, nesse momento, eu deixaria muitos segredos e mentiras para trás. Não teria alcançado meu objetivo, o qual ainda nem descobri. Seria lamentável passar por essa terra e não descobrir o porquê de estar aqui. Minha trajetória tem causado mais preocupações do que alegrias. Propósito.



Assim que chego à casa dos meus pais, muitas recordações me vêm à cabeça. Morei aqui minha infância toda, a melhor fase da minha vida sem dúvida nenhuma.

Meus pais moram em um sobrado, construído com muito esforço pelos dois. É uma casa modesta, mas bem espaçosa. A ideia inicial era de ter três filhos, todavia minha mãe, sempre que engravidava, abortava logo nos primeiros meses. Quando descobriu que eu viria ao mundo, já estava na quarta e última tentativa. Márcia, minha mãe, estava com vinte e oito anos na época. Ela me disse que, se essa última tentativa não desse certo, eles adotariam uma criança. Foi uma gravidez que exigiu muito dela, repouso absoluto. Nasci prematura de sete meses. Meu pai sempre me conta como foi a correria daquele dia, ele estava mais nervoso que minha mãe e no final foi ela quem o acalmou.

Quando abro o portão, sou recebida pelo melhor aroma do mundo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Cozinheira de mão cheia, minha mãe faz pratos maravilhosos, sendo o seu forte doces que prepara com muito carinho. Conhecida na cidade por suas obras de artes culinárias, ela nunca para. Como meu pai é aposentado, ele dá a maior força para ela, faz questão de entregar pessoalmente todas as encomendas.

Abri a porta da frente com minha chave. Sim, ainda tenho as chaves da casa dos meus pais.

— Mãe, cheguei!

— Aqui na cozinha! — grita de volta.

Deixo minhas coisas em cima do sofá e me dirijo à cozinha. No caminho, passo por diferentes quadros espalhados pelo corredor, tendo fotos minhas desde pequena. Avisto minha mãe em frente à grande mesa de jantar, finalizando alguns *cupcakes*, dezenas deles. Hoje é sexta-feira, portanto tenho certeza que é para algum aniversário. Não sei como ela consegue dar conta de tudo isso praticamente sozinha.

— Oi, princesa. Que bom que chegou!

Vou até ela e a abraço. Como é bom abraça-la! Esse pequeno gesto sempre me dá a força de que preciso para continuar. Seus cabelos, agora curtos, estão presos em uma touca. Mal nota-se as ondulações que também marcam os meus.

— Vejo que hoje tem festa, e das grandes — aponto para os doces.

— É enorme. Festa de debutante. Ela exigiu essas cores, achei que ficaram uma graça. O que achou?

— Estão lindos como sempre e não tenho dúvidas de que estejam saborosos também — o recheio e a cobertura dos bolinhos são nas cores branca e preta. Ficou um show sem deixar de ser delicado. — Vejo que a anfitriã tem bom gosto. Ainda mais por ter te escolhido para preparar os doces.

— Obrigada, querida, mas você é suspeita para falar — ela ri, ainda afagando uma das minhas mãos.

Minha mãe é da minha altura, estatura mediana, pele morena e, apesar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de todas as iguarias que ela faz, a danada não engorda. Ainda não descobri se tenho esses genes ou se puxei a genética do meu pai que já engorda só de olhar para a comida.

— Onda está meu pai? — questiono.

— Foi comprar alguns morangos, quero fazer uma torta para você mais tarde.

— Não precisava, mãe! Já tem tudo isso para entregar ainda hoje — não quero que ela se sobrecarregue.

— Claro que precisa. Quero te paparicar ou será que não posso mais? Aliás, você está muito magrinha, precisa engordar um pouquinho — ela diz isso apertando meu braço para sentir os ossos. Nessas horas, me sinto Maria sendo apalpada pela bruxa má.

— Lá vem, sempre com essa mania de querer me engordar... Estou bem assim.

— Pois não parece, está com a carinha abatida — enquanto conversamos, eu ajudo a colocar os doces nos recipientes para serem entregues. — O que aconteceu para pegar atestado?

— Me promete que não vai me dar um sermão depois de contar o que houve? — alerta vermelho.

— Não sei se posso prometer. O que você aprontou? — imediatamente para de decorar os bolinhos e me lança um olhar de interrogação.

— Não aprontei nada, só acabei me esquecendo de tomar o remédio, aquele para ansiedade, sabe?

— Nossa, mas perdeu um dia e te fez tão mal assim?

— Na verdade... Foram três dias... — fico envergonhada ao confessar.

— Izadora, você não tem juízo?! — ela larga o saco de confeitiro e coloca as mãos sobre os quadris. Nossa, lá vem esporro... — Lembro-me bem quando você nos disse que o médico não recomendou ficar sem esse medicamento! Qual é o seu problema?

— Ai, mãe! Eu esqueci mesmo, não foi negligência minha — tento me

defender.

— Mas por que anda tão esquecida assim? Você é muito jovem para esquecer de coisas dessa forma. Tem dormido bem? Se alimentado melhor? Deixou de lado aqueles macarrões instantâneos?

— Não e não. Percebi que estou dormindo mal, acordo mais cansada do que quando fui deitar. E macarrão instantâneo é vida, mãe — disse a louca do macarrão instantâneo.

— Por isso está com essa carinha! Come mal, dorme mal, tem se esquecido de coisas com frequência. Como vai o trabalho? — mexeu na ferida. É um dom.

— Estressante. Não sei até quando irei aguentar tudo aquilo. É exaustivo — bufo.

— Sabe que se precisar pode voltar a hora que quiser, minha filha.

— Eu sei disso, mãe. E agradeço, porém preciso ser independente, tomar juízo e parar de comer macarrão instantâneo algum dia — um bem distante, que fique claro.

— Entendo, mas você precisa de um porto seguro de vez em quando. Criei você para ser completamente independente, dona de si. Se imagine como um navio, um muito querido. Você foi pensada, planejada e construída, peça por peça. Depois de pronto, esse navio precisa estar em alto mar, passar por tempestades imensas para mostrar que foi feito de maneira exemplar, não será uma gota de chuva que inundará essa embarcação. Ele é resistente. Forte. Grande e magnífico. Mas depois de muito velejar, todo navio precisa parar para abastecer, consertar alguma falha que a água tenha tentado deixar. Todos precisam de um porto seguro, até os navios de grande porte precisam de um tempo para descansar. Você é o navio que seu pai e eu construímos, e quando essa embarcação estiver precisando de uma pausa, uma parada, saiba que aqui você tem dois portos seguros — fico muito emocionada com as sábias palavras de minha mãe. Tenho certeza que vou começar a chorar. — É bom ter um lugar para parar às vezes, entretanto navios foram feitos para estarem em movimento, ganhando as águas, conquistando os mediterrâneos, conhecendo um mundo novo. Quando olho para você, vejo exatamente isso. Um navio que vai conquistar o mundo e que, nesse momento, precisa de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alguns reparos na sua estrutura.

Eu a abraço mais uma vez. Não existe nada melhor que abraço de mãe.

— Obrigada, mãe — fico extremamente grata por cada palavra.

— É sério, Izadora! Você tem tudo para conquistar o que quiser na vida, contudo estar onde está no momento, e não falo de moradia, mas sim do seu emprego, está te empurrando para trás ao invés de te impulsionar para frente — ela replica, ainda me abraçando.

— Mas o desemprego está tão grande... — suspiro ao pensar nisso.

— De novo a mesma coisa? — agora ela se afasta de leve para poder olhar em meus olhos. — Eu sei que não está fácil para ninguém, no entanto o que vale mais: um emprego que te faz ficar mal a cada dia ou a sua saúde?

— Entendi. Vou ver o que faço em relação a isso — pretendo cumprir essa promessa.

— Ótimo! E quando volta? Segunda-feira?

— Não posso, preciso estar lá em Bauru na segunda de manhã.

— Não é o dia da sua folga? — ela me interroga.

— Sim, mas vou levantar cedo para praticar algum exercício como o médico recomendou — é só pensar nisso que desanimo um pouco.

— Cuidado por onde vai andar — Dona Márcia sempre preocupada. — Lorena vai com você

Epa! Território perigoso. Alerta vermelho novamente.

— Não vai ser com a Lori, é um amigo. Do trabalho — digo isso como se fosse algo natural.

Agora, sim, ela me afasta completamente e me olha desconfiada.

— Amigo. Ok... — ela pega novamente o saco de confeitiro e termina de enfeitar o último *cupcake* antes de se virar para mim outra vez. — É bonito?

— Sim, estão todos bem bonitos — elogio seu trabalho impecável.

— Não falo do *cupcake*, Izadora. Quero saber do seu amigo — ela

ênfatiza a palavra “amigo” propositalmente. — Como ele é? Faz quanto tempo que se conhecem?

— Mãe! — exclamo. As perguntas soam petulantes.

Ouçõ a porta da sala ser aberta. Meu pai chegou, graças a Deus!

— Depois continuamos essa conversa — ela me olha de alto a baixo. Não terei como escapar. Eu mereço.

Meu pai entra na cozinha com uma bandeja de morangos naquele seu gingado característico.

— Vejam só quem deu o ar da graça! — ele deixa os morangos em cima da pia e vem me abraçar. — Como está minha filha predileta?

— Para, pai, você só tem uma filha — retruco com uma risadinha dessa piada que ele faz desde minha infância.

— E o que te trouxe até aqui?

— O Abacate, com certeza. A ansiedade e um atestado. Não necessariamente nessa ordem — sempre zoamos a cara um do outro.

— Que bom, acharia estranho você vir montada em um atestado, dirigindo a ansiedade enquanto come um abacate — rimos mais. É sempre assim estar com ele.

Meu pai, apesar de ter somente cinquenta e três anos, já está aposentado. Trabalhou desde muito cedo em uma metalúrgica, o único emprego que teve em toda a vida. Acho interessante ver pessoas que ficam a maior parte de suas vidas em um mesmo lugar, é cômodo, de certa forma. Só não consigo enxergar isso para mim. Se eu pudesse, pegaria uma mochila com apenas o necessário e sairia por aí, sem destino. Mas no momento meu saldo no banco é de menos dois, ou seja, melhor ficar por aqui mesmo.

— E essa pança que não para de crescer, Seu Antônio? — passo a mão em sua barriga saliente.

— Como resistir com tantos doces nessa casa? E olhe que sua mãe tenta esconder, mas sou bem mais esperto e sempre acabo descobrindo. Acredita que da última vez ela escondeu dentro de uma caixa de sapatos?

— Mãe! Tadinho — estou com pena dele, porém não deixo de rir dessa situação.

— Quer ver seu pai ficar diabético, é?

— Claro que não...

— Nem eu! Como ele não tem juízo, alguém aqui precisa ter — ela sempre foi rígida em relação a saúde do meu pai.

— Você é muito exagerada, Márcia, só como dois ou três doces.

— Dois ou três por hora se deixar — ela pega no pé, mas sei que é por amor.

Eles ficam discutindo esse assunto sobre a quantidade certa que meu pai deve comer por um bom tempo. Foi sempre assim, minha mãe tentando frear a boca do meu pai. Observo os dois e penso sobre o que minha mãe me falou.

Porto seguro, eu tenho os melhores. O que fariam se soubessem pelo que passei? Jamais traria tanto sofrimento a essa casa, eles não merecem. Não tenho a intenção de estragar a harmonia que existe aqui. Meu navio precisa de tantos reparos que uma pequena pausa não seria o suficiente para consertá-lo.



PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 20

*So while I turning in my sheets
And once again, I cannot sleep
Walk out the door and up the street
Look at the stars
Look at the stars fall down
And I wonder where
Did I go wrong*
(Same Mistake – James Blunt)^[23]

Estou no meu antigo quarto. Meus pais fizeram questão de não mudar nada. Esse ambiente lembra-me da minha adolescência, principalmente os pôsteres que ainda estão fixados nas paredes do quarto. Tem do Guns, Bon Jovi, Scorpions, Kansas e Pink Floyd. Dou risada ao observar que o coração feito com batom ao lado da foto do Axl Rose ainda existe; eu amava esse cara quando era mais nova. Meu sonho adolescente era ter nascido naquela época e namorado o cara. Atualmente, ao ver uma foto dele, até me assusto. Tudo bem que a idade chega para todos, mas a bendita faz estragos em alguns.

Como ainda não avisei Hugo sobre minha resolução repentina de visitar meus pais, envio uma mensagem para ele. São quase sete da noite, ele dever estar saindo da loja. Enquanto aguardo sua resposta, abro o notebook que sursupiei da minha mãe para dar uma olhada na minha postagem do blog. Assim que termina de ligar, entro no provedor e, em seguida, no meu perfil do Facebook primeiro. Dou de cara com uma postagem de um conhecido. Ele está se sentindo muito triste, pois um amigo faleceu. Que pena. Na mensagem, ele fala sobre a dor que está sentindo, principalmente por não ter tido contato suficiente com esse amigo nos últimos tempos.

Minha curiosidade me vence e entro na página dessa pessoa. Vejo

centenas de mensagens de supostos amigos dizendo como lamentam sua perda. Que sentirão muita falta. Entretanto, o que mais leio são mensagens do tipo “Sei que a gente quase não se falava mais”, ou “Perdemos o contato por isso ou aquilo, mas sentirei sua falta”, o pior foi “Sei que brigamos por algo extremamente sem importância, como queria você aqui para pedir perdão”. Isso me faz pensar sobre o valor que damos às pessoas ao nosso redor enquanto vivas.

Morte.

Na maioria das vezes acabamos dando valor quando não se tem mais a pessoa amada, e quando digo amada não estou me referindo somente ao grande amor da vida de alguém. Pode muito bem ser uma mãe, pai, irmãos, amigos, enfim. Por coisas insignificantes, acabamos tendo algum contrito com alguém muito especial. Somos orgulhosos, a maioria não quer dar o braço a torcer para pedir desculpas, assim, acabam ficando dias, meses e até anos sem se falarem por motivos que não deveriam ter sido supervalorizados.

Levo um susto quando meu pai entra no quarto.

— O que está fazendo de bom? — ele pergunta.

— Internet. Estou em um perfil de uma pessoa falecida que nem cheguei a conhecer.

— E por que entrou nesse perfil?! — meu pai me olha como se um alienígena estivesse dançando conga na sua frente.

— Uma postagem de um conhecido meu falava sobre a morte desse amigo, isso me chamou a atenção. Ele lamentava a perda, é claro, mas as palavras que ele usou, “lamento principalmente por nesses últimos tempos termos perdido o contato”, foi o que efetivamente me interessou. Então resolvi entrar no perfil do falecido e, acredite, a grande maioria que deixou mensagem na página dessa pessoa lamentava o fato de eles não se falarem como antes ou perderem o contato.

— As pessoas deixam mensagens para uma pessoa que já morreu? — meu pai ficou realmente curioso.

— Sim, principalmente nessa rede social. Isso é normal hoje em dia, pai — explico.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Normal?! Meu Deus, onde esse mundo vai parar? Tudo bem que isso é uma forma de demonstrar os sentimentos, mas na minha época a gente fazia isso em vida.

— É onde eu quero chegar. Não estou dizendo que desacredito dessas demonstrações públicas de sentimentos. Contudo, lendo tudo o que eu li, percebi que uma grande parte dessas pessoas só se importou agora que não se pode fazer mais nada — explico mais uma vez. Meu pai move sua cabeça em concordância com minhas palavras.

— Izadora, minha filha, veja bem... A grande maioria das pessoas só dão o devido valor quando perdem. Especialmente em se tratando de morte — diz a voz da experiência.

— Eu sei, mas isso é tão mesquinho! Temos a internet e o celular à disposição para dizer um “Oi”, “Senti sua falta” ou até mesmo “Me desculpe”. Engraçado, quando estava vindo para cá, ouvia uma música cuja letra falava sobre o propósito que temos na vida. Qual será o propósito dessa pessoa que perdeu alguém próximo e vai ter que conviver com o sentimento de “E se eu tivesse pedido desculpas. E se eu tivesse dado o braço a torcer. E se...”. Não quero viver minha vida com um enorme “E se...” me perseguindo por todos os lugares que eu vá até meu último dia — o sentimento que brota em meu peito é difícil de explicar, pois também é difícil de sentir. Há uma revolta latente que desconhecia em mim mesma.

— Sempre exagerada. Falando dessa forma se parece ainda mais com sua mãe — ele sorri.

— É sério, pai! Não consigo deixar de pensar nisso. Deus me livre algum amigo meu morrer e a gente não estiver se falando. Deve ser muito ruim não poder consertar o erro. E não por falta de tempo, é orgulho mesmo.

— Remorso. É o que essas pessoas vão carregar pelo resto da vida. Também espero nunca vir a conviver com esse sentimento. Deve ser o pior que se pode sentir, saber que nunca mais verá aquela pessoa para se desculpar. E é uma pena que esse seu conhecido tenha perdido um amigo, mas você sabe que existe uma certa beleza na morte — diz isso com tanta leveza.

— Como poderia existir beleza em algo que traz tanta dor? — fico
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

chocada com o que acabei de ouvir.

— É o singular da vida, Izadora. A morte mexe com qualquer um, não há um único ser que não seja afetado ou não passará pela morte — diz meu pai, olhando para o pôster do Kansas pendurado acima da minha cama. — Ela traz muita dor, sim, mas morte é sinal de recomeço.

— Como recomeço se essa pessoa morreu? Não estou entendendo sua linha de pensamento — fico realmente sem entender o que ele quer dizer. Meu pai, porém, demonstra estar muito seguro sobre seu ponto de vista, então continua.

— Olhe só... — ele explica — A morte pode ser encarada de diversas formas. A morte física é devastadora, pois afeta todos ao redor, deixando marcas que jamais se apagarão. Esse acontecimento é irreversível, todavia, para quem acredita em vida após a morte, guarda a esperança de recomeçar algum dia. Existem outras que acreditam em vida eterna, que estarão todos juntos um dia, e isso é lindo. Para muitos, morrer é o que dá sentido à vida delas. A morte é vista como uma passagem, uma conclusão de etapa, uma pausa e não o ponto final. A morte não finaliza a esperança dessas pessoas, muito pelo contrário, ela é vista e esperada como um recomeço.

Cansado de discorrer em pé, ele se senta ao meu lado, ajeitando os fios do computador e continua sua explicação.

— Morrer é recomeçar para muitas pessoas. Não acho que Deus foi tão mesquinho em dar somente essa vida, uma breve passagem por essa terra. No meu ponto de vista, vai bem mais além, nosso corpo físico pode não mais existir, mas nossa alma é algo que eu acredito que seja para sempre. É eterna.

— E para quem não acredita em nada disso, como é viver para elas? Por exemplo, muitas pessoas falam que só tem uma única chance de acertar, a vida não admite erros e todas essas coisas — estou muito curiosa para saber o que ele pensa a esse respeito.

— No mínimo, a vida deve ser bem chata e exaustiva, sempre querendo acertar em tudo, não cometer um único erro, agradar a todos. Tudo isso é bobagem, sem erros os aprendizados não viriam. Viva intensamente, minha filha, cometa todos os erros possíveis, arrisque sem medo de acabar não gostando e jamais deixe de fazer algo para tentar agradar alguém — ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

finaliza, aconselhando algo que, atualmente para mim, é difícil de fazer.

— Encontrei vocês! — minha mãe entra no quarto também. — Achei que tinha saído, a casa está quieta demais.

— Estava trocando umas ideias com meu pai — dou um soco de leve em seu ombro.

— Hum, e o que era de tão interessante que os dois esqueceram-se do jantar?

— O assunto era morte — meu pai diz, já esperando a reação de minha mãe.

— Deus me livre, vocês dois são doidos mesmo — meu pai e eu rimos da atitude dela. — Vamos descer, fiz a carne de panela que você tanto gosta e torta de morango.

— Estou com água na boca só de imaginar as maravilhas da Dona Márcia! — levanto e os sigo.

Estar com meus pais sempre foi um grande aprendizado. Estamos no final da escada quando meu celular vibra. Faço um gesto aos dois informando que já irei e desbloqueio a tela.

Hugo 27 (20:07): Boa noite, honey.

Hugo 27 (20:07): Que bom, aproveite e curta bastante seus pais, farei o mesmo então já que não estará aqui.

Hugo 27 (20:08): Sentirei sua falta =(

Hugo 27 (20:08): <3

Ao ler a mensagem de Hugo, lembro do conselho do meu pai. Talvez eu deva mesmo me arriscar mais.



O final de semana na casa dos meus pais foi a melhor escolha que fiz nos últimos dias, possivelmente das últimas semanas. Trouxe a calma que meu navio precisava nesse momento. A embarcação ainda possui muitos problemas, a proa não está totalmente intacta, existem diversas marcas que as tempestades deixaram. O leme que o guia está um pouco frouxo, precisa de

manutenção constante para que mantenha o navio em linha reta. Caso contrário, a rota pode mudar drasticamente e o levar para a direção errada. Apesar de que mudar o curso às vezes pode ser bem propício quando se cansa da mesma jornada. Mudar o caminho pode trazer nova paisagem para uma visão acostumada à mesmice.

O sábado foi agitado, minha mãe tinha algumas encomendas para entregar, dessa forma botei minhas mãos na massa literalmente e ajudei meu pai a fazer as entregas. Queriam me levar ao shopping e ao cinema, recusei com educação, é a presença deles aqui nessa casa que preciso. Por fim, assistimos ao filme “O Pai da Noiva” em DVD, talvez pela quinquagésima vez, mas sempre rimos e discutimos o ciúme desse pai pela sua “garotinha” que vai se casar. Meu pai aproveita sempre a oportunidade para saber quando levarei alguém para casa e anunciarei minha decisão, não que me achem velha, no entanto ele adora me atormentar com essas ideias.

— Pode ficar sossegado, seu Antônio, acho que isso vai demorar um tempo ainda — digo isso para atazanar meu velho.

— Ela tem um amigo em Bauru — minha mãe tinha que dar com a língua nos dentes. — Eles vão começar a correr na segunda. Juntos. Sozinhos.

Meu pai pausa o filme e olha para mim. Era só o que faltava.

— Ele te trata bem? — uma pergunta direta e clara.

— Ele é só um amigo, pai! Parem os dois com isso! — exclamo.

— Izadora, só quero saber se ele te trata da forma que você merece — meu pai não desiste.

— Por que quer saber isso? Sim, ele é extremamente educado e atencioso comigo — acho que estou na defensiva.

— Que bom! — ele volta a rodar o filme. Como não entendi o porquê desse estresse todo, tiro o controle remoto das mãos dele e pauso novamente o filme.

— Você não me respondeu. Por que em meio a tantas perguntas, como o nome ou se ele tem tatuagens e piercings pelo corpo todo, ou até mesmo se ele já transportou mercadoria ilegal, me perguntou se me trata bem? —

decido ser direta e clara também.

Meus pais se olham em silêncio e isso nunca é um bom sinal. Meu pai não responde, apenas continua em silêncio olhando para TV.

— Ok, já que seu pai não quer falar, eu falo — minha mãe se vira de frente para mim. — Filha, seu pai só está preocupado se esse seu amigo te trata bem porque quando você trouxe o Pedro para nos conhecer não gostamos nem um pouco da forma como ele te tratava.

— Por que vocês têm de falar sobre o Pedro? Ele é passado, não vale a pena — isso me irrita.

— Sabemos disso. Mas lembre-se, quando você o conheceu, também nos disse que era um amigo. Espero que esse seu novo amigo realmente te trate como você merece, pois dava para notar que Pedro não era tão gentil como aparentava. Como você gostava dele, resolvemos deixar você em paz para conhecer pessoas novas. Um direito seu. E hoje, filha, você já sabe que nem tudo que reluz é ouro. Tome muito cuidado! — sutil, no entanto muito direta ao mostrar que estão de olho em mim.

Recosto no sofá, cruzo os braços e volto a rodar o filme sem responder. Não quero falar sobre nada que me lembre daquele tempo escuro da minha vida.

Chega o domingo e eu preciso voltar para casa. Estou no meu quarto guardando minhas coisas e lembrando sobre a conversa de ontem. Só agora percebo que fui muito vaga com eles. Será que sempre perceberam que o Pedro não era o que pensávamos? E não quiseram interferir em minha relação para me dar privacidade? Se eles tivessem interferido talvez agora tudo fosse diferente. Se. Mas isso não aconteceu. Não os culpo, sempre fui fechada sobre meus relacionamentos, eu deveria ter pedido ajuda, a culpa é minha. Somente minha.

Assim que saio do quarto com as minhas coisas, vejo minha mãe caminhando em minha direção com várias sacolas.

— Sei que não tem se alimentado bem e já que vai começar a correr, precisa se alimentar da forma correta.

— Não precisava, mãe, sério — a repreendo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Claro que precisava. Onde já se viu viver de macarrão instantâneo? Tem muita coisa aqui, tudo separado em potes para você não precisar ficar descongelando. A lasanha do almoço de hoje também está aí. Pelos meus cálculos, essa comida vai dar até sexta-feira. Uma semana sem me preocupar com sua alimentação.

— Obrigada, minha rainha. Mando fotos pelo celular quando estiver comendo para você saber que não estarei blefando — toda essa preocupação me deixa grata.

— Acho bom mesmo!

Sáímos de casa juntas. Abro o portão e meu pai está dentro do Abacate, ouvindo minhas músicas.

— Interessante suas escolhas. Se eu fosse você, colocaria também Milionário e José Rico, não irá se arrepender — não perde uma oportunidade, esse meu velho.

— Prometo que vou pensar na sua sugestão, senhor.

Meus pais me ajudam a guardar as coisas no carro. Entro, fecho a porta e prendo o cinto. Se pudesse, ficaria muito mais com eles, mas o dever me chama. Abaixo o vidro do carona para conversar mais um pouco com meus pais.

— Iza, minha filha, se cuida. Adoramos ter você aqui. Logo iremos para lá — diz minha mãe.

— Olhe só quem fala. Meu bem, você tem encomendas até o final do ano praticamente. Como vai ir ver sua filha se não para de trabalhar? — e lá vamos nós.

— É isso aí, pai! — fazemos um *high five* meio desajeitado através da janela.

— Se você não comesse todos os doces que eu faço, sobraria mais para as encomendas, portanto teria tempo para ir ver minha filha — uma bela alfinetada.

— Ok. É melhor eu ir embora. Amo vocês!

— Também te amamos filha. Ligue quando chegar.

— Ligo, sim. Tchau!

O carro se afasta da casa aos poucos. Olho pelo retrovisor quando chego ao final da rua e os vejo ainda acenado para mim. Sinto um aperto no peito quando os perco de vista. Toda vez é assim, sinto tanta falta de morar com eles e ao mesmo tempo sei que preciso morar sozinha para aprender, amadurecer, saber fazer minhas próprias escolhas. Decidir meu caminho. Eles sempre me deram todo apoio do mundo, até mesmo quando saí da faculdade. Viram que eu não queria entrar em detalhes e me deixaram respirar.

Tenho os melhores pais, só não sei se sou a melhor filha que eles poderiam ter.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 21

*I'm sorry to interrupt
It's just I'm constantly on the cusp of trying
To kiss you
I don't know if you
Feel the same as I do
But we could be together
If you wanted to*
(Do I Wanna Know? – Arctic Monkeys)^[24]

Um som insistente me acorda. Será que o vizinho vai começar alguma obra? Som de martelo batendo. É constante como se seguisse um ritmo. Estranho, ainda está tudo escuro, por que tão cedo? Coloco meu travesseiro em cima da cabeça para tentar abafar o som. Parece que parou, que bom. Meu celular vibra na cabeceira, nem a pau vou olhar para ele e me cegar com sua claridade. Depois de algum tempo, ele para. As batidas do martelo recomeçam. Que saco! O som parece estar mais alto, como se estivessem batendo em minha porta. Droga. Não pode ser. Levanto correndo e chego à porta; antes de abrir me arrisco a perguntar.

— Quem é?

— O que acha, dorminhoca? — droga. Droga. Droga. Droga. Hugo. Droga.

Abro a porta e ele está sorrindo de orelha a orelha.

— O que faz aqui tão cedo? Que horas são? — ainda estou grogue pelo sono, não entendo o motivo da sua presença.

— Combinamos de correr, lembra? E não está cedo coisa nenhuma, são exatamente seis e cinco. Cinco minutos perdidos já.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Por que tão cedo? Achei que você viria perto das oito — abro a boca em um bocejo.

— Oito horas é tarde, e você está atrasada, tem exatamente... — ele olha para o relógio em seu pulso. — Vou ser legal: sete minutos.

— Sério isso? — fico indignada com tão pouco tempo.

— Seis minutos e cinquenta e cinco segundos, você está perdendo o seu tempo.

— Babaca!

Saio correndo de volta ao meu quarto para procurar alguma roupa confortável. Uma vez que não sou saudável, não tenho quase nada. Escolho, então, uma roupa antiga de ginástica, rosa fúcsia. Sei que ele vai rir, mas é a única que achei. Visto uma regata branca comprida. Procuro meus tênis, tenho dois. Só encontro o azul. Que droga, nunca encontro minhas coisas quando mais preciso! Vai ser esse mesmo. Pego um elástico para prender o cabelo, passo um desodorante, ninguém merece cheiro de “nhaca” já pela manhã. Acho que estou pronta. Chego na sala e Hugo ri sem piedade de mim.

— O que foi? — arrisco perguntar.

— Sua roupa! Parece que saiu de um desenho animado — ele está tirando sarro. Que babaca!

— Foi o que consegui em tão pouco tempo — tento justificar meu fracasso.

— Ainda tem dois minutos, tempo para escovar os dentes. Desculpe, você é a coisinha mais linda que já vi, mas não estou a fim de sentir esse perfume.

— Babaca!

— Já disse isso — rebate.

— É para não esquecer.

— Não vou esquecer — ele continua rindo na sala.

Corro mais uma vez. Escovo os dentes, lavo o rosto e aproveito para passar um hidratante labial, um mínimo de dignidade.

— Estou pronta. Podemos ir? Se eu ficar mais um pouco perto da minha cama, é bem provável que eu deite e apague.

— Você precisa se alongar antes, Izadora — ele está insuportável hoje, levando muito a sério esse lance de professor.

— Sério?

— Sim. Pode ser aqui mesmo na sua sala. Vou te mostrar o básico.

— Não dá para fazer isso no local onde iremos caminhar e correr? — vou dormir aqui mesmo, juro.

— Como estamos atrasados — Hugo começa o alongamento e eu o copio —, a caminhada até o local vai compensar o tempo perdido.

— E onde é que iremos correr? — questiono.

— Encontrei um campo de futebol aqui perto, faremos a corrida em volta dele.

— Se é o mesmo que estou pensando... É longe — resmungo.

— Não seja tão dramática! Quatro quarteirões daqui. Eu contei — noto seu revirar de olhos. Ele continua se alongando e eu o copiando.

— Muito longe. Muito cedo. Muita coisa para minha cabeça às seis da manhã.

— No final você vai acabar gostando e me agradecendo. E para cada reclamação, a corrida aumentará em 500 metros — ao dizer isso, Hugo fica mais motivado.

— Você só pode estar... — paro ao notar o sorriso cínico dele. — Ok, você venceu.

— Boa menina! Agora vamos, quero ver todo esse potencial correndo.

— Já falei que você é um babaca, né? — ninguém merece esse bom humor todo a essa hora da manhã...

— Perdi até as contas — ele ri.

— Ótimo! Só verificando — estou muito rabugenta.

Durante o caminho, Hugo conta como foi seu final de semana no trabalho e na casa dos pais dele. A forma como ele fala da família com tanto carinho é admirável, nota-se que são muito próximos. O único defeito que encontrei nessa cara até agora é o fato dele gostar de acordar tão cedo.

— Me fale um pouco dos seus pais — mesmo caminhando em um ritmo intenso, ele fala sem esforço algum.

— Sou suspeita para falar, mas tenho os melhores. Minha mãe me fez trazer um arsenal de comida para a semana toda — não quero dar o braço a torcer, mas já estou cansada e estamos apenas na metade do caminho.

— Assim você evita comer tanto macarrão instantâneo.

— Está parecendo a minha mãe falando. O que há de errado em gostar disso? — respiro com um pouco de dificuldade, devo ser extremamente sedentária.

— Tirando o fato de ser extremamente prejudicial à saúde, e de as pesquisas mostrarem que depois de duas horas no organismo esse macarrão ainda está intacto, forçando seu sistema digestivo a trabalhar por horas para quebrar esse alimento altamente processado, ele também possui um aditivo que é um subproduto da indústria de petróleo, frequentemente listado como um antioxidante encontrado em vernizes e produtos pesticidas. Além disso, no saquinho no qual vem o tempero, contém alto teor de glutamato monossódico, entre outros produtos químicos nocivos. É, tem razão, acho que não há nada de errado nele.

— Por acaso você é um Google ambulante? — fico chocada com toda essa informação.

— Me preocupo com minha saúde, só isso. E agora com a sua também — ele parece mesmo estar falando sério. Será que todo mundo neurótico com saúde faz esse tipo de pesquisa?

— Tudo bem. Tentarei eliminar esse macarrãozinho da minha vida — começo a suar um pouco.

— Fico feliz em ouvir isso — diz ele, sem uma única gota de suor.

— Produtos pesticidas, isso é sério? — ainda não processei toda a

informação.

— Totalmente.

— Me lembrarei disso da próxima vez — mais um pouco e começarei a ofegar de forma audível.

— Me parece uma escolha inteligente.

— Obrigada — estou sendo sarcástica.

— De nada — ele ignora meu sarcasmo veementemente.

Ao chegarmos ao campo, não avistamos uma alma viva.

— Não tem ninguém por aqui, todos estão dormindo menos... — lembro-me dos tais 500 metros a mais e fico quieta.

— Como você não está habituada a correr, começaremos com um ritmo leve, andamos um pouco e voltamos a correr até seu corpo se adaptar. Se sentir algum tipo de dor, me avise imediatamente.

— Sim, senhor — já estou morta, espero conseguir realmente correr.

Começamos a correr com passadas curtas e devagar. Vejo que ele não quer me forçar muito, ainda mais por ser o primeiro dia. Corremos em silêncio, cada um perdido em seus pensamentos e só o fato dele estar presente é agradável. Não precisamos estar conversando a todo o momento, não fica uma situação desconfortável.

Uma hora depois, estou suada e esgotada. Hugo suou pouco, seu cabelo despenteado faz minha mão coçar, como eu queria tocar e despenteá-lo ainda mais. Estamos voltando para casa, caminhando com tranquilidade, e ele começa a cantar uma música bem antiga, Evidências. Chitãozinho e Xororó.

“Chega de mentiras, de negar o meu desejo, eu te quero mais que tudo, eu preciso do seu beijo. Eu entrego a minha vida pra você fazer o que quiser de mim. Só quero ouvir você dizer que sim.”

Ele me observa de canto de olho enquanto canta. Isso não é uma indireta de forma nenhuma! Mais direto que isso, ele não poderia ser, e eu não sei o que fazer. Chegamos a minha casa e Hugo segura minha mão, movendo os dedos em um carinho simples.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Izadora... — ele parece estar procurando as palavras certas para o que quer me dizer. Fico agitada só de tentar saber o que é. — Não somos mais crianças e sabemos o que está acontecendo aqui. Com a gente — ele solta minha mão e segura meu rosto com as suas. — Quero muito te beijar agora. Muito mesmo, mas sei que essa coisa toda que está acontecendo com a gente é diferente, especial. Você é especial para mim — ele faz uma leve pausa antes de completar — Porra, você não tem noção de como quero te beijar!

— Acho que eu tenho... — é a única coisa que consigo falar. Seus olhos brilham como dois meteoros atravessando a atmosfera. Intensos, em fogo, iluminados.

— Mas não quero que seja assim, te beijo e vou embora. Simples assim. Não.

— Não me importo com o simples... — argumento.

— Quando eu te beijar, não vou querer parar tão cedo, vou precisar de muito tempo, o suficiente para compensar todo esse tempo desde que nos conhecemos. Precisarei de uma noite toda para mostrar o quanto quero você.

Meu coração está disparado, sinto como se fosse saltar pela boca a fora e quicar pelo quintal. Hugo me olha fixamente, olha dos meus lábios para meus olhos e dos olhos aos lábios. Acho que ele não consegue se decidir. Por fim, se aproxima e roça seus lábios nos meus, sinto sua respiração tão rápida quanto a minha. Seu toque é leve, mas decidido. Nossas testas se encostam e vejo que ele engole em seco.

— Preciso ir — imediatamente, ao final de suas palavras, mordo o lábio inferior. Ele ainda segura meu rosto com as mãos. — Não faça isso, pelo amor de Deus!

Hugo se afasta com relutância, seus olhos fechados em uma tentativa de superar sua própria vontade, um esforço tremendo. Minha vontade é de não o deixar partir, mas sei que ele precisa trabalhar. Ele dá alguns passos a caminho da rua e, então, estaca e retorna.

— Sábado — diz com determinação.

— O que tem sábado? — pergunto tentando sanar minha curiosidade.

— Vai fazer alguma coisa nesse sábado? — nego com a cabeça. — Vou pensar em algum lugar para irmos. Tudo bem por você?

— Sim — na verdade, está tudo mais que bem.

— Ótimo. Mando mensagem mais tarde, honey.

Sábado. Nunca esperei tanto por um dia como vou esperar por esse.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 22

*Yeah, you don't know my mind
You don't know my kind
Dark necessities are part of my design and
Tell the world that I'm Falling from the sky
Dark necessities are part of my design*
(Dark Necessities – Red Hot Chili Peppers)^[25]

As palavras de Hugo não saem da minha cabeça. Depois que ele foi embora, tomei um longo banho, café da manhã, arrumei toda a casa e voltei a deitar, contudo não consegui pegar no sono. Ele é tão sincero e atencioso comigo que me pego pensando se eu deveria me abrir com ele e aliviar esse fardo, mas justo o Hugo? Pode ser que ele não aguentue toda essa sujeira que eu guardo embaixo do tapete. Ele é a melhor coisa que está me acontecendo.

Como sei que não conseguirei dormir novamente, levanto e busco meu notebook na sala, volto ao quarto e deito enquanto o espero ligar. Não entrei no blog no final de semana, esqueci completamente, o que não é novidade. Estou ansiosa para saber se tem alguma visualização; não sei se esse é um tema muito procurado, pode ser que eu esteja errada e foi por isso que não encontrei tantos blogs abordando esse assunto.

No instante em que entro no blog, levo um susto. Há dois comentários na minha postagem, o que é uma surpresa para mim, pois esperava somente alguma visualização. Clico imediatamente na notificação para ler o que deixaram.

“Finalmente alguém que realmente me entenda. Sou exatamente assim, uma montanha russa, só que a minha parece estar sem freio e sem direção, é uma constante para baixo, meu humor muda drasticamente em questão de segundos, não sei mais o que fazer. Já acordo mal, com dores que não me deixam em paz. Por favor, me

diga o que está fazendo e como é sua medicação, preciso de conselhos de alguém que sabe o que é passar por isso. Estarei te acompanhando sempre. Abraços.”

Fico feliz e preocupada ao mesmo tempo. Feliz por ler tal mensagem e saber que essa pessoa gostou do blog. Preocupada porque não sei dar conselhos para ninguém. É algo muito sério, existem pessoas que seguem à risca sugestões indicadas. Não sei nem como lidar com minha própria ansiedade, o que dirá ajudar alguém? Passo para o próximo comentário.

“Ótima abordagem. Gostei da forma como retratou a ansiedade, comparando com uma montanha russa. Descobri que a tenho há cerca de um mês, bem recente, mas já notei as mudanças no meu humor e isso é bem irritante, às vezes quero estar bem, mas não consigo. Continue postando. PS: Curti o nome do blog e seu nome fictício. Até breve.”

Realmente estou perdida. Não sei o que responder, o que aconselhar, o objetivo do blog é contar como estou lidando com tudo isso, não resolver o problema. Antes de pensar em alguma resposta para essas pessoas, vou verificar a quantidade de visualizações que o blog teve nesses quatro dias. Trinta e sete. Um número até significativo para o pouco tempo em que está no ar. Nem sei se é assim que se fala, meu Deus, como sou inexperiente nisso. Resolvo fazer mais uma postagem e ver no que vai dar.

Dependência

Olá, aqui é Anxious!

Bom, quero falar sobre a minha medicação.

Quando meu médico receitou o que eu deveria tomar, a primeira coisa que me veio à mente foi “Será que ficarei dependente?”.

O doutor me aconselhou dizendo que poderia haver efeitos colaterais indesejados, como tontura e náusea. Realmente passei por isso, mas só no início. A constante dúvida se eu ficaria dependente do medicamento ainda me assombra.

Semana passada deixei de tomar, ou melhor, esqueci completamente o remédio por três dias. No primeiro e segundo dia foi tudo bem. Dizia-me mentalmente para respirar fundo em situações nada agradáveis e seguia em frente. Tentava não lembrar que eu não havia me medicado. Mas no terceiro dia, tudo mudou. Uma dor de cabeça avassaladora, acompanhada de dores constantes na nuca.

Sabia que era a falta da medicação, e achei que depois de algum tempo passaria, só que não aconteceu. A situação piorou a tal ponto que precisei ser levada ao médico com urgência. Quatro dias depois, ainda sinto um pouco de dor na cabeça. Consequência da minha irresponsabilidade ante a medicação.

Depois disso, meu medo da dependência aumentou significativamente.

De acordo com o dicionário, ser dependente é estado de necessidade que resulta do consumo contínuo e repetido de alguma coisa. Entre outros.

Vou exemplificar a forma como enxergo a dependência.

É como a bateria de um celular e um carregador ligado à força. Digamos que meu cérebro seja a bateria desse celular. E o celular, meu corpo. Minha medicação é o carregador. O efeito desse remédio, a força, a energia. Essa bateria é projetada para aguentar por horas a fio sem necessidade de uma carga. Mas em algum momento, esse aparelho precisará de energia. Assim, ele é ligado ao carregador que transporta a carga necessária. Com o tempo, sabemos que todo aparelho “vicia”, ele não consegue ficar muito tempo sem estar ligado a algum carregador. Sua bateria não aguenta segurar essa energia. A bateria está totalmente dependente do carregador e a energia que ele transmite.

Meu corpo também. Antigamente, quando estava com alguma dor, uma pequena dose de algum remédio era o suficiente para não ter a necessidade de uma nova dosagem. Demorava muito para que isso acontecesse. Agora, estou sendo medicada. Todos os dias, eu tomo esse remédio, mas depois dessa crise de ansiedade que tive, logo depois de ficar alguns dias sem a medicação, percebi que meu corpo está se tornando dependente desse remédio. O que aconteceria se esse carregador se quebrasse e não houvesse outro para substituir? A bateria acabaria e nada conseguiria fazê-la ligar novamente sem outro aparelho para substituir. Tenho medo só de pensar em como eu ficaria sem essa medicação por muito tempo, o que aconteceria com meu corpo, três dias foram o suficiente para que ele entrasse em crise.

É melhor levar esse carregador a tira colo por onde eu for. Nunca se sabe quando precisará de uma nova carga.

Clico em enviar e mais um desabafo em forma de texto é publicado para quem queira ler.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nessas duas postagens, eu não sabia ao certo o que queria falar, apenas comecei a escrever e as palavras surgiram. Parece tão fácil escrever o que sinto, não ter essa necessidade de estar frente a frente com alguém que te observa atentamente enquanto se expõe. Apesar dessas pessoas não saberem quem é a *Anxious*, de certa forma estou abrindo caminho para elas me conhecerem. É como ter seu diário exposto para todos lerem seus pensamentos mais sombrios. Espero que essa parte mais escura não amedronte quem deseja se aproximar. As trevas podem submergir a luz. Tenho esperança que essa pequena luz que ainda existe dentro de mim não deixe a escuridão se alastrar, caso isso aconteça, nunca mais encontrarei o caminho que poderia me salvar.

Ser dependente talvez seja uma necessidade obscura que eu tenha.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 23

*Hoje eu preciso te encontrar de qualquer jeito
Nem que seja só pra te levar pra casa
Depois de um dia normal (...)
Hoje eu preciso te abraçar
Sentir teu cheiro de roupa limpa
Pra esquecer os meus anseios e dormir em paz
(Só Hoje – Jota Quest)*

Acordo ao som de batidas na porta. *Mas que horas são?* Tento ver a hora no meu celular, sem bateria. Droga! Hugo. Perdi a hora novamente. Que tipo de pessoa sou eu para se atrasar dois dias seguidos? O que ele vai pensar de mim? Saio correndo da cama para abrir a porta.

— Nossa! Uma visão encantadora tão cedo? Sua intenção é me seduzir?
— seu olhar é sacana.

Sem entender, olho para baixo e, só então, lembro que dormi somente de calcinha e camiseta.

— Se quiser correr assim, não vejo problema algum, mas ficarei distraído o percurso todo — ele dá um sorrisinho malicioso.

— Pare com isso, está me deixando constrangida — ando de costas, enquanto falo com ele. — Feche os olhos!

— Por que eu fecharia? Estou adorando essa cena — ele não disfarça em nenhum momento.

— Ai, que babaca! Vou até meu quarto me trocar e não tenho a intenção de esbarrar em alguma coisa pelo caminho. Então, seja bonzinho e feche os olhos até eu sair da sala.

— Tudo bem — ele fecha os olhos. No momento em que começo a me

afastar, ele abre um olho.

— Hugo! — que cretino!

— Não resisti, desculpa! — ele torna a fechar os olhos, com um sorriso cínico maior ainda em seus lábios.

Corro até o quarto e me arrumo rapidamente como no dia anterior.

— Aliás — grita ele da sala —, adorei a estampa!

Droga. Justo hoje resolvi dormir com minha calcinha do Bob Esponja.

— Vai se ferrar!

— Você é bem viciada nesse desenho mesmo — ele continua. — Acho que vou comprar uma cueca do Lula Molusco para mim. O que acha? — filho da mãe!

Saio do quarto, devidamente vestida.

— Acho que você é um babaca — retruco.

— Quer saber? Você fez isso de propósito para me distrair — ele aperta os olhos e coloca sua mão sob o queixo, fazendo a maior pose de especulação.

— Te distrair? Por quê?

— Porque está atrasada novamente. Foi a forma que encontrou para que eu não ficasse bravo contigo. E conseguiu — aquele olhar malicioso novamente.

Vou para o banheiro a fim de escovar meus dentes e Hugo me segue.

— Claro que não. Acabou a bateria do meu celular, portanto, o despertador não tocou — me defendo.

— Hum... Vou fingir que acreditei nisso.

Reviro os olhos para ele e começo a escovação. Hugo continua me observando, mas agora não sorri. Sinto seu olhar percorrer cada centímetro do meu corpo. Tento me concentrar na escovação, no entanto saber que ele me olha dessa forma faz me sentir como se estivesse nua. Um calafrio me percorre de alto a baixo, acompanhado de uma pontada no baixo ventre. Quando termino e estico minhas mãos para pegar a toalha, ele se coloca em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha frente e pega a toalha antes de mim, segura meu queixo e delicadamente a passa sobre meus lábios. Seu olhar está fixo em minha boca, é como se ele estivesse calculando os movimentos para não ultrapassar algum limite imaginário que ele colocou na cabeça. Sinto que vou derreter.

— Você quer me beijar — é uma afirmação e nem notei quando saiu da minha boca.

— Muito — ele não nega.

— Então, por que temos que esperar até sábado se podemos fazer isso agora?

— Iza, não faça isso...

— Fazer o quê? — provoco.

— Sabe tanto quanto eu que isso é o que mais quero, mas não assim, não dessa forma.

— Você já fez isso alguma vez? — fico curiosa.

— Isso o quê?

— Esperar? — esclareço.

— Nunca. Sempre beijei na primeira vez em que ficava sozinho com alguém — Hugo sempre muito transparente.

— Então, de novo, por que está fazendo isso agora? Por que comigo? — coloco ele contra a parede.

— Algo me diz que tudo isso vai valer a pena. Acredite, está sendo muito mais difícil para mim do que você possa imaginar.

Ele me abraça. É nesse abraço que eu quero me perder.



Quando chego à loja, sou recebida por Suzana.

— Olá, Izadora. Como você está?

— Oi, Su, estou bem melhor. Obrigada por se preocupar. E como vão as coisas por aqui? — pergunto sondando o lugar.

— O de sempre. Gabriela se achando a superior, dando ordens a seu bel-prazer, Helena fingindo que não vê isso, passando a mão na cabeça dela.

— Ou seja, tudo está do mesmo jeito — se é que um dia algo irá mudar por aqui.

— Sim. Fico feliz que esteja melhor, agora tenho de ir, hoje é dia de cobrir folgas.

— Verdade, tinha me esquecido. Em qual departamento vai ficar?

— No do Hugo — ao dizer o nome dele, Suzana arqueia as sobrancelhas e abre um sorrisinho cheio de cumplicidade.

— O que foi? — sei exatamente o que ela está insinuando, porém me faço de desentendida.

— Não vai me contar nada?

— Contar o quê? — demonstro que continuo sem entender. Enquanto isso, me viro e começo a remexer em meu armário.

— Iza, não desconverse. Semana passada quando você ficou mal, ele parecia muito preocupado.

— Ele é só um amigo, Suzana. Nada de mais — *e você é uma mentirosa, Izadora.*

— Pode até ser amigo na sua cabeça, mas a preocupação que ele demonstrou parecia mais com alguém que está apaixonado — ela diz isso com tanta certeza que me deixa em alerta.

— Apaixonado?! Você só pode estar brincando. Ele foi muito prestativo, apenas. Acho melhor entrarmos logo antes que sua amada chefe venha nos buscar — continuo remexendo em coisas inexistentes em meu armário, olhando para Suzi apenas de soslaio. Quero fugir desse interrogatório.

— Desconversando novamente. Tudo bem, vou fingir que acredito em você. — ela sai, ainda sorrindo.

Que vaca! Hugo apaixonado? Ainda mais por mim? Suzana está enlouquecendo. Finalmente fecho o armário e entro na loja. Gabriela está de folga, então terei apenas que aguentar as reclamações de Helena. É hora de

entregar mais um atestado.

— Oi, Helena — chego com cautela.

— Izadora, finalmente apareceu! Como foram as pequenas férias? — sinto o tom sarcástico na sua voz.

— Férias?! Como assim?

— Pensei em nos poupar, porém como perguntou, faço questão de esclarecer: você passou mal *novamente* próximo de um final de semana, como da outra vez. E não fez *tanto* tempo assim entre um e outro — até um surdo perceberia a ênfase em suas palavras, o veneno destilando.

— O que você está insinuando? — pergunto. Sei exatamente o que ela quer com tudo isso, só preciso que ela o diga com todas as letras.

— Acho inteligente da sua parte “passar mal” sempre no final de semana. Bem conveniente, não acha? Bela jogada! — mesmo que ela não tivesse desenhado as aspas no ar, teria sido fácil perceber. Mais sarcástica que isso, impossível.

— Vamos ver se eu entendi... — preciso segurar a minha língua para não me arrepender depois. — Você está querendo me dizer que essa situação toda foi proposital? Que eu fingi estar mal só para ficar em casa no sábado e domingo?

— Acredite, eu não tinha pensado muito bem em tudo isso até Gabriela me alertar: “*Você não acha estranho ela passar mal sempre perto dos finais de semana?*” — ela imitou o timbre da outra. — Estou de olho em você, mocinha, mais um final de semana assim e... — ela faz um sinal como se estivesse cortando o pescoço e sai de perto, deixando-me sozinha sem poder tentar me explicar.

Cabeças vão rolar, ou melhor, a minha vai. Inadmissível ela pensar isso de mim. Poderia muito bem contar de verdade o que aconteceu, minhas crises e meu transtorno, mas não darei esse gostinho para ela e Gabriela dispersar ainda mais o veneno delas contra mim.

Essa descrença de Helena é repugnante. Não se julga ninguém, ainda mais quando se está em uma função como a dela. Achou preferível acreditar na

opinião de outra pessoa que supôs o que passei ao invés de, no mínimo, ter me deixado explicar. Não que isso fosse resolver.

Helena é chefe, só dá ordens, autoritária, não pensa no bem-estar coletivo, aponta e responsabiliza seus funcionários quando algo não dá certo e, quando alcança algum objetivo, sempre age como se ela fosse a única que executou de maneira exemplar.

Definitivamente, precisamos de líderes. Uma pessoa realmente competente para nos guiar. Alguém que motiva e inspira todos ao seu redor. Que valoriza as habilidades de cada um, respeitando a limitação que podem apresentar, ajudando a superá-las. Um líder é muito mais respeitado que um chefe. Um líder está aqui para ajudar. Chefe pensa somente em si mesmo.

Hoje somos comandados por um chefe. O que é uma pena, pois existem pessoas realmente competentes aqui dentro com visão, iniciativa e capacidade de comunicação.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 24

*You can't stop the love love
You can't tell us no no
We can't get enough
Everybody needs a man*
(Everybody Needs a Man – Offer Nissim)^[26]

Cinco e cinquenta e sete da manhã de um sábado e já estou pronta. Acordei antes da hora, pois acabei não dormindo bem, então resolvi levantar e esperar o Hugo para correr. Agora estou aqui, sentada no meu sofá, batendo o pé no chão ritmicamente, à espera, quando meu celular vibra.

Hugo 27 (05:58): Estou aqui fora. Está pronta?

Ele é bem pontual, ainda bem que acordei cedo. Saio de casa e vou ao encontro dele na beira da calçada.

— É sério que precisamos correr até aos sábados? — *e que comecem as reclamações!*

— É, sim, só para não perder o costume — ele me abraça, algo que acabou se tornando natural entre nós. — Bom dia, honey.

Ele não desfaz o abraço e beija o topo da minha cabeça. Só depois se afasta, com certa relutância.

— Hoje vamos correr a metade do percurso, ok?

— Ótimo! — quem sou eu para reclamar, não é mesmo? — Por que essa mudança? — a curiosidade fala mais alto, já que ele nunca mudou o itinerário.

— Sábado. Já sei onde quero te levar e, como vamos trabalhar o dia todo, não quero que fique muito cansada à noite e perca a diversão. Apesar de que dará tempo de você dormir um pouco antes de sairmos — ele programou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tudo! Cho-ca-da!

— Por acaso, poderia me informar para onde vai me levar? — Hugo e essa mania de me deixar curiosa.

— É surpresa. Não se preocupe você vai gostar — ele pisca para mim. — Venho te buscar por volta de meia-noite.

— Meia-noite?! Quem iremos enterrar? — fico surpresa com o horário combinado. *Que não seja um cemitério, que não seja um cemitério...* É, eu sei que exagerei nesse pensamento, mas sei lá, tem doido para tudo no mundo.

— Relaxe. Tudo no seu tempo — e com isso sei que ele não revelará mais nada. Eu mereço!

Se já estava ansiosa antes só por saber que sairíamos, agora, ciente do horário, minha ansiedade está alcançando picos elevados. Confio em Hugo, por isso não toquei mais no assunto. Ele deve saber o que faz. E eu espero saber aproveitar o que ele me proporcionar.



Hugo chega em minha casa exatamente à meia-noite. Vamos no meu carro, ele não quer que fiquemos com os capacetes nas mãos. Disse que nos deixaria sem jeito. Dirige com desenvoltura, trocando assuntos triviais comigo. Não reconheço o local, mas vejo uma pequena fila se formando do lado de fora. Quando chegamos em frente ao lugar e consigo ler o nome, levo um susto ao perceber onde entraremos.

— Você me trouxe em uma balada gay? — estou chocada. Mais uma vez.

— Por que o espanto? Vai me dizer que nunca veio em uma — Hugo faz cara de espanto.

— Claro que não, porque eu viria em uma se eu não sou... É... — “*Dr. Sem Jeito*” mandou lembrança, né, Izadora?

— Lésbica? O que tem de errado nisso? Não é porque você não seja o público alvo dessas casas que vai deixar de aproveitar a diversão que elas oferecem — ele diz, como se fosse a coisa mais óbvia da face da Terra.

— Você vem sempre aqui? — começo a sondar.

— Sempre, não. Mas apareci por aqui algumas vezes, sim. É por diversão, Iza. Confie em mim — ele fica de frente para mim e sua mão toca meu ombro. — Se você não quiser entrar, eu vou entender e respeitar, não se sinta obrigada a fazer nada que não queira. Nunca.

— E se alguma mulher der em cima de mim...? — pergunto, ainda insegura.

— Relaxe, aqui eles se respeitam bastante. Na pista, ninguém vai chegar em você, só não posso evitar os olhares delas! Para a pegação, tem um local destinado a isso. — ele ri da minha cara. Por fim, ele complementa: — Lembra quando almoçamos juntos na primeira vez? Eu disse para sair da sua zona de conforto, se arriscar mais, tentar coisas novas. Essa é a sua chance!

— Ok. Vamos entrar! Quero sair da minha zona de conforto. Pelo menos uma vez na vida — está na hora de me aventurar um pouco mais.

— É assim que se fala! — saímos do carro, ele segura em minha mão e me conduz até a entrada.

Passamos a digital em um aparelho e entramos na boate. Hugo vai até ao balcão e pega nosso cartão de consumação. O ambiente é diferente de tudo o que já imaginei, há diversos *puffs* espalhados pelo lugar com *gogo boys* em cima deles dançando.

— Esse é o primeiro ambiente — Hugo grita acima da música para que eu ouça. — Aqui só toca música eletrônica. Mas tem outro com música ao vivo, depois vamos passar lá.

— Obrigada por essa bela visão! — grito de volta, apontando para os *gogo boys*. Hugo ri abertamente.

— Disponha sempre. Lá em cima — Hugo me mostra — é a pista vip. Logo começa o show das *drag queens*.

— Sério?! Nunca vi uma de perto — fico mais animada com cada informação fornecida.

— Você vai gostar! Vem, vamos comprar alguma coisa para beber.

Hugo segura firmemente em minhas mãos e me conduz pela pista até o bar.

— O que vai querer? — Hugo me olha nos olhos.

— Acho que um *Big Apple com Schweppes* — Lorena ficaria orgulhosa.

— Certeza? Pode misturar bebida alcóolica com seu remédio? — ele pergunta.

— Não posso... — droga! Esqueci disso.

— Então está combinado, vamos beber água.

— Sério? Você não bebe nada? — não acredito que ele vá recusar todas as bebidas.

— Não. Já faz alguns anos — ele diz com um semblante entristecido.

Assim que pegamos nossas águas, vamos para a pista dançar. Hugo dança muito bem, sabe até algumas coreografias e tenta me ensinar, mas em vão, não sou boa nisso. Percebo que uma moça não para de me encarar. Ela faz sinal com sua bebida como se fosse um brinde imaginário, acabo fazendo o mesmo.

— Hugo, não olhe agora, mas tem uma mulher me encarando de forma nada sutil. Ela está de regata branca e calça jeans, loira. Atrás de nós.

É como se eu não tivesse dito nada. Hugo vira na mesma hora e, quando a encontra, a garota faz seu brinde imaginário também.

— Eu falei para você não olhar, agora ela sabe que falei dela... — não sei onde enfiar minha cara, ele não é nada discreto.

— Não só sabe, como está vindo para cá. Quer que eu saia e deixe as duas sozinhas? — mas é um babaca mesmo!

— Hugo! — fico apavorada com a possibilidade.

— Relaxe. Sei o que fazer — aquele sorriso maroto. Tenho até medo de perguntar.

A garota se aproxima, ela é muito linda e olha diretamente para mim. Estou sem jeito. Mais do que sem jeito, acho que ultra-hiper-mega-envergonhada.

— Oi, quer dançar? — além de loira, ela tem olhos claros, não dá para ter

certeza se verdes ou azuis, sua altura é praticamente igual à minha. Muito bonita e bem direta.

Antes que eu possa responder, Hugo muda seus trejeitos.

— Sinto muito, queridinha! — *puta que o pariu!* Não acredito que ele está fazendo isso! — Hoje viemos juntos para ela me ajudar a sair da fossa, meu *boy* me largou semana passada. Ainda estou chocada! — Hugo complementa suas palavras colocando a mão direita sobre o peito, cheio de requebrado.

— Só uma dança...

— Ela é minha propriedade hoje, avisei antes de vir que ela não sairia com ninguém! — mais umas requebradas e o dedo indicador voando de um lado para outro. Meu deus do céu! Esse homem não existe... — Preciso afogar minhas mágoas e a minha amiga vai me ajudar.

— E por que o cara te largou? — a garota o questiona, acho que para ver se era mentira ou não.

— Não sei ainda, querida, justo eu que fazia uma chupeta tão bem... — quase cuspi fora a água que bebia.

— Ok. Vou nessa — ela olha para mim. — Se mudar de opinião, estarei por aí.

Depois que a garota sai de nossas vistas, Hugo e eu caímos na risada.

— Desde quando sabe interpretar tão bem? Aliás, o que foi aquilo de “chupeta”? — de tanto rir, preciso limpar algumas lágrimas.

— Foi a primeira coisa que me veio à mente!

Ele não parece nada incomodado com a sua pequena “performance”. Antes que eu pudesse perguntar mais alguma coisa, sirenes começam a tocar.

— O que é isso? — olho ao redor tentando identificar de onde vem o som.

— Vai começar o show! — ele explica.

O som da sirene se repete três vezes. Uma música eletrônica começa a tocar e uma *drag* entra acompanhada de alguns *gogo boys*. É fantástico! As cores, o som, o ambiente, a dança. Tudo! Fico assistindo a tudo isso fascinada. Como eu nunca tinha vindo a esse lugar? Sou a pessoa mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desatualizada do mundo.

— O que está achando? — Hugo segura em minha cintura o tempo todo.

— É sensacional! Adorando tudo isso! — e não estou exagerando.

Ficamos mais algum tempo vendo algumas apresentações e então Hugo me leva para a outra área com música ao vivo. Depois de algum tempo, percebo a existência de uma passagem onde alguns casais estão entrando.

— Para onde essa passagem leva? — um dia minha curiosidade vai me matar.

— Para algumas áreas mais íntimas — ele sorri maliciosamente.

— Tipo, essas pessoas vão lá para...

— Sim. Elas transam, existem diversas cabines lá dentro. Quer ir lá conhecer? — falar sobre essas coisas parece ser extremamente natural para Hugo.

— Acho que não.

— Imaginei — ele ri da minha cara.

— O que foi?

— Acontecem mais coisas lá também — ele sabe que sou curiosa, então não perde a chance.

— Tipo...?

— Tem uma parede lá dentro com vários buracos, digamos assim. O cara fica atrás dessa parede e coloca seu amiguinho lá para ganhar um presentinho da pessoa que estiver do outro lado da parede. Uma chupeta, para ser mais específico.

— Sério?! O cara não sabe se é uma mulher ou um homem que está fazendo o serviço? — chocada seria o mínimo para descrever esse momento. Não sei porquê continuo me dando ao trabalho de ficar chocada hoje.

— Não. Essa é a graça, eu acho.

— Você já... — mas não tenho coragem de completar a pergunta.

— Uma vez, mas achei um pouco estranho não poder ver — ele fala isso tão naturalmente que se fosse eu, enterraria minha cabeça na areia.

— Você é louco!

— Por quê? — Hugo realmente quer saber, sem brincadeiras.

— Você não sabe se foi um homem ou uma mulher que... É...

— Que me chupou? Não mesmo. Se eu faria de novo? Negativo. Arrependo-me? Também não. Eu era mais jovem, levava bem a sério essa coisa de sair da zona de conforto. Acredite — onde ele guarda toda a vergonha? Eu que fico vermelha só de pensar, quem dirá em saber de tudo isso.

— Acho que não aproveitei metade do que você já fez. Sinto como se estivesse desperdiçando minha vida.

— A oportunidade está sempre à sua frente, basta você saber identificá-la e aproveitá-la ao máximo. É melhor fazer e poder se arrepender do que passar a vida toda pensando em “E se eu tivesse feito isso ou aquilo”. Você só tem vinte e três anos, comece aproveitando de todas as formas que puder essa noite.

— E o que mais eu poderia fazer essa noite para aproveitá-la? — questiono, cheia de intenções. Decido fazer o que ele tanto fala.

Hugo fixa seu olhar no meu. Suas mãos soltam-se das minhas, seguram meu rosto e sinto seus lábios roçando junto aos meus da forma mais suave. Ele segue beijando meu rosto, meu queixo, depois sobe para meus olhos, tudo de maneira delicada. Sinto sua respiração acelerando tanto quanto a minha. Uma das mãos desce até minha cintura ao mesmo tempo em que ele me puxa para mais perto e aprofunda o beijo.

De início, ele me beija devagar, como se quisesse conhecer, degustar, sentir. Passa sua língua em meu lábio superior, depois no inferior e morde este último de maneira lenta, mas firme. Como se estivesse sem paciência para esperar mais, Hugo me beija como se fosse a última coisa que poderia fazer. Seu beijo é quente, carinhoso e ao mesmo tempo dominador. Imaginei tanto ser beijada por ele, como seria, se eu gostaria. É muito mais...! Enquanto nos beijamos, esqueço completamente tudo e todos ao nosso redor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ficamos assim até estarmos sem ar. Hugo estanca os movimentos, mas não afasta a sua boca da minha.

Aos poucos, ele se distancia o suficiente para nossos olhares se cruzarem. Engole em seco uma, duas vezes, e parece travar uma luta interna ante ao que quer me falar.

— Izadora. Fique comigo essa noite.

Não é uma pergunta, nem uma afirmação. É o desejo dele ficando evidente através das palavras. Hugo está sério, esperando minha resposta. Nossa respiração ainda forte e entrecortada se misturando.

Quero muito ficar com ele, seria impossível dar qualquer outro tipo de resposta.

— Sim.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 25

*Got me looking so crazy right now, your love's
 Got me looking so crazy right now
 Got me looking so crazy right now, your touch
 Got me looking so crazy right now (your touch)
 Got me hoping you'll save me right now, your
 kiss
 Got me hoping you'll save me right now
 Looking so crazy in love's
 Got me looking, got me looking so crazy in love
 (Crazy In Love – Beyoncé – versão Fifty Shades
 of Grey)^[27]*

Estamos entrando em minha casa. Confesso que estou nervosa e ansiosa ao mesmo tempo. Assim que ele fecha a porta, se vira para mim e segura meu rosto.

— Você confia em mim? — apenas assinto com a cabeça.

Ele me conduz ao quarto, me segurando pela mão. Entramos e Hugo torna a me beijar com intensidade. Segura meus cabelos e os puxa ao mesmo tempo em que me acaricia, ficamos dessa forma até chegarmos esbarrando na cama. Hugo para e mais uma vez me olha com desejo.

— O seu prazer será o meu prazer. Quero se sinta à vontade comigo para me dizer se alguma coisa te incomodar ou se quiser mais. É só pedir. Eu farei.

Talvez Hugo consiga ouvir meu coração acelerado, tresloucado depois de tais palavras. Não me lembro de ser tratada com tanta gentileza e respeito como ele está fazendo. Continuamos nos beijando por um longo tempo, sem pressa, apenas aproveitando intensamente esse momento. Ele me conduz, ainda com gentileza, para mais próximo da cabeceira da cama, interrompe o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

beijo e fixa o olhar em mim.

— Quero te tocar, Izadora. Quero tocar a sua alma, seu coração. Seu corpo — a necessidade em sua voz é arrebatadora.

Os beijos de Hugo tornam-se vorazes, ele desliza uma de suas mãos para dentro da minha calça e calcinha e me toca. Gemo em sua boca de forma quase involuntária. Ele me acaricia, o que me deixa ainda mais sedenta. Sua mão me deixa apenas para tirar minha blusa. São mãos insistentes, agora parecem ter pressa; que bom, porque eu também tenho. Sem interromper o beijo, depois da blusa, ele abre o zíper da minha calça com a mão direita ao mesmo tempo em que a esquerda puxa meus cabelos.

Logo que minhas calças vão ao chão, noto que somente eu estou exposta. Poderia até estar envergonhada, mas Hugo me passa segurança. Ele faz com que eu me sente na cama. Ele se ajoelha diante de mim e então, bem lentamente, sobe suas mãos pelas minhas coxas até chegar à minha calcinha. Levanto-me o suficiente para que ele a tire, o que faz de forma calculada.

Sem perder o contato visual comigo em nenhum momento, me puxa para a beirada da cama e abre minhas pernas. Seus olhos são provocativos, cheios de desejo. Ele passa seus braços por baixo das minhas coxas e agarra minha bunda. Hugo beija e morde toda a extensão das minhas pernas só para me provocar, não desvia seus olhos dos meus. Se ele continuar a fazer isso, essa antecipação vai me matar.

No momento em que seus lábios me tocam, jogo a cabeça para trás segurando em seus cabelos. Para ter melhor acesso, Hugo posiciona meus pés em cada ombro seu. Segura com força minha cintura enquanto sua língua trabalha.

— Não pare — murmuro, nem sei se ele conseguiu ouvir.

Parece que ele me ouviu, pois agora Hugo usa a boca e os dedos para me deixar totalmente entregue. Ele sabe muito bem o que fazer. De início, seu toque é delicado, lento como que para conhecer, sondar. O ritmo vai aumentando conforme meus gemidos ganham força e meu corpo todo se contorce, começo a tremer e ante a isso Hugo acelera cada vez mais o movimento, fazendo-me chegar ao clímax em pouco tempo.

Assim que meus tremores cessam, Hugo me levanta pela cintura e me posiciona no meio da cama. Observo enquanto ele tira a própria roupa; depois que tira a camisa, aprecio sem moderação essa visão. É melhor do que eu imaginava, seus músculos abdominais são lindamente desenhados, ele é forte, mas nada exagerado, na medida certa. Está usando uma cueca boxer preta, o que contrasta com sua cor de pele. É notável o volume que está por baixo. Assim que retira sua cueca, Hugo coloca a camisinha e se aproxima de mim, engatinha até onde estou, ao mesmo tempo em que abre minhas pernas com as suas e segura meus braços pelos pulsos e os erguendo acima da minha cabeça.

— Honey — ele sussurra em meu ouvido de forma tórrida —, vou beijar cada pedacinho do seu corpo, e quando eu terminar farei tudo novamente, em cada parte, para ter certeza de que todo ele foi apreciado.

Hugo solta meus braços lentamente, se posiciona em cima de mim enquanto suas mãos vão até minhas costas e retira meu sutiã. Ele acaricia meus seios com as pontas dos dedos, suavemente.

— Ah, Izadora, você não tem noção do que eu quero fazer com você! Só essa noite não será o suficiente...

Hugo me beija com sofreguidão, sua mão percorre meu corpo até as minhas coxas e separa ainda mais as minhas pernas; em seguida, desliza as mãos pelos meus braços, erguendo-os novamente acima da minha cabeça, me olha de maneira confiante e sem nenhuma hesitação me penetra de forma lenta para saborear o momento. Involuntariamente, meu pescoço se curva para trás em direção ao travesseiro. Sem perceber, fecho meus olhos e sinto os movimentos pararem. Assim que os reabro, noto Hugo me olhando fixamente.

— Honey, olhe para mim. Quero te ver gozar. Por favor!

Não tem como recusar um pedido desse, ainda mais dele. Hugo retoma seus movimentos e morde meus lábios, depois meu queixo e pescoço. Ele solta minhas mãos, descendo pelo meu corpo e as passa por trás dos meus joelhos. Em seguida, torna a subir pelo mesmo caminho de descida e desliza as mãos por baixo dos meus braços, para, por fim, agarrar meus ombros. Ele começa a investir de forma mais rápida e constante, nossas respirações estão

pesadas, enlaço seus quadris com minhas pernas e enterro minhas unhas em suas costas. Rasgo sua pele.

Segundos depois, Hugo solta meus ombros, segura firmemente minha cintura e aumenta sua velocidade. Meu corpo começa a tremer e jogo minha cabeça para trás, o que me faz perder o contato visual. Seria impossível manter meus olhos abertos ante ao prazer que ele me proporciona.

— Goza comigo, honey! — ele sussurra em meu ouvido.

Chegamos ao clímax quase ao mesmo tempo. Minhas pernas tremem, estou suada, minha respiração é ofegante, parece até que corri uma maratona.

Hugo se levanta, vai até o banheiro, provavelmente descartar a camisinha. Retorna em menos de um minuto, deita-se ao meu lado, puxando-me para perto de seu corpo. Ainda estou com uma de minhas pernas em sua cintura. Apoio minha cabeça em seu peito e ouço seu coração acelerado tanto quanto o meu. Não falamos uma única palavra, não há necessidade. Foi tudo muito bom.

Meia hora depois, recomeçamos. É preciso tirar todo o atraso desses meses. Em todo tempo, Hugo foi gentil comigo, pensando em mim primeiro, deixando-me segura e confiante. Quando acabamos definitivamente por essa noite, olho em meu relógio e são quase sete da manhã.

O sol está raiando no momento em que pegamos no sono.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 26

*So we'll piss off the neighbors
In the place that feels the tears
The place to lose your fears
Yeah, reckless behavior
A place that is so pure, so dirty and raw
Be in the bed all day, bed all day, bed all day
Fucking in, and fighting on
It's our paradise and it's our war zone
It's our paradise and it's our war zone
(Pillowtalk – Zayn)^[28]*

A insistência do despertador do meu celular acaba me acordando. Meio-dia. Hoje tenho que ir trabalhar, mas minha vontade é de ficar nessa cama a tarde toda com Hugo. Ele continua dormindo, segurando firmemente em minha cintura. Ainda estamos nus, parcialmente cobertos pelo edredom. Não resisto em vê-lo assim, dormindo tranquilamente, e começo a beijar todo o seu rosto, despertando-o. Ele abre os olhos com lentidão e sorri para mim.

— Bom dia, honey — essa voz rouca só me deixa ainda mais louca.

— Bom dia. Dormiu bem? — sei que não tem necessidade em perguntar isso, mas faço questão.

— Melhor impossível — Hugo me puxa para ficar sobre si e me beija sem cerimônias. — Sério que precisa ir trabalhar hoje?

— Infelizmente — suspiro.

— Não vá! Fique aqui comigo, ainda nem começamos direito — ele abre um sorriso preguiçoso.

— Safado! Se eu não aparecer hoje, Helena vai cortar o meu pescoço,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

literalmente.

— Que pena! — como se eu não pesasse nada, Hugo me vira na cama e agora ele é quem está por cima. — O que vai fazer agora?

— Um banho seria bom — respondo e ele me olha de forma provocativa. Não resisto e o convido. — Quer vir comigo?

— Não precisa perguntar duas vezes.

Hugo me ergue em seu colo, carregando-me assim até o banheiro. Ao chegarmos, ele me põe de pé e abre o chuveiro. Imediatamente, vou para baixo da água e o puxo comigo. Hugo pega o frasco de sabonete líquido, coloca uma boa quantidade em suas mãos.

— Fique de costas, honey.

Faço o que ele me pediu. Sinto suas mãos em minhas costas, massageando meus ombros enquanto me ensaboia. Isso é muito bom. Ele massageia meus braços, volta para minhas costas e desce para minhas nádegas. Faz movimentos circulares, a sensação é maravilhosa. Gentilmente, ele dá um leve puxão em meu ombro, indicando para que eu fique de frente para ele. Pega mais um pouco de sabonete e começa a acariciar meus seios. Um som escapa dos meus lábios involuntariamente.

— Está gostando?

— Muito... — sussurro.

Seu sorriso é provocante, seus olhos fixos em meu rosto enquanto suas mãos descem pelo meu ventre, massageando minha cintura e barriga e depois, com apenas uma das mãos, ele me puxa para mais perto e deixa a outra se perder no meio de minhas pernas. Hugo me beija, morde meus lábios, sua mão não para. Subitamente, o ritmo cessa. Ele se afasta um pouco.

— Honey, a camisinha ficou no quarto, preciso ir busca-la... — ele diz isso seriamente, demonstrando o quanto é cuidadoso.

— Não. Não precisa dela, eu confio em você, Hugo.

O autocontrole dele se esvai. Hugo prende minhas costas contra a parede e me levanta em seus braços, permitindo que eu enlace sua cintura com minhas

pernas ao mesmo tempo em que ele me penetra. A sensação é indescritível, poder sentir toda sua masculinidade, sem nada para atrapalhar. Seguro em seus cabelos enquanto ele investe contra mim, estamos sedentos demais para que seja algo carinhoso. O sexo é selvagem, duas feras buscando prazer. Ficamos assim até estarmos saciados. Hugo estica o braço e pega a toalha. Torna a me carregar em seus braços até o quarto. Com delicadeza, liberta-me de seu abraço, começa a secar e pentear meus cabelos.

— Já que você precisa trabalhar, darei um pulo na casa dos meus pais. À noite, estarei aqui. Se você quiser, é claro.

— Não seja bobo, é lógico que quero você por aqui! Sempre.

Hugo se inclina, deixando a escova de lado, e me beija. Recomeçamos mais uma vez. Se me pedissem para descrever a palavra insaciável, saberia exatamente a sua melhor definição.



Apesar de ser domingo, a loja está tranquila hoje, deve ser porque é o final de mês. Estou no setor infantil, organizando as mercadorias e pensando sobre a minha noite com Hugo. Foi muito melhor do que eu poderia ter imaginado. A boate, as músicas, o ambiente, sair da minha zona de conforto e principalmente, Hugo. Ele em todo o momento foi carinhoso e atencioso comigo, se preocupando primeiramente com meu bem-estar, deixando a própria vontade de lado para satisfazer a minha. Tem sido sincero em tudo, o que me deixa mal, pois continuo tentando maquiagem as minhas rachaduras a todo o momento. Se ele continuar a se aproximar dessa forma, acabará enxergando mais do que estou disposta a mostrar. Quero muito ficar com ele, mas tenho medo de magoá-lo ao descobrir a sujeira embaixo do meu tapete.

Não vou mentir para mim mesma, sei que gosto dele muito mais do que imaginava. Hugo tem sido a calma de que preciso e não encontrava há muito tempo. Ele me deixa à vontade, me faz sentir confiança em mim mesma, algo que eu tinha perdido, e me respeita. Acho que esse tratamento define bem como deve ser uma relação. Alguém que te faça se abrir e não se encolher. Que te coloque para cima, nunca para baixo. Que te respeita e não te denigri.

Meus pensamentos são interrompidos pela chegada de Suzana ao setor. Ela se aproxima de forma abrupta, parece estar irritada com alguma coisa.

— Aconteceu alguma coisa, Su?

Ela bufa.

— Aqui sempre vai acontecer alguma coisa. Inacreditável! — nisso ela tem toda razão.

— O que foi agora? Helena ou Gabriela? — quero saber.

— Lembra que te falei algum tempo atrás que eu pedi uma folga no sábado que vem para ir a um casamento de uma amiga de infância?

— Claro que me lembro. Você até mandou a foto do vestido que irá usar.

— *Ia* usar — Suzana tenta se acalmar e esconder algumas lágrimas que insistem em cair. — Helena veio me avisar que “*Infelizmente não será possível te dar a folga no sábado porque a Gabriela também terá um compromisso*” — mesmo em meio ao nervosismo, ela conseguiu imitar aquela voz asquerosa.

— Calma aí! Helena vai cancelar a sua folga, que foi combinada há mais de dois meses, por causa de um “compromisso” da chata da Gabriela? — enfatizei minha revolta desenhando as aspas no ar com as duas mãos.

— É o que parece! — Suzana bufa novamente.

— E qual seria esse compromisso tão importante a ponto de ter que cancelar a sua folga? — sinto pena por isso estar acontecendo com ela.

— Gabriela vai a um show e já tinha comprado os ingressos. Helena, com a alma tão caridosa, disse que seria uma pena ter de perder o dinheiro do ingresso.

— Você só pode estar de brincadeira, né? — ainda não acredito no que estou ouvindo.

— Ainda não te contei o pior! — exclama Suzana. Ela olha ao redor para ver se não atraiu a atenção de ninguém, sua voz saiu um pouco mais alta do que esperava.

— O que seria pior?! — estou até com medo de ouvir.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Helena me disse “*Além do mais, casamentos são gravados, vai dar para você assistir em outra hora, não vai perder nada*” — Suzana agora chora sem se importar mais. — O que eu faço, Iza? É o casamento de uma amiga, não vou sair para farrear igual à outra!

Não sei bem o que responder. Na verdade, sei, mas a fúria não é com ela. Então, apenas abraço Suzana.

— Quer que eu fale com ela? Eu te cubro no sábado, não tem problema te dar uma folga, ainda mais em uma ocasião como essa. Tentou pedir para sair mais cedo? — tento encontrar uma saída.

— Tentei, sim! Ela respondeu que o horário do meu pedido é muito corrido. No final de tudo, disse que lamentava a falta de atenção da Gabriela que comprou os ingressos e depois pediu a folga.

— E seu vestido? O local que marcou para se maquiar? O seu prejuízo será muito maior! Eu vou falar com ela — quando vou sair, Suzana me segura.

— Não, melhor esperar. Ela está um cão hoje.

— Absurdo! Qualquer coisa você nem vem, Su. Dane-se ela e a queridinha dela! — realmente não estou mais me importando com nada.

— Na hora, também pensei em fazer isso, mas nunca faltei, não quero me sujar — o medo da demissão está estampado em seu olhar.

— Vou falar com ela durante a semana e tentaremos resolver isso. Se a resposta dela continuar a mesma, você terá que decidir, ir ao casamento e se sujar ou vir trabalhar e deixar ela achar que está cheia de razão.

— Vou pensar nisso. Obrigada mais uma vez, Iza. Observo enquanto Suzana limpa seus olhos e retorna ao seu setor.

Isso tudo é mesmo um absurdo! A partir do momento em que uma pessoa se beneficia da posição que ocupa é considerado abuso de poder. Agora eu me pergunto: qual poder Helena acha que tem? Ela é uma funcionária e recebe ordens tanto quanto todos nós aqui. Não vejo o diretor da loja por aqui já faz algum tempo, mas alguém precisa alertar sobre o que anda acontecendo. Alguém precisa abrir os olhos desse homem.



Quando chego a minha casa após o expediente, já passam das nove da noite. Hugo está parado ao lado da moto, me esperando. Ao me ver, ele desliga o celular e vem me abraçar.

— Oi — diz em tom baixo.

— Oi — retribuo o abraço, deitando minha cabeça em seu peito.

— Como foi hoje?

— Razoável, mas estou viva. E seus pais, como estão?

— Bem, obrigado — Hugo volta até sua moto e retira uma sacola. — Está com fome? — da maneira que ele perguntou, acabo ficando na dúvida para saber a que tipo de fome ele se referiu.

— Muita! — entro no jogo.

— Que bom, eu também! Preciso alimentar a fera aqui.

— Você é insaciável, sabia? — dou uma risadinha.

— Se você não quiser é só me falar...

— É claro que eu quero, só estou te zoando, seu bobinho!

— Menos mal, aliás, eu estava vendo aqui na internet umas posições do Kama Sutra... — ele me envia aquele sorriso maroto.

— Hugo! — definitivamente essa criatura não tem jeito.

Entramos em casa rindo.

Até o final da noite, acabei por concordar em aprender alguma coisa diferente. Adoro alimentar essa fera.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 27

Achei

Vendo em você

Explicação

Nenhuma isso requer

Se o coração bater forte e arder

No fogo o gelo vai queimar

(Pra você guardei o amor – Nando Reis, Ana Canâs)

Dessa vez, Hugo não dormiu em minha casa. Decidimos isso ontem à noite, pois desde sábado estamos praticamente grudados. Outra questão que entrou em pauta foi a minha saúde íntima; se ele continuasse aqui seria uma tentação e hoje eu estaria em alguma farmácia, procurando qualquer creme que aliviasse o ardor que comecei a sentir depois de mais uma relação com Hugo. Ele explicou que depois de friccionarmos muito — sim, ele disse friccionar —, é normal sentir ardor. Óbvio que fez piada disso também, o babaca. Daqui a pouco, ele vai chegar para correremos, mas sinto que terei de cancelar, não sei se eu aguentaria fazer mais exercício nessas condições.

Assim que ele chega, abro a porta para que entre. Hugo me abraça e me beija, no entanto, ao notar que ainda estou de pijama, arqueia as sobrancelhas.

— Não vai conseguir correr? — sacudo a cabeça em negativa. — Tudo bem, eu fico aqui cuidando de você.

— Não precisa, é sério! Se quiser ir correr, não vai ter...

— Correr ou ficar com você? — Hugo se joga sobre o sofá e imita a famosa imagem do pensador. Começo a rir e, depois de alguns segundos, ele se levanta. — Depois de muito analisar, ficarei por aqui de olho na senhorita.

— Hugo... — tento argumentar.

— Izadora, quero ficar e cuidar de você, então se quiser se aproveitar da minha presença, pode começar.

— Posso pedir o que eu quiser? — estou gostando da ideia...

— Qualquer coisa.

— Café da manhã na cama?

— Seu pedido é uma ordem! — com uma mesura, Hugo passa por mim e vai até a cozinha. — É melhor se deitar enquanto preparo.

Não sei o que ele vai aprontar, mas estou adorando tudo isso. Ser mimada de vez em quando faz muito bem para o ego. Enquanto Hugo não vem, resolvo mandar uma mensagem para Lorena que praticamente sumiu da minha vida nessas últimas semanas. Deve ter conhecido alguém para fazer isso, bem a cara dela.

Iza (06:07): Vaca, por onde anda?

Iza (06:07): Saudade, cabrita.

Sei que a essas horas ela está dormindo, mas não deixará de me responder. O cheiro que vem da cozinha está muito bom. Como Hugo ainda não apareceu, ligo o computador e entro rapidamente no blog. Levo um susto: tem mais de 15 notificações, entre comentários nos posts e alguns privados. Minhas mãos começam a suar de ansiedade para saber mais sobre essas mensagens, contudo sou interrompida pela entrada de Hugo no quarto, carregando uma bandeja bem elaborada.

— Nossa, *que serumaninho prendado, páe!*

— Foi o que eu consegui fazer já que a senhorita não leva jeito para comprar o básico de comida, menos ainda uma saudável — uma reprimenda feita com um sorriso.

Hugo coloca com cuidado a bandeja ao meu lado e senta à minha frente.

— Aviso logo que esse suco de laranja não é natural, pois não encontrei uma única laranja — só ele mesmo para pensar que teria fruta fresca na minha casa... — Enfim... fiz uns ovos mexidos porque você precisa se

alimentar bem para aguentar o tranco.

— Que tranco? — pergunto, olhando para ele na maior inocência. Ele apenas retribui o olhar, mas de forma travessa. Não resisto e rio com gosto. — Seu babaca incorrigível! — Hugo sorri abertamente.

— Aqui temos meio pão murcho que eu encontrei — continua, apontando para o dito cujo ao lado dos ovos — e seu remédio. Coloquei aqui do ladinho para você não se esquecer.

Ele lembrou do remédio! Fico tão surpresa com esse gesto que o puxo para um beijo.

— Obrigada por cuidar tão bem de mim, eu não mereço isso...

— Pare, por favor — ele segura meu rosto. — Você merece muito mais que isso, não tem porque achar o contrário. Nunca! Não estou fazendo essas coisas por obrigação, eu realmente quero te mimar e te deixar feliz.

— E você está, não tenha dúvida disso — dou a maior ênfase que consigo às minhas palavras. Hugo me puxa para seu colo e me beija. Milagrosamente, nada da bandeja se derrama.

Tinha me esquecido de como era ser amada de verdade, sem obrigações, sem medos, sem culpa, sem ressentimentos.



Depois que Hugo foi trabalhar, resolvi deitar mais um pouco e dormi mais do que imaginava. Acordo com meu celular vibrando na mesa de cabeceira.

Lori (11:48): Oi, gatinha, passarei na sua casa durante a semana.

Lori (11:48): Preciso te contar algumas coisas

Lori (11:48): Por favor, não brigue comigo

Lori (11:48): <3

Por que eu brigaria com ela?! Essa descabeçada não sabe o que fala às vezes.

Levanto e vou até a cozinha. Hoje, farei uma comida digna. Abro a geladeira e só vejo garrafas de água, meio tomate que parece estar apodrecendo, ovos e só. Minha mãe e Hugo tem razão, estou comendo muito

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mal ultimamente. Abro meu armário e acho dez pacotes de macarrão instantâneo, fico tentada a pegar um, mas serei forte. Como não tem outra solução, terei de ir ao mercado. Detesto.

Troco de roupa. Calço meu tênis preto de cano alto — finalmente o encontrei no fundo do armário —, uma camiseta do Slipknot, calça jeans rasgada e saio. Ligo o Abacate, deixo a *playlist* no aleatório e dirijo até ao mercado mais próximo. Se minha mãe soubesse que estou indo fazer compras e não comerei macarrão instantâneo, se orgulharia. Começa a tocar Pitty, “Na Sua Estante”, adoro. Canto com ela a letra toda.

“E não adianta nem me procurar em outros timbres, outros risos. Eu estava aqui o tempo todo, só você não viu”.

Nunca uma frase foi tão verdadeira como essa: “Eu estava aqui o tempo todo só você não viu”; define a vida de muita gente. Já no estacionamento, procuro uma vaga e paro próximo à entrada. Não sei ao certo o que preciso comprar, a única coisa que sei é que preciso comer e logo.

Passando pelos corredores, vou olhando as gôndolas e me perguntando se tal mercadoria será necessária.

Arroz? É importante, então vai. Feijão? Levo um susto com o preço, será que retiraram esse feijão de alguma ostra no fundo do mar? Absurdo. Pego alguns pacotes de macarrão de verdade, massa de tomate, óleo, vinagre, sal, sardinha enlatada é bem prática, então vai. Vou para as verduras e os legumes e me perco totalmente, compro somente o que conheço e sei que gosto, alface, tomate, laranja, limão e batatas. Comprar carne não vai ser uma tarefa nada fácil, só sei fritar frango e bife. Pego uma senha e aguardo. Como não tem muita gente nesse horário, sou a próxima.

— Boa tarde — cumprimenta o açougueiro.

— Oi, é... Preciso de alguma carne bem mole para fritar, fazer bife, sabe... — definitivamente não sei comprar comida.

— Sei, sim, temos alcatra, contra filé, patinho, coxão mole, filé mignon. Qual vai ser?

— Ai, meu Deus, quantas opções! — coço minha cabeça. Agora estou realmente perdida. — Acho que vou querer esse coxão mole, como o próprio
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nome já diz, dever ser molinho, né? — só passo vergonha.

— Quanto vai querer?

— Um quilo deve dar — acho.

Enquanto o açougueiro prepara a carne, recebo uma mensagem do Hugo.

Hugo 27 (13:01): Boa tarde, honey. Melhorou?

Hugo 27 (13:01): Indo almoçar =)

Nem me lembrava que o nome dele ainda está com esse “vinte e sete” na agenda do telefone. Vou deixar, traz boas recordações. Ainda converso com ele, quando o moço que está atendendo me chama.

— Aqui está. Mais alguma coisa, senhora?

— Não, muito obrigada — quando vejo o preço no código de barras, quase caio para trás bem aqui, no meio do mercado. Tudo muito caro! Macarrão instantâneo não é caro, a única vantagem que tem.

Passo pelo caixa, pago quase chorando e vou embora. Ser saudável está saindo caro. Ao chegar em casa, vejo Cris saindo da dele. Outro que simplesmente sumiu.

— Oi, Cris, quanto tempo! Praticamente sumiu da face da Terra — damos um abraço apertado.

— Oi, vizinha! Verdade, mas não exagere, também não tenho te visto ultimamente. Alguma novidade? Você está bem?

— Estou, sim, obrigada. Comecei a correr todas as manhãs, o que tem me ajudado com a ansiedade — confidencia.

— Fico feliz que sua saúde esteja melhor — seu semblante fica sério e sem graça de repente. — Tem falado com a Lorena? — que cortada brusca de assunto.

— Por que quer saber dela? — isso não me cheira bem. — Perdi alguma coisa?

— Olha só, ela quer falar isso para você, mas vou adiantar, ok? — ele respira fundo. Sinto que lá vem... — Estamos saindo faz um tempo.

— Vocês, saindo? — ele não está falando sério, claro. Está?

— Sim.

— Você e ela? — ainda não acreditando.

— Isso... — ele agora aperta os olhos em minha direção. Talvez pense que estou de gozação.

— Ela e você?

— Exatamente! — Cris sorri com meu mini questionário.

— E como tudo começou? — isso explica o “sumiço” de ambos.

— É uma longa história...

— Vocês não se deram bem quando se conheceram, ainda não entendi nada.

— Relaxe, ela vai te contar tudo, mas peço que não diga nada sobre a nossa conversa. Deixe-a pensar que você ainda não sabe. Só queria te alertar antes para não parecer estranho.

— Estranho é pouco! Mas, tudo bem, Cris. Vou esperar a versão dela que, com certeza virá recheada de detalhes picantes — dou uma piscadinha e inevitavelmente começo a rir.

— Mulheres! Qual a graça? — pergunta Cris.

— Foi mal, mas vocês juntos é hilário e esquisito... — e eu sou um pé no saco por falar isso.

— Obrigado pelo grande incentivo! — ele também ri da situação. — Bom, Iza, vou nessa, tenho trabalho a ser feito — Cris me abraça novamente em despedida.

— Ok. Bom trabalho. A gente se vê por aí.

Depois que nos despedimos, penso sobre o que ele me disse. Os opostos se atraem até se encaixaria em relação a eles. Pensando bem, os dois são da noite, baladeiros e dificilmente ficam muito tempo com alguém. Não tem nada de opostos. Os iguais se completam. Pelo menos no caso deles.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 28

*Maybe I, maybe you
Can make a change to the world
We're reaching out for a soul
That's kind of lost in the dark*
(Maybe i, maybe you – Scorpions)^[29]

Depois de um almoço digno — “digno” porque eu não cozinhava há muito tempo —, ligo meu notebook para finalmente ler os comentários deixados nas postagens.

“Olá, em uma rápida pesquisa na internet seu blog apareceu. Li o que postou e adorei os dois textos. Parabéns. Identifiquei-me muito com a última sobre dependência, tomo remédio regularmente e percebi que se acaso eu ficar sem, pode ser um período curto de tempo, os efeitos colaterais aparecem, tomo para ansiedade e pânico. O ruim dessas doenças é que nunca sabemos quando elas vão dar o ar da graça. É uma insegurança constante. Enfim, continue falando sobre esse tema, estarei acompanhando. Abraços.”

Leio todos os comentários até parar no mais recente, postado há menos de uma hora.

“Oi, pelo pouco que você postou, percebi que a ansiedade e o pânico são recorrentes em sua vida. No meu caso, além desses fatores, também sofro de depressão, o que dificulta o tratamento. Há momentos extremamente desgastantes, nos quais sinto os sintomas de depressão e ansiedade ao mesmo tempo, posso acordar muito animada, mas ansiosa por alguma coisa relativamente pequena, ou estar preocupada a ponto de ter uma crise, quando chega à noite, toda a minha energia se esvai e meu humor muda drasticamente chegando ao ponto de ficar nesse estado deprimido por dias a fio. É como sentir alegria e tristeza em seus picos mais elevados quase simultaneamente. Estou tratando há mais de um ano, sinto uma melhora, mas ainda não estou cem por cento, nem sei se um dia

voltarei a estar.”

Depressão e ansiedade andando lado a lado. Quase impossível de se imaginar. Ao reler todos os comentários, percebo que a insegurança por não saber quando uma crise virá ou um ataque de pânico ocorrerá é o que mais preocupa essas pessoas. Isso acaba me dando ideia para uma nova postagem.

Bomba Relógio

Não faço ideia de como é construída uma bomba relógio, muito menos como desarmar uma. Sei que é altamente destruidora. Terroristas usam esse tipo de armamento. Você pode estar andando tranquilamente em um lindo dia por um ponto turístico e bum, ela explode, sem prévio aviso. Destrói tudo e todos ao seu redor.

Sofrer de ansiedade e pânico é como ter uma bomba relógio em seu próprio corpo. Nunca saberemos quando ela será acionada e detonada. Posso estar tendo um dia maravilhoso na companhia da família e amigos, saindo pela primeira vez com alguém especial e bum, alguém apertou o detonador e tudo foi para os ares.

Não tem como prever um ataque de pânico, mas dá para notar o tic-tac do relógio, e é nesse momento em que se percebe que essa bomba pode explodir a qualquer instante. Os sintomas de sufocamento e aceleração do ritmo cardíaco podem ser o som desse relógio, é como se fosse um aviso de que algo está para acontecer, um alerta. Mas o tempo entre ouvir esse relógio e a detonação da bomba é de segundos, não tem para onde correr, ou mesmo olhar para os fios que compõem o mecanismo e decidir tentar desativar o sistema. Parece uma simples escolha, qual fio cortar? Azul? Vermelho? Amarelo? Preto?

Por isso, a insegurança sempre anda comigo. Quando saio de casa, o primeiro pensamento que me vem à mente é: será que hoje terei uma crise? Um ataque? Essa insegurança é um gatilho, é o terrorista que existe dentro de mim e me acompanha diariamente e, se ele quiser causar estragos, estará sempre ali para detonar essa bomba.

Gostaria muito de saber como é poder sair sem ter de me preocupar com o que pode acontecer, sem ouvir um tic-tac constante na cabeça.

Até me compararia a um homem bomba, pois carrego esse armamento dentro de mim. No entanto, o que me diferencia desses homens é que eu não escolhi carregar essa bomba e não quero, definitivamente, perder a minha vida nesse processo.

Se alguém puder me ensinar como desativar essa bomba, eu seria imensamente grata.

É minha terceira postagem. O blog foi criado para que eu falasse de alguma forma, desabafasse sobre tudo o que sinto em relação a minha vida, e não cheguei nem perto de contar um por cento. Quando olho para esses comentários e visualizações que aumentam gradativamente, tenho medo de não conseguir corresponder a essas pessoas. De certa forma, esses usuários “confiam” em mim e ao pedirem algum conselho sobre determinado assunto é como se eu estivesse ajudando de forma direta cada um deles. Preciso tanto de ajuda e sou eu quem está ajudando. Sei que o objetivo do blog nunca foi ter conteúdo de autoajuda, todavia se eu puder fazer alguma diferença na vida de alguém, mesmo com meus recursos precários e de forma indireta, estarei feliz em ter criado o *Minha Ansiosa Vida*.

Às vezes, focamos tanto em nossos próprios problemas que nos esquecemos de que as outras pessoas também possuem sua cota de obstáculos na vida. Chega um momento em que devemos parar de olhar para o próprio umbigo se quisermos que as coisas mudem. Pode ser que a mudança esteja bem à sua frente, mas se você não decidir erguer a cabeça nunca enxergará a luz e a beleza das estrelas, só reclamará da noite e da sua escuridão.

Decido que vou me empenhar mais no blog, tentar postar regularmente. Talvez eu fale sobre a tentativa de estupro e a crise que tive após esse episódio.

Ajudar essas pessoas de alguma maneira pode acabar me ajudando.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 29

*You're a shooting star I see
A vision of ecstasy
When you hold me, I'm alive
We're like diamonds in the sky*
(Diamonds – Rihanna)^[30]

Estamos na metade da semana e nada da Lorena aparecer. Será que assumir um compromisso a deixaria com tanta vergonha assim? Fala sério! Enquanto me arrumo para ir trabalhar, mando uma nova mensagem para ela.

Iza (9:20): Sua danada, cadê você?

Iza (9:20): Vê se aparece em casa logo

Termino de colocar meu uniforme e vou me maquiar. Antigamente, usava cores bem vibrantes a qualquer hora do dia. Agora tenho optado por tons neutros. Faço o de sempre, um pouco de base, pó, contorno para não ficar tão pálida, resolvo fazer um delineado de gatinho, não que eu seja uma expert no assunto, e o batom. Pego meu batom *nude* e, no momento em que vou aplicá-lo, paro. Olho para os meus outros batons que nunca mais usei, principalmente o vermelho que tanto amava e acabei deixando de lado. Seguro-o em minhas mãos por um tempo, pensando sobre isso. Deve ter mais de dois anos que eu não o uso. Procuro pela validade para confirmar. Vencida. Procuro por outro em minha gaveta e encontro um que Lorena me deu há alguns meses, também vermelho.

É um movimento tão simples passar o batom, mas essa insegurança parece que nunca vai me deixar. Preciso vencer isso. Em minha mente, me vem o dia exato em que deixei de usar. É uma lembrança nada agradável. Fico tanto tempo olhando para esse objeto, perdida em pensamentos, que levo um susto quando o celular apita por receber uma mensagem.

Lori (9:37): Passo na sua casa hoje

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Lori (9:37): Só terei as duas últimas aulas

Lori (9:37): <3

Volto a me olhar no espelho, seguro o batom, respiro fundo e o aplico. Satisfeita com o resultado, pego minhas coisas e vou trabalhar.



Quando chego à loja, logo vejo Suzana vindo ao meu encontro.

— Consegui! — diz ela com um meio sorriso.

— A folga? — me animo com a notícia.

— Não. Sairei mais cedo, era pegar ou largar.

— Você sabe que é tudo muito injusto, né?

— Sei, sim, Iza, mas não tive escolha. Não poderia faltar a esse casamento.

— Tudo bem, pelo menos você estará presente e sua amiga ficará muito feliz — ainda não é o certo, no entanto Su poderá ver a amiga se casar.

Deixo meus pertences em meu armário e entro. Quarta-feira é um dia relativamente calmo por aqui. Vou para o setor infantil e vejo Hugo ligando alguns aparelhos. Corremos juntos essa manhã e ele foi para casa se arrumar, assim não nos atrasaríamos. Se a gente ficasse perto um do outro por muito tempo... Bem, sabemos o que ia acabar acontecendo.

— Oi — digo com o maior carinho que consigo.

Ele se volta para mim e sorri, como sempre.

— Oi, honey! — seu olhar para em minha boca. — Adorei o batom, vermelho fica muito bom em você, deveria usar mais.

— Sério que gostou?! — detalhista.

— Ficou ainda mais linda — ao dizer isso, ele pisca para mim.

Amplio o meu sorriso e caminho para o meu setor. Lá, penso sobre o que Hugo me disse. Ele não diria isso só para me agradar. Hugo realmente gostou, o que é muito bom.

Com o passar das horas, não consigo esquecer porque parei de usar essa cor de batom, a insegurança é uma merda. Sei que estou bem assim, mas esse sentimento de culpa me cerca e me consome a ponto de eu ter de ir ao banheiro e, com lágrimas nos olhos, retirar tudo dos meus lábios. Retiro sofregamente com as palmas das mãos, manchando a minha pele do rosto. Maldito seja o momento em que tudo mudou. Quero a antiga Izadora de volta, entretanto as camadas de insegurança, medo e culpa me encobriram de tal forma que vou precisar escavar muito para conseguir ao menos enxerga-la. Seco minhas lágrimas, retoco a maquiagem toda borrada, passo meu batom *nude* e volto para a loja.

Ao me ver retornar, vejo a interrogação estampada na face de Hugo. Ele é detalhista e percebeu a troca de cor. Não disse nada, nem agora, nem o restante do dia.

Almejo chegar ao dia em que a cor do batom não vai mais interferir na minha vida e nas minhas escolhas. Achei por um breve momento que o passado tinha ficado para trás; engano meu, ele me acompanha diariamente em cada escolha e pensamento. Em cada mentira. Recomeçar não é tão simples assim.



Chegando em casa, encontro com Lorena me esperando dentro do seu carro. Assim que estaciono, ela sai e vem ao meu alcance. Mal tenho tempo o suficiente de fechar meu carro e ela enlaça seu braço ao meu.

— Iza, foi mal esse “sumiço” — ela faz aspas com a mão livre. — Aconteceram tantas coisas, preferi falar pessoalmente com você.

Abro a porta de casa e entramos.

— Relaxe, eu também me ausentei um pouco já que Hugo e eu... — paro de falar abruptamente no momento em que percebo a burrada que acabei de fazer. Não que eu não fosse contar nada para ela, mas queria que *ela* começasse com as novidades.

— O que tem Hugo e você? Perdi alguma coisa? — Lorena parece faminta por mais informações, sempre foi assim.

— Esquece, anda logo, diz o que queria me contar... — desconverso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nada disso, mocinha! — ela enfia o dedo indicador no meu nariz, literalmente. — Vocês saíram?

Confirmo lentamente, esperando a explosão em reação e ela não falha, claro.

— Ai, meu deus! Enfim tirou as teias de aranha! Precisamos comemorar!

— Não exagere... E sem comemorações! — imediatamente, seu rosto monta uma carranca. E lá vamos nós...

— Como não? Izadora, você sair com alguém é algo, digamos, difícil de ver! Conta logo como foi...

— Nem pensar, você primeiro! Quero saber o porquê de todo esse mistério — ela não vai se safar dessa. Pelo jeito, nem eu.

— Ok. Mas depois você vai...

— Eu conto tudo, prometo — até desenho um X sobre o coração.

— Tudo bem. Sabe o Cristian, seu vizinho? — ela pergunta com o tom de voz de alguém que está prestes a revelar a cura para alguma enfermidade.

— Sei. O que tem ele? — seguro meu riso porque não quero estragar o momento dela. Não tenho como negar que estou adorando isso tudo.

— Então, estamos saindo... — ela me olha ressabiada por um tempo. Meleca! Esqueci de encenar uma cara de surpresa. — Não vai dizer nada?!

— Dizer o quê? — tento desconversar.

— Sobre o Cris e eu estarmos saindo, Izadora! — Lori faz cara de espanto diante da minha ausência de reação. Espero que não seja tarde demais.

— Oh, meu deus, vocês saindo?! — até coloco a mão sobre o peito, simulando um infarto. — Desde quando? Que eu me lembre, vocês se detestaram quando se conheceram!

— Pois é, a vida apronta cada uma, né? — Lorena olha para mim com um ar desconfiado. — Você não parece surpresa...

— Claro que estou! Você e Cris, quem diria... Parabéns!

— Ele te contou, não foi? — agora ela está puta. Nota-se de longe.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Quem? O Cris?

— Não, o *Pokémon Go*! Você não mente muito bem, sabe disso — não tenho como escapar.

— Tudo bem, encontrei com ele no começo da semana e acabou escapando, mas foi sem querer, ele não fez de propósito... — tento contornar a situação.

— E você, toda atriz, tentando parecer surpresa com a notícia. Que cínica! Vou matar os dois! — uma mentira deslavada, já que Lori está rindo da situação mais do que eu.

— Mas como foi que acabaram juntos? — preciso sanar essa curiosidade.

— Bem simples — tudo para ela é simples. — Cris apareceu no meu serviço. De início, ele não sabia que eu trabalhava lá na concessionária, queria ver alguns modelos de carros. Meu colega estava atendendo outro cliente, sobrou para mim. Quando fui atendê-lo, lembrei quem era e ele também pela cara que fez.

— Queria ter visto essa cena... — sorrio ao imaginar.

— Foi bem estranho! Tentei ser profissional, mas quando lembrava o que ele tinha me dito, fechava a cara na hora. Bem, até o momento em que ele pediu para que eu parasse de mostrar os veículos e se desculpou pela forma como me tratou aquele dia.

— E?

— Ele pegou meu telefone, nos falamos e saímos — com Lorena não há rodeios.

— Só isso?!

— Sim.

— Certeza? — quero averiguar se tem mais alguma coisa guardada.

— Claro que eu tenho, achou que tinha sido igual novela mexicana? Boba — ela revira os olhos.

— De você, eu espero tudo.

— Segui seu conselho. Só depois de uma semana, fizemos sexo — Lorena parece bem satisfeita com a informação compartilhada.

— Uau! Vindo de você é um milagre na certa. E como estão as coisas?

— Tudo muito bem, vai fazer um mês — ela responde. — Deve ser sério — agora a cara da Lori é de preocupação.

— É muito sério, um mês só com ele? Está apaixonada, certeza! Foi fígada... — impossível não tirar uma onda com minha amiga.

— Nem vem com essa, já falamos muito sobre mim. Agora é sua vez, quero saber tudo sobre o Hugo 27! — Lori fica séria por um breve momento. — Por acaso, ele não é “vinte e sete” mesmo, né? Você está andando normalmente...

— Sua vaca! Estava demorando... — é claro que ela não deixaria essa passar.

Começo, então, a contar para Lorena o que considereei essencial contar, muitos detalhes acabei guardando para mim. Falei da boate, e não fiquei surpresa quando ela me disse que às vezes aparece por lá. Ficamos algum tempo trocando confidências até que ela precisou sair e ir à aula.

Saber que todos os meus amigos nesse momento estão estudando me traz uma saudade da faculdade. Gostaria de poder retomar meus estudos, contudo tenho medo que aconteça algo parecido ao que ocorreu de manhã quando tentei usar novamente aquele batom.

Recomeçar. Retomar. Começar de novo. Reiniciar. Voltar ao início. Várias palavras com o mesmo sentido. Por que isso parece ser tão difícil para mim?

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 30

*É tão singular
O jeito que me observa acordar
E meu cabelo não parece te assustar
Você, incrivelmente, não se importa
Se eu te chutar a noite inteira
(Singular – Anavitória)*

Acabei de acordar, mas mantenho meus olhos fechados. Sinto o olhar de Hugo em mim, tenho certeza de que está me olhando. Inevitavelmente, sorrio.

— Ah, sua danadinha, estava fingindo dormir? — ele me puxa para um abraço e me enlaça.

— Não, acabei de acordar. Senti que você estava me observando.

— Bola de cristal?

— Isso é ultrapassado, tenho dons psíquicos! — mexo as sobrancelhas ao dizer isso.

Estamos juntos há duas semanas. Hugo tem passado a maior parte do seu tempo disponível comigo. Na verdade, ele tem alternado o tempo entre os pais e eu, sempre se preocupando com eles. Ainda não contamos nada para ninguém, exceto Lorena. Decidimos isso em conjunto, é melhor nos conhecermos bem antes de anunciar para a nossa família.

Hoje é domingo, logo mais teremos de ir trabalhar. Não saímos na noite de sábado, então assistimos uma série que Hugo ama, “*Scream*”. É de suspense e, como eu nunca tinha visto, assistiu comigo, desde o início, todos os episódios, me assustando em momentos que sabia qual cena estava para acontecer. Um babaca. *Meu* babaca!

— Quer sair e correr um pouco? — pergunta, mordendo meu pescoço.

— Muito obrigada, mas acho que perdi calorias o suficiente à noite — sorrio com a lembrança do que fizemos.

— Talvez queira perder mais um pouco agora de manhã... — ele usa esse tom de voz rouco, pois sabe que eu não resisto. Hugo me beija. Lenta e deliberadamente. Na cabeceira, meu celular começa a vibrar e, ao tentar alcançar o aparelho, ele ergue meus braços acima de minha cabeça. — Agora não, honey...

Ele tem razão. Seja o que for, pode esperar. Retomamos do ponto em que paramos. O celular vibra novamente; ignoramos. Mais alguns minutos se passam nessa ladainha e fica impossível ignorar o aparelho. Seja quem for, é bem insistente e tem urgência em falar.

— Vou ver quem é — Hugo faz um beicinho. Charmoso e me dá vontade de morder. *Foco, Izadora!* — E se for alguma coisa importante? Você notou quantas vezes ele vibrou?

— Estou prestando atenção em outra vibração...

— Babaca! — jogo meu travesseiro nele e pego o celular. — É minha mãe, ela nunca manda tantas mensagens assim — leio cada mensagem enviada. — É sobre meu pai.

Hugo se endireita na cama e presta total atenção em mim.

— Aqui diz que meu pai passou mal ontem e foi para o hospital, mas que já está bem — fico zangada ao ler isso. — Como minha mãe só foi me contar isso agora? Por que não me ligou ontem?

— Calma, Iza. Talvez ela tenha deixado para te falar hoje porque sabia que se preocuparia dessa forma.

— Mas é claro que vou me preocupar, é meu pai! Vou ligar para ela — não gostei nada disso. Não gostei como minha mãe agiu.

— Não seja tão dura com ela, apenas ouça e tente compreender — Hugo tenta me acalmar.

Respiro fundo. *Não vou ser dura*, prometo a mim mesma. Depois de

alguns toques, que para mim levam uma eternidade, minha mãe atende:

— Alô?

— Por que não me ligou ontem à noite? — começo interrogando.

— Ai, Izadora, por Deus! Não foi nada grave, só achei que deveria avisar, caso contrário faria uma tempestade em um copo de água...

— Mãe — respiro fundo, não vou brigar com ela —, o que houve com o pai?

— Foi a pressão dele. Subiu muito, filha, estava lá nas alturas... — ela diz isso como se não fosse nada.

— Mas como ele está? — insisto nesse detalhe.

— Agora está muito bem, foi medicado, o pior já passou.

— O pai nunca teve problemas com isso — puxo pela memória.

— É a velhice chegando, meu amor. Estamos ficando velhos, o tempo nos alcança e logo vai nos ultrapassar. Amanhã iremos ao médico novamente para fazer exames.

— Deveria ter me ligado mesmo assim... — bato mais uma vez nessa tecla.

— Seu pai já está bem, não havia necessidade de telefonar. E como vai? Tem comido direito?

— Mãe! — não creio que ela está mudando de assunto.

— Não posso mais me preocupar com sua alimentação? — ela teve a audácia de parecer indignada.

— Não é isso, estamos falando da saúde do meu pai! Eu me viro.

— Jogou fora aquele maldito macarrão instantâneo? — ela não vai desistir.

— Faz um tempo que não como esse macarrão — Hugo parece divertido ao meu lado. — Eu juro!

— Graças a Deus! E seu amigo — ela dá ênfase na palavra “amigo”.

Quase posso ver as aspas —, ainda está correndo com ele?

— Sim, corremos quase todos os dias... — olho para Hugo ao dizer isso.

— Ainda não me mandou uma foto dele — o som fica abafado, minha mãe deve ter colocado a mão sobre o bocal para falar com meu pai. — Não é para comer esse bem-casado, Antônio! Se pegar algum, eu vou te bater! — o som volta a ficar claro quando ela retorna a conversar comigo. — Iza, à noite nos falamos melhor, meu amor, tudo bem? Seu pai vai roubar todos os doces que eu fiz.

— Tudo bem, mãe, ligo mais tarde para saber como andam as coisas — quero que ela entenda que pegarei no seu pé.

— Fica com Deus. Te amo!

— Eu também — o telefone fica mudo.

Olho de soslaio para Hugo. Ele está deitado, mexendo em seu celular. Ao perceber que finalizei a ligação, deixa o aparelho de lado e me encara.

— Está tudo bem?

— Agora, sim. Parece que a pressão dele subiu muito, amanhã irão a algum médico fazer exames. Ele está bem, pelo que ouvi, está tentando roubar os doces da minha mãe.

— Fico feliz que ele esteja bem — Hugo faz sinal para que eu deite em seu peito, o que faço com muito prazer. Ele agarra minha cintura com firmeza. — Sua mãe faz doces?

— Os melhores, apesar de que sou suspeita para falar. Ela começou a fazer doces para festas quando eu ainda era bem pequena. De início, era mais para ajudar meu pai na construção da nossa casa, mas quando se tem um dom não se pode ignorá-lo.

— Então, sua mãe começou a fazer doces para festas — diz Hugo.

— Isso, mas no início ela fazia e entregava na vizinhança para degustação. Começaram em alguns chás de bebês, festas em casa mesmo, coisas pequenas. Depois de algum tempo, conheceu uma mulher muito rica na cidade que veio atrás dela porque ouviu elogios aos doces — enquanto

explico, as recordações dessa época se tornam vívidas em minha memória. — A madame, como minha mãe a chamava, experimentou os doces e amou. Foi a primeira grande festa para qual minha mãe foi chamada, um casamento. Depois disso, a fama dos doces dela se espalhou e hoje é conhecida na cidade.

— Mas como ela consegue dar conta? Seu pai ajuda? — Hugo olha para mim.

— Meu pai faz as entregas, ele não sabe nada na cozinha. Com tanto tempo nesse ramo, ela agora escolhe a dedo para quem vai trabalhar, se a festa for muito grande, tem uma amiga que a ajuda. No começo, ela pegava todo trabalho que aparecia, sempre deu conta, mas era desgastante demais. Atualmente, ela trabalha no limite dela.

— Que legal. Como é o nome dela?

— Márcia. E meu pai, Antônio — lembro dos meus velhos e sorrio.

— Quero muito saborear dos doces da dona Márcia, estou com água na boca, sério.

— Não duvido — rimos juntos. Hugo beija o topo da minha cabeça.

— E seu pai, pelo que você disse, faz as entregas. É aposentado? — Hugo demonstra interesse em saber sobre minha vida, não é conversa jogada fora, ele presta atenção em tudo que falo.

— Sim. Trabalhou muitos anos em uma metalúrgica. Aposentou cedo. Ele adora roubar os doces que minha mãe faz. Cada vez em que vou lá, meu pai me fala de algum esconderijo novo da minha mãe para os quitutes dela — Hugo dá uma gargalhada gostosa ao ouvir isso. — E sua família? Já que estamos falando disso, percebi que você é bem apegado a eles, sempre indo visita-los.

Hugo fica em silêncio. Os minutos passam. Fica tanto tempo que acho que ele dormiu. Mas, então, ele me responde e percebo dor na sua voz.

— Sim, sou muito apegado a eles, mas minha família não é tão simples assim de explicar — ele respira fundo e as palavras que saem de sua boca me deixam sem chão. — Minha mãe sofre de depressão e já tentou o suicídio em

PERIGOSAS

duas ocasiões.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 31

*And the tears come streaming down your face
When you lose something you can't replace
When you love someone but it goes to waste
Could it be worse?
(Fix you – Coldplay)*^[31]

Hugo

Izadora se solta do nosso abraço, se afastando para me olhar de frente. Acho que a assustei com minha declaração súbita. Porra, não era assim que eu queria falar sobre minha família! Não que exista uma maneira adequada para esse tipo de assunto, na maioria das vezes ir direto ao ponto é mais prático. É notável sua surpresa na forma como me olha.

— Calma, honey. Vou explicar tudo, não fique assim — digo para tranquiliza-la.

— Hugo, se não quiser tocar nesse assunto agora, não há problema — sinto sua preocupação.

— Izadora — seguro seu rosto com minhas mãos —, eu quero falar, sim! Você é uma pessoa importante para mim e tem o direito de saber o que acontece quando saio apressado para a casa dos meus pais — beijo sua testa e em seguida seus lábios. — Não quero dividir somente os momentos bons, quem me dera pudesse pular as partes ruins, mas não posso. Tentarei ser o mais sincero possível, você está vendo meu lado bom, precisa conhecer o lado ruim de estar comigo. E depois que eu te contar tudo, se achar demais para você, pode pular fora se quiser.

— É claro que eu quero ficar! — sua sinceridade também é palpável. Mas ela não sabe de tudo ainda. E se, quando souber... Ela interrompe meus pensamentos e continua. — Você também é muito importante para mim, tem sido a melhor coisa que me aconteceu. Por que acha que eu cogitaria pular

fora?

— Não sei ao certo. Existem pessoas que não conseguem lidar com os próprios problemas, o que dirá dos outros? — noto o espanto em seu rosto assim que digo isso. Estranho, pois não disse nada de anormal. — Não que esse seja o seu caso, honey. Vem aqui, deixa eu te abraçar enquanto explico, preciso da sua proximidade.

Deitamo-nos um de frente para o outro, puxo seu corpo para que fique mais próxima. Ficamos pertos o suficiente para não perdermos o contato visual. Acaricio seu rosto com o polegar, sua cabeça se inclina, apoiando-se na palma de minha mão. Ela é tão linda e parece tão frágil ao mesmo tempo; me dá vontade de protegê-la do mundo.

— Para que eu consiga te contar tudo, vou resumir a minha vida para você. É a primeira vez em que falo abertamente sobre isso, tenha paciência comigo, por favor — peço, gentilmente. Iza apenas acena a cabeça, concordando. É hora de trazer as lembranças à tona.

— Depois que a fase da banda passou, mudei drasticamente. Tornei-me um adolescente nada fácil, era complicado obedecer a qualquer ordem dos meus pais, eu batia de frente. Sempre arrumava brigas na escola, tirava notas baixas. Era conhecido na vizinhança como o arruaceiro, por onde passava me metia em encrencas. De início, era somente isso, mas depois de algum tempo conheci pessoas diferentes, “amigos” que me apresentaram a um mundo cuja existência eu não fazia ideia.

Olhei atentamente no fundo de seus olhos, esperando alguma crítica ou represália. Até mesmo um ar de dúvida. Todavia, apenas um brilho de atenção desmedida havia ali. Isso me deu coragem. Respirei fundo e continuei.

— Frequentei alguns becos bem da pesada mesmo. Não cheguei a me viciar, porém acabei experimentando algumas drogas. Para entrar nesse grupo, tive que transportar algumas, dinheiro fácil. Fiz isso dos quinze até meus vinte e três anos. Bebia muito e chegava em casa causando estragos. Era explosivo, gritava com meus pais. Dei muito trabalho para os meus velhos. Quebrava coisas e, com o barulho, os vizinhos sempre ligavam para a polícia. Enfim, eu era a ovelha negra da família, porém eles nunca desistiram

de mim.

“Já meu irmão fazia exatamente o que eles mandavam, suas notas eram as melhores. Nossa diferença de idade era de quatro anos, mesmo assim o Diego sempre conseguia algum bico para ter sua grana. Sem dúvida nenhuma, o queridinho dos meus pais, e eu pouco me importava. Toda vez que eu chegava em casa bêbado e dava trabalho, ele tentava me ajudar sempre, dando conselhos para que eu deixasse essa vida.”



— Hugo, é melhor você parar com isso. Mano, qualquer hora nossos velhos vão ter um ataque. Eles ficam cada vez mais assustados quando você retorna pior, caindo, inconsciente — a preocupação de Diego sempre foi genuína.

— Pivete, seja o que eu não sou: o melhor filho que eles poderiam ter. Faça exatamente o contrário de tudo o que tenho feito. Quanto a mim, esqueça! Já desisti de mim faz tempo...

— Claro que não vou desistir, irmão! Ainda tem tempo, sei que você não usa drogas, podemos partir disso. A bebida é o que está acabando contigo, te destruindo e destruindo as nossas vidas nesse processo. Precisa procurar ajuda logo, se quiser, eu vou com você.

— Vejam só o pivete me dando conselhos! Dizendo o que eu tenho que fazer com a minha vida — invariavelmente, eu respondia com deboche.



— Diego, sendo o mais novo, era sem dúvida o mais cabeça. A gente se dava muito bem, eu sempre falando para os caras como meu irmão era inteligente e estava em um caminho melhor que o meu. O tempo passou e Diego entrou para uma faculdade, um dos melhores da turma. Nessa época, eu estava um pouco melhor, não chegava em casa caindo. Ele ficava até tarde estudando; sabia que ele precisava estudar, então entrava sem fazer barulho, não queria que perdesse a concentração. Sabia o quanto o estudo era importante para ele.

Desfaço o contato visual com Izadora, viro-me sobre a cama e fico olhando para o teto. Meu coração apertado, entretanto, continuo. Tenho de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

continuar.

— Quando Diego estava no segundo ano da faculdade, ele conheceu alguns amigos. No começo, ainda não perdia uma aula e o estudo era seu foco, mas depois de algum tempo soubemos que Diego começou a faltar. Chamei-o para conversar, ele me disse que tinha conhecido uma galera legal e nesses dias em que faltou estava em festas. Aconselhei a se dedicar e esquecer esse bando de filhinhos de papai. Ele disse para eu não me preocupar, que faria isso. Não foi o que aconteceu. As faltas começaram a tornar mais frequentes.

Pensei em me virar novamente para encarar a mulher linda a meu lado, porém desisti. Não sentia coragem para encará-la ainda.

— Meus pais ficaram loucos, eu pirei. Podia até estar perdido, mas em hipótese alguma deixaria acontecer igual com ele. Aos poucos, parei com a bebida, queria ser um exemplo para ele, mesmo que um tanto tarde. Procurei o Alcoólicos Anônimos e comecei o tratamento, tudo por ele. Meu relacionamento com os meus pais estava melhorando.

Lágrimas fazem minha visão embaçar. Sinto a respiração de Izadora ficar mais pesada, entrecortada, antecipando a narrativa. Tento continuar e minha voz trava. Detesto relembrar esse momento. Busco todas as forças que tenho para continuar.

— Certa noite, depois que eu cheguei de mais uma reunião, fui ao quarto dele. Ele não estava, provavelmente Diego tinha saído com os amigos para uma balada. Fui dormir, pois no dia seguinte tinha uma entrevista de emprego. Deviam ser por volta de cinco horas da manhã quando o telefone começou a tocar insistentemente.

Minha voz fica embargada, giro a cabeça para o lado e espio Izadora. Está deitada como eu, seus olhos fechados, deve estar tentando imaginar as cenas. Continuo.

— Como ninguém levantou para atender, eu o fiz. A pior ligação que alguém poderia receber.



— Alô? — atendi com a voz ainda sonolenta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Gostaria de falar com Vicente ou algum responsável.

— Ele está dormindo. Quem está falando?

— Aqui é o Comandante Farias. Roberto Farias da Polícia Rodoviária. O senhor é parente de Diego Martins? — não gostei nada disso. Notei a presença do meu pai atrás de mim.

— Sou irmão dele.

— Preciso que compareça imediatamente a... — enquanto ele falava o local para o encontro, meu coração gelou. Alguma coisa estava errada.

— Mas o que aconteceu? — indaguei.

— É melhor virem. Imediatamente! — ele encerrou a ligação sem dar mais detalhes.



— Repeti as palavras do telefonema a meus pais. Trocamos de roupa rapidamente e fomos ao local indicado. Fui em minha moto, queria chegar antes deles, pois algo me dizia que eu precisava fazer isso. Todo o percurso até chegar passou como um borrão. O local fornecido estava cheio de pessoas, sirenes, ambulâncias por todo lado. Não lembro exatamente como, mas quando desci da moto, procurei por ele e não o encontrei, eu sabia. Não sei como, mas sabia.

Tive de parar uns segundos para respirar melhor. Está cada vez mais difícil contar, lembrar.

— Havia dois carros totalmente destruídos no acostamento. Andei em meio àquela multidão, passei sorrateiramente por baixo da fita amarela que demarcava o local e foi aí que eu vi. Contei sete sacos pretos com corpos. Aproximei-me sem chamar atenção. Em um deles, ainda não lacrado, vi parte de um braço descoberto; no pulso, um relógio familiar. Sabia que era ele. Não faço ideia de como aconteceu, só sei que alguém me tirou dali e, ao dar as costas aos mortos, vi meus pais saindo do carro. Não foi necessário dizer uma única palavra, eles viram em meu olhar. Minha mãe desabou no chão, começando a chorar de forma alucinada. Meu pai a amparava, mas tão destruído quanto ela. Ouvi as pessoas comentando sobre o acidente.

Adolescentes bêbados dirigindo.

Fechei os olhos com força, tentando apagar as imagens da mente. Contudo, eram como os famosos quadros severamente fixados nas paredes do Louvre. Impossíveis de retirar e de esquecer.

— Fui incapaz de continuar ali. Saí em disparada, não sabia ao certo para onde estava indo, só precisava fugir daquilo tudo. Parei em um posto de gasolina e comprei a pior bebida que eles poderiam ter. Fui a um local afastado e bebi até não me lembrar de mais nada, porém tudo me lembrava dele, até aquela maldita bebida em minhas mãos. O gosto era amargo, assim como a morte dele para mim. Meu celular tocava a todo instante e me recusei a atender até que não houvesse mais como escapar. Meu irmão se foi e levou com ele uma parte de todos nós.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 32

Am I

A part of the cure?

Or am I part of the disease?

(Clocks – Coldplay)^[32]

Depois de permanecer um tempo em total silêncio, sinto Izadora beijar meus olhos ainda fechados. Tento segurar as lágrimas que inevitavelmente caem.

— Eu sinto muito — ela me diz ao mesmo tempo em que faz o caminho das minhas lágrimas com seus beijos tão doces. Tudo que preciso nesse momento.

Ficamos assim até Iza deitar em meus braços, apoiando sua cabeça em meu peito, seu abraço tão apertado que transmite força e calor. Ninguém diz uma única palavra, não é necessário. Incontáveis palavras são ditas no silêncio que se segue. Sinto agora uma avalanche de sentimentos; nunca contei para ninguém, a maioria das pessoas que me conhece já estava ciente do que ocorrera. Não teria porquê falar sobre, todos conheciam os detalhes. Até Izadora aparecer. Por isso mesmo, quero ser o mais transparente possível com ela.

Não sei bem se ainda restam forças para lembrar e expor as lembranças para ela. Seguro sua mão e sinto seus dedos apertarem os meus. É daí que retiro minhas forças.

— Minha família se despedaçou. No começo, ninguém falava nada, era um silêncio total, usávamos o básico da comunicação, cada um perdido em seu próprio mundo. Meu pai se refugiava em seu emprego, minha mãe não saía do quarto, e eu... bem, voltei à estaca zero, bebia diariamente para tentar esquecer.

“O tempo se arrastava em nossa casa. Um dia, em que eu estava bêbado no sofá, trocando loucamente os canais, pois nada me agradava, minha mãe saiu do quarto e veio em minha direção. Arrancou o controle remoto de minhas mãos, desligou a TV e disse as palavras que me fizeram acordar e mudar, pura e simplesmente pela dor que causaram. Machucaram mais do que qualquer porrada que já tivesse levado da vida.

“— Seu irmão morreu, a pessoa mais generosa que existia se foi! Ele só me dava alegrias, mas você... Você não! Sempre arrumando alguma confusão, nunca me deu paz! — ela ergueu o tom de voz e apontou para mim, tremendo como nunca. — Se eu pudesse escolher quem perder, seria você, não Diego. Ele morreu! E o que você está fazendo? Bebendo novamente. Chega! Faça a sua vida ter algum significado já que você ficou! Honre a memória dele, não manche mais o nome dessa família como tem feito nos últimos anos. Não me faça arrepender-me de ter te colocado nesse mundo!

“Ela jogou o controle de volta, sobre mim, acertando meu queixo, e entrou novamente em seu quarto. Sei que as palavras dela foram duras, doeram muito, muito embora, de certa forma, tenham me ajudado. Uma semana depois disso, voltei ao grupo de ajuda. A segunda vez foi pior, mas consegui. Quando fez um ano da morte do Diego, eu estava quase cem por cento. Comecei a trabalhar e, para honrar meu irmão como minha mãe pediu, fiz o supletivo, estudei acirradamente e prestei alguns vestibulares. Passei em uma boa colocação e como o curso que escolhi não é tão longo igual aos demais, esse ano terminarei a faculdade que meu irmão deveria ter finalizado. Foi a forma que encontrei de tentar ficar próximo a ele.”

Izadora se moveu um pouco, aconchegando-se mais. Passo a mão livre sobre seus cabelos, antes de voltar a relatar.

— Na época em que a morte do Diego completou seu primeiro ano, minha mãe tentou o suicídio pela primeira vez. Em casa, usando a navalha de barbear do meu pai, cortou os pulsos. Meu pai estava no quarto e a encontrou ainda a tempo. Ela estava tão fraca que o corte feito foi superficial. O médico recomendou levá-la a um psiquiatra, foi quando soubemos que sofria de depressão. Ela ficava tanto tempo trancada em seu quarto que não notamos. Cada um estava preso em sua própria dor, lidando com tudo à sua maneira. A dela foi essa.

“A partir daí, foi uma constante vigilância. Retiramos do seu alcance tudo o que poderia ser usado para se machucar. Eu sempre estava por perto ajudando meu pai em tudo. Nossa relação mudou completamente, tínhamos um ao outro para desabafar; ele é meu melhor amigo e meu confidente. Foi ele quem me aconselhou a mudar para cá, para que eu pudesse descansar um pouco. Só aceitei ao ver uma melhora em minha mãe. Já interagia bem com todos, sorria um pouco, mas ela nunca mais foi a mesma.

“Estava tudo bem até alguns meses atrás. Ela teve uma recaída e tentou mais uma vez arrancar de si a própria vida. Foi no dia em que fui embora da sua casa. Era aniversário de quatro anos da morte do meu irmão, acho que as lembranças foram demais para ela. Não sei ao certo, talvez nunca mais veja minha mãe como ela era antes.

“Essa tragédia foi e será a pior coisa pelo que passamos. As marcas serão eternas, sinto a falta dele todos os dias. Contudo, não é porque trabalho e estudo que não doa em mim; dói diariamente, não é porque consegui seguir com a minha vida que deixei de sentir a dor. Apenas encaro essa dor de frente. Minha mãe tenta constantemente fugir da dor, talvez ela não consiga deixar de fugir. Não quer aceitar, por mais que tenham se passado quatro anos. A mesma tragédia nos abateu, e cada um lidou com a sua dor de formas diferentes. Certas dores nunca se vão por completo, sempre estarão ali, te fazendo lembrar daquilo que você mais almeja esquecer. A única coisa que ainda não descobri é se, quando minha mãe olha para mim, ela me vê como uma parte da cura ou parte da doença.”

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 33

*And your heart's against my chest
Your lips pressed in my neck
I'm falling for your eyes
But they don't know me yet
And with a feeling I'll forget
I'm in love now*
(Kiss Me – Ed Sheeran)^[33]

Izadora

Lágrimas quentes e ternas escorrem pela minha face e se depositam em seu peito. É inevitável. Depois de Hugo me contar os piores momentos de sua vida, acabo chorando. O certo seria eu o consolar e não o inverso. Nem pra isso eu sirvo.

— Hey! Não chore, honey! Está tudo bem. Hoje posso dizer isso com segurança: eu estou bem, mesmo sentindo falta da companhia dele todos os dias, eu estou bem — ele me abraça apertado e choro mais ainda.

Choro por sua história ser tão triste. Choro pelo irmão que perdeu. Por sua mãe que, em um determinado momento, se arrependeu de trazer Hugo ao mundo. Por saber que Hugo já foi um alcóolatra e teve uma vida difícil. Choro por essa família que nunca mais será a mesma.

E choro por mim, por ter tudo engasgado em minha garganta e por não conseguir me abrir da mesma forma como Hugo fez. Ele confia totalmente em mim, portanto, esse seria o momento ideal para mostrar os cacos da minha vida. Não tenho dúvidas de que ele compreenderia perfeitamente. Mas não consigo. Tenho o momento em minhas mãos e não sei como usá-lo. Também confio em Hugo, entretanto, como ele disse, cada um lida com a dor de formas diferentes. Ele encara e eu estou fugindo dela constantemente igual a mãe dele tem feito. Desfaço nosso abraço, levanto-me e deixo Hugo

sozinho na cama.

— Está tudo bem? — paro no batente da porta do quarto para observá-lo.

Esse olhar de sincera preocupação é como uma facada em meu peito. Hugo acabou de falar sobre sua vida e ainda está preocupado em saber como estou.

— Sim, só preciso ir ao banheiro — minto.

Assim que fecho a porta, desabo no chão frio. Estou me apaixonando, não tenho dúvidas; cada detalhe, cada particularidade dele me faz gostar ainda mais. Sinto-me um lixo por não conseguir me desvencilhar da assombração do meu passado. Quero muito que isso tudo dê certo com Hugo. Ele consegue tirar o melhor de mim, é como se conseguisse enxergar as rachaduras e mesmo assim ver a beleza de cada marca que compõe a minha vida.

Respiro fundo, enxugo as lágrimas, ergo-me e lavo meu rosto na água fria. Observo meu rosto no espelho. A água lavou as lágrimas, mas o inchaço ainda está lá, visível para quem quiser ver. Exatamente como meus problemas, minha boca sorri ao dizer que está tudo bem e meus olhos mostram a tristeza que carregam.



No momento em que chego à minha casa após trabalhar a tarde inteira, ligo o notebook e entro no blog. Preciso tirar de alguma forma o que estou sentindo desde o instante em que Hugo me contou sobre sua vida. Encontro várias notificações, mas não quero ou sequer posso ler isso agora, só preciso escrever.

Durante o recorrer do meu dia um sentimento me assombrou, me perseguiu. De início não consegui identificar. Com o passar das horas, encontrei a palavra correta para descrever. Inação.

Inação seria ausência de ação.

Ouvi um relato muito triste sobre um acontecimento envolvendo morte. Mas não quero focar nisso agora, em outra postagem talvez. O que eu quero dizer é que, ao ouvir tudo isso, o momento perfeito chegou e eu não soube o que fazer. Na realidade, FALAR era o que eu precisava fazer. Tenho uma enorme dificuldade em me abrir com outras pessoas. Mesmo que eu confie muito, não consigo formar as

palavras e expô-las. É como se um nó se formasse em minha garganta e me impedisse de dizer tudo o que está guardado.

Inação.

Letargo. Inatividade. Hesitação. Falta de decisão. Insegurança. Inércia.

Muitas formas de descrever o que aconteceu comigo quando, enfim, poderia me expor tendo plena certeza de que confio nessa pessoa.

É como se você estivesse parado na linha de um trem e ao longe ouvisse o inconfundível som de sua passagem chegando, sem sair do lugar. Você sabe que precisa sair, caso contrário morrerá, pois não haverá tempo suficiente para que o condutor freie o trem. Ele é tão extenso que, mesmo conseguindo frear a uma distância equivalentemente boa, até a sua parada total, os vagões terão percorrido mais alguns metros. O necessário para passar por cima de você.

Constantemente ouço o som desse trem me dando um sinal de aviso: “Estou chegando; é melhor me dar passagem; não fique na frente; se afaste”, e eu, inevitavelmente, fico no caminho. Hoje de manhã não foi diferente, eu o ouvia chegando, a insegurança sondando e me perguntando: “Então, como será dessa vez? Ficará no caminho ou finalmente vai se mexer e dar passagem para o trem?”. Quanto mais ele se aproximava, mais a insegurança me consumia; quanto maior o seu som, maior hesitação se apossava de mim.

Parece tão simples poder falar, se abrir, se expor. Mas no meu caso, a inércia me alcançou. Mais uma vez, eu poderia ter aliviado o meu fardo. Só que não foi assim, o trem novamente passou por mim, deixando meus sentimentos em pedaços.

“Por que não deu um passo para o lado e saiu da linha do trem? “Por que não abriu a boca e falou”? Aparenta ser fácil fazer isso, mas quando você se sente sufocado pela insegurança, ela te imobiliza. Você quer, sim, sair de onde está, porém o medo paralisa. Você quer abrir a boca e falar, e a inação não te deixa concluir.

Estou em estado de inação há algum tempo. E isso é uma grande merda.

Intitulo a postagem “Inação”, parece ideal. Clico em enviar e somente depois disso é que consigo realmente respirar.

Ao meu lado, sobre a cama, o celular vibra. Deve ser Hugo, hoje ele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dormirá em sua própria casa.

Hugo 27 (21:18): Honey

Hugo 27 (21:18): Liguei para o meu pai. Se você topa, posso te levar para que os conheça semana que vem, mas só se realmente quiser.

Hugo 27 (21:19): Saiba que não quero que se sinta obrigada a isso.

Conhecer os pais dele é um passo muito importante. Será que ele também está sentindo o mesmo que eu? Querer me apresentar para os pais quer dizer alguma coisa.

Iza (21:21): Será um prazer =)

É melhor eu colocar essa insegurança para correr. Ela não pode me paralisar para sempre. Eu não posso ser refém da minha própria inação.

Hugo 27 (21:22): <3

Ele com certeza é meu maior incentivo para sair disso tudo. Realmente Hugo consegue tirar o meu melhor, mesmo sem perceber.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 34

*You're my downfall, you're my muse
My worst distraction, my rhythm and blues
I can't stop singing
It's ringing, in my head for you
(All of me – John Legend)*^[34]

Hugo

Não foi algo fácil, mas consegui mudar a minha folga desse domingo para que caia junto com a da Iza. Assim poderemos nos planejar melhor e sair juntos. Helena não é uma pessoa simples de se agradar, precisei usar um pouco de flerte para conseguir isso. Izadora achou muita graça. Suas palavras exatas foram: “*quando se trata de testosterona, Helena é uma pessoa dócil e meiga*”.

Sinto-me um pouco nervoso por levar Iza até a minha casa. Ela será a primeira pessoa desde o acidente com Diego. Não sei como será a recepção da minha mãe, seu humor varia conforme o passar do dia. Meu pai, por outro lado, adorou a ideia. Meu camarada. Decidimos ir em minha moto, Iza toda animada com a sugestão já que nunca andou nela. Enquanto espero minha honey terminar de se arrumar, ligo para meu pai.

— Alô? — sempre é tão bom ouvir sua voz.

— Pai? Tudo bem?

— Oi, filho, tudo nos conformes. Que horas vão chegar?

— Logo sairemos daqui. Talvez meia hora, no máximo — ouço som de uma panela de pressão ao fundo. Ele adora cozinhar.

— Que bom, a comida está quase pronta. Venham com cuidado, quero muito conhecer Izadora — ele está feliz.

— Vai gostar muito dela.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não tenho dúvidas sobre isso. Nos vemos em breve, então. Mais uma vez, dirija com cuidado, Hugo.

— Não se preocupe com isso, pai — tento passar segurança pelo telefone.

Nossa atenção no trânsito redobrou. É assim a cada vez que saímos de casa. Meu pai fica muito preocupado sempre que vou para Lençóis à noite em minha moto. Talvez a ideia de me perder também seja insuportável para ele. A cota de sofrimento deles já está grande demais, não quero acrescentar mais dor a isso. Sempre tomo o máximo de cuidado ao dirigir.

Iza sai do quarto usando uma de suas calças jeans rasgadas — essa tem apenas um pequeno rasgo na altura da coxa —, uma blusa vermelha que combinou muito bem com o seu tom de pele, bota de cano curto preta e uma jaqueta de couro da mesma cor. Iremos pegar a estrada e a velocidade sempre torna a corrida mais fria. Está linda.

— O que achou dessa roupa? Queria algo mais alegre, mas vi que a maioria das minhas blusas são pretas, com alguma banda — ela torna a olhar para a própria roupa, ainda indecisa. — E se eles não gostarem?

— Relaxe, honey. Está linda dessa forma, na verdade está sempre linda — seguro em sua cintura e a puxo para mais perto de mim. — Eles seriam loucos se não gostassem de você! — beijo seus lábios com carinho.

— Ok. É melhor a gente ir.

Enlaço sua mão e saímos de casa. Ajudo Izadora a prender o capacete, coloco minha jaqueta e subo na moto, dando a partida. Iza sobe e me envolve a cintura com seus braços. Durante o caminho, quase não nos falamos, tomo todo cuidado e não corro muito com Iza na garupa, não quero ser imprudente com ela.

No momento em que chegamos, meu pai sai de casa para nos receber. Ele é da minha altura, pele clara e olhos verdes, os quais não herdei. Tenho os olhos da minha mãe, castanhos escuros. Ele abre o portão, assim entro com minha moto na garagem. Descemos da moto e eu o abraço.

— Como está, filho? — seu abraço é sempre acalentador.

— Muito bem e por aqui? Como ela está?

— Não está em seu melhor dia, mas bem consciente — sei muito bem o que ele quer dizer com isso. Meu pai se afasta de mim e olha para Iza. — E você deve ser Izadora!

— Prazer em conhecê-lo! — eles se cumprimentam.

— O prazer é todo meu — ele se vira para mim. — Você disse que ela era bonita, com certeza foi um modo humilde de descrevê-la! — ao dizer isso ele pisca para mim, deixando Iza um pouco tímida.

— Quando não encontramos as palavras corretas para descrever algo belo, é melhor deixar que os próprios olhos o façam — ela fica ainda mais envergonhada com minhas palavras, o que me faz rir.

— Muito bem, crianças. Vamos entrar e comer — ele se vira para Iza. — Preparei lasanha, Hugo me disse que gosta muito.

Surpresa, ela volta seu olhar para mim rapidamente. Por essa ela não esperava, que bom. Não me esqueci de nada do que disse desde que a conheci. Ao entrarmos, vejo minha mãe sentada na sala de estar, um pouco pálida. Acho que não tem se alimentado bem essa semana mesmo meu pai fazendo de tudo para que ela se mantenha saudável. No momento em que me vê, dá um leve sorriso. Vou ao seu encontro e beijo o topo de sua cabeça.

— Oi, mãe — ela apenas assente. Minha mãe quase não fala na maioria do tempo. Dou um passo para o lado, assim ela pode ver Izadora. — Mãe, essa é Izadora.

— Prazer em conhecê-la... — Iza volta seu olhar para mim com ar interrogativo.

— Valéria — ela vai me matar por eu não ter dito o nome da minha mãe antes.

— Dona Valéria — completa. Mais uma vez, minha mãe apenas faz um sinal com a cabeça.

— Muito bem, todos apresentados. Então, o que acham de irmos comer antes que a comida esfrie? — meu pai indaga, tentando quebrar o clima um tanto tenso.

Caminhamos os três para a cozinha. Iza para próxima à porta, apreciando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o ambiente.

— Quer ir conhecer o meu quarto antes do almoço? — sussurro em seu ouvido, um tanto malicioso. Ela apenas sorri e leio seus lábios quando pronuncia “babaca”. Essa garota me mata.

O decorrer do almoço foi bom. Meu pai, após levar um prato com um pequeno pedaço de lasanha para minha mãe na sala, deixou Izadora muito à vontade, sem fazer perguntas inconvenientes. A lasanha que ele preparou estava fabulosa. Depois do acidente, minha mãe nunca mais cozinhou, então meu pai teve de aprender a se virar e hoje cozinha maravilhosamente bem. Ao fim da refeição, Izadora tenta ajudar meu pai limpando a mesa, mas ele é teimoso e se recusa.

— Você é a visita e será tratada muito bem. Deixe que o Hugo coloque a mão na massa — ao dizer isso, pisca para Iza que sorri para mim. Ajudo a lavar a louça, ela nos observa, ainda sentada à mesa.

Depois de jogarmos conversa fora por um tempo, deixo meu pai na cozinha e chamo Izadora para conhecer outra parte da casa.

— Venha, quero que conheça meu quarto — seguro em sua mão após secar as minhas com o pano de prato e a conduzo.

— Seu pai é muito simpático! — me confia.

— Herdei a simpatia dele, honey. E a beleza, a altura, menos os olhos.

— E que olhos lindos são aqueles...

— Verdade. Diego tinha os mesmos olhos dele — entramos no quarto. — E por falar nisso... — pego o porta-retratos com a foto do meu irmão que costumo deixar sobre a cômoda e entrego a ela.

— Ele era lindo! — Iza passa os dedos pelo vidro sobre a fotografia. Parece estar pensando em algo. — De certa forma, ele me lembra você. Praticamente iguais. Eu sinto muito por ele.

— Não se preocupe. Estou bem, é sério! — ela abraça o objeto enquanto olha para o restante do quarto. Não tenho muita coisa aqui, só minha cama, o guarda-roupas e meu violão. Isso, sim, chama sua atenção.

— Você ainda toca? — pergunta, apontando para o instrumento após deixar a foto no local em que estava.

— De vez em quando — acabo me lembrando de algo. — Hey, lembra quando cantamos no shopping? Já faz alguns meses.

— Ai meu Deus! Eu não vou cantar, Hugo! — sua face enrubesce, mostrando o quanto fica apavorada com essa possibilidade.

— Você prometeu que cantaria um funk do momento — pego o violão, sento na cama, apoiando-o em minha perna direita. Iza senta ao meu lado, um tanto relutante.

— Não vou pagar esse mico aqui, na casa dos seus pais, seu doido.

— Vamos, honey, só uma e depois te deixo em paz! — adoro atazanar essa garota.

— Mas eu não sei nenhuma...

— Como não? Toca música o dia todo naquela loja.

— Sim, mas não toca funk — rebate.

— Uma, por favor! Nem que seja apenas um trecho que se lembre.

Seus olhos estão fixos nas mãos se apertando sobre suas pernas, enquanto pensa. Depois de alguns segundos, começa a rir quase se descontrolando.

— Você não vai acreditar em qual lembrei: “Malandramente...”

— Essa é ótima, mas... Bem, se meus pais ouvirem a tal da martelada, ficarão constrangidos — dou uma piscadela e dedilho o violão, arrancando poucas notas. — Então, qual vai ser?

— Hugo, acho melhor eu não fazer isso. Seus pais não merecem ouvir a minha bela voz — ela está quase implorando para que eu pare de importunar.

— Boba! Eles iriam adorar — ela não vai escapar, nem morta.

— Tadinho, tão inocente...

Não faz tanto tempo, fui atrás da cifra de uma música antiga que me lembra dela toda vez que ouço. Ela não sabe disso e agora quero tocar e cantar para ela. Espero que goste. Como estou sem a cifra agora, talvez eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

erre alguns acordes. Expliquei:

— Iza, toda vez que eu ouço essa música, imediatamente lembro-me de você. É inevitável. Não saberia explicar, então prefiro viver isso — em sua face está estampada a surpresa de saber que cantarei para ela.

Assim que começo a tocar a introdução, seu sorriso se abre e amplia, pois reconheceu a canção:

— *“Saying I love you Is not the words I want to hear from you / It's not that I want you not to say, / But if you only knew how easy it would be to show me how you feel / More than words is all you have to do to make it real / Then you wouldn't have to say that you love me / Cause I'd already know”* [\[35\]](#).

Enquanto canto, mantenho meu olhar fixo no seu. Quero que ela sinta que essas palavras são reais, vem do meu coração. O que estou sentindo por ela é muito maior do que demonstro, e tenho medo de que ela se assuste. Então, que ela possa entender, apreciar e retribuir o que estou sentindo através dessa canção.

— *“Now that I've tried to talk to you and make you understand / All you have to do is close your eyes and just reach out your hands / And touch me, hold me close, don't ever let me go / More than words is all I ever needed you to show / Then you wouldn't have to say that you love me / Cause I'd already know”* [\[36\]](#).

Quando termino de cantar, finalizando os últimos acordes no violão, uma lágrima, pequena, mas muito significativa cai de seus olhos. Coloco o violão ao meu lado sobre a cama, aproximo-me dela e seguro seu rosto com as minhas mãos. Faço a pergunta que tem me consumido esses dias.

— Honey. Seja a minha parceira no crime — beijo o caminho da sua lágrima. — Quer namorar comigo?

Izadora mal consegue sussurrar “sim” e joga seus braços em meu pescoço, ao mesmo tempo em que me beija. Fazia muito tempo em que eu não ficava realmente feliz por alguma coisa.

Izadora é o sol que eu precisava para aquecer o meu inverno.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 35

*Tantos sorrisos por aí
Você querendo o meu
Tantos olhares me olhando
E eu querendo o seu
Eu não duvido não, que não foi por acaso
Se o amor bateu na nossa porta
Que sorte a nossa*
(Que sorte a nossa – Paula Mattos e Fernando Paloni)

Izadora

Sim. Eu disse sim.

Na hora, me pareceu a coisa certa a ser feita. Eu quero estar com Hugo, me relacionar com ele, dividir minha vida e sentimentos e não me arrependo de ter dito sim, mas talvez ainda não seja o momento. Entrar em outro relacionamento enquanto o último ainda te assombra deveria ser algum tipo de sinal. Não quero em hipótese alguma magoa-lo. Hugo não merece isso. Ainda não estou cem por cento, talvez eu esteja longe disso, mas acredito que pode funcionar. E, se eu não tentar, nunca saberei a resposta.

A nossa tarde foi excelente, adorei conhecer a família, mesmo sua mãe sendo uma pessoa de poucas palavras. Dá para notar que antigamente era uma mulher que contagiava o ambiente em que chegava. E Hugo é sempre tão atencioso comigo! Não se esqueceu de um detalhe tão bobo como eu gostar de lasanha a ponto de pedir ao pai que a preparasse especialmente para mim.

Diego ainda faz muita falta para eles, a presença dele é algo insubstituível, deixou marcas para sempre nessa família. Eles são fortes, conseguiram se reerguer depois de tudo desmoronar ao seu redor. Preciso dessa força para me manter em pé.



Duas semanas depois, voltamos a Lençóis Paulista. Hugo viu em um anúncio que teria cine autorama na cidade e decidimos assistir, um cinema estilo *drive-in*. Passamos rapidamente na casa de seus pais e pegamos o carro do pai emprestado, já que de moto seria desconfortável.

Durante o percurso, fico relembrando Hugo cantando para mim naquele dia, foi lindo. No rádio do carro está tocando “*More Than Words*”. Já gostava dessa música antes, agora, depois que ele cantou e disse que eu invadia seus pensamentos toda vez que ele a ouvia, declarei como minha música preferida de todos os tempos.

Assim que chegamos ao local do cine, vejo que está parcialmente cheio, somente casais. Leio a programação e dou um gritinho de felicidade quando reconheço o nome do filme que irão rodar.

— Ai, meu Deus! Eu simplesmente amo esse filme! — bato palmas, quicando no assento, e olhando para o Hugo.

— É um bom filme, na primeira vez me emocionei quando assisti.

— Sério que você chorou vendo “Diário de uma Paixão”? — meu queixo quase caiu.

— E o que tem de mal nisso? — ele parece indignado.

Começo a rir alto.

— Foi mal, mas deve ter sido bem engraçado. Queria ter visto você chorando em um filme desses.

— Algo muito normal — ele retruca.

— Acho que nunca vi nenhum amigo meu chorando com esse filme.

— Eu estava sensível, devia ser TPM... — ele me dá um meio sorriso.

— Ah, seu babaca! — dou um soco de leve em seu ombro. — Fica me sacaneando!

— Não perderia essa, honey — Hugo pisca para mim. — Ainda que me agradasse muito mais ver “Velozes e Furiosos”, esse filme está de bom

tamanho.

— Li uma matéria na internet esses dias dizendo que o filme será adaptado para uma série de TV. Não vejo a hora de isso acontecer! — se essa informação estiver mesmo correta.

Alguns trailers começam a rodar indicando que o filme está para começar. Hugo me puxa para perto de si e beija meu pescoço, o que me deixa perdida.

— Se você quiser, quando chegarmos em casa, poderíamos repetir algumas cenas do filme.

— Qual cena especificamente tem em mente? — pergunto já desconfiando da sua escolha.

— Aquela em que eles voltam do lago, encharcados pela chuva — Hugo beija minha orelha e com a voz rouca que tanto gosto me pergunta: — Topa?

Não há necessidade em falar. Ele sabe qual é a minha resposta.

Quando o filme acaba, limpo algumas lágrimas teimosas e percebo Hugo me olhando. Espero fazer alguma piada sobre isso, mas não, mais uma vez ele me surpreende.

— Me prometa que se algum dia isso acontecer comigo, você vai me ajudar a lembrar de cada detalhe seu, não me deixará te esquecer, não permitirá que essa doença vença, e que o que sentimos um pelo outro vai vencer essa batalha. Não consigo nem imaginar não me lembrar de como eu amo ver o seu sorriso ou da forma que pronuncia “babaca” para mim, ou até mesmo dos seus olhos que me dizem muito mais que os seus lábios.

Hugo se vira em seu banco e fica de frente para mim. Ele me puxa e faz o mesmo comigo, agora estamos próximos, seu olhar está cravado no meu. Sinto que algo muito importante está para acontecer, pois ele está sério e com o semblante decidido.

— Honey, por mais que eu tente ir com calma e te dar tempo necessário para que não se assuste, e também ache que estou me precipitando sobre os meus sentimentos por você, eu não tenho dúvida nenhuma: é mais que atração física. Sinto que você se sente assim também, sente o mesmo, mas algo te impede de se entregar de vez. Não estou te questionando o porquê

disso, só quero que saiba que eu estou aqui e que preciso te dizer o que sinto logo, antes que me sufoque — Hugo segura minhas mãos e as beija. — Nunca, jamais se sinta na obrigação de fazer a mesma coisa que eu. Se estou dizendo essas coisas é porque me sinto preparado para isso. Izadora, você não tem a obrigação de me dizer o que ainda não está pronta para falar, mas eu preciso falar o que eu estou sentindo.

Ele carinhosamente segura em meu queixo, prendendo meu olhar no seu, acariciando meus cabelos. Agora sei o que ele vai me dizer e isso me deixa apavorada.

— Eu amo você, honey.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 36

*I'm forced to fake
A smile, a laugh, every day of my life
My heart can't possibly break
When it wasn't even whole to start with (...)
Because of you
I find it hard to trust not only me
But everyone around me
Because of you I am afraid
(Because of you – Kelly Clarkson)^[37]*

Hugo realmente não me questionou quando eu não o correspondi, nem esperou por uma resposta. Ele, de alguma forma, sabia que isso aconteceria.

Estamos voltando para Bauru e Hugo tenta me mostrar que a ausência de reciprocidade em relação ao amor dele não é um problema. Pelo menos é o que ele está tentando demonstrar, embora eu saiba que no fundo a esperança dele era que eu me abrisse. Reparo que, em todo esse tempo que estamos juntos, nada passou despercebido para ele. Hugo tem sido extremamente paciente comigo, esperando que a vontade de falar parta de mim, que eu tome a iniciativa e o deixe me ajudar de alguma forma. Se é que isso será possível.

Assim que chegamos a minha casa, desço rapidamente da moto, me desvencilhando do capacete enquanto caminho para a porta da frente. Não quero dizer para ele que hoje preciso ficar sozinha, a situação ficaria ainda mais constrangedora. Ele nota minha relutância e entende.

— A gente se vê amanhã? — meu coração dói ao ouvir isso.

— Sim. Com certeza — respondo olhando para os meus pés.

— Izadora — ergo os olhos para ele —, está tudo bem, não se preocupe. Passo aqui bem cedo para correremos.

— Ok.

— Vem cá! — Hugo me abraça forte e depois me beija. — Boa noite, honey.

— Boa noite — sussurro.

Estou tremendo e sei exatamente que não é frio. Parte meu coração ver Hugo se afastar de mim, mas é melhor assim, não quero desmoronar na frente dele.

Ao entrar em casa é como se retirassem todos os pilares que me sustentaram durante o dia. Eu desabo no chão da sala mesmo. Estou suando frio e tremendo muito. Minhas lágrimas se confundem com o suor. Agarro uma almofada e tento abafar o som do meu choro.

Até quando isso vai continuar assim? Até quando vou me esconder dentro de mim mesma?

Fui muito ingênua ao achar que confiava no Hugo. Quem confia não foge, não esconde, não omite. Confiar é saber que o mundo pode acabar nesse momento e mesmo assim não se preocupar com o que vai acontecer, pois sua vida está totalmente segura nas mãos daquela pessoa. Se eu não confio nem em mim mesma, o que dirá em outra pessoa. Tudo o que aconteceu me tornou a pessoa que sou. Frágil. Insegura. Desconfiada. Medrosa.

Não posso magoar Hugo, mas também não posso mais continuar fingindo ser o que não sou. Achei que ignorar meu problema resolveria tudo. Grande engano meu. Ignorar um problema não significa resolver esse problema. Abro meu notebook e entro no blog.

Não penso muito dessa vez, apenas escrevo.

Hoje recebi uma declaração de amor. Eu ouvi um “Eu amo você”, e sabem o que eu fiz?

Nada.

Um grande nada.

Nem uma resposta, nem uma demonstração de agradecimento, nada.

Nada.

E não é porque eu não sinta o mesmo por essa pessoa, mas porque

me veio à mente uma lembrança nada agradável. Não, essa pessoa de hoje não se parece em nada com a imagem na minha cabeça, ele é totalmente diferente.

Sou uma burra medrosa e insegura.

A primeira vez em que eu disse “Eu te amo” foi forçado. Acho que ao me lembrar da cena isso me paralisou.

Eu até que gostava daquela pessoa, mas não amava.

Foi mais ou menos assim:

Quando ele disse que me amava, o ser (vou chama-lo assim) ficou me encarando, esperando que eu dissesse a mesma coisa. Como eu não disse, o ser ficou extremamente irritado e começou a questionar meus sentimentos por ele. Disse que o normal, quando uma pessoa diz, a outra precisa corresponder.

Mas corresponder como, se eu não sabia se o amava? O ser fez eu me sentir tão mal por não ter dito que inevitavelmente acabei dizendo, o que gerou outra discussão, pois eu disse por me sentir obrigada a isso. O que não é mentira. Ele disse tanta coisa que no final eu tinha certeza que o amava e me sentia uma estúpida por não ter dito na “hora certa”.

O que aconteceu hoje foi totalmente diferente, essa pessoa me deixou à vontade e me mostrou que ele não esperava que eu dissesse a mesma coisa, ele só queria expor o que estava sentindo. E eu estraguei tudo.

Diferentemente do ser, eu não tenho dúvidas do que sinto por ele, só não sei o que aconteceu. Senti medo, talvez. Insegurança. Sei que ele não merece isso, mas meu passado me assombra, me persegue e me deixa sem saída.

Por muito tempo, eu tenho ignorado o que aconteceu comigo. Ignorar não está mais funcionando.

Cheguei a acreditar que eu confiava nessa pessoa. Como? Se não confio em mim mesma, em outras pessoas menos ainda.

Não quero magoá-lo, não posso fazer isso, não com ele. Eu preciso dar um jeito em minha vida.

Nem sei mais o que estou dizendo. Nem se alguém irá entender.

Perdoem-me, mas precisava desabafar, isso nem tem a ver com o tema do blog, eu sei...

Não sabia para quem recorrer...

Estou confusa.

Preciso de ajuda...

Envio sem título.

Talvez eu esteja enlouquecendo, pois fico observando a tela com a minha postagem, tamborilo meus dedos no notebook, ainda não sei o que estou esperando. Alguém responde após o que me pareceu muito tempo depois. O blog tem recebido muitas visitas e isso vem aumentando a cada dia, então receber essa mensagem na minha postagem acaba não me surpreendendo por ter sido quase de imediato.

“Olá, Anxious,

Você parece estar muito aflita nesse momento e isso pode te afetar, precisa relaxar e respirar fundo, assim pensará com clareza sobre a situação citada.

Gostaria muito de poder ajudar, mas o que eu poderia dizer que reverteria a situação? Não deve ter sido nada agradável para essa pessoa não receber uma resposta sua, mesmo ele dizendo que não esperava. No fundo, todos esperam ser correspondidos. Notei que você teve uma relação bem exaustiva e isso está afetando a atual. Você precisa separar as coisas. Se esse cara de agora não tem nada a ver com o do passado, não há motivos para se abalar. Acho que você confia sim nele, caso contrário não estariam juntos. Você já abriu o jogo e contou, seja o que for, o que aconteceu contigo? Não parece ter sido algo agradável. Fale com ele, diga o que está aí dentro guardado a sete chaves. Se ele for realmente uma boa pessoa, entenderá. Espero que encontre a luz. E não se preocupe, pode falar sobre o que quiser aqui, afinal, tudo isso faz parte da nossa doença e são experiências compartilhadas. Se isso é um gatilho para desencadear a sua ansiedade, sugiro que procure ajuda ou o tratamento de nada valerá. É o que tenho feito, estou tentando eliminar tudo que aciona esses gatilhos.

Na torcida por você.”

Recebo outra mensagem.

“Mana, você precisa desabafar e logo, tenho certeza que isso ajudará. Pare de carregar esse fardo sozinha, pessoas são colocadas em nossas vidas e não é por acaso. Sinto muito se passou por algo

horrível, mas o que é seu, somente você vai passar, ninguém passa por nós, e amigos estão aí para isso, nos ajudar a aliviar o fardo quando ele se torna grande demais.

Pensamentos positivos para você.

Você vai conseguir.”

Acabo lendo mais alguns que chegaram e todos falam para desabafar. O que elas não sabem é que isso tem sido meu maior obstáculo. Arrependo-me um pouco de ter postado isso no blog, agora todos acham que sabem me ajudar, embora não tenham como ajudar uma pessoa até saber exatamente onde está o problema. Ninguém vai ao consultório médico e simplesmente diz que não está bem e espera que ele acerte o diagnóstico sem mencionar nada. Ninguém consegue me ajudar porque eu nunca disse exatamente o que aconteceu. Não tem como tratar um machucado sem saber onde ele está.

Entendo que eles queiram me ajudar, mas vou fazer do meu jeito. Foi um momento de muito estresse e isso não acontecerá outra vez.

Está tudo bem, afinal não se quebra algo que já não estava inteiro.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 37

So open up my eyes

Tell me I'm alive

This is never gonna go our way

If I'm gonna have to guess what's on your mind

(Believe – Mumford & Sons)^[38]

Vocês já pararam para pensar e refletir sobre uma bola de papel amassado? Como algo que era tão útil foi parar em uma cesta de lixo por não encontrarmos mais nenhuma finalidade para ele? Por que bolas de papéis são tão menosprezadas por não terem mais a mesma utilidade de antes? Ninguém usaria um papel amassado para mandar uma carta ou imprimir um documento importante, não o usariam para colocar os dados de um currículo. Por mais que você tente desamassar esse papel, ele nunca mais será o mesmo. As marcas de todas as dobras ficarão visíveis para quem queira ver, deixando bem claro que esse papel não deve ser reutilizado, a aparência dele não chama mais a atenção. Um objeto sem utilidade. Para muitos, uma bola de papel amassado é simplesmente algo que não tem mais valor, ele não atende mais nenhuma necessidade aparente, é jogado no lixo porque alguém o utilizou, não foi aquilo que desejava e o descartou.

Mas, o que a maioria talvez nunca tenha notado é que sempre, indiscutivelmente, alguém tentará reaproveitar esse papel. Fará o possível para retirar todas as marcas. Ou somente o abrirá e começará a usá-lo. Esse papel pode ser extremamente crucial em algum momento. Imagine só se você conhece a garota dos seus sonhos e está sem seu celular e precisa marcar o contato dela em algum lugar, ali está o papel amassado. Ou finalmente você consegue descobrir o nome daquela música que não sai da sua cabeça e quer ter certeza de que não esquecerá, mais uma vez o papel amassado entra em cena e te salva. Quem sabe em um dia nada legal a criatividade que você tanto buscava voltou e com força total, mas está sem seu caderno preferido ou sem seu notebook, olhem quem apareceu novamente, sim, o papel amassado. Esse

papel ainda que amassado torna-se útil para alguém, mesmo que por pouco tempo e sendo somente como um rascunho.

Acho que me sinto esse papel que está completamente amassado por tudo o que eu passei e existe essa pessoa que enxerga algo nessa bola de papel e quer tentar tirar o melhor dele. Quer mostrar que ainda é possível escrever uma linda história nele e que, mesmo com todas as dobras aparentes que estão ali como um outdoor com muitas luzes piscando e mostrando a sua falta de beleza, ainda é possível enxergar as poucas partes que não foram afetadas. Que beleza é muito mais que a aparência, que cada amassado faz parte da história que o compõe. Que sem essas marcas, ele não seria o mesmo.

Hoje, só consigo enxergar a parte feia de ser quem eu sou, os segredos e mentiras que eu guardo, mas existe essa pessoa que vê além dessas marcas e quer muito me mostrar que eu também enxergarei, se quiser. Mas é aí que está o problema, eu consigo me enxergar exatamente como sou e, por saber disso, sinto que talvez eu o esteja enganando, porque, quando ele abrir esse papel e ler o seu conteúdo não vai mais me olhar da mesma maneira. E eu tenho muito medo disso. Ele é a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo e eu não posso perder isso. Mas se continuar do jeito que estou, é exatamente o que acontecerá.

Teria sido melhor então que essa bola de papel amassado continuasse no mesmo lugar. No lixo.

Estou sentindo essa necessidade enorme de escrever cada vez mais no blog. Intitulo essa postagem “*Bola de Papel Amassado*” e envio.

Não espero para ver os comentários. Desligo meu notebook e levanto da cama. Ainda é muito cedo, mas estou sem sono. Resolvo correr um pouco sozinha e antes de sair de casa mando uma mensagem para Hugo.

Iza (05:48): Bom dia.

Iza (05:48): Estou com dor de cabeça, vamos deixar a corrida para amanhã.

Iza (05:48): =\

Enquanto me arrumo, recebo uma mensagem de volta.

Hugo 27 (05:50): Bom dia, Honey.

Hugo 27 (05:50): Está tudo bem? Quer que eu passe aí? Já estava

para sair de casa mesmo!

Iza (05:51): Obrigada, mas já tomei um remédio e vou voltar a dormir.

Hugo 27 (05:51): Te vejo mais tarde?

Penso sobre isso. Se eu disser não, ele claramente notará que o estou evitando. Não tem como fugir.

Iza (05:53): Tudo bem. Te vejo mais tarde.

Hugo 27 (05:53): Melhoras, honey. <3

Odeio mentir para ele. Porém, depois daquela declaração ontem, eu realmente preciso de um espaço para pensar. E ele tem sido tão paciente comigo que só o fato de mentir para ele me deixa extremamente péssima. Termino de me trocar e saio.

O dia ainda está clareando. Para mim é o melhor horário que tem. Tudo muito calmo, a brisa perfeita e a paisagem linda. É magnífico ver o sol nascendo, pena que a maioria das pessoas perde esse espetáculo. Eu mesma perdia essa cena antigamente, agora me acostumei e, quando não vejo a lua se despedindo e dando passagem para o sol entrar e mostrar a sua imponência, é como se faltasse uma parte crucial para que o meu dia seja completo.

Durante a corrida, penso sobre esse meu afastamento de Hugo. Ele não tem culpa por ser quem é, tão intenso que, se não falar o que sente, fica mal. Não quero que ele se sinta culpado por ter dito que me ama. Hugo precisa ver que estou em sintonia com ele, que foi um momento de hesitação e incerteza e que não acontecerá novamente.

Quando volto para casa, já tenho tudo em mente. Ligo para minha mãe e coloco no viva-voz enquanto me troco.

— Alô? — adoro o som da sua voz.

— Mãe? Está muito ocupada?

— Oi, filha. Claro que não. Como está minha princesa?

— Cansada, acabei de voltar da corrida...

— Com aquele seu amigo? — ela, mais uma vez, dá ênfase na palavra amigo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não. Hoje corri sozinha. Mas é sobre ele que eu quero falar. Estamos namorando e quero leva-lo para que conheça vocês na minha próxima folga.

Falo tudo de uma vez e, como minha mãe demora para responder, eu pergunto:

— O que acha?

— Quanto tempo estão juntos? Digo, namorando, porque sei que se conhecem há algum tempo — sinto uma leve irritação na sua voz.

— Um pouco mais de um mês. Eu ia te contar, juro...

— Por que demorou tanto? Por acaso está grávida, Izadora? E todos os conselhos que eu te dei? — de “leve” a irritação não tem nada.

— Hey, calma aí! Não estou grávida, coisa nenhuma, só não encontrei o momento certo para isso — tento me defender.

— Por acaso existe momento certo para falar isso para sua mãe? — *touché*.

— Mãe, por favor...

— Quando vier aqui quero todos os detalhes, não vou mais insistir no assunto agora.

— Está chateada? — não quero que ela fique assim.

— Por estar namorando? Não, mas por ter demorado tanto para me contar, sim.

— Sinto muito.

— Ok, minha filha — ela cede. Puxa! Não achei mesmo que seria uma notícia merecedora de tantos créditos. Ela continua indagando. — Quando virão?

Fico com minha mãe ao telefone por mais alguns minutos resolvendo algumas questões e marcamos a data, já que nossos finais de semana são sempre bem ocupados pelo trabalho.

Espero muito que Hugo aceite ir comigo para conhecer minha família, eu devo isso a ele.



No decorrer do meu dia, fico de olho nos comentários que recebo desde o meu desabafo ontem à noite. Mesmo sabendo que receber essas “sugestões” é culpa minha, ainda me incomoda ver todas essas pessoas palpitando no que seria melhor para mim.

Agora, estou sentada no sofá aguardando Hugo chegar da faculdade. Por causa do trabalho de conclusão de curso, o famigerado TCC, ele saiu mais cedo e passará aqui. Ouço batidas na porta. Assim que a abro, Hugo me dá o seu sorriso mais lindo, o que me faz ficar sem graça por ter agido do jeito que agi.

— Boa noite, honey — ele dá um passo à frente e me abraça, ao que correspondo com satisfação.

Só de estar em seus braços me faz lembrar do quanto preciso dele e da sua segurança. É reconfortante. Esse abraço é o mais longo que já tivemos e eu não o soltaria se pudesse. Seu cheiro é incrível, sua força é meu pilar.

— Está melhor? — sempre se preocupando comigo.

— Muito. Que bom que está aqui, Hugo. Senti sua falta hoje... — e não estou mentindo.

— Eu também, Iza. E sobre ontem...

— Está tudo bem, eu juro — ele segura em minha cintura e me puxa para si. Beija meus lábios com delicadeza, como se quisesse decorar cada parte de mim. Eu retribuo cada beijo. — Quero que conheça meus pais. Quem sabe na próxima folga, se você quiser.

— Não precisa perguntar duas vezes. Quero conhecer os criadores da bela visão que está aqui na minha frente.

Voltamos a nos beijar e dessa vez a delicadeza de antes é substituída pela necessidade.

— Dorme aqui comigo hoje — sussurro em seus lábios.

Hugo não precisa responder para que eu saiba da sua escolha. Ele me ergue do chão, bate a porta usando apenas um dos pés e me carrega até meu

quarto, pouco depois de eu enlaçar sua cintura com as minhas pernas. Nos beijamos com sofreguidão, já nos despindo. Hugo para no meio do caminho e mira meus olhos.

— Que tal se a gente repetisse a cena do filme de ontem? — ele não esqueceu.

— Mas não está chovendo.

— Tem alguma coisa que não possa molhar? — ele diz apontando para minhas roupas.

— Não... — respondo hesitante.

— Ótimo! — empolgado, ele retira o celular e a carteira do bolso, me puxa em direção ao banheiro e, sem aviso prévio, abre o chuveiro no máximo. A água encharca nossas roupas. — Nossa chuva particular.

Hugo, então, me prende contra a parede, enlaça meus cabelos em seus dedos e os puxa, fazendo com que meu pescoço fique à sua disposição. Ele explora cada parte do meu corpo com a sua boca. Solta meu cabelo e suas mãos começam a tirar as minhas roupas, faço exatamente como ele e tiro sua camiseta. Só paramos de nos beijar para deixar nossas roupas saírem. Estamos somente com nossas roupas íntimas. Hugo desliga o chuveiro, me pega novamente em seu colo e voltamos para o quarto. Por onde passamos, deixamos poças enormes de água.

Ele me deita na cama sem separar nossos lábios. Suas mãos vão para as minhas costas, as quais arqueio para que ele possa abrir meu sutiã. Assim que a peça se vai, ele começa a descer e beijar meu corpo. Somente com a ponta da língua, ele me acaricia, e isso é suficiente para me deixar arrepiada com seu toque. Hugo desce mais um pouco e para quando chega em minha calcinha. Inclino o corpo para cima a fim de facilitar para ele a retirada, o que faz com desejo. Retira a própria cueca e se aproxima de mim. Sobe na cama engatinhando e separando as minhas pernas ao mesmo tempo. Não são necessárias palavras nesse momento, estamos entregues um para o outro e esse momento é perfeito.

Decido que não vou sobrecarregar Hugo com os meus problemas, ele não precisa saber o que aconteceu. Não tem porque abrir esse papel e ler seu

conteúdo. Dá para utilizar a parte de fora que está amassada, mas sem tantos segredos.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 38

*Everywhere I'm looking now
I'm surrounded by your embrace
Baby I can see your halo
You know you're my saving grace
You're everything I need and more
It's written all over your face
Baby I can feel your halo
Pray it won't fade away
(Halo – Beyoncé)^[39]*

Quase três semanas depois, cá estamos nós indo para a casa dos meus pais. Não sei exatamente como será a recepção deles ao Hugo, porém posso imaginar que irão sondar muito antes de o “aprovarem”. Depois do meu último namoro, digamos que meus pais ficaram mais alertas ao meu comportamento. De forma nenhuma suspeitam o que realmente aconteceu e nem quero que eles carreguem esse fardo também.

Meu relacionamento com Hugo está bem, mesmo que eu ainda não tenha dito a ele que o amo. Toda vez em que penso em fazer isso, acontece exatamente a mesma coisa de quando cogito a possibilidade de falar sobre meu passado: um nó se forma em minha garganta, me impossibilitando de pronunciar qualquer palavra. É como se eu estivesse embaixo d’água, por mais que eu abra a boca, nenhum som é pronunciado, acabo engolindo tudo e mais uma vez me afogo em minhas próprias palavras não ditas.

Estamos indo no Abacate ao som de “Memórias”, da Banda Malta. Adoro a voz desse cara, rouca e forte ao mesmo tempo. Conheci a banda através de um programa de TV quando ainda assistia aos canais abertos. Hoje em dia não tenho mais paciência para ficar horas em frente da tela.

— Honey.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Hugo me chama, o que faz com que eu saia dos meus devaneios. Olho para ele.

— Está tudo bem? Ficou tão quieta.

— Só estava pensando em como conheci essa banda. Percebi que faz muito tempo que não assisto televisão e não sinto falta.

— Não está perdendo nada, tenho certeza. Eu até que assistia razoavelmente, porém ficava mais tempo trocando de canal do que assistindo, sempre estava tão bêbado que não conseguia nem me concentrar. Parei definitivamente de dar ibope para TV depois do surto que minha mãe deu algum tempo após a morte de Diego. Gosto de ver pela internet aquilo que me interessa.

— Assino a Netflix, mas nunca parei para ver alguma série por inteiro, pois, me conhecendo bem e sendo essa pessoa extremamente viciável, não seria legal. Passaria a vida tentando desvendar os finais. Lembro de uma vez ter assistido a uma temporada inteira em um único dia de tão viciada que fiquei. Quais séries que acompanha?

— Gosto muito de “Prision Break” e “Supernatural”. Só que ultimamente não tenho acompanhado nada, é época de provas. Logo as férias da faculdade chegam e, mais uma vez, necas de poder colocar em dia, pois terei de me dedicar ao TCC — Hugo me olha e dá uma de suas piscadinhas. — Mas para você sempre terei todo o tempo que precisar.

— Pena que suas férias da loja não coincidem, daria para você viajar — seria muito bom para ele.

— Esse ano nem vai rolar, talvez ano que vem. Tenho em mente fazer alguma viagem no estilo mochileiro, levar apenas o necessário. Você vem comigo, com certeza.

— Não sei, preciso olhar em minha agenda e ver se consigo te encaixar — finjo olhar em uma agenda imaginária para sacaneá-lo.

— Engraçadinha!

— Do jeito que a Helena me ama, duvido muito que me daria alguns dias de folga. Bem capaz de me demitir apenas pelo gostinho de satisfação que

isso daria — mulherzinha sem vida própria ela. Péssima!

— Relaxe, honey, nós daremos um jeito e faremos essa viagem de alguma forma — soa como uma promessa.

— E para onde vamos?

— Deserto do Atacama — fala sem titubear.

— Uau, parece que pensou muito no destino!

— É um lugar que o Diego e eu queríamos muito conhecer quando crianças. Combinamos de fazer isso juntos, porém a vida tinha outros planos...

Noto como Hugo fala do irmão com tanto carinho. É tão lindo ver que ele ainda quer de alguma forma fazer pelo Diego o que o próprio não conseguiu. Se eu morresse agora, meus pais não saberiam nem a metade dos meus sonhos, se é que ainda tenho algum.

Não estou me permitindo sonhar tanto, é complicado fazer planos para o futuro quando o seu presente ainda está aos pedaços.



Assim que chegamos, meu pai abre o portão para que possamos guardar o Abacate dentro da garagem. Hugo estaciona ao lado do carro do meu pai, que vem em minha direção, abre a porta do carro e me puxa para um abraço apertado.

— Minha filha querida — ele se afasta e me olha nos olhos. — Que bom que veio nos visitar! Como foi a viagem?

— Pai, são apenas quarenta minutos de Bauru até aqui — até parece que viajei por horas a fio.

— Verdade, mas eu sempre fico preocupado — e com isso ele me abraça novamente.

Meu deus do céu, o que está acontecendo com ele? Aproveito que estamos abraçados para perguntar em seu ouvido:

— O que está fazendo? — ainda sem entender essa cena.

Sinto meu pai sorrir ao sussurrar.

— Marcando território para esse cara ver o pai protetor que eu sou.

Eu não acredito! Quanta bobagem! Desvencilho-me do seu abraço e com um sorriso amarelo eu os apresento.

— Pai, quero que conheça Hugo, meu namorado.

— Olá, rapaz — meu pai aperta firmemente a mão de Hugo ao mesmo tempo em que bate “delicadamente” nas costas dele. Hugo olha para mim e franze as sobrancelhas, faço cara de quem não sabe de nada. — Prazer em conhecer a pessoa que tem ajudado minha filha com a ansiedade.

— Pai... — o repreendo.

— O prazer é todo meu, seu Antônio.

— Me chame apenas de Antônio. Esse “seu” acaba me deixando mais velho.

— Acho melhor entrarmos — decido acabar com esse joguinho do meu pai de uma vez.

Meu pai vai na frente falando pelos cotovelos e Hugo se aproxima de mim e pergunta de maneira discreta.

— O que foi aquilo? Parecia que seu pai queria me mostrar a força dele. Meu ombro está dolorido — ele passa a mão no ombro “afetado”.

— Na cabeça dele, deve ser a forma de mostrar que se você me magoar ele vai atrás de você.

Hugo ri do que eu falei. Parece ter gostado dos tapas. Homens, quem vai entender?!

— Ótima apresentação. Gostei dele!

— Fala sério, ele quase arrancou o seu braço!

— Eu até que entendo, se eu tivesse uma filha linda como você faria a mesma coisa — reviro os olhos.

— Péssimos!

— Márrrrrrcia, eles chegaram! — meu pai arrasta o “R” propositalmente para perturbar a minha mãe. Hugo olha para mim, rindo da forma como ele a chamou.

— Ele faz isso desde que assistiu a uma novela em que um personagem chamava a tal Márcia dessa forma. No começo minha mãe detestou, mas acabou acostumando com as travessuras do meu pai — explico.

— Sinto que vou rir muito hoje! — Hugo parece estar adorando tudo.

— Eu te disse que minha família é meio doida.

— A loucura de vocês é fascinante! — ele arregala os olhos ao falar.

— Babaca!

Minha mãe vem vestida com seu típico avental de abelhas em nossa direção. Percebo que está admirando Hugo da cabeça aos pés e que gostou do que viu, assim como eu. Tal mãe, tal filha. Ela me abraça e não perde tempo em falar ao meu ouvido.

— Sabia que não me decepcionaria — oh céus, eu mereço isso.

Hugo ouve, mas disfarça bem. Assim que se afasta, ela olha diretamente para Hugo.

— E você é o Hugo. Fico muito feliz em conhecer a pessoa que conseguiu quebrar esse coração de gelo da Izadora.

— Mãe... — ela também não perde a oportunidade.

— O prazer é todo meu, dona Márcia — minha mãe puxa Hugo para um abraço, o que faz meu pai revirar os olhos e se sentar no sofá.

— Somente Márcia, meu filho. É melhor vocês se sentarem, o almoço deu uma pequena atrasada, no máximo mais dez minutos.

— Sem problemas, nosso café da manhã foi bem reforçado — diz Hugo.

— Você tem dormido na casa dela? — o tom de voz do meu pai lembra algum monstro de filme de terror prestes a devorar a protagonista.

— Pai! — ai, que vergonha!

— Antônio, nossa filha já é bem crescida, sabe o que faz!

— Só fiz uma pergunta, não vejo nada de mal nisso... — ele faz cara de inocente, me engana que eu gosto.

— Tenho dormido lá alguns dias da semana para ter certeza de que a Iza estará bem — ops! Que bola fora...

Ambos estão olhando para Hugo. Se ele achou que essa desculpa enganaria meu pai, errou feio. Como o silêncio se estende infinitamente, o rosto de Hugo começa a ficar vermelho. Eu o avisei.

— Mas então — minha mãe pigarreia —, trabalha na mesma loja com a Izadora, não é mesmo? — ainda bem que essa mulher sabe se safar de momentos constrangedores. Já meu pai continua olhando para Hugo, semicerrando os olhos e cruzando os braços muito dramaticamente.

— Exatamente. Entrei há poucos meses — Hugo está sem jeito.

— E está gostando? Izadora sempre nos fala sobre alguns absurdos que acontecem por lá.

— Acho que isso vai existir em qualquer empresa, infelizmente. Mas, sim, não é um dos piores trabalhos e a companhia ajuda muito — ele diz e pisca para mim.

— Quero muito agradecer por ajudar Izadora no tratamento, auxiliando nas corridas, tirando essa menina do sedentarismo. Tem sido um verdadeiro anjo para ela.

— Não precisa agradecer, faço isso com maior prazer. Ajudar a Iza não é nenhum problema para mim — não duvido disso.

— Que bom. Ficamos felizes com isso, não é, Antônio? — minha mãe dá uma cotovelada em meu pai que parecia estar em outra dimensão.

— Vocês têm se cuidado?

Ele não perguntou isso!

— Oh, céus... — praguejo baixinho.

Hugo fica sem graça e minha mãe repreende meu pai, usando o pano de prato molhado.

— Antônio, isso são modos?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— É só uma pergunta! Afinal, Izadora ainda é muito nova...

O alarme do forno toca nesse momento. Amém!

— O almoço está pronto...

Sem pensar duas vezes, minha mãe, Hugo e eu nos levantamos na mesma hora. Apenas meu pai continua sentado olhando para algum ponto específico.

— Izadora, leve o Hugo para a cozinha, seu pai e eu já vamos.

Enquanto saímos, ouço minha mãe repreendendo meu pai, tentando abafar o tom de voz, muito embora seja impossível.

— Pare de constranger os meninos, que coisa feia!

— Fiz uma simples pergunta, Márcia. O que tem de errado nisso? — ele ergue as mãos para se defender.

Não ouço a resposta da minha mãe, pois entramos na cozinha. A mesa está preparada com quatro lugares. Minha mãe adora cozinhar para as visitas.

— E então, ainda gosta do meu pai? — o questiono.

— Seu pai é uma comédia. Ele só está preocupado, normal.

— Agora é normal, mas na hora, certa pessoinha aqui ficou vermelha de vergonha.

— Ok. Fiquei um pouco constrangido na hora, mas já passou. Se quiser, posso até citar para o seu pai nossos métodos contraceptivos.

— Você não presta mesmo!

Hugo segura em minha cintura e me beija carinhosamente até ouvirmos meus pais se aproximando. Afastamo-nos rapidamente e com isso começamos a rir dessa situação. Dois adolescentes se beijando escondidos na cozinha da casa dos pais.

Enquanto almoçamos, noto como Hugo adorou meus pais. Eles estão falando da moto dele, o que chamou total atenção do meu pai, que adora esse tipo de moto. Minha mãe, ao perceber a conversa agradável entre eles, desvia os olhos para mim e sorri. Retribuo. Sei que gostou do Hugo, até meu pai, que foi mais precavido de início, está mostrando o quanto gostou dele. E isso

é tão bom.



Depois do almoço, Hugo insistiu tanto com a ajuda na limpeza das louças que minha mãe teve de ceder. Ficaram conversando por um bom tempo na cozinha.

Nesse meio tempo, subi para o meu quarto, deixando os dois sozinhos para se conhecerem melhor. No momento em que entrei no quarto, dei de cara com aquele livro, tinha até me esquecido dele. “Entre o Agora e o Nunca”. Pego o livro na minha cabeceira e abro para ver onde parei. Não li praticamente nada, lembro que a última cena foi quando a amiga da protagonista não acreditou na dita cuja e a achei uma grande vaca. Penso em retomar a leitura, desisto e entro no blog pelo meu celular. Quero verificar se há novos comentários. Fico tanto tempo lendo e respondendo as pessoas que nem percebo quando minha mãe entra com Hugo em meu quarto.

— Aí está ela! Não larga do celular por nada nesse mundo — toda uma reprovação na voz.

Deixo o aparelho de lado e dou atenção total para eles.

— Então, esse é seu templo sagrado! — Hugo diz ao entrar no meu quarto. Ele está observando tudo. — Kansas? — pergunta apontando para o pôster.

— Pois é! Acredite, só comprei esse pôster por causa de uma música específica deles que eu amo muito.

— Seria “*Dust in The Wind*”?

— Exato. É magnífica!

— Concordo.

— Já que começou a chover e vocês vão ficar em casa mesmo, vou preparar alguma coisa que combine com o clima. Já volto, crianças.

Minha mãe sai do quarto sem esperar por nossa resposta. Hugo continua observando o local, analisando minhas coisas.

— Pelo o que eu estou vendo aqui, você provavelmente usava muita roupa preta e delineador marcado, com a cara sempre amarrada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Errou de novo. Lembra o que me disse quando conversamos sobre isso pela primeira vez?

— Sim, mas vai que você teve uma fase bem rebelde. Me enganei?

— Completamente — faço sinal para que ele venha até mim. — Já que não sairemos, me ajude a escolher algum filme para aproveitarmos com seja lá o que for que minha mãe esteja fazendo.

Hugo me olha de forma interrogativa.

— E se o seu pai... — ele aponta para a cama.

— Relaxe. Vamos ver um filme e não protagonizar uma cena quente.

— Já fizemos isso esses dias... Claro, sem a presença deles — safado!

Hugo deita ao meu lado e passa o braço embaixo do meu pescoço. Ligo a TV e vejo a programação. Vou passando pelos filmes e Hugo negando todos. Até que aparece “Perdido em Marte”.

— É esse!

Começamos a assistir. Hugo me abraçou e eu enlacei suas pernas com as minhas, ficamos comentando sobre as cenas que iam se desenrolando, já que nós assistimos a esse filme algumas vezes. Algum tempo depois, minha mãe volta com uma bandeja cheia de bolinhos de chuva quentinhos. Hugo e eu nos sentamos na cama para apreciar essa maravilha.

— Estão maravilhosos, Márcia. Obrigado.

Minha mãe fica toda orgulhosa quando recebe elogios da sua culinária. Estávamos tão concentrados nos bolinhos que nem notamos que ela ainda estava ao lado da cama, olhando para nós.

— Quer se sentar e assistir com a gente? — Hugo pergunta para ela.

— Obrigada, mas não gosto muito de filmes.

Como ela ainda não saiu do lugar, penso em brincar com ela.

— Hugo, não sei se percebeu, mas parece que está mais claro esse quarto.

Hugo me olha com ar interrogativo assim como a minha mãe. Os dois ainda não entenderam.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ah, já sei! A claridade se parece até com uma vela, mas é apenas a minha mãe que está parada ao lado da cama nos observando enquanto comemos — fui obrigada a esclarecer.

Hugo se engasga ao rir. Minha mãe, no entanto, parece raivosa. Só parece, pois eu vi um sorrisinho escapando pelo canto dos lábios.

— Menina tonta! Já estou indo, só fiquei para saber se precisariam de mais alguma coisa — diz, saindo, mas mantendo a porta escancarada.

— Obrigada, mãe! — grito.

— Coitada dela, honey, só queria ajudar. Não precisava sacaneá-la.

— Eu sei, mas não perderia essa por nada nesse mundo. Na verdade, ela já tão acostumada com meu pai e eu zoando que nem liga mais.

— Não vou para o céu mesmo! Era para eu ter ficado com dó, mas adorei a sua grande vela.

— É óbvio que você vai para o céu, sim, seu bobo. De que outro lugar vem os anjos da guarda? — eu sendo fofa é um milagre, deve ser por isso a chuva caindo lá fora.

Hugo beija minha testa e assim voltamos a assistir ao filme. Lembro-me, então, de uma música cuja letra fala justamente sobre isso, “Halo”, da Beyoncé.

Em todos os lugares em que estou, posso sentir o abraço dele. Consigo enxergar sua aura e no fundo ele sabe que é a minha graça salvadora. A aura dele é linda e eu me sinto segura ao seu lado. De alguma forma e com todas essas barreiras em meu caminho, consegui deixar Hugo entrar em minha vida.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 39

*Slowly slowly you unfold me
But do you know me at all?
Someone told me love controls everything
But only if you know
(Say you love me – Jessie Ware)*^[40]

DOIS MESES DEPOIS...

Ao acordar, percebo que Hugo não está na cama. Ouço barulho vindo da cozinha. Hoje é minha folga e não iremos correr. Tenho melhorado gradativamente, tive pequenas crises nesse tempo, mas nada que me preocupasse tanto e, por estar melhor, resolvemos intercalar os dias das nossas corridas. Foi uma boa decisão, pois proporcionou mais tempo para Hugo estudar. Com o fim das férias escolares se aproximando, seu TCC está a todo vapor. Ele é muito dedicado ao que se compromete a fazer.

Levanto e vou até a cozinha. Vejo-o de costas para mim, concentrado em algum texto que está escrevendo. Decido não interromper, nem quero. No entanto, assim que dou meia volta, Hugo me chama.

— Não vai me dar bom dia, honey? — a voz rouca charmosa sempre presente.

Volto e caminho devagar até ele.

— Não queria atrapalhar...

Hugo me puxa para que eu sente em seu colo.

— Você nunca me atrapalha, apesar de ser uma linda distração.

Ele beija meu pescoço e sobe para meus lábios, onde deposita um beijo demorado.

— Dormiu bem? — pode passar o tempo que for, ele sempre demonstrará

interesse nos pequenos detalhes.

— Muito bem — digo, lembrando-me da noite de ontem. — E o trabalho, como está indo?

Hugo suspira antes de responder.

— Um pouco mais complicado do que imaginei. Ainda bem que tenho você para me ajudar.

— E como é que estou ajudando se não sei nada sobre a matéria? — pergunto enquanto acaricio seu cabelo.

— Não nessa área. Tem me ajudado a relaxar. E muito — isso não posso negar.

— É mesmo? Que tal tomar um banho bem relaxante comigo agora?

— Não precisa perguntar duas vezes. Vou assim que terminar esse parágrafo.

— Vou ficar esperando — nos beijamos mais uma vez.

— Eu te amo, honey.

Sorrio para ele.

— Eu também.

Em algum momento durante esses meses que se passaram, me ouvi dizendo “eu também” para ele várias vezes. Não é mentira, apenas não disse ainda que o amo com todas as letras. Continua não sendo algo fácil para mim, esse bloqueio é uma tremenda merda. Ele diz e eu respondo.

Eu também.

Eu também gosto das mesmas músicas que você.

Eu também trabalho no mesmo lugar.

Eu também gosto de correr.

Mas nunca eu também te amo. Hugo tem plena ciência de que ainda não completei a frase, de que não disse as palavras, e mesmo assim nunca tocou no assunto. Permanece me dando espaço e deixando que seja de forma

natural. Talvez seja exatamente aí que esteja o problema.

Das vezes anteriores, toda decisão que eu precisava tomar era de forma manipulada e nem sempre era o que eu realmente queria. Agora que posso usar o meu livre arbítrio, não consigo, detalhes do passado ainda me prendem. Até quando Hugo terá paciência comigo? Em certos momentos, parece que estamos ficando sem palavras e isso me dá muito medo.



Depois que Hugo sai para trabalhar, ligo meu notebook e entro no blog. É praticamente meu ritual, todas as manhãs passo por lá. As visualizações têm crescido a cada dia, me deixa muito feliz o retorno que estão me dando. Acostumei-me a escrever todos os dias, os textos estão mais simples, e como não tenho uma crise há muito tempo, não sei ao certo o que falar. Na maioria das vezes, apenas trocamos opiniões sobre nossa saúde.

Talvez seja algo da minha cabeça, mas tenho certo medo quando vejo que minha vida está calma, sem muitos percalços. Passei por tanta coisa nesses últimos anos que, quando nada de ruim acontece, acho estranho. Não que o azar tenha desviado de mim e agora terei somente momentos bons; pelo contrário, tenho o pressentimento de que ele, o tal azar, está escondido em silêncio, esperando a hora de dar o bote. Dizem que depois da tempestade vem a calmaria. E depois da calmaria, a tempestade volta? Como é determinado o tempo de tranquilidade e o tempo de exaustão? Será que momentos bons são menores que os ruins? Porque se isso segue algum tipo de ciclo, essa minha paz pode estar com os dias contados. Sei que não deveria ficar pensando em tais coisas, mas é inevitável, sou uma pessoa insegura e ansiosa, então, por mais que tudo pareça estar bem, eu sempre desconfiarei da situação. O que enfrentei em meu passado me tornou essa pessoa que, ante a um dia tranquilo como esse, em vez de aproveitá-lo, fica remoendo e simulando fatos que poderiam acontecer.

Navego um pouco em sites de notícias; como não assisto televisão, essa é a única forma com a qual me mantenho informada sobre o que acontece no país. São assuntos diversos e um acaba chamando minha atenção. Afogamento de um casal. Um rio aparentemente calmo tirou essas vidas. Eles estavam exatamente em cima de um redemoinho e foram puxados para dentro

do rio. As águas podem ser tão traiçoeiras... Elas mostram somente o que querem que os outros vejam.

Sinto-me exatamente como um rio. Todos que me olham só conseguem enxergar a calmaria da superfície. O que não sabem e nem suspeitam é a força com que essas águas se movimentam em sua profundidade. Minha superfície ainda é, até certo ponto, controlável. O maior perigo é o que há dentro da água, pois não existem sinais de alertas para que as pessoas que tentam se aproximar possam estar cientes do perigo que as cerca. Por mais que eu deixe alguém se aproximar de mim, como Hugo, tenho medo de que o redemoinho que existe nesse rio puxe e o sugue, fazendo com que ele se sufoque e se afogue com a pressão dessas águas turbulentas. Alguém até pode dizer: “Mas eu sei nadar”. Não duvido disso. O problema é quando esse rio está em tempo de seca e esses redemoinhos estão mais próximos da superfície, gerando uma força ainda maior. Até Michael Phelps, um excelente nadador e medalhista olímpico, se complicaria para se safar dessa situação. Mesmo ele sendo experiente nesse assunto, a probabilidade de conseguir sair ileso é mínima. Hugo, que passou por momentos horríveis com a morte do irmão, se “encaixaria” bem no quesito dor. Digamos que ele tem experiência nesse assunto. Mesmo ele, que carrega consigo sua cota de dor, acabaria sendo sufocado e afogado com a pressão das águas internas da minha vida. As profundezas são escuras, densas e assombrosas. Não quero sugar a vida de Hugo para esse lugar, estou ciente da minha sequeidão e isso me faz pensar até quando controlarei essa superfície. Também sou traiçoeira, só deixo que vejam aquilo que eu quero. Só espero estar redondamente enganada sobre tudo isso e que jamais atraia alguém para esse rio por sua aparente beleza, tirando a sua vida com minha turbulência.

Fiquei tanto tempo lendo e pensando sobre essa notícia que perdi a noção das horas. Já passava um pouco de meio-dia quando desliguei meu notebook e fui tomar um banho para expulsar esses pensamentos obscuros. Coloquei a *playlist* do meu celular no aleatório e entrei no banho. Enquanto ouço “*Animals*”, do Maroon 5, começo a relaxar. Cantando junto com o Adam, ouço o som de nova mensagem. Ignoro, nem ousa molhar meu celular. Algum tempo depois, o celular apita novamente. Pelo horário, sei que não é Hugo. Talvez minha mãe. Decido responder assim que terminar o banho. Ainda estou me enxugando, quando o sinal de mensagem toca mais uma vez.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Quanta pressa! Enrolo a toalha em meu corpo, pego o celular e desbloqueio a tela sem nem verificar nas notificações quem poderia ser.

No momento em que visualizo a mensagem, minhas mãos começam a tremer. Seguro a toalha com tanta força que as pontas dos meus dedos ficam brancas. Leio mais uma vez para ter certeza do que estou vendo. Talvez a minha mente esteja me pregando uma peça.

Infelizmente, não está.

Desconhecido (15:17): E aí gata, quanto tempo!

Desconhecido (15:19): Estou com saudades

Desconhecido (15:21): Não se faça de difícil, né? Você sempre quer!

Pedro.

Isso não pode estar acontecendo.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 40

*Didn't I tell you you were gonna break down
Didn't I want you, everybody wants you
Tell me what you're needing, give into your
bleeding
Never any feeling for yourself
(Pieces – Rob Thomas)^[41]*

Respire fundo.
Conte até dez.

Mantenha a calma.

Sinto como se estivesse submersa em águas profundas. Todos os sons exteriores estão abafados e apenas algo muito nítido se faz ouvir: um zumbido forte e constante que causa dor meus ouvidos. Olho para os lados, procurando o ponto de onde está surgindo esse som. Desejo que o parem. Quero gritar, porém se eu o fizer me afogarei em minha própria dor. Estou tentando tudo o que o médico me indicou, mesmo assim começo a sentir falta de ar, minhas mãos tremem, estou suando muito. Continuo tentando acalmar minha respiração. Impossível; a sensação de sufocamento é maior e me vence.

Caio sentada, ainda nua, no chão do banheiro e só percebo minutos depois. Nem parece que acabei de tomar banho. É como se eu tivesse corrido uma maratona. Seguro novamente o telefone e releio o que recebi, talvez seja alguma brincadeira de mau gosto.

Izadora (15:40): Quem é?

Apoio o celular sobre minhas pernas, sem a firmeza necessária para segurá-lo em minhas mãos. Não demora muito tempo para que eu receba a resposta. E o que mais temia aconteceu.

Desconhecido (15:42): O que é isso, gata, não se lembra mais de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim?

Desconhecido (15:42): Poxa, te mando mensagem com tanta saudade e nem me reconhece?

Desconhecido (15:44): Você como sempre é essa decepção

Leio as respostas, uma, duas, três vezes. Não há mais dúvidas sobre a identidade do remetente. Pedro. Meu ex-namorado. A pessoa que eu menos almejo ver em minha vida e ele quer voltar. Justo agora que está tudo indo tão bem. Ou era isso que eu me obrigava a acreditar.

Izadora (15:47): O que você quer? E como conseguiu meu número?

Desconhecido (15:47): Pare com isso, Iza bobona, conseguir números hoje em dia é a coisa mais fácil.

Desconhecido (15:48): Estou decepcionado com você. Não era essa a recepção que eu esperava

Desconhecido (15:49): Ainda mais você que jurou amor eterno. O que fez com ele?

Desgraçado. Não mudou em nada

Izadora (15:50): Eu te superei! E você queria o que depois de tudo o que aconteceu? Me fala logo o que você quer antes que eu te bloqueie.

Desconhecido (15:50): Era sobre isso que eu queria falar! Eu mudei muito desde a última vez em que nos vimos. Não sou mais o mesmo. Eu juro!

Como se eu acreditasse nele. Que cínico!

Desconhecido (15:51): Tudo aquilo é passado. Sou um novo homem agora e eu ainda te amo, gata. Nunca te esqueci.

Izadora (15:52): Me poupe, Pedro! Acha que eu acredito em uma só palavra do que diz?

Desconhecido (15:52): Fala sério, gata, não precisa se fazer de difícil comigo. Sei que quer. Vamos nos ver e trocar algumas ideias.

Izadora (15:53): Se enxerga, Pedro. Não quero mais nada de você, aliás, eu estou em outro relacionamento com alguém que realmente me respeita. Não quero suas migalhas. Chega!

Desconhecido (15:53): Quem é o louco que iria te querer além de

mim, gata? Não estou gostando nada disso. Você sabe como eu fico e o que acontece quando estou chateado.

Desconhecido (15:54): Tenho certeza de que não se esqueceu.

Uma lágrima cai sobre a tela do meu celular. Estou chorando e nem sei quando começou. Memórias desagradáveis são desenterradas, me fazendo respirar com dificuldades. Meus braços estão arrepiados ante a essa sensação ruim que se fez presente. Isso não é bom. Estou com medo. Com muito medo.

Izadora (15:56): Por acaso isso é uma ameaça? Tenho alguém em quem confio e que me protege.

Desconhecido (15:56): Confia? Quer dizer que esse cara sabe do seu passado medíocre e ainda assim quis ficar com você?

Demoro em responder por notar a farsa que sou. Nunca contei nada para ninguém. Nunca me abri. Esse maldito está certo e eu o odeio por isso. Por demorar em dar uma resposta, Pedro tira suas próprias conclusões.

Desconhecido (16:00): Sabia. Esse cara não tem ideia de quem você é.

Desconhecido (16:00): Sua tonta!

Desconhecido (16:01): Eu bem sei como é ter que aguentar você, por isso eu sou sua melhor opção, se não a única! Até quando vai mentir para ele? Esse teatrinho precisa acabar.

Desconhecido (16:01): Quero ter uma família com você, gata.

Izadora (16:01): Como ousa dizer isso? Suma da minha vida e não me procure mais!

Isso é demais para mim! Bloqueio o número dele e jogo meu celular do outro lado do banheiro, fazendo com que a bateria voe longe e essa merda silencie.

Pedaços de mim estão espalhados ao meu redor. Por um breve momento, me acostumei com a ilusão da calma. Estou em frangalhos, despedaçada mais uma vez, remoída. Esses novos pedaços são menores ainda. Dessa vez sinto que, se houvesse uma possibilidade de juntar cada um e os colar, seria impossível reconstruir essa habitação chamada vida.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 41

*Anywhere you are, I am near
Anywhere you go, I'll be there
Anytime you whisper my name, you'll see
How every single promise I keep
Cause what kind of guy would I be
If I was to leave when you need me most*
(What are words – Lauren Christy e Rodney
Jerkins)^[42]

Hugo

Como ainda tenho aula a assistir, saio mais cedo do trabalho; despeço-me dos meus colegas e sigo a caminho da casa de Iza. Quero vê-la antes de ir à faculdade. Durante o percurso, penso sobre nossa relação. Apesar dela nunca ter dito que me ama com suas próprias palavras, sei que o sentimento é recíproco. Não vou negar que isso me incomoda um pouco, mas quero que tudo seja no tempo dela, e porra, não tenho certeza se ela teve alguma decepção amorosa das grandes. Sua insegurança indica que sim.

Ao entrar na casa, percebo logo que algo está errado. As luzes estão todas apagadas, tudo muito silencioso.

— Iza? — chamo em voz alta.

Sei que está em casa, pois o Abacate está estacionado lá fora. Entretanto, não recebo nenhuma resposta.

Fecho a porta da entrada, largo minha bolsa e chaves sobre o sofá, indo ao seu quarto. Há uma sombra sobre a cama, talvez ela esteja dormindo. Acendo a luz do corredor, tentando evitar acordá-la. Devido à pequena iluminação, consigo ver Izadora deitada em posição fetal com o travesseiro encobrindo sua cabeça. Ela nunca dorme a essas horas e sua posição também não é seu costume; tudo em sua atitude me deixa preocupado. Talvez seja uma crise de

ansiedade. Aproximo-me da cama, sento ao seu lado e encosto suavemente em seu braço.

— Honey, está tudo bem? — ela não se move e eu me preocupo ainda mais. Retiro com cuidado o travesseiro da sua cabeça. — Iza, olhe para mim. Está se sentindo mal?

Lentamente, Izadora olha em minha direção. Não consigo enxergar bem, a luz ainda é pouca, mas seus olhos possuem indícios recentes de lágrimas derramadas. Sua expressão facial é de desconforto, talvez medo. Definitivamente não é a mesma pessoa que eu vi pela manhã. Agora, com a visão acostumada à pouca luz, consigo identificar o inchaço em seus olhos; realmente ela chorou e não foi pouco, o que me deixa extremamente preocupado. Desisto e estou prestes a me levantar para acender a luz quando ela segura em meu braço.

— Não faça isso... — diz em um sussurro abafado. — Estou com dor de cabeça. Só isso.

— Certeza? — estendo minha mão sobre sua testa para verificar a temperatura, saber se está com febre. — Estava chorando, honey?

— Por causa da dor... É como se eu estivesse me despedaçando... Talvez precise pegar meus pedaços que estão espalhados pelo chão...

Se isso foi uma tentativa de me fazer rir, não funcionou. Ela quer aparentar estar melhor do que realmente parece. A pergunta é: o que ela tenta esconder?

— Não irei para a faculdade, ficarei aqui cuidando de você — nem cogito a ideia de deixa-la sozinha.

— Não precisa, estou melhorando. E você não pode faltar...

— Dane-se a faculdade, sua saúde é mais importante. Você é mais importante! — ênfase, quase com raiva.

Não consigo entender essa mania que ela tem de se menosprezar, de achar que não me importo. Izadora começa a chorar baixinho. Meu coração se despedaça.

— Eu não mereço você, Hugo. Eu sou um nada... — entendo menos ainda
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o porquê dela dizer isso.

— Hey...! — seguro-a em meus braços. A fragilidade em sua voz é como um tapa. — De onde tirou toda essa bobagem? Você é a melhor coisa que aconteceu comigo...

Mal finalizo as palavras, Izadora chora ainda mais forte. Realmente não sei o que está acontecendo, e me recuso a deixá-la sozinha nesse estado.

— Desculpa. Deve ser meus hormônios, estou na TPM — isso não me convenceu.

— Vai ficar tudo bem, eu estou aqui e ficarei com você — beijo o topo da sua cabeça, continuo a embalar seu corpo em meus braços.

Canto suavemente várias canções. Passa muito tempo até Iza dormir. Acomodo seu corpo sobre a cama, estico uma coberta sobre ela. Saio do quarto, deixando a porta aberta. Decido tomar um banho e recomeçar a trabalhar no meu TCC. Fico algumas horas planejando a apresentação da parte escrita, sem, no entanto, esquecer de que algo errado perturba minha garota.

São quase dez horas da noite quando ouço movimentos no quarto. Ao que parece, Izadora está se movendo enquanto dorme, bem mais que o normal. Ela balbucia algumas palavras incompreensíveis. Em silêncio, vou até a porta do quarto e tento entender.

— Por quê? ... Deixe-me em paz... Não... Sai daqui... — em meio a seus pesadelos, ela continua assim por algum tempo até que, seja o que for que a atormenta tanto, torna-se insuportável. — NÃO!

A dor é perceptível em sua voz. Sua agonia é demais para mim. Lanço-me para dentro do cômodo e, com carinho, a acordo.

— Está tudo bem, estou aqui com você. Foi só um pesadelo — tento transmitir segurança com minha voz.

Ela acorda e me olha confusa até cair em si. Está encharcada de suor. Suas mãos estão geladas.

— Me abraça, por favor — está assustada. Mais do que qualquer pessoa ficaria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Atendo ao seu pedido prontamente. Ficamos assim, abraçados, todo o tempo necessário para ela se acalmar.

— O que acha de tomar um banho enquanto eu preparo nosso jantar? Deve estar faminta.

Ela concorda sem dizer uma palavra sequer e se levanta. Caminho com ela até o banheiro e a ajudo a se despir. Ligo o chuveiro em uma temperatura de água agradável e espero que ela entre.

— Está tudo bem mesmo? — novamente recebo um aceno sem sons. — Ok. Vou fazer alguma coisa para comermos.

Deixo Izadora em paz. Porém, a situação não pode permanecer assim. Logo que possível tentarei retirar dela alguma informação, qualquer coisa. Não conseguir ajuda-la me deixa péssimo e a deixa frágil.



Jantamos em meio a um silêncio opressor. Na verdade, eu estou comendo. Izadora sequer mexeu em sua comida. Ela olha constantemente para o seu celular de forma apreensiva. Até parece que está com medo do aparelho.

— Esperando alguma ligação? — a questiono, tentando iniciar um diálogo.

Ela olha para mim surpresa, pega no flagra por algo que sequer sei se fez ou não. Aponto para o seu celular.

— Você não tirou os olhos dele o jantar inteiro e nem comeu nada. Esperando alguma ligação importante?

— Não. Estava apenas pensando... — ela recomeça a remexer na comida.

Largo meus talheres e respiro fundo.

— Ok. Honey, sabe que pode confiar em mim para tudo. O que está acontecendo? Por que essa mudança de humor? Hoje de manhã quando eu saí, você estava ótima.

— Já te disse, TPM. Vai passar.

— Izadora, por favor... — insisto.

— Eu estou bem! Você agora pode confiar em mim?

Em um ímpeto, ela se levanta da mesa e sai irritada. A força da sua rebeldia aparece na cadeira caindo para trás e estalando no chão como um tiro. Izadora não está nada bem. Quero muito ajudar, mas não se ajuda alguém que não quer ser ajudado.

Reparei que ela deixou o celular na mesa, eu poderia muito bem dar uma olhada e ver se encontro alguma pista do que esteja acontecendo. Contudo, não farei isso. Esperarei que ela queira ajuda de forma natural, não vou forçá-la a nada. Só espero que, quando isso acontecer, não seja tarde demais.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 42

*Little do you know how I'm breaking
While you fall asleep
Little do you know
I'm still haunted by the memories
Little do you know
I'm trying to pick myself up
Piece by piece
Little do you know I need a little more time*
(Little do you Know – Alex e Sierra)^[43]

Izadora

Oque eu estou fazendo com o Hugo? Nada do que está acontecendo é culpa dele, mas foi nele que descontei minha frustração durante o jantar. Em silêncio e sem me mover, observo-o dormir ao meu lado. Tão sereno! Mal sabe ele que estou sendo perseguida pelo meu passado. Mal sabe ele que mais uma vez estou em pedaços e não encontro forças para juntar cada um.

Não consigo pegar no sono depois do último pesadelo que tive. Sonhei que Pedro descobria o lugar onde moro e me perseguia de casa ao trabalho e do trabalho a minha casa. Em um dado momento, ele tentou entrar de qualquer forma, arrombando a minha porta e, quando conseguiu, veio para cima de mim. Acordei com o terror do seu toque. Tenho medo de dormir e sonhar novamente com ele. Preciso me acalmar. Ele está bloqueado no meu celular, não virá mais me atormentar. É o que eu espero.

Duas da manhã. Ainda estou bem alerta. Fico remoendo cada mensagem que ele mandou. A pergunta que não sai da minha cabeça é: como ele conseguiu meu número? Miserável!

Três da manhã. Conto cada respiração do Hugo. Ele está de costas para mim. E se eu contar para ele sobre as mensagens? Estico meu braço até

minha mão quase tocar seu ombro, mas paro quando lembro que, para contar sobre Pedro e as mensagens, terei de abrir essa cova e desenterrar meu passado. Desisto.

Quatro da manhã. O sono quer me vencer. Minhas pálpebras estão pesadas. Talvez seja melhor dormir um pouco. Assim que cedo por uns segundos, recordo do pesadelo. Então, luto contra o sono o máximo que eu posso.

Cinco da manhã. Não consigo mais resistir ao sono. Aos poucos, deixo que ele me vença.

Cinco e quarenta e cinco da manhã. Acordo assustada. Acho que tive mais um pesadelo, mas não consigo distinguir o que foi. Hugo está sentado ao meu lado, me olhando de forma preocupada.

— Mais um sonho ruim? — apenas aceno, sem fixar meu olhar em seu rosto. — Tudo bem, vem cá.

Ele me abraça mais uma vez e tenta me acalmar. Esse esforço do Hugo me deixa irritada, eu não mereço toda essa atenção. Ele poderia não ser tão legal comigo, afinal, não faz ideia do que estou passando porque eu nunca contei nada para ele. Mesmo assim sua atenção e preocupação comigo não muda.

— Vou tomar um banho — afasto-me dele, sem me voltar uma única vez para olhá-lo e entro no banheiro, onde fico por um longo tempo.



Estamos correndo em total silêncio. Nenhuma palavra foi dita desde que saímos de casa. Noto que Hugo está me observando, talvez ele esteja pensando se fez alguma coisa errada. Deve estar tentando se lembrar de algo, mas não encontrará nada, não fez nada que não seja estar ao meu lado em tudo. O problema aqui sou eu. Estou sendo péssima com ele e isso não é justo.

Paro de correr e ele imediatamente faz o mesmo.

— Está tudo bem? — a preocupação de sempre.

— Me desculpa por ontem à noite, a forma como falei com você e também por hoje mais cedo. Meus sentimentos estão um turbilhão e...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Hugo me abraça e beija o topo da minha cabeça.

— Não se preocupe com isso, honey. Seja o que for, vai ficar tudo bem. Eu amo você e estarei aqui para o que precisar.

Ao ouvir essas palavras, sinto como se eu estivesse recebendo mais um golpe da vida, querendo me mostrar o quanto sou uma pessoa ruim e que não mereço mesmo esse homem que está me abraçando.



Estou tentando ao máximo esquecer o que aconteceu. Parece que Pedro desistiu já que não tentou mais nada. Preciso voltar aos trilhos e fingir que isso nunca existiu. Quando chego ao trabalho, Helena me olha de forma crítica.

— Izadora, que cara é essa? Até parece que não dormiu.

— Estou bem — não estou a fim de prolongar minha conversa com Helena.

— Se isso é o seu bem, não posso fazer nada. Mas os clientes não merecem olhar para essa sua cara de morta. Quem sabe se você se maquiar ajude um pouco. Não quero ninguém espantando meus clientes...

— Ok, Helena. Já entendi — corto mais uma vez. Que saco!

Ela me olha por algum tempo, talvez pensando em como reagir já que eu nunca me dirigi a ela dessa forma.

— Ótimo! — é tudo que diz ao se afastar.

Junto ao meu armário, pego alguns itens de maquiagem e levo ao banheiro. Encontro Suzana em frente ao espelho, também se maquiando.

— Oi, Iza. Também está doente? Parece abatida.

— Oi, Su. Estou bem. Só não dormi muito essa noite.

— Dá para notar. Estou tentando disfarçar essa cara de doente, peguei uma gripe tão forte que até cogitei em não aparecer hoje, mas você sabe como é. E quando Helena me viu, mandou dar um jeito nessa cara de morta.

— Ela disse isso?! Com essas exatas palavras? Só isso e mais nada?

— Disse — confirma Suzana, ainda sem entender porque de eu querer atestar isso.

Que vadia! Nem ao menos se preocupou em saber como Suzana estava! Poderia muito bem dispensá-la hoje para repousar. Observo meu reflexo no espelho e decido ficar do jeito que estou. Não vou me maquiar. Helena que se vire se a minha cara a incomoda.

Quando volto para a loja, ao ver que não me maquiei, Helena revira os olhos para mim de onde está. Dane-se! Vou para o meu setor e começo a trabalhar. Estou sentindo dor na nuca desde ontem, mas não dei importância. Não é a primeira vez que isso acontece e nem será a última. Tento me acalmar e não pensar em nada, porém tudo me faz lembrar e todas as pequenas coisas estão me irritando. Se isso indica o início de uma crise é melhor eu relaxar. Nunca fui de me irritar facilmente, muito menos em descontar nas pessoas. Talvez isso seja uma faceta diferente de uma crise, o que me incomoda demais.

Assim que a hora do almoço chega, sinto alívio ao sair um pouco e não ter a obrigação de falar com ninguém. Na área de alimentação do shopping, sento em uma mesa afastada. Não estou com fome, então pego somente um suco. Quando ligo meu celular, algumas mensagens aparecem, sendo a maioria da minha mãe e do Hugo, que está de folga. Mas uma delas chama a minha atenção.

Desconhecido. Minhas mãos suam ao pensar na possibilidade de ser quem eu penso que seja. Depois de algum tempo olhando para o aparelho, finalmente eu abro a mensagem.

Desconhecido (13:02): Que coisa feia me bloquear! Sabe como eu fico chateado quando você faz esse tipo de coisa.

Desconhecido (13:02): E agora estou muito, mas muito chateado! Tenho certeza que se lembra do que acontece quando você faz isso.

Desconhecido (13:03): Só quero uma chance, gata, e você está dificultando as coisas.

Jogo o celular em cima da mesa de qualquer jeito, minhas mãos estão tremendo muito. Maldito! Minha respiração está acelerada. Ele comprou outro chip só para vir atrás de mim? Não posso ter uma crise bem aqui no

meio do shopping. Pego minha bolsa e o celular e tento sair correndo dali.

— Moça, seu suco! — a atendente vem atrás de mim com a bebida.

— Pode jogar fora.

— Mas já está pago! — ela tenta me convencer.

— Então dê para alguém, eu preciso ir!

— Mas...

Deixo a moça falando sozinha. Não quero ficar aqui no meio de toda essa gente. Entro no banheiro mais próximo, corro até um box e me tranco. Abaixo a tampa do vaso sanitário, sento-me com a respiração descompassada, suando. Alguns minutos e tomo coragem, tirando o celular da bolsa. Envio uma mensagem para ele.

Izadora (13:15): Me deixa em paz!!!

E o bloqueio novamente. Fico no banheiro o restante da minha hora de almoço. Quando saio, estou relativamente mais calma. Ou é isso que eu me obrigo a acreditar.

O restante da tarde na loja é um inferno. Não consigo me concentrar em praticamente nada, pego mercadorias erradas o tempo todo, irrita-me facilmente com perguntas dos clientes. E, principalmente, Helena está me tirando do sério. A todo o momento me supervisiona e solta suas farpas em mim. Mantenho a calma que me resta e fico em silêncio o mais que posso.

Quando chega a minha hora de sair, Helena vem em minha direção e pede para que eu cadastre algumas mercadorias que chegaram.

— Mas já deu a minha hora de ir embora — retruco.

— Que eu saiba você não estuda, então tem o tempo livre.

Odeio quando Helena joga na minha cara que eu não estudo.

— É só algumas peças, Izadora. Não vai levar mais que meia hora, não custa nada.

Acabo ficando e cadastrando. Contra a minha vontade, é claro! Estou finalmente acabando, quando erro um cadastro e chamo Helena para anular a

mercadoria.

— Errou de novo? O que está acontecendo com você, hein? Desaprendeu? Ficou burra? Será que eu tenho que fazer tudo sozinha?

Isso para mim é o fim. Chega!

— Quer saber de uma coisa? Por que você não vem aqui e faz já que eu sou tão incompetente quanto diz? — o que digo sai mais alto do que planejava.

Alguns colegas de trabalho nos olham na expectativa. Helena me encara severamente. Nota-se que ela está tentando manter a calma, nunca imaginou que alguém bateria de frente com ela.

— Saia da minha frente — Helena puxa da minha mão a peça de roupa que eu estava segurando.

— Ótimo! — dou as costas para essa mulher insuportável.

Tenho noção de que estou saindo do controle, mas não consigo manter a calma. Infelizmente, meu tempo de calma chegou ao fim. Olho para o céu e vejo nuvens cinzentas vindo em minha direção. Uma grande tempestade se aproxima. Eu deveria me proteger e procurar abrigo, mas como fazer isso se estou no olho do furacão?

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 43

*I've never been the kind to ever let my feelings
show
And I thought that bein' strong meant never
losin' your self-control
But I'm just drunk enough to let go of my pain
To hell with my pride, let it fall like rain
From my eyes
Tonight I wanna cry*
(Tonight I Wanna – Keith Urban)^[44]

Antes de ir para a casa, resolvo parar em um café e ficar no local por um tempo. Envio uma mensagem para Hugo dizendo que não precisa me esperar antes de ir à aula. Não quero encará-lo. Peço um chá bem forte e olho para as pessoas que compõem o lugar. A maioria está acompanhada e rindo. Poucas estão desacompanhadas como eu, mas todas parecem bem com a sua própria companhia. Menos eu. Estar sozinha tem sido uma tortura nesses dias, fico repetindo cada momento, cada detalhe e tentando encontrar o ponto exato onde errei. Por que isso tudo está acontecendo comigo novamente? Quando isso vai passar?

— Com licença, seu chá — o atendente deposita a xícara na mesa onde estou.

— Obrigada — dou um meio sorriso.

— Mais alguma coisa?

— Por enquanto é só. Obrigada — ele retorna a seu posto atrás do balcão.

Olho para a bebida, está muito quente. Eu sei que deveria esperar esfriar um pouco, porém tomo assim mesmo. Ela desce queimando minha língua, minha garganta; sinto o desconforto que causou, sem me importar de fato, e

volto a beber. A dor que está me causando não chega nem perto da dor que carrego. Talvez provocar essa nova dor me faça esquecer da outra. Será que uma aniquila a outra? É possível deixar de sentir dor por algo quando se está provocando uma nova onda de dor?

Seria como o corretivo, ele apaga o que não é mais necessário, fazendo com que seja possível escrever novamente em cima da frase apagada. Apenas se você prestar atenção e virar a folha do lado inverso poderá notar que ainda está tudo lá. Só mudou a maneira como enxergamos aquilo. E assim que esse corretivo seca, forma uma fina camada, sendo possível retirá-lo com cuidado.

Então, pensando bem, minha conclusão é de que, mesmo eu infligindo uma nova dor em mim mesma, ela não anulará o que sinto. E assim que essa dor superficial passar, a dor que está gravada em mim voltará a aparecer, e de forma desgastante.

Decido, por fim, voltar para casa. Hugo já saiu para a aula. Tomo um longo banho quente e consigo relaxar um pouco. Sinto-me faminta, já que não comi nada durante todo o dia. Na cozinha, vejo que ele deixou algumas coisas preparadas para mim. Sempre cheio de carinho e cuidado. Sirvo em um prato e sento à mesa. Coloco uma música no bendito celular e a ouço enquanto como minha refeição. Também respondo algumas mensagens das meninas. Jéssica quer vir para Bauru me ver logo que pegar alguma folga. Não é que eu não queira ver minha amiga, mas seria melhor se fosse mais para frente, quando estiver tudo calmo novamente. Jéssica é muito detalhista e se ela me ver assim, irá me fazer falar, o que não acho que seja bom. Não quero pena de ninguém.

Deixo a louça suja dentro da pia, vou até meu quarto e visto meu pijama. Quero muito, preciso mesmo deitar mais cedo hoje, estou exausta. Ouço o som de nova mensagem vindo do celular que ficou sobre a mesa, tocando na cozinha. Deve ser Jéssica. Antes de visualizar, escovo meus dentes. Novamente, mais um som de mensagem chegando. Saio do banheiro para pegar o aparelho. Dessa vez, confiro o identificador antes de ler o conteúdo. De novo, não!

Desconhecido (20:21): Você pode me bloquear o quanto quiser. Eu sempre vou voltar.

Desconhecido (20:21): Bem que você poderia parar de dificultar as coisas e confessar que ainda me ama. Afinal, só eu poderia te aturar.

Desconhecido (20:22): Aliás, já contou para o seu “namorado” por que largou a faculdade?

Frio e gelo. Minha pele está toda gelada e mais uma vez minhas mãos começam a tremer. Isso está saindo do controle. Bloqueio esse novo número sem nem mesmo me dar ao trabalho de responder. Então vai ser assim? Pedro me perseguindo? Não satisfeito com tudo o que fez para mim? Ele acha que ainda sinto alguma coisa? E se ele descobrir onde trabalho e me fazer passar vergonha na frente dos meus colegas? Do Hugo?

Pensar nessas coisas me deixa nauseada e uma ânsia cresce em meu estômago. Corro até o banheiro o mais rápido que consigo e vomito todo o meu jantar. Após dar descarga, olho-me no espelho e o que vejo é uma Izadora pálida, sem vida, despedaçada. Lavo o rosto e, em meu quarto, deito e cobrindo todo o corpo até a cabeça. Quero me esconder de tudo. Tento relaxar. Cada vez que Pedro envia alguma mensagem, minha situação piora. Meus ânimos estão à flor da pele. A dor na nuca aumenta e com ela uma grande dor de cabeça. Fico imóvel o máximo que eu consigo, não quero me medicar, preciso vencer essas crises de outra forma. Acabo sendo vencida pela exaustão e consigo pegar no sono.

Sonho com tudo o que aconteceu durante esses dias. Exatamente tudo. Todos os detalhes. Cada mensagem, cada medo, cada momento. Sonho que Pedro conseguiu descobrir onde trabalho e que ele me pegava a força e me tirava de lá. Eu pedia ajuda, mas ninguém me salvava. Hugo me olhava e abaixava a cabeça. Eu não tinha ninguém, estava só. Acordei assustada.

Hugo está deitado ao meu lado, dormindo tranquilamente. Não o ouvi chegar, muito menos percebi quando deitou. No celular, ainda são três da manhã. Sei que não vou mais conseguir pegar no sono. A dor de cabeça passou, mas a dor irritante na nuca ainda está ativa, fazendo-me lembrar que eu sou uma bomba relógio prestes a explodir. Passo o restante da noite olhando para o teto, ouvindo em minha cabeça o som constante de um relógio. Ele está em contagem regressiva, preciso escolher qual fio cortar. Tenho que fazer alguma coisa. Escolho um fio aleatório e o corto ou abandono essa bomba e deixo que exploda, não me importando com os

PERIGOSAS

estragos que ela trará?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 44

*Came to you with a broken faith
Gave me more than a hand to hold
Caught before I hit the ground
Tell me I'm safe, you've got me now
Would you take the wheel
If I lose control?
If I'm lying here
Will you take me home?
(Take me home – Jess Glynne)^[45]*

Há um momento de pausa que antecede algo extremamente ruim.
Aquele sensação temporária de que está tudo

bem.

O espaço de tempo que pode mudar completamente a sua vida.

O intervalo entre uma partida.

Os segundos que a folha de uma árvore precisa antes de tocar o chão.

A duração da queda de uma gota de chuva antes de beijar o solo.

A espera por aquela tão aguardada chegada.

O hiato antes de uma detonação.

Estou no automático. Tudo muito calculado. Chego a me comparar com um psicopata. Eles aparentam normalidade quando dentro de si mesmos são elaborados os piores e mais devastadores planos. Psicopatas são frios. Não se importam. E é aí que as comparações cessam. Calculo cada movimento, pois quero aparentar estar bem, fazer com que as pessoas acreditem nisso. Mas, diferentemente dos psicopatas, eu me importo e muito com tudo o que está acontecendo. Agi perfeitamente normal durante o café da manhã com Hugo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estava cada vez mais difícil aguentar seu olhar de preocupação. Não acho que ele tenha acreditado em mim cem por cento, contudo aparenta estar um pouco aliviado. Helena mal me encarou quando cheguei ao trabalho. Melhor assim. Vou manter distância dela.

Estou segurando um novelo de lã há algum tempo. Ele está totalmente embaraçado. Parece que tentaram consertá-lo, tirar todos os nós que dificultam o processo de “desembaraçamento” desse objeto, se é que isso existe. Começo a observar como suas linhas transpassam umas pelas outras com perfeição. Estão totalmente alinhadas, quer dizer, estavam até alguém resolver mexer na sua estrutura e fazer o maior estrago que poderia existir. Porque, para esse novelo de lã, quando suas linhas estão embaraçadas, confusas e com nós, isso é o pior cenário que existe. Praticamente sem salvação. Tento desfazer alguns nós e de início parece que estou no caminho certo, mas no momento em que essas linhas se aproximam do interior da bola de lã, as coisas começam a se complicar. Você pode tentar maneiras infinitas de desfazer esses nós, consegue em um lado e do outro fica pior.

Até que a brilhante ideia de cortar alguns fios surge. Você pega a tesoura e a coloca o mais próximo do nó que conseguir. Sua intenção é eliminar os nós e não acabar com toda a linha. Infelizmente, no momento em que você vai separar o novelo desse nó, percebe que ao cortar a linha estará cortando o novelo em si. Por mais que esse nó dê uma aparência desagradável ao novelo, já faz parte dele, se integra. Se cortar essa linha, estará criando mais duas pontas, ou seja, no final terá que desembaraçar não uma, mas duas bolas de lã. Dobrando o trabalho.

Minha vida é esse novelo de lã que apresentou linhas extremamente bem posicionadas, mas que em um determinado ponto do meu caminho alguém simplesmente mexeu com a estrutura e hoje existem tantos nós que não sei o que fazer. Consegui eliminar alguns, todavia a grande maioria ainda está aqui e são profundos. Então, se eu continuar a esconder a minha dor, estarei aumentando a minha preocupação. Nesse caso, sei que preciso cortar a linha, mesmo que aparentemente o trabalho aumente. Fingir estar bem quando nada está e conviver sozinha com o que realmente aconteceu não tem dado certo. Até esse momento, tentei de todas as formas possíveis desfazer cada nó e nada tem adiantado. Talvez esteja na hora de usar a tesoura; no meu caso,

seria falar e eliminar definitivamente algo desagradável da minha vida. Se esse novelo ainda tem salvação? Bem, aí está uma pergunta que definitivamente eu não sei responder. Entretanto, ou faço alguma coisa, ou serei consumida por essa dor.

Preciso ir ao banheiro. Saindo do meu setor, passo por Suzana que parece estar pior que ontem.

— Oi, Su. Não melhorou nada? — fico preocupada com sua condição.

— Oi, Iza. Hoje estou pior isso, sim — ela está espirrando muito e a ponta de seu nariz está vermelha. Imagino pelo que ela está passando, odeio ficar gripada. — Talvez eu não consiga voltar depois do almoço. Estou tomando alguns antigripais, vamos ver se tenho alguma melhora.

Ela pega um saquinho com lenços de papel, tira um e assoa o nariz.

— Helena parece que está em um dos seus piores dias. Fica resmungando de tudo, um péssimo humor – Suzana continua após se livrar do papel sujo na lixeira mais próxima.

— Mas ela está sempre assim, Su — isso não é novidade.

— Hoje está pior. Será que brigou com alguém?

— Não duvidaria muito — dela pode se esperar qualquer coisa.

— Sei que todos têm problemas, mas trazer isso para o trabalho e descontar em alguém que não tem nada a ver com o assunto é ridículo.

Penso sobre ontem, em como deixei por um momento os meus problemas se sobressaírem quando perdi a calma e gritei com Helena. Tento mudar de assunto.

— Concordo. Vou ao banheiro.

— Vou com você. Preciso lavar essa cara antes que a dona encrenca venha me falar alguma coisa.

No caminho, Gabriela para na nossa frente e nos olha da cabeça aos pés.

— Izadora — diz a contragosto.

— Gabriela — faço exatamente a mesma coisa.

— Só estou aqui repassando um recado da Helena, principalmente para você, Suzana — ela cruza os braços e começa a checar suas unhas. — Estamos com nosso diretor geral na loja hoje e tudo precisa estar bem, parecer bem, mas olhando para você... — ela encara Suzana. — Você não parece nada bem, na verdade está com uma cara péssima.

— Por que você não vai direto ao ponto? — pergunto já com a minha paciência se esvaindo.

— É o seguinte, Suzana, trate de passar alguma maquiagem nesse rosto e precisamos que você espirre menos. Ou evite espirrar porque pode atrapalhar os clientes, eles podem acabar se sentindo incomodados com isso.

— Que absurdo! — respondo. É o cúmulo da petulância um pedido desse naipe!

— Diga isso a Helena, meu bem, são ordens *dela*. Como eu disse, o diretor geral está aqui e precisamos estar apresentáveis. A aparência conta muito.

— Mas como não vou espirrar? Impossível, estou muito gripada — Suzana já se desespera. É compreensível, uma vez que ela nem deveria estar trabalhando nesse estado.

— Dê seu jeito! E quanto a você, Izadora — Gabriela se volta para mim, encostando seu indicador no meu ombro, um toque cheio de nojo. Pensei em agarrar sua mão e quebrar os dedos, um por um —, tente ficar com a boca bem fechadinha. Helena me contou sobre o acontecido de ontem. Como ela é uma pessoa maravilhosa não irá prestar queixas contra você.

— Sério? Eu devo ficar agradecida?! — uso o tom mais sarcástico que consigo. Talvez eu devesse mesmo ter quebrado seus dedos.

— Você entendeu. Não dê nenhum showzinho hoje. Aproveita a maquiagem da Suzana e vê se usa também.

Gabriela sai rebolando em direção a Helena, parada no balcão da seção de *lingerie*, ao telefone.

— O que foi tudo isso? — Suzana está apavorada. — Como não vou espirrar?!

— Relaxe, espirre o quanto precisar, solte tudo o que está aí dentro. Eles

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que se explodam. Se estão tão preocupados com a “reputação” da loja, façam o favor de te mandar para algum médico ou para casa mesmo e repousar. Querem aparentar o que não são. Péssimos!

— E se der algum problema para mim?

— Suzana, por favor! Quem iria te prejudicar? Você nunca reclama e sempre faz tudo o que pedem sem questionar. Se existe alguém ideal para a Helena prejudicar, essa pessoa seria eu. Não duvide!

Seguimos nosso caminho para o banheiro e cada uma se perde em seus próprios pensamentos. Tenho certeza que Suzana está preocupada nesse momento, enquanto que eu estou revoltada com toda a situação. Exigir que alguém deixe de fazer algo que está fora do seu controle é totalmente abusivo! A liderança dessa loja precisa mudar e logo. Pessoas como Helena existem aos montes por aí manipulando seus empregados. Hierarquia... Grande merda!

Quando chega o almoço, estou uma pilha de nervos. Por mais que eu tente deixar meus problemas de lado e me concentrar no trabalho, é inútil. Comecei a ficar extremamente ansiosa ao saber que logo mais ligarei meu celular. Só esse pequeno detalhe me traz medo, aflição. Medo por receber mais alguma maldita mensagem. Aflição porque sei que cortarei esse nó da minha vida. Só não sei quando. Errei outros cadastros depois da conversa com a Gabriela, Helena está me observando, deve achar que faço isso de propósito. Quanto mais a hora passa, mais desconcentrada fico.

— Iza — Hugo surge ao meu lado –, vamos almoçar.

— Ainda não terminei, faltam apenas algumas peças. Pode ir que logo te encontro.

— Quer que eu te ajude? Assim você acaba mais rápido — sempre prestativo.

— Obrigada, mas é sério, vou terminar mais rápido do que imagina.

— Ok — Hugo me olha por um momento. — Te espero na área de alimentação.

Ele beija o topo da minha cabeça ao sair. Na verdade, não quero que ele

esteja por perto quando ligar meu celular. Não sei o que vou encontrar e não será aqui que contarei para ele sobre mim. Espero tempo suficiente para que ele se afaste e saia. Vou até meu armário, retiro minha bolsa, e dela o celular. Fico olhando para ele como se fosse possível ver o que há dentro. Minhas mãos já estão suando enquanto ele liga. Tranco-me no banheiro. Espero a rede atualizar, algumas mensagens chegam, mas são da minha mãe. Aguardo mais um momento e, ao ver que não há mais nada, sinto como se um peso saísse das minhas costas e respiro aliviada. Talvez ele finalmente tenha desistido.

Vou ao encontro de Hugo e consigo ter um almoço agradável ao lado do meu namorado. Conto para ele sobre as ordens que Gabriela repassou e ele concorda comigo que esse ato de Helena é abusivo, ela está usando o “poder” que tem para manipular as pessoas. Falamos também sobre a vontade de Hugo de sair de lá após a sua formatura no final do ano e trabalhar por conta própria. Eu o apoio. O potencial dele é muito superior àquele lugar. Não tenho dúvidas de que ele se dará muito bem nesse projeto.

Hugo teve de voltar antes de mim, pois como saiu primeiro, seu horário está no limite. Fico mais alguns minutos no shopping, pensando em como abordarei o assunto com ele. Bem, se Pedro não vier mais atrás de mim, teria necessidade de desenterrar todo o meu passado? Talvez dê para esperar um pouco.

Volto para a loja e, no momento em que vou desligar e guardar o celular dentro da bolsa, ele toca sinalizando mensagem nova. Como estava falando com minha mãe, tenho certeza de que é ela, talvez tenha esquecido de dizer alguma coisa. Olho para a tela e, mesmo sem ver meu reflexo, sei que estou pálida, meu sangue gelou. Isso só pode ser brincadeira.

Desconhecido (14:12): Acha mesmo que me bloquear vai me fazer desistir?

Desconhecido (14:12): Você conseguiu me deixar irritado e isso não é nada bom.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 45

*Fiz mais do que posso
Vi mais do que aguento
E a areia nos meus olhos é a mesma
Que acolheu minhas pegadas
(Pés cansados – Sandy)*

Jogo minha bolsa e o celular no armário e saio correndo para o banheiro. Tranco a porta do gabinete e sento na tampa do vaso, como tem sido recorrente nos últimos dias. O isolamento acabou sendo meu maior companheiro. Respiro fundo, conto até eu me perder e ter que recomeçar a contagem. Faço isso incontáveis vezes, mas nada adianta. A porta principal se abre e fecha. Alguém entra no banheiro e chama por mim.

— Izadora, está aqui? — diz uma voz em tom baixo e cauteloso.

Reconheço essa voz. É Suzana. Abro a porta aos poucos e ela, ao me ver, vem correndo em minha direção.

— Izadora, está tudo bem? Você está branca! — ao segurar em minhas mãos, a preocupação dela aumenta. — Está gelada. O que aconteceu? O que você tem?

— Estou bem — minto. — Por que veio atrás de mim?

— Hugo perguntou sobre você, ele disse que era para ter voltado há algum tempo. Eu me ofereci para ver se te encontrava — justifica.

Levanto sem nem ao menos verificar se minhas pernas são capazes de aguentar meu peso. Sou obrigada a me escorar na parede, estou com tontura.

— É melhor te levarem ao hospital, você não está nada bem.

Praticamente me arrasto até a pia do banheiro. Sem erguer o olhar para o espelho, molho meus pulsos e a nuca que começou a latejar.

— Estou legal, talvez a comida não tenha me feito bem — por tudo que é mais sagrado, eu não paro de mentir!

Sinto palpitações intensas, uma pressão de estouro latente. Noto como Suzana está preocupada demais, então não digo nada, não demonstro nada. Não falo sobre minha ansiedade. Não falo sobre as mensagens. Não falo sobre meu passado me apavorando. Sobre os sintomas de um ataque cardíaco que estou sentindo, pois, se eu dissesse, teria que explicar muitas outras coisas. Quando levanto os braços para tentar prender o cabelo, ainda me recusando a ver meu reflexo no espelho sobre a pia, percebo minha roupa toda molhada. Estou empapada de suor.

— Tem certeza de que não quer que chame ajuda? — insiste Suzana. Isso começa a me irritar. Mais um maldito sintoma.

— Tenho sim, já estou melhorando.

— Não seria bom avisar o Hugo?

— Não se preocupe... — por favor, pare, por favor, me deixe, por favor, *vá embora!*

— É que...

— Dá pra você parar?! — digo em um tom mais elevado do que eu queria. Suzana me encara assustada. Respiro fundo e tento não descontar minha frustração e doença sobre ela, nessa pessoa que realmente demonstra preocupação e não tem nada a ver com tudo isso. — Desculpa. Eu vou ficar bem, não é a primeira vez que isso acontece. Não se preocupe.

Saio do banheiro de uma vez, deixando Suzana sozinha. Sinto-me uma idiota por ter falado com ela daquela maneira. O *tic-tac* está aumentando, ficando mais forte, mais perto. *Aqui não, Izadora, controle-se!* De volta à minha seção, tento me distrair com alguma coisa, qualquer coisa, mas não consigo me concentrar em nada. Derrubo as coisas das prateleiras, tropeço em suportes, esbarro em cabides, minhas mãos tremem descontroladas. Está demorando mais que o normal para passar.

— Com licença — diz uma voz atrás de mim —, estou procurando o brinquedo dessa imagem, vocês teriam?

É uma mulher que aparenta beirar os sessenta anos, estatura delicada, feições simples, um sorriso educado. Com certeza, esse brinquedo é para seu neto.

— Desculpe, mas a senhora precisa perguntar naquela seção — respondo, apontando para o outro lado, onde fica o setor infantil. Se estivesse bem, levaria eu mesma a mulher até lá, mas prefiro manter distância de qualquer pessoa nesse momento.

— Não tem ninguém por lá agora. Poderia me ajudar? — ela torna a pedir.

— A moça que fica naquele departamento já deve estar chegando. Enquanto aguarda, a senhora pode ficar olhando os outros brinquedos — retruco, ainda educadamente.

— Mas estou com um pouco de pressa — insiste a mulher.

— Lamento — digo e me viro.

— Não quero mesmo atrapalhar o seu trabalho, moça, mas poderia apenas dar uma olhadinha?

— Senhora, eu estou muito ocupada! — disparo. Mais uma vez a alteração no meu tom de voz me deixa preocupada e constrangida. Essa idosa não tem culpa de nada. O som do *tic-tac* do relógio aumenta a cada momento. — Desculpe. Vou procurar alguém que possa atendê-la.

Saio de lá o mais rápido que consigo. Preciso encontrar Suzana e pedir que atenda a mulher por mim. Espero que ela não me odeie depois da forma como a tratei no banheiro. Caminho para a entrada da loja, para o setor feminino onde Suzana estaria hoje.

Ainda um pouco distante, vejo uma pessoa entrar na loja, um homem. Estaco e me desespero. Pedro não viria aqui atrás de mim. Quem eu quero enganar? Ele viria, sim, e faria o maior estrago! Estou paralisada no lugar, observando a pessoa, tentando lembrar as características do Pedro, tentando identificar se é realmente ele. Meu pânico não colabora, não recordo muita coisa, não consigo me concentrar e, para piorar, o homem está de costas. Quando ele finalmente se vira, alívio; não é quem eu pensei que fosse.

Minha mente está brincando comigo também, estou vendo coisas que não

existem, de certo não estou nada bem. Preciso sair daqui, ir para algum lugar longe de tudo. Preciso fazer isso agora!

Começo a me dirigir em direção à saída. Mal dou um passo para fora da loja e Helena corta meu caminho, estacando em minha frente.

— Onde a senhorita pensa que vai? — ela cruza os braços.

— Não estou bem, preciso ir embora — falo apressadamente. Mal recordo que minha bolsa, minhas chaves, tudo está dentro do armário no alojamento dos funcionários.

— Se sentindo mal? Que pena. Mas você não vai.

— Helena, por favor... — só preciso sair daqui, será que ela não *entende*?

— Chega, Izadora! Volte para o seu posto, estou te aturando hoje porque o diretor está aqui...

Ela continua falando, porém não presto mais atenção ao que sai de sua boca. Sinto vertigem, meus nervos estão à flor da pele, estou me segurando o máximo que posso para não chorar, não vou desabar na frente dela, nem de ninguém. Olho para seus lábios, tentando entender o que dizem, mas nada ajuda. Enterro minhas unhas nas palmas das mãos e as fecho com força. Sinto dor. Preciso focar em outra coisa que não seja nessa mulher. Aperto tão forte minhas mãos que começo a sentir algo grudento. Sangue.

A que ponto cheguei? Causando dor em mim mesma. *Tic-tac. Tic-tac. Tic-tac. Tic...* O milésimo de segundo entre o cessar do relógio e a sua detonação.

— ... Você é tão incompetente que finge estar doente quando não existe doença alguma. Você é uma farsa!

— CHEGA! — meu grito sai tão alto que algumas pessoas no fundo da loja ouviram e estão olhando. Sem contar, claro, todas as demais passeando pelo andar do shopping. Helena se assusta, mas se recompõe rapidamente.

— Como ousa...

— Como ousa *você*, me difamar assim! — aponto para ela. Minha voz continua alta demais, ou talvez seja por causa do silêncio aterrador que todos

fizeram. Como se eu me importasse. — Você não sabe da minha luta e acha que pode vir aqui e dizer que é mentira minha? Que estou fingindo passar mal? Que eu sou uma farsa? — olho ao redor e com os braços estendidos continuo. — A farsa de tudo isso aqui é você, Helena, que maltrata seus empregados, que por estar um nível acima de nós acha que pode fazer o que quiser! Que favorece quem puxa o seu saco. Só é legal e gentil quando quer e com quem quer. Não dá a mínima para os problemas dos outros e acha que pode fazer o que quiser que ninguém irá abrir o bico por medo. Você abusa do “poder” que tem para pisar nos menos favorecidos!

— Izadora — ela está totalmente constrangida, várias pessoas estão ao nosso redor observando a discussão —, é melhor você parar agora antes...

— Antes que *o quê*?! Vai começar a me ameaçar? — agora, além de alta, minha voz está pingando sarcasmo. Algo estourou em mim, não há freios, não há reprimendas. Eu vou cuspir tudo. Tu-do! — Tinha me esquecido desse tópico também. E o que foi aquilo com a Suzana? Como acha que tem o direito de manda-la parar de espirrar? Você ficou louca?! Acha que a Gabriela gosta de você? Coitada! Ela está só esperando o momento certo para dar o bote. Ela quer o seu lugar, Helena. Você não tem nenhum amigo aqui. Sequer suporta a própria pessoa que é. Eu não manipulo ninguém, as pessoas ao meu redor estão aqui porque gostam de mim. Meus amigos gostam de mim pelo que sou.

— CALE-SE! — ela está com a respiração acelerada igual a mim. Que bom. — Izadora, você está demitida!

— AHHH! Obrigada por sua compaixão, querida Helena! Mas não se preocupe com isso, eu é que peço a conta e nunca mais quero ver essa sua cara de coitada.

— Eu posso te processar por isso! — mais ameaças vazias. Será que ela não aprende nunca?

— Se isso te deixa feliz, então me processe! Só não se esqueça de uma coisa — chego perto o suficiente para ficar cara a cara com ela —, ao contrário de você, que só tem Gabriela, eu tenho muitas outras testemunhas aqui que com certeza não me negarão ajuda quando eu precisar. Pense *nisso*!

Passo por ela com a cabeça erguida de volta para o interior da loja, indo ao ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alojamento dos funcionários catar minhas coisas para dar o fora daqui. Todavia, só eu sei que por dentro estou aos pedaços. Pego minhas coisas no armário e vou quase correndo para o meu carro. Assim que fecho a porta, olho para o sangue seco em minhas mãos. A compreensão de tudo o que falei me faz ficar ainda mais agitada. Preciso ir para casa. *Agora.*



Demoro mais que o normal para chegar, erreí o caminho da minha própria casa. Não estou nada bem. Assim que entro em casa, o celular toca novamente. Hugo tem me ligado durante esse tempo, mas não estou em condições de falar. Só que agora é diferente. É o som de nova mensagem.

Desconhecido (15:48): Então trabalha em uma loja de departamentos no shopping?

Desconhecido (15:48): Eu disse que descobriria. Talvez eu te faça uma visita.

— MALDITO!

Arremesso o celular para o outro lado da sala, torcendo para que se espatife no chão, no momento em que Hugo entra em casa. No mesmo instante, ele vem em minha direção, a porta ainda aberta, mas eu o faço parar.

— Izadora, o que aconteceu? — ele para, conforme indico. A tensão em sua voz é evidente.

Aponto para o aparelho que, por um milagre desses — *milagre?! Sério, Izadora?* —, caiu em cima do sofá e não quebrou. Hugo franze o cenho, mas não pergunta nada. Apenas vai até lá e pega o aparelho. Ele olha para mim, pedindo permissão para mexer nele. Vejo a mudança em seu rosto enquanto lê todas as mensagens.

— Honey, quem é esse cara? E por que ele está te perseguindo? — seu tom de voz é grave, assim como sua expressão.

Estou aos prantos porque sei que não tem mais volta. Meus pés estão cansados dessa jornada sozinha. Fiz mais do que eu posso, do que poderia. Eu preciso de ajuda.

— Esse é o cara que abusou de mim por quase dois anos — Hugo está

tenso e surpreso ao mesmo tempo. — Meu ex-namorado.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 46

*Find me here
And speak to me
I want to feel you
I need to hear you
You are the light
That's leading me
To the place
Where I find peace*
(Everything – Lifehouse)^[46]

Quando uma bomba é detonada, ela faz estragos irreparáveis por onde alcança. No exato local onde foi a explosão, no centro, no cerne, a destruição é incalculável. As marcas serão praticamente impossíveis de se apagarem. Quanto mais perto da zona de perigo, pior é o estrago. Quanto mais próximo, maiores as cicatrizes. As chances de sobrevivência diminuem de acordo com a proximidade em que está da detonação. Depois que uma bomba explode, não existe a menor possibilidade de reverter a situação. Não tem como sair pegando cada destroço e descobrir com qual parte ele se encaixa.

Da mesma forma, não há a menor possibilidade de eu voltar atrás. Não pensei sobre o que decidi dizer, apenas deixei sair e agora percebo que Hugo é a pessoa mais próxima do local de explosão da bomba. Não sei como ele sairá daqui hoje depois de abrir o pedaço de papel amassado que sou e finalmente olhar seu conteúdo.

Por um breve momento, Hugo parece perdido até que as minhas palavras fazem sentido. Seu olhar se alterna entre eu e meu celular, que continua em suas mãos. A compreensão toma conta da sua fisionomia e quando ele olha mais uma vez para mim, seu olhar traz algo que eu não consigo desvendar.

— Honey... — ele tenta se aproximar de mim, mas não deixo. Ergo meu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

braço, deixando claro que preciso do espaço entre nós. Meu gesto o entristece. — Iza, por favor...

— Hugo, se eu deixar você se aproximar, sei que vou desmoronar de uma vez e eu preciso falar... Tá doendo muito, essa dor parece que nunca vai embora...

Sinto as lágrimas descenderem por minha face, queimando o caminho que percorrem. Hugo ainda está do outro lado da sala, perto do sofá, indeciso entre querer se aproximar e fazer a minha vontade.

— Iza... — ele tenta mais uma vez.

— Não!

Coloco ambas as mãos sobre minha boca para sufocar o som do meu choro ao mesmo tempo em que encosto minhas costas na parede perto da porta ainda aberta e deslizo até o chão. Em meio às lágrimas, vejo a aflição estampada na face de Hugo, sei que ele quer me segurar nesse momento e isso seria muito bom, mas se eu o deixar fazer, esse pequeno pedaço de coragem que ainda me resta desaparecerá. Então, calmamente, Hugo se senta no chão, assim como eu, mantendo a distância que impus a nós dois e pacientemente espera essa onda de choro se dissipar. Ele não me questiona. Não me apressa. Não me força. Apenas espera. Espera que parta de mim o momento de falar.

Eu não sei precisar quanto tempo fiquei assim, não sei como começaria a falar e muito menos como tudo isso vai terminar. Hugo está sentado no chão à minha frente, com as costas encostadas no sofá, sua cabeça apoiada no assento, olhando para o teto. Faço o mesmo; apoio a minha cabeça na parede e olho para cima. Puxo na memória exatamente como tudo aconteceu.

Cada palavra vai doer, eu sei, mas essa dor será necessária. É como retirar algo muito ruim de dentro de você sem anestesia nenhuma, você acha que não aguentará. É dessa forma que estou me sentindo. Sem anestesia nenhuma, estou vendo a minha própria operação. Vejo essa Izadora deitada no meio de uma sala cirúrgica, com um fino avental, sem nada para aliviar a dor durante o processo. Apenas a coragem, que se comparada a algo seria um grão de areia. Minúsculo.

— É como em um dia insuportavelmente quente — começo. — Você quer de todas as formas aliviar essa sensação de abafamento, até que uma leve garoa começa a cair, deixando um ar ligeiramente mais agradável. A garoa sai de cena e entra uma chuva maravilhosa. Retira toda a poeira e sequeidão do local. Você até se sente aliviado com a chuva, seu barulho é agradável, ela é bem-vinda — desvio meu olhar do teto para Hugo e o vejo concentrado em mim, seus olhos brilhando com uma dor de empatia que não sabia ser possível, não sabia da existência. — Mas, de repente, o que era uma garoa agradável e uma chuva desejada se torna uma tempestade sem precedentes, sua velocidade é tão intensa que acaba com tudo em seu caminho, deixa estragos irreparáveis. Danos incalculáveis. E quando você se dá conta do que aconteceu se arrepende amargamente por ter desejado, nem que seja por um breve momento, que essa chuva viesse e aliviasse a temperatura. Se você soubesse como seria, jamais se incomodaria com a sensação de abafamento. Maldita chuva...!



TRÊS ANOS ATRÁS...

— Anda logo, Izadora! Desse jeito perderá a chance de fazer sua matrícula! — grita Lorena do lado de fora do banheiro. Sei que estou atrasada, mas quero me sentir bem comigo mesma para ir abrir a matrícula na faculdade em que prestei o vestibular e passei. Olho para as minhas maquiagens e meu batom favorito chama minha atenção. Vermelho. Por que não? Passo rapidamente e saio.

— Pronto, podemos ir agora — digo com animação.

— É só uma matrícula, não precisava se montar toda.

— Relaxe, Lori... Só quero estar apresentável. Quem sabe não me esbarro com algum cara legal? — meus lábios formam um sorrisinho e dou uma piscada.

Lorena revira os olhos e sai de casa. Eu a acompanho; como ainda não tenho carro, ela me dará carona até a faculdade. Viemos juntas de Jaú, depois de concluir o ensino médio, nos aventurar aqui em Bauru. Moramos na ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mesma casa, dividimos tudo, desde o aluguel até as nossas roupas. Lorena me ajuda em tudo, mas sei que está na hora de comprar meu carro e ficar mais independente. No caminho para a faculdade, falamos sobre o nosso final de semana e as pessoas que conhecemos.

— Não sei como você consegue se interessar apenas em uma única pessoa, Izadora. Sempre digo que deixar o caminho livre é a melhor coisa a ser feita.

— Nem me venha com essa, Lô! Você diz isso porque quer tudo de uma vez e no final nunca está com ninguém. Devia tentar se apaixonar...

— Fala sério! Quero curtir! Somos muito novas para entrarmos de cabeça em relacionamentos. Temos tanto para descobrir! — talvez Lorena não mude nunca.

— Queria tanto encontrar alguém bacana, que não se interesse somente por sexo...

— E vai encontrar! Mas ainda não é a hora, então relaxe e curta sua solteirice que é a melhor coisa que temos hoje.

Ao dizer isso, Lorena aumenta o som do rádio do carro. Nunca vi minha amiga por mais de uma semana com o mesmo cara, ela segue o próprio conselho à risca. Assim que chegamos à faculdade, vou direto para a recepção e a atendente me mostra o caminho da secretaria, onde as matrículas estão sendo preenchidas.

— Vou dar uma volta por aí e ver o local — diz Lorena.

— Tudo bem, me encontre aqui em meia hora, no máximo.

— Sim, sargento! — Lori bate continência com um riso debochado.

No local indicado, vejo que tem várias pessoas na fila, mesmo assim parece que o atendimento está rápido para quem trouxe os documentos corretos. Enquanto espero a minha vez, confiro novamente a papelada em minha pasta. Não é insegurança, só quero ter certeza de que não terei que voltar para buscar alguma coisa. Sinto a presença de alguém logo atrás de mim, sem me virar para olhar. Faltam apenas três pessoas na minha frente, acho que estou nessa fila há uns vinte minutos. Alguém me observa. Uma

sensação estranha de estar sendo sondada.

— Olá!

Uma voz masculina reverbera atrás de mim. Não tenho certeza se é comigo que ele está falando.

— Com licença — sinto um leve toque em meu ombro. Ao olhar para trás, um moço sorridente aponta para os papéis em minhas mãos —, não pude deixar de notar. Vai fazer Marketing?

— Sim — digo receosa. O que ele realmente quer?

— Que bacana, eu também vou! — ele estende a mão para mim. — Aliás, meu nome é Pedro, prazer em conhecer...

Aperto sua mão e só depois percebo que ele está esperando para saber meu nome. Que mico!

— Izadora.

— Pelo que estou vendo, iremos estudar juntos, Izadora — ele diz, apontando para a grade de horários no quadro de avisos. Ao que parece, as disciplinas do primeiro período são fixas para todos os calouros. — É muito bom poder conhecer alguém antes de começar as aulas. No dia da apresentação, não ficarei me sentindo um peixe fora d'água.

Sorrio para ele. Pedro. Bonito por sinal. Um pouco mais alto que eu, pele levemente morena, cabelos castanhos claros, olhos quase cor de mel, um belo sorriso. Parece ser uma pessoa agradável.

— É daqui de Bauru mesmo? — ele continua o questionário.

— Não, venho de Jaú. Moro aqui com uma amiga.

— Muito bom. Também estou morando aqui pelo estudo. Agudos é perto.

Apenas assinto. Minha vez está chegando e Pedro continua puxando conversa, talvez ele esteja inseguro. Normal.

— Espero que você se dê bem com a cidade e a faculdade — digo, ainda sorrindo.

— Com certeza, ainda mais sabendo que terei uma colega de sala tão linda

quanto você.

— Próximo! — chama a atendente.

— Obrigada, tenho que ir. A gente se vê.

— Com certeza, gata.

Enquanto faço minha matrícula, não deixo de reparar que Pedro continua me olhando. Está sendo atendido próximo a mim e toda vez em que o pego me observando, ele apenas sorri. Só espero que esse cara não seja um desses chicletes, caso positivo será um saco ter ele por perto nas aulas.

— Acabou? — pergunta Lorena ao se aproximar de mim, depois de fazer um estardalhaço para entrar na secretaria.

— Quase. O que achou do *campus*?

— Ótimo! Acho que você vai se dar muito bem aqui, vaquinha! — Lori sorri ao responder.

— Assim espero.

Volto a prestar atenção na papelada à minha frente. Alguns minutos depois, Lori me informa cheia de conspiração:

— Esse cara não tira os olhos de você.

Disfarço, pois sei exatamente a quem ela está se referindo.

— Eu sei, ele estava atrás de mim na fila e deve ter visto nos meus papéis que vou fazer Marketing, ele vai estudar comigo — sussurro.

— Mas por que ele não para de te encarar? Estranho! — ela semicerra os olhos.

— Deve ter gostado de mim, sei lá. Não se preocupe com isso, sei lidar com caras pegajosos — digo, ainda sem tirar meus olhos dos papéis.

— Assim espero, porque não gostei nada da forma como ele está te observando — com isso, ergo meu olhar para minha amiga. Ela está com o cenho franzido, encarando Pedro de forma nada sutil, quase como em desafio.

— Relaxe, Lorena. Não é para tanto — que exagero!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou continuar a encarar de volta para ver se ele se toca e para.

— Pare com isso. Vou ver esse cara diariamente, não me faça passar vergonha antes das aulas começarem.

— Ok. Parei. Mas saiba que não gostei dele — ela enfatiza cada palavra com um toque de seu indicador sobre o balcão.

Reviro os olhos para ela. Termino minha inscrição e, no momento em que saio com Lorena, Pedro faz questão de se despedir.

— Tchau, Izadora. Até breve!

Apenas aceno com a cabeça antes de sair.

— Ele é um babaca! — minha nossa, ela implicou mesmo com ele...

— E você, uma vaca — rebato Lorena.

Voltamos para casa comentando muito sobre o campus e as aulas que começarão na semana seguinte. Antes de me decidir por Marketing, fiz um técnico nessa área para ver se eu me encaixava no perfil. Me apaixonei tanto por essa profissão que, assim que concluí o técnico, prestei alguns vestibulares, e a faculdade que escolhi foi a mais indicada por meus antigos professores. Ao chegarmos em casa, ligo para meus pais e conto sobre meu dia. É um hábito nosso fazer isso, foi a maneira em que pensamos de me sentir perto deles diariamente quando decidi vir para cá.

— E como foi? — pergunta minha mãe.

— Tudo tranquilo, é apenas uma matrícula, a coisa vai pegar semana que vem no início das aulas.

— E Lorena? — minha mãe a considera como uma segunda filha.

— Já foi para o quarto, amanhã ela levanta bem cedo — olho para o meu relógio e vejo que já se passaram das dez da noite.

— Eu também vou dormir, filha. Tenho algumas encomendas e preciso acordar cedo para adiantar.

— Tudo bem, mãe.

— Boa noite, nós te amamos! — ela diz com todo carinho que conseguiria

colocar na voz.

— Eu também amo vocês.

Depois que me despeço da minha mãe, ligo o computador e entro no meu perfil para dar aquela olhadinha básica antes de dormir. Tem uma nova solicitação de amizade. Ao clicar, a foto aparece e de início não reconheceria se não fosse o nome. Pedro. O cara da faculdade. Como ele conseguiu meu nome e perfil tão rápido? Também vejo que ele curtiu algumas postagens. Decido que amanhã o aceitarei, não estou a fim de conversar no momento. Desligo tudo, coloco meu celular na mesa de cabeceira ao lado da cama e durmo rapidamente.

No dia seguinte, antes de sair para trabalhar, entro novamente em minha rede social e acabo aceitando o cara. Lorena já saiu; eu vou de ônibus mesmo, não é tão longe. É uma loja de roupas para festas no centro da cidade. É cansativo, mas um lugar agradável de trabalhar. Durante o percurso, recebo uma notificação de bate papo no meu celular. Pedro. De novo.

Pedro (07:40): Obrigado por ter me aceitado, achei que estaria *on* ontem à noite.

Ainda bem que não aceitei o convite ontem, caso contrário eu teria que ficar conversando com ele por um tempo para não ficar desagradável.

Izadora (07:41): Como conseguiu o meu perfil? Você nem sabia meu sobrenome!

Pedro (07:41): Foi mal, gata, mas bisbilhotei em suas folhas ontem enquanto fazia a matrícula.

Como Lorena me disse, ele estava observando. Que cara estranho; bonito, mas estranho. Na verdade, não sei o que pensar sobre isso. Ele só deve estar interessado. A gente acaba fazendo coisas do tipo nessas situações. Quem nunca, não é?

Pedro (07:43): Está chateada porque fiz isso? Peço desculpas, Izadora.

Izadora (07:43): Relaxe, está tudo bem.

Izadora (07:44): Preciso ir. Tenho que trabalhar. Até.

Pedro (07:44): Obrigado mais uma vez por ter aceitado, gata. Beijos.

Não respondo, apenas visualizo a mensagem. Não posso negar que Pedro é um cara muito atraente, mas nunca alguém tinha demonstrado tanto interesse assim, e tão rápido. Será melhor conhece-lo bem antes de qualquer coisa. Estaremos diariamente na mesma sala, seria estranho se saíssemos e não desse certo. Ficaria uma situação inconveniente.



Uma semana depois estou a caminho do meu primeiro dia de aula, ansiosa para conhecer meus professores e colegas de classe. Pedro é o único que eu “conheço”. Depois daquele dia, ele não me mandou mais mensagens. Achei estranho esse sumiço tão repentino, exatamente como sua aproximação.

Como vim de ônibus, chego em cima da hora, a sala está pela metade. Procuro um lugar para sentar, decidindo ficar mais próxima do fundo, mas entre as carteiras do meio, assim terei uma visão ampla do lugar. Por não saber de que forma hoje será, apenas me sento e não retiro o caderno da bolsa. Dou uma olhada geral enquanto mais alunos entram. Ao soar do sinal, a sala está completa. Avisto Pedro sentado ao lado da parede, só que mais à frente. Assim que nossos olhares se cruzam, ele acena com a mão para mim, retribuo. Acho que ele já estava na sala quando cheguei, nem prestei atenção.

Um homem aparentando ter mais de quarenta anos entra. Ele é alto, magro e calvo. Tem um semblante severo, de poucos amigos. Seu boa noite é seco, mas ao se apresentar demonstra que ele não é bem assim, talvez faça isso para tentar assustar os calouros. Ele fala da matéria que desenvolverá com a turma e com esse gancho as apresentações individuais começam. O professor pergunta se alguém quer dar início ou poderá escolher a dedo. Pedro se levanta da carteira e olha para os demais. Esse cara não parece ser tímido.

— Boa noite, meu nome é Pedro. Tenho vinte e três anos e trabalho com desenvolvimento de programas para a *web*. Sou da cidade vizinha, Agudos. Espero que o curso consiga superar minhas expectativas, pois só ouvi elogios a respeito.

— Olá, Pedro. Seja bem-vindo. Também espero que suas expectativas sejam superadas! Teria mais alguma coisa para acrescentar?

Ele olha para mim e acena com a cabeça.

— Quero que saibam que aquela linda moça ali — diz ele apontando para mim. Todos os olhares estão voltados para uma única pessoa: eu —, a conheci enquanto realizava a matrícula, e ela é encantadora. Se alguém estiver de olho, eu cheguei primeiro.

A turma ri. Acho que essa foi a intenção dele. Fico constrangida por ser exposta dessa forma. Agora tenho noção de que ele realmente está a fim de mim.

Não sei se gostei disso.



HOJE...

Minha narração retrospectiva é interrompida pelo apito de uma nova mensagem em meu celular. O aparelho ainda está com Hugo. Ele olha o nome sem desbloquear para ver o conteúdo.

— É dele — Hugo está com a mandíbula travada, seu rosto tenso. — Quer que eu leia?

Nego, movendo a cabeça com força. Para mim chega de saber de Pedro e o que ele quer de mim.

— Honey, você sabe que precisa fazer alguma coisa em relação a isso — diz, apontando para o celular. — Esse cara está te perseguindo.

Como não reajo, Hugo se movimenta. Nesse instante, faço-o parar.

— Fique aí... Por favor...

— Iza, se quiser, deixe para outro dia! Não tem problema se não conseguir falar agora...

— Não! Eu preciso fazer isso! Eu vou até o fim — insisto.

Hugo torna a se sentar. Olho para o chão e vejo que tem algumas sujeiras espalhadas pela sala, assim como a minha vida. Essa sala precisa ser limpa tanto quanto a dona dela.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Depois do primeiro dia de aula, Pedro e eu começamos a nos falar com frequência. Na verdade, era sempre ele quem tomava partido. Eu não tinha interesse nele na época, mas se existia alguém que sabia conversar e argumentar, com certeza era Pedro. Então, acabei aceitando seu convite para sair. Quando percebi, estava namorando. Só que eu não queria contar para Lorena, sabia que ela não iria gostar, já que não foi com a cara dele desde o início. Até que eu contei para Pedro que estava com medo da reação dela. Um sinal foi lançado e eu não consegui captar.



TRÊS ANOS ATRÁS...

— Se ela for sua amiga de verdade, vai te apoiar e não ficar contra. A vida é sua, são suas escolhas, ela não tem nada a ver com o que acontece com a gente. Estamos bem juntos.

— Eu sei — respondo —, mas Lorena é minha melhor amiga e a opinião dela vale muito.

Pedro fecha a cara e fica emburrado.

— A opinião dela é mais importante que a sua felicidade?

— Claro que não... — tento argumentar, em vão.

— Então, conte. Se ela não gostar, terá que viver com isso.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê? Prefere jogar fora nosso namoro? Achei que eu tinha alguma importância para você. *Porra!* Vou te levar embora, minha noite acabou! — Pedro engata a marcha, faz o retorno e assim voltamos para casa.

Eu nem sei o que dizer. Estávamos bem, só dividi com ele a minha preocupação. Talvez ele tenha razão e eu exagerei. Não queria que ele ficasse chateado comigo, por fim tento apaziguar a situação.

— Desculpa. Acho que exagerei, quem sabe Lorena nem se importe com isso.

— E se ela se importar? Vai terminar comigo? — pergunta Pedro.

— Claro que não! Olhe só, vou falar com ela ainda hoje e resolvo tudo isso.

— Tenho uma ideia melhor – ele abre um sorriso largo — Vamos juntos falar com ela.

— Acho melhor eu mesma contar... — não gosto da ideia.

— Que saco, Izadora! — grita, enfatizando com um soco no volante. É uma atitude exagerada e me assusta. Ele respira fundo e só se volta para mim ao parar em um semáforo. — Foi mal. Eu só estou tentando te ajudar e você não colabora. Quero estar do seu lado, gata, te apoiar, pois sei que essa amizade é muito importante para você. Mas e a gente? Como ficamos?

Eu paro para pensar no que ele disse e fico mais confusa ainda. Parece que sou eu a errada; no início, eu tinha certeza do contrário. Chego a me sentir mal por ter causado tudo isso, todo esse estardalhaço. Pedro só quer me ajudar e estou complicando tudo.

— Desculpa! Você tem razão, seria ótimo ter você ao meu lado... — tento contornar a situação.

— Seria mesmo, mas agora vou te deixar sozinha em casa, assim vamos refletir no porquê dessa discussão toda. Quero esfriar minha cabeça — e silenciou.

Por todo o restante do caminho, não trocamos uma única palavra. Assim que ele vai embora e seu carro some ao fim da rua, entro em casa e encontro Lori sentada no sofá com seu notebook. Nunca fui insegura, contudo, nesse momento, esse é o único sentimento a me dominar. Tenho medo da opinião da minha amiga. Digamos que Lorena tenha um faro bom para homens e estou certa em achar que ela vai ser contrária a tudo, mas Pedro é um cara legal. Hoje, ele ficou irritado com razão. Preciso pensar mais em nós. Puxo a coragem do fundo.

— Lori, tem um minuto? — continuo a me sentir extremamente insegura.

Lorena tira os olhos da tela.

— Sempre, vaquinha — fecha o aparelho e me encara. — Quem morreu?

— Morreu? Ninguém morreu! — minha amiga é doida.

— E por que essa cara abatida? — pergunta.

— Não estou abatida. Só quero te contar uma novidade e, antes que me acuse ou faça algum julgamento precipitado, saiba que eu estou bem — preparo o terreno.

Ela me olha de forma interrogativa, especulando.

— Tudo bem, então. Qual seria a novidade?

— Você se lembra daquele cara que ficou me encarando quando fui fazer a matrícula para a faculdade?

— Uhum...

— Depois de muito insistir, acabei saindo com ele. Hoje faz dois meses e agora estamos namorando sério — Lorena apenas me encara e não diz nada. Como não sei o que se passa em sua cabeça, recomeço a falar. — Ele teve que insistir muito para conseguir sair comigo, é engraçado e não tem nada de estranho — faço uma nova pausa, esperando uma reação. Nada. — Fale alguma coisa! Está chateada?

— Parabéns? — soa como uma pergunta. Ela se levanta do sofá e começa a andar em círculos pela sala. — Como assim estão saindo há dois meses e você não me contou nada? E a confiança? Por que escondeu isso de mim?

— É que você não foi com a cara dele de início, achei que talvez não gostasse da ideia.

— A bem da verdade, eu não sei o que pensar sobre ele ainda, só o vi uma vez. Mas como não ia ficar chateada por não ter confiado em mim? Talvez, se eu soubesse antes, poderia ter dado uma opinião...

— Foi por isso que não te contei — explico, pensando sobre o que Pedro disse. Estou chateada com a minha amiga e nem sei ao certo porquê. — Sempre querendo dar palpite em tudo. É a minha vida e eu saio com quem quiser. Estou gostando muito dele e é assim que vai ser. Pode até não aceitar esse relacionamento, mas precisa respeitar a minha escolha!

— Izadora, o que está acontecendo? — Lorena me olha, a confusão

estampada em sua face.

— Nada! Só me deixa em paz! — viro-me depressa, saindo da sala, direto para o meu quarto, onde me tranco. Respiro fundo algumas vezes e penso no que aconteceu.

Nunca briguei com Lori, sempre chegamos a comum acordo em todos os assuntos. Não sei o que houve comigo. Quero muito voltar até ela e pedir desculpas, mas antes mesmo de me mover, recebo uma mensagem de Pedro.

Pedro (20:07): E aí, contou?

Izadora (20:07): Sim.

Pedro (20:08): E como foi?

Penso bem, analiso a situação e sinto raiva da Lorena por não ter ficado do meu lado.

Izadora (20:09): Ótimo. Estamos juntos, ela que se acostume com a ideia.

Pedro (20:09): Essa é a minha garota.

Pedro (20:09): Fez a coisa certa.

Pedro (20:10): =D

Se eu fiz a coisa certa, por que parece que está tudo errado?

Mesmo assim, deixo a ideia de ir pedir desculpas para Lorena de lado e me deito. Talvez eu tenha feito uma tempestade em copo d'água. Vai ficar tudo bem. Tenho certeza.



HOJE...

Observo a face do meu namorado atual. Ele está muito sério e concentrado em mim.

— Inocência minha achar que ficaria tudo bem. É como se eu estivesse no topo do mundo e a partir daí estivesse em queda livre com todos os piores obstáculos pelo caminho. Quanto mais eu descia, mais a queda me

machucava. Quanto mais caía, mais velocidade eu tinha, tornando o impacto com o chão definitivamente real. E doloroso.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 47

*Don't lose who you are, in the blur of the stars
Seeing is deceiving, dreaming is believing
It's okay not to be okay
Sometimes it's hard
To follow your heart
But tears don't mean you're losing
Everybody's bruising
Just be true to who you are.
(Who You Are – Jessie J)^[47]*

— Depois de quatro meses juntos, Pedro começou a mudar. Ou melhor, a mostrar seu verdadeiro eu. Primeiramente, aconteceu durante as aulas. Eu tentava me aproximar do pessoal e ele sempre dava um jeito para que fizéssemos todos os trabalhos juntos. Quando um professor sugeria quem formaria as duplas, ele ficava revoltado e fazia de tudo para ficar comigo. Ele dizia que queria estar comigo o maior tempo possível, que era um pouco inseguro e ciumento — uma risada sarcástica escapa por meus lábios ao me lembrar disso. — Lembro de ter achado fofo da parte dele querer estar comigo o tempo todo. Até que aquilo começou a ser sufocante. Pedro queria que tudo fosse do jeito dele. Começou a palpar sobre a minha maquiagem e as minhas roupas. Lembro como se fosse hoje a forma como ele implicou com meu batom vermelho.



TRÊS ANOS ATRÁS...

Ao terminar de me arrumar, o som de uma buzina chega ao quarto, é Pedro anunciando que chegou. Pego rapidamente minhas coisas e saio de casa. Antes mesmo de me aproximar do carro, já dá para notar que ele está

com a cara fechada. Abro a porta e sento no banco do carona já temendo o motivo da discussão que está por vir. Quando me estico para dar um beijo, Pedro se afasta de forma abrupta.

— O que foi?! — pergunto sem entender.

— Não acha que está muito maquiada para ir à faculdade? E por que acha que eu quero ficar marcado com esse batom?

— Não gostou do meu batom? — fico surpresa.

— Fala sério, Izadora! Vermelho?! — ele faz um esgar de nojo.

— Sempre usei e você nunca disse nada...

— Exatamente! Achei que você perceberia, mas pelo jeito não. Não sei se é apropriado ir à aula com esse batom, chama muita atenção. E outra coisa, não vou te beijar e ficar todo marcado.

Sem outra alternativa, volto para casa e retiro o batom com um lenço demaquilante, mesmo contra minha vontade. Ainda estou sem entender porque ele demorou tanto para me falar sobre isso, já que uso demais essa cor. Compreendo menos ainda Pedro ter ficado tão bravo com algo tão pequeno como a cor de um batom. Nada disso faz sentido; fico triste por ter que retirar, porém será melhor assim, sem brigas. Depois de ver que não há mais vestígios de vermelho em meus lábios, sinto-me insegura, pois amava muito esse batom, mas talvez ele tenha razão. Pedro ficaria todo marcado e nem poderíamos nos beijar. Pego um outro batom, cor nude, e aplico. Fico apagada, quase desapareço. Enfim, tudo bem, é só para ir à aula mesmo. Ao retornar, Pedro está sorrindo para mim.

— Muito melhor! Vermelho não combina com você, só não disse antes porque não queria que ficasse chateada. E se nunca te disseram isso é porque são todos falsos. Eu vou cuidar de você e mostrar o que é melhor.



HOJE...

— É por isso que você nunca me viu com essa cor de batom. Toda vez em

que tentei voltar a usar, o que Pedro me dizia, as coisas que fazia, tudo sempre voltava e me assombrava. Um dia, achei que estava pronta, que isso tinha ficado para trás e arrisquei a usar essa cor, porém não consegui — sinto mais lágrimas descenderem pelo meu rosto. É tão dolorido recordar tudo, cada memória vinda à tona me fragmenta. — Me sinto culpada em usar algo que amava demais. Sei que isso está errado, que a culpa está errada, mas...

— Honey... Lorena sabia disso tudo?

Nego. Uma, duas, três vezes, sem erguer o olhar do chão.

— Eu passava mais tempo na casa dele do que na minha. Ele disse que seria melhor se eu ficasse com ele, assim poderíamos ir trabalhar juntos, ir para a faculdade juntos. Estar sempre juntos.

Cada detalhe que eu revivo e narro é um nó que corto daquele novelo de lã. As pontas estão aumentando, o trabalho dobrando. As pequenas sujeiras que observo no chão da minha sala estão me incomodando tanto! Chego ao ponto de me levantar e sentir a necessidade de limpar tudo.

— Preciso de uma vassoura — digo ao me levantar. Hugo faz a mesma coisa.

— Izadora, calma... — ele não entende o que está acontecendo comigo agora.

— Não!

— A sala está limpa...

Ignorando-o, pego a maldita vassoura na lavanderia. Volto para a sala e encontro Hugo de pé, com as mãos na cintura, sem saber como proceder. Ele está confuso, não entende o que quero fazer. E só eu posso fazer isso. Começo a varrer freneticamente, a juntar cada pequena sujeira que está me incomodando. Elas *precisam* sair daqui. Faço tanto esforço que começo a suar, meus braços doem. Assim que junto tudo em um lugar só, desabo mais uma vez. Choro descontroladamente. Hugo se aproxima e tenta me abraçar. Com um solavanco, me desvencilho. Estou desesperada...

— Está vendo toda essa sujeira aqui? — falo mais alto que o necessário.
— Elas estavam espalhadas, então não parecia ser tanto assim. Mas todas

juntas, incomodam, é feio. Essas sujeiras — aponto para o chão da sala — são todas as mentiras que eu disse durante esse tempo. As mentiras que espalhei e que contei. Quando elas estavam espalhadas, não me incomodavam tanto, mas assim, aqui, agora... Te contando tudo, percebo a quantidade de mentiras que eu disse, e com elas todas juntas em um só lugar... Incomodam, sabe, incomodam *tanto*! Me machucam! Elas são feias... E me despedaçam cada vez mais... Onde eu jogo tudo isso? Não existe na vida um saco plástico onde eu possa jogar toda essa merda! Eu não sei o que fazer... — sacudo as mãos, a vassoura me escapa e cai no chão com um som de estilhaço.

Ergo meu olhar. Hugo também está chorando. Limpo minhas lágrimas com as costas das mãos, respiro fundo e continuo falando. É preciso chegar até o fim de tudo isso.

— Depois que você varre toda essa sujeira, sabe que o próximo passo é jogar fora. Agora que eu comecei, sei que preciso retirar todo o lixo que está dentro de mim — desvio o olhar para a janela. Está escurecendo, assim como a minha história. — O batom vermelho foi só um sinal do que viria... Eu não consigo lembrar exatamente o ponto em que tudo piorou, talvez minha mente tenha bloqueado essa cena. Não sei, juro. Porém, quando notei, quando caí em mim, já estava acostumada a apanhar do Pedro.

Torno a me sentar no chão, deslizando, tendo a parede como apoio. Puxo pela memória, cada lembrança ainda dói. Desisto de contar a Hugo detalhes de cada surra, isso seria demais para mim.

— Tudo era razão para ele se aborrecer. Nessa época, eu praticamente morava com ele. Tinha vergonha de ir para casa, com marcas pelo corpo e ver piedade no olhar da minha amiga. Não queria pena de ninguém. Comecei a faltar no trabalho devido às dores no corpo depois de cada surra. Pedro sempre me deixava em frente ao trabalho, esperava eu entrar para ir embora e, quando eu saía, ele estava lá, me esperando. Era assim todos os dias, como se eu fosse uma prisioneira. Faltei quase um semestre inteiro na faculdade antes de abandonar de vez, pois, não tinha ânimo e os hematomas demoravam cada vez mais para desaparecer. Não tinha mais amigos, Pedro dizia que ele era meu único amigo e isso bastava. Até sexo eu não queria mais com ele. Independente da minha vontade, fazíamos da mesma forma,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

caso contrário, se eu negasse, saberia o que aconteceria. Meu celular ficava com ele, Pedro respondia por mim. Se alguém insistisse em falar comigo, colocava no viva-voz e ficava ao meu lado, me encarando. Um dia, achei que conseguiria sair disso e resolvi encarar meus demônios.



DOIS ANOS ATRÁS...

Estou na casa de Pedro, esperando-o voltar do trabalho. Vou dar um basta em tudo hoje. Não aguento mais viver dessa forma. Era para ser uma história de amor e não um terror dos mais pesados, daqueles que te causam frio na espinha. Que te atormentam por dias a fio. Perturbam o seu sono e que não te deixam em paz. Faz dois meses que não vejo meus pais. Pedro e eu fomos em um domingo, mas foi uma rápida visita. Ele queria voltar para casa o mais cedo possível, pois, de acordo com ele, essas visitas familiares são um saco. Ouço a porta da entrada ser aberta, saio do quarto e vou a seu encontro na sala.

— Precisamos conversar — digo sem perder tempo.

Ele se imobiliza, olha para mim, me medindo. Parece decidir não me dar a devida atenção e começa a mexer em seu celular. Ele não está dando a mínima? Então vou direto ao ponto.

— É melhor a gente terminar, não está dando certo faz muito tempo — mesmo sendo direta, sinto medo.

Com isso ganho sua total atenção. Ele sorri, sentando-se no sofá.

— Que brincadeira de mau gosto, Izadora! Me surpreendeu — ele não acredita em mim.

— Não estou brincando. Vou ligar para Lorena me buscar. Não dá mais, Pedro!

Ele fica sério, fixando o chão por tanto tempo que parece ter esquecido sobre o que estávamos falando.

— Se é isso o que você quer...

— É isso, sim. Vou arrumar as minhas coisas...

Saio da sala rapidamente e entro no quarto, onde deixei meus pertences quase prontos. Paro por uns segundos para pensar na reação dele. Foi muito fácil e com Pedro nada tem sido fácil. É muito estranho. Antes que eu mude de ideia, termino de arrumar tudo. Por mais que ele seja um estúpido comigo, eu gosto dele e estou me segurando para não chorar e entregar os pontos. Algum tempo depois, ele aparece no quarto.

— Gata, espera...

Ele está chorando, nunca imaginei que o veria chorar. Não consigo identificar se isso tudo é verdadeiro ou um teatro dele. Me revolta ele começar a demonstrar qualquer coisa agora. Depois de tudo.

— Não faz isso! Eu sei que não tenho me comportado nada bem, ando muito estressado e acabo descontando tudo em você...

Ele chora ainda mais, chora como uma criança. Eu fico sem saber o que fazer ou como agir. Estou me segurando para não chorar também.

— Pedro, vai ser melhor...

— Você é o meu melhor! Me perdoa por tudo isso — ele se aproxima e me abraça. — Vou melhorar, vou mudar, a gente vai ficar bem!

Eu quero acreditar nisso, quero muito. Mas sei que é impossível. Afasto-me dele sem um pinga de relutância, o que o deixa ainda mais surpreso.

— Eu não aguento mais viver assim, Pedro. Vamos dar um tempo e pensar sobre tudo...

— Meu amor, por favor! Eu te amo tanto, preciso de você, não faça isso comigo! Eu sei que pisei na bola, mas eu juro que vou melhorar, vou ser o cara que você merece...

Pedro chora tanto que me deixa assustada. Nunca o vi dessa forma e isso faz meu coração apertar. Será que estou fazendo a coisa certa? Ficamos assim, meio separados, ele chorando e eu sem jeito e sem vontade de desistir, por um bom tempo até que ele se ajoelha e abraça as minhas pernas. Chora ainda mais quando eu me recuso a voltar atrás.

— Izadora, por favor! Eu prometo que vou mudar, tudo será diferente gata, eu te amo tanto... Por favor...



HOJE...

— Mal percebi quando ficamos juntos novamente. Pedro sempre conseguia o que queria. E ele conseguiu me convencer. Ficamos bem por três meses até ele voltar a fazer exatamente as mesmas coisas — meu olhar recaí em Hugo. De olhos fechados, deve estar imaginando a situação. Fecho os meus também, porque o que vou contar é a parte mais difícil para mim e eu não quero ver sua reação. — Houve um dia em que brigamos muito, foi a nossa pior briga. Minha menstruação estava atrasada fazia algum tempo. Eu queria ir a um médico e Pedro não aceitava. Ele estava apavorado, tanto quanto eu, com a possibilidade de uma gravidez. Mesmo insistindo muito para que eu não sáísse, foi exatamente o que fiz. Peguei as chaves do carro dele e fui para a garagem com ele atrás de mim falando os piores palavrões. Dizia que eu iria me arrepender se fizesse isso. Mas eu fiz. No momento em que abri a porta do carro, ele se desesperou, viu que eu falava sério. Agarrou meu braço e me puxou para si, me empurrando em seguida com toda a força para o lado esquerdo. Bati minha barriga na quina do tanque e caí.

Emudeço. Essa lembrança é a mais dolorida. A mais sangrenta. A que me despedaça cada vez em que penso nela. Não resisto e abro meus olhos. Hugo está vermelho de tanta raiva, ele sabe o que aconteceu. Não precisaria pronunciar mais uma única palavra, entretanto preciso fazer isso. Por mim.

— A dor era imensa e aumentava a cada segundo. Pontadas, uma seguida de outra. Senti minhas roupas encharcando. Lembro de pensar que não sabia de onde vinha a água, só que não era água. Era sangue. Muito sangue. A resposta que eu precisava do médico estava ali, se esvaindo de mim. Pedro se desesperou. Pelo menos, teve a capacidade de ligar para a emergência. Mas depois... Ele fugiu.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 48

*Eu que tanto me perdi
Em sãs desilusões
Ideais de mim
Não me esqueci
De quem eu sou
E o quanto devo a você*
(Me espera – Sandy Part. Tiago Iorc)

UM ANO ATRÁS...

Pedro está falando ao telefone. Não consigo prestar atenção nas palavras, sinto tanta dor que pareço estar me dilacerando. Todo aquele sangue... Minha visão começa a embaçar. Ouço o zumbido do portão da garagem sendo aberto. Pedro sai com o carro cantando pneus e me deixa sozinha, caída no meio do quintal.

Ele fugiu. Isso não pode estar acontecendo!

Minha visão piora. A ausência do sangue e a dor afetam meus instintos. Ao longe, o som irritante de uma sirene. Uma ambulância, talvez. Não sei quanto tempo se passou. Estou tão fraca, nem sei se é a minha mente inventando tudo. Minha consciência se esvai antes que eu possa confirmar a alucinação sonora. Acordo no hospital. Uma enfermeira está ao meu lado, medindo a pressão. Seu olhar é penalizado; detesto esse tipo de sentimento.

— Que bom que acordou. Precisamos saber seu nome completo.

Ainda estou zozna e fraca, tentando me orientar. Em um átimo de segundo, as memórias voltam. Lembro exatamente o que aconteceu.

— Izadora Rodrigues... — é tudo que respondo.

— Izadora, quero que preste atenção em mim. Consegue? — movo lentamente a cabeça. — Você perdeu muito sangue devido à queda,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

infelizmente ocasionou um aborto espontâneo. Compreende o que eu digo? — novamente confirmo. — Pois bem, precisamos de algum contato seu para que possamos avisar.

Se ligarem para meus pais, tenho medo de que minha mãe passe mal com a notícia. Lorena não faz ideia do que estava acontecendo. Não tenho amigos na faculdade, todos se distanciaram por causa de Pedro. Pedro... Ele fugiu, por que ligaria para ele?

— Não tenho ninguém...

— Nenhum amigo ou familiar? — nego, respirando com força para impedir as lágrimas de escoarem. — Ok. Você ficará em observação e passará a noite aqui.

Depois que a enfermeira se vai, repasso tudo o que ocorreu. Era para eu estar chorando muito, mas não consigo, parece que estou no automático. Desligando. Com muito custo, acabo dormindo.

Acordo na manhã seguinte com a conversa de alguém do leito ao lado. É uma mulher, está ao telefone e parece irritada.

— Você não pode deixar a casa assim, em cima da hora! Preciso encontrar alguém que fique com ela. Seu contrato expira daqui a cinco meses... Você pagará multa, sabe disso?

Ela encerra a ligação e nota que a observo.

— Sinto muito, meu bem, por ter te acordado.

— Está alugando alguma casa? — não perco tempo.

— Sim, um inquilino inconveniente está saindo sem avisar antes e não tenho ninguém para...

— Eu fico com ela.

— Mas você nem viu o lugar... — a mulher responde, um tanto espantada.

— Qualquer lugar é melhor do que onde estava ontem — tomo a decisão.



HOJE...

— Foi assim que vim parar aqui. Alugando uma casa desconhecida, cujo quintal é compartilhado com mais alguns moradores. Dois dias depois, deixei o hospital, peguei minhas economias no banco e liguei imediatamente para essa mulher, que já havia recebido alta, e combinei os detalhes finais. Em minha antiga casa, aproveitei que Lorena estava no trabalho, peguei todas as minhas coisas e fiz a mudança. Sei que devia estar de repouso, mas precisava fazer isso o quanto antes. Não tinha nenhuma mobília que prestasse e não me importei. Não contei a ninguém o que aconteceu. Encolhi-me ao máximo em minha própria bolha e tentei continuar a viver da melhor forma possível.

Respiro fundo mais uma vez. Desenterrar esse passado dói. É demais para qualquer pessoa se revelar tanto assim. Mas para mim, por tudo que passei e por tudo que tenho agora, a dor pesa o triplo.

— Nunca contei para ninguém. Até hoje. Meus pais não sabem, minhas amigas suspeitam que algo aconteceu, mas elas não têm ideia da grandiosidade, da maldade. Você é a primeira pessoa que conhece cada detalhe do lado mais obscuro da minha vida.

Já está bem escuro lá fora quando me calo. Estou exausta, foram horas relatando, tirando a poeira desse livro e lendo minha história. Apoio minha cabeça em minhas mãos, cansada até para continuar chorando. Escuto os passos de Hugo vindo até mim e, dessa vez, não o impeço. Ele se ajoelha a minha frente, segura em meus pulsos, obrigando-me a encará-lo. Por fim, puxa meu corpo para junto do seu, me abraça. Só assim, permito-me chorar tudo o que venho guardando dentro de mim há tanto tempo. Quando não aguento mais, o choro cessa e meu corpo, exausto, adormece nos braços dele.

Acordo levemente assustada. A casa está silenciosa, apenas a luz da sala acesa. O relógio de cabeceira mostra que são quase cinco da manhã. Recordo o que aconteceu na loja, minha explosão, como saí de lá. Reflito como contei para Hugo sobre o relacionamento abusivo que tive, cada palavra pronunciada, cada lágrima que rolou, cada medo e insegurança que eu carrego comigo. Ele tem sido a âncora do meu navio e essa embarcação acabou de afundar, levando consigo tudo ao seu redor. É hora de retornar ao

porto, dar uma pausa. Sei que esse navio não tem mais volta. É preciso recomeçar. Reconstruir. Reerguer. E tenho de fazer isso sozinha, não posso arrastar Hugo por essa lama, ele não merece. Tem seus próprios cacos de vidros para juntar, não é justo com ele.

Já estou chorando mais uma vez, pois sei o que é necessário ser feito, só tenho que encontrar forças para isso. Meu anjo da guarda precisa recuperar as suas asas, afinal não foi uma tarefa simples proteger aquilo que já estava totalmente sem proteção. Levanto-me, deixando meu passado largado sobre a cama, limpo minhas lágrimas e vou até a sala onde Hugo está deitado com meu celular em suas mãos. Acho que ele não conseguiu dormir, pois se senta assim que apareço.

— Honey...

Ele se ergue e simplesmente me abraça. Isso desencadeia outra onda de choro incontrolável. Não quero fazer isso com ele, mas eu preciso. Aproveito seu abraço por mais um longo momento, quero sentir seu cheiro mais uma vez, ver seu rosto. Nele, há uma tristeza tão grande quanto a minha. Duas almas quebradas que se encontraram. Fecho os olhos e deixo que as pontas dos meus dedos o toque. Sei cada detalhe do seu corpo, já está gravado em minha mente. A forma como sorri, o sinal em sua testa que aparece quando ele está tenso e preocupado, a maneira como me olha quando acorda. Está tudo gravado. É agora. Afasto-me dele e reorganizo meus pensamentos.

— Hugo, eu preciso falar com você... — um som quase inaudível sai da minha garganta.

— Eu também. Esse cara está te perseguindo e vamos fazer algo a respeito. Vamos à delegacia...

— Não.

— Honey, você precisa dar queixa dele, nós faremos...

— Não! – grito com ele e isso parte meu coração.

— Ok. Eu sei que é muita coisa para você agora, pode deixar que eu cuido disso... — ele está decidido a fazer isso.

— Você ainda não entendeu... Não tem nós, não tem a gente...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele começa a compreender a situação e sua postura muda de imediato.

— Izadora, você está querendo dizer...

— Exatamente! Eu preciso fazer isso, eu tenho que ir atrás, tenho que contar para os meus pais. Eu. Só eu. Você já fez muito por mim e eu te agradeço tanto...! Mas agora tenho que fazer isso por mim. Sozinha!

— Izadora...

Ao tentar se aproximar de mim, eu o detenho com as minhas mãos.

— Você está... terminando comigo? — a dor em sua voz me deixa ainda pior.

— Eu não sei ao certo. Só preciso me curar e se para isso eu tiver que me afastar de você, então sim.

— Você não me ama mais?

Sorrio ao mesmo tempo em que mais lágrimas deslizam pelo meu rosto.

— É justamente o contrário. Eu quero estar completa ao seu lado, quero que você me transborde e não que tente encher esse recipiente que está vazio! Isso é desgastante...

— Eu quero te ajudar... — ele insiste mais uma vez.

— Eu sei e acredito nisso — ergo os olhos para o teto e penso em alguma forma de explicar para ele o que estou sentindo. — Pense em mim como uma árvore ou nas estações do ano. Toda árvore tem seu tempo certo para dar frutos e essa árvore aqui — aponto para mim mesma — não dá frutos há muito tempo, tenho medo de que se continuar dessa forma será necessário o seu corte e, se isso acontecer, talvez ela nunca mais floresça. Estou passando pelo pior inverno que poderia existir e você não tem noção de como sinto falta do calor do sol. Tem sido um inverno extremamente congelante, dilacerante, um inverno de congelar os ossos. Você é aquele raio de sol que tenta transpassar essas nuvens cinzentas, e não consegue. Toda vez que a nuvem volta a encobrir esse sol, eu congelo.

Algumas lágrimas solitárias descem por seu rosto e me seguro para não ir até ele e secá-las.

— O que eu quero dizer com tudo isso é que precisamos de intervalos em nossa caminhada, pausas são necessárias. E nesse momento, eu preciso dessa pausa. Quero voltar a dar frutos. Quero sair desse inverno. Reerguer a minha embarcação. Tenho que reencontrar aquela Izadora confiante e segura de si, porém não sei quanto tempo vou levar. Não importa, vou me encontrar. E tudo isso preciso fazer sozinha.

Estamos chorando. Hugo compreendeu a minha necessidade. Ele se aproxima, segura meu rosto entre suas mãos, um gesto tão comum entre nós, e beija o topo da minha cabeça demoradamente. Sinto suas lágrimas caírem em mim e isso me faz chorar ainda mais.

Ao se afastar, Hugo permanece segurando em minha mão, nenhum de nós quer romper esse pequeno contato.

— Eu vou te esperar — sussurra para mim.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 49

*So when I'm ready to be bolder
And my cuts have healed with time
Comfort will rest on my shoulder
And I'll bury my future behind
I'll always keep you with me
You'll be always on my mind
But there's a shining in the shadows
I'll never know unless I try.*
(Home – Gabrielle Aplin)^[48]

Depois que Hugo foi embora, fiquei muito tempo chorando e torcendo para ter feito a coisa certa. Deixei com ele uma cópia da chave de casa para que possa vir depois buscar os seus pertences. Meu celular foi cuidadosamente deixado perto de mim. Tenho medo de olhar e encontrar mais alguma mensagem de Pedro.

Está feito, não tenho como voltar atrás e só de imaginar a reação dos meus pais meu coração se despedaça mais um pouco. Não há retorno, não há escapatória. Sento no chão, pego meu celular, ignorando qualquer outra notificação, e faço a ligação mais difícil da minha vida. Minha mãe não demora para atender mesmo sendo muito cedo.

— Filha?

Ao ouvir sua voz, inevitavelmente recomeço a chorar.

— Izadora, está tudo bem? — estou deixando-a preocupada sem falar nada.

Tento controlar minha respiração para que consiga falar.

— Mãe...

— Minha filha, o que está acontecendo? Você está bem?

— Me leva para casa, por favor... Eu preciso muito de vocês...

Minha mãe não faz mais nenhuma pergunta, ela compreende. Seja o que for, não é bom, pois nunca liguei para a casa dos meus pais chorando, mesmo quando fui diagnosticada com ansiedade. Fazia tudo escondida. Agora é diferente.

— Estamos indo! — sua voz demonstra preocupação, mas é firme, assim como ela.

Nem sei se encerrei a ligação, apenas largo meu celular de qualquer maneira e deito no chão da sala. O piso está gelado e isso me agrada, traz um mínimo de alívio para meu corpo. Fecho meus olhos e tento não pensar em nada por algum tempo. Meu corpo está exausto, minha mente também. Pausa. Só preciso de uma pausa. Porém, nossa vida não é igual a um aparelho de DVD em que o filme pode ser pausado, rebobinar e talvez parar. Quando você faz isso, tem a oportunidade de usar esse tempo para fazer alguma coisa, e, depois de feito, você simplesmente aperta o botão e tudo volta ao normal. A vida não é bem assim; preciso de pausa, contudo minha vida não vai parar para que eu me reestabeleça ou voltar para que eu faça tudo diferente. Ela continuará prosseguindo com ou sem mim. Pausa em movimento; nem sei se isso existe, mas é assim que acontecerá comigo. Pausarei algumas coisas em minha vida ao mesmo tempo em que darei prosseguimento a ela. Pensando nisso, pego no sono.

Meus sonhos são perturbadores. Pedro está atrás de mim e quer a qualquer custo me fazer mal. Minha família e amigos apenas observam, não fazem nada, é como se eles estivessem congelados, totalmente paralisados. Tento escapar, mas em todas as portas que bato não obtenho resposta. Até que avisto uma porta de vidro e Hugo está do outro lado. Corro até aquela porta e bato com todas as minhas forças. Hugo não a abre, apenas me observa, não demonstra nenhum tipo de reação. Lágrimas escapam de meus olhos, pois Pedro está se aproximando e ninguém vai me ajudar. Acordo assustada ao som real de batidas fortes na porta da minha casa. Meus pais. Levanto meio grogue, desajeitada, para abri-la.

— Desculpa, filha, saímos tão rápido que esquecemos nossa chave... —

meu pai entra. Sem pensar muito, abraço meu pai e começo a chorar.

— Izadora, meu amor – diz minha mãe, acariciando meus cabelos. — O que houve, filha...?

Ergo a cabeça e fixo meu olhar no rosto de meu pai antes de fazer um pedido que, para ele, de início, parece estranho.

— Poderia me segurar no colo, igual fazia quando eu era pequena e estava com medo de alguma coisa? Pois estou com muito medo...

Meus pais me conduzem para o sofá. Sento no colo do meu pai e ele me embala, exatamente como fazia em minha infância. Minha mãe segura as minhas pernas e as acaricia. A apreensão deles é quase palpável.

— Pai, se lembra de quando eu estava com medo e, além de me embalar, também me contava histórias até eu pegar no sono? Até meu medo desaparecer?

— Nunca me esqueci disso... Tão pequena e frágil, eu queria te proteger do mundo.

— Então, depois que eu contar tudo o que está aqui — digo, apontando para o meu coração —, vou precisar que me conte todas as histórias que lembrar até que todo meu medo desapareça... Poderia fazer isso por mim?

Ambos estão em completo silêncio. Meu pai não faz isso desde que eu tinha doze anos. Por fim, concorda.

— Faça qualquer coisa por você...

Sei que partirei seus corações, mas preciso fazer isso, por mim. Na medida em que narro a história mais uma vez em menos de vinte e quatro horas, sinto algumas lágrimas de meu pai caírem em mim. Minha mãe está de olhos fechados desde que toquei no nome de Pedro. Sua cabeça está repousada no encosto do sofá, lágrimas silenciosas caem de seus olhos, manchando o tecido do móvel. O abraço de meu pai fica mais apertado conforme chego ao final. A sensação que tenho ao vê-los assim é como se estivesse com queimaduras pelo corpo e toda vez que alguém me toca a dor aumenta, sendo, no entanto, o necessário para o tratamento. No começo vai doer muito, para mais tarde sentir o alívio.

Quando termino e meus pais conseguem parar de chorar, respirando fundo, minha mãe se vira para o meu pai e pergunta.

— Antônio, por qual história quer começar?

E assim meus pais se revezam nas narrativas até eu não sentir mais medo e adormecer.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 50

*Bury all your secrets in my skin
Come away with innocence
And leave me with my sins
The air around me still feels like a cage
And love is just a camouflage
For what resembles rage again.
(Snuff – Slipknot)^[49]*

UMA SEMANA DEPOIS...

Esses últimos dias foram extremamente cansativos. Encontrei uma força que não sabia que existia em mim. Minha mãe me acompanhou em tudo. Fomos à delegacia e prestei queixa contra Pedro. Conteí mais uma vez a história da minha vida, mostrei todas as mensagens que recebi e ainda recebia. A delegada, muito atenciosa, fez o requerimento e uma ordem de restrição foi emitida. Pedro deve manter uma distância mínima de 500 metros. Como o caso em si ocorreu há mais de um ano e eu não dei queixa na época, essa foi a única forma de se fazer “justiça”. Meus pais queriam outro tipo de intervenção, algo mais radical. Porém, o que nos resta é pensar que tudo aquilo que plantamos nessa terra seremos obrigados a colher; independentemente do tipo de plantação que é feita, a colheita será inevitável.

Dessa vez não mostrei resistência e finalmente fui me consultar com uma psicóloga, como meu médico da ansiedade recomendou no começo do tratamento. A sessão foi totalmente diferente do que eu esperava, a médica me deixou extremamente à vontade e, por eu estar muito agitada por tudo que tem acontecido, de início farei duas consultas por semana até começar a aparentar melhoras.

Hoje, ao sair da minha segunda conversa com a psicóloga, sinto que o peso que carregava começou a se dissipar. Levará tempo para que toda essa carga seja retirada dos meus ombros. É como se um edifício desmoronasse

sobre meu corpo e um único pilar de sustentação mantivesse os destroços relativamente longe de mim, possibilitando apenas a minha precária respiração. É um trabalho delicado retirar cada empecilho do caminho até chegar onde estou. Não adianta tentar retirar os maiores destroços, se isso for feito sem cuidado, a chance de tudo vir abaixo é alta. É fundamental começar pelas pequenas pedras, uma a uma, assim será possível visualizar todo o local e trabalhar em um plano para retirar a maior. Essa pedra, além de dar a sustentação para que nada mais caia em mim, é a mesma que, se retirada de forma errada, pode me soterrar e anular qualquer chance de vida que eu teria. A pedra, o meu maior empecilho, é também aquela que sustenta todas as outras pequenas pedras que, mesmo menores, também machucam e incomodam. Não tem como vivermos sem a dor. Se isso acontecesse, a alegria seria desnecessária. Não faria sentido.

Havia outra coisa que eu queria fazer. Dei início a isso mandando uma mensagem e marcando um encontro com as minhas amigas. Convidei para que viessem a minha casa no próximo domingo, informando que o assunto tinha de ser tratado pessoalmente e prontamente elas me atenderam. Não sei como reagirão quando souberem, mas não estou com medo de falar, não mais. Cortei essa linha extremamente fina que separava “o medo do que as outras pessoas diriam quando soubessem sobre meu problema” do fato de que sei agora que, de alguma forma, todos acabarão sabendo de tudo e isso não me importa mais.

A semana termina. Estamos no domingo e minhas mãos estão suando. A campainha toca. Elas chegaram. Ouço o portão de casa ser aberto, meu pai foi recebê-las. Fico no meu quarto aguardando a presença delas. Respiro fundo e tento manter a calma, estou longe de conseguir anular qualquer sensação que me deixa ansiosa, é um longo caminho. Está silencioso lá embaixo, não ouço as risadas como de costume. Quando minhas amigas aparecem na porta do meu quarto, há preocupação em seus olhares. Elas sabem que algo não está bem. Eu praticamente sumi das minhas redes sociais, não tive contato com ninguém, nem mesmo por telefone. Até o blog está abandonado.

— Entrem, garotas — peço ao notar que elas não saíram da entrada do quarto. Aponto para a minha cama e elas, ainda desconfortáveis, se sentam de frente para mim. Eu poderia me sentir intimidada por estar assim com elas,

mas não. Elas são minhas amigas e sempre estiveram aqui, eu que acabei errando o caminho e não permiti que participassem por completo da minha vida.

Inevitavelmente, uma lágrima cai dos meus olhos. Uma pequena lágrima solitária em comparação a tantas que já derramei. Lorena segura em uma de minhas mãos.

— Iza, como podemos ajudar?

Ela faz essa pergunta sem ao menos ter ideia do que estou prestes a contar. Inspiro fundo e conto o que devia ter dito desde o princípio.

— Sei que nenhuma de nós saltou de *bungee-jump*, mas acho que a sensação de estar caindo sem nada para te amparar é a mesma que eu senti durante algum tempo da minha vida. Eu fui empurrada com muita força e a queda tem sido interminável. Durante todo o percurso, só prestei atenção na descida e na preocupação com o impacto que a queda causaria. Mas, essa semana, depois de muito tempo, consegui enxergar a corda cuja função é impedir que eu me despedace ao chegar ao solo. Consegui me lembrar que tenho uma sustentação, algo que me impulsionará de volta para cima. Minha família e amigos são essa corda que sustenta a minha queda. Demorei muito para compreender, por mais que a descida seja em alta velocidade e o medo me envolva dizendo que essa corda não aguentará o impacto, hoje vejo que foi ela que me segurou e me sustentou.

Primeiro falo sobre meu transtorno de ansiedade. Explico o que eu sinto, o tratamento para, só então, dizer o que pode ter gerado tudo isso. Jéssica se mantém firme, ela tenta não demonstrar seu lado sensível que sei que está ali. Lorena chora sem parar. O dilúvio e a chuva de verão que eu mais amo nesse mundo.

Amigos. Cada um com a sua particularidade. Cada qual com a sua verdade. Em tempos de guerra, serão seus escudos, não deixarão que nada te atinja, não permitirão que os mal-intencionados se aproximem. Em tempos de calmaria, serão como um bálsamo para a sua vida, a corda que te impede de cair, serão a sua sustentação. Seu apoio. Seus olhos quando não conseguir enxergar. Seus ouvidos quando não conseguir mais ouvir. Sua voz quando as palavras lhe faltarem e seus pés quando eles estiverem exaustos e

necessitarem de repouso. Serão seus melhores conselheiros mesmo que não encontrem as palavras corretas. Serão as pessoas que dirão “Não desista”, “Você consegue”, “Você pode”, “Só mais um passo”, “Falta pouco”, “Estou contigo”, “Eu estou aqui”. Não importa como seja seu amigo, se ele é um dilúvio e te faz sair da zona de conforto, ou uma chuva de verão que te acalma. Ele está em sua vida por algum motivo, algum propósito ou até mesmo uma missão. Não importa o que aconteça, não importa o caminho que você pegue ou a direção que tomar, ele pode até não compreender, mas vai tentar entender, e isso é o que vale a pena.

E olhando para essas duas a minha frente, tenho certeza de que anjos da guarda existem. São os nossos amigos.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 51

*Take my mind
And take my pain
Like an empty bottle takes the rain
And heal, heal, heal, heal*
(Heal – Tom Odell)^[50]

UM MÊS DEPOIS...

Estou sentada em minha cama, olhando para a tela desligada do meu notebook sobre a escrivaninha há cerca de uma hora. Não entrei em redes sociais, no meu e-mail, no blog. Em nada. Não sei se quero me deparar com pessoas postando fotos de seus momentos “perfeitos” e ver que a vida deles continua apesar de eu ter estacionado a minha, tecnicamente.

Minha mãe aparenta preocupação. Segundo ela, eu estar afastada de tudo o que me alegrava pode acarretar mais consequências, como a depressão. Tenho me isolado, sim, mas não acho que seja para tanto.

A única coisa que realmente tenho prazer em fazer nesse tempo é correr. Faço todos os dias. Levanto às seis da manhã e saio. Gosto desse horário, poucas pessoas, temperatura agradável, só meus pensamentos e eu. Depois que chego em casa, praticamente me tranco dentro do meu quarto. Em outros momentos, ajudo minha mãe na confecção dos doces. Ela tenta puxar assunto, respondo apenas o necessário. Na maior parte do tempo, estou calada, observando. Ouvi meu pai dizer que isso faz parte do meu processo de “cura”.

Cura.

Levanto e trago o notebook para minha cama comigo. Olho para a tela negra por mais um tempo, respiro fundo e o ligo. Continuo ignorando minhas redes sociais e minha caixa de mensagens. Entro no meu blog totalmente abandonado. Centenas de notificações ignoradas. Não leio nenhuma. Apenas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escrevo.

Cura

Restabelecimento da saúde.

Seria somente a física? Ou a mental também se encaixa?

Classificam a cura de uma pessoa quando ela está totalmente bem, quando não há mais indícios da doença. Quando não apresenta mais os antigos sintomas. Uma pessoa curada é aquela que está livre da dor que sentia.

Cura.

Devo estar bem longe dela porque ainda sinto todos os sintomas, todas as dores, todas as consequências que essa “doença” me trouxe. E não falo somente em relação à ansiedade. Digo no geral.

Poderia me classificar como uma pessoa enferma. Quando uma doença é visível, seu tratamento é mais “fácil” relativamente. É possível chegar ao local da dor com precisão, já que se pode ver exatamente o que está fazendo. Mas, e quando é “invisível” aos olhos humanos? Como tratar de algo que não se vê? Quantas baterias de exames serão necessárias para chegar ao diagnóstico correto? E quando é a sua alma que está enferma? Que está padecendo? Sua sanidade esvaindo? Existe algum medicamento para uma alma machucada? Como é possível tratar aquilo que não se pode ver? Ou ao menos sentir? Quem vai determinar qual tratamento melhor se adaptará ao seu caso? Que tipo de cirurgião será capaz de restabelecer a minha alma?

Cura.

Como acalantar uma alma maltratada?

Clico em enviar.

Desvio os olhos da tela e, na minha cabeceira, vejo o livro que comecei há meses atrás, “Entre o Agora e o Nunca”, abandonado. Deixo o notebook de lado, ainda ligado, e vejo a página em que parei.

Não recorro muito bem dos detalhes da leitura, decido recomeçar. Identifico-me com a personagem, ela também precisou se afastar, dar um tempo, reorganizar a sua vida. A diferença é que ela saiu de casa e foi mochilar e eu, no entanto, voltei para casa. Cada um tem uma forma de recomeçar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 52

*Co's she's the girl that I never had
She's the heart that I wanted bad
The song I heard on the radio
That made me stop and think of her*
(Unbreakable – Jamie Scott)^[51]

Hugo

DOIS MESES DEPOIS...

Chego exausto da faculdade. Trabalhei o dia todo. Estou tentando manter a minha cabeça ocupada para não pensar nela. Dois meses sem vê-la. Longos e silenciosos. Pensei em mandar alguma mensagem, e desisti. Será melhor respeitar a sua vontade. Não sei se ela voltará a me procurar ou quanto tempo vai demorar, não importa. Só desistirei quando ela mesma disser que não dá mais.

Enquanto aguardo uma notícia sua, me concentro em entregar meu TCC muito em breve. Falta pouco e, se eu não focar nisso, acabarei perdendo minha apresentação. Ligo meu notebook. Antes de sequer abrir o documento do meu trabalho, entro no *link* que Lorena me passou há um mês. Ela disse que assim eu poderia ter uma noção de como Izadora estaria.

Um blog.

Não fazia ideia que ela mantinha um enquanto estávamos juntos. Não é algo que me surpreenda, já que a Iza se apresenta como “*Anxious*”. Quando entrei pela primeira vez, fiquei realmente mexido com as postagens, ela usa metáforas para expressar o que sente, assim como fez quando disse que precisava de uma pausa.

Desde então, entro todos os dias para ver as atualizações. Não são todos os dias que ela aparece. Semana passada, fez um texto falando sobre ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

relacionamento abusivo e a sua experiência, queria muito estar ao seu lado nesse momento. Choveram comentários sobre o tema, todos os leitores mandaram suas mensagens de ajuda e é bom saber que ela tem esse apoio. Hoje, vejo que um texto foi postado há vinte minutos.

Parede

Vocês, em algum momento, pararam para observar uma parede? Não digo uma parede elaborada, completamente lisa, sem imperfeições. Mas uma parede simples. Sem atrativos nenhum. Eu estava deitada, olhando para a parede do meu quarto e notei que ela é um pouco áspera, quando passei minha mão por sua superfície, notei várias elevações. Ela é uma simples parede e não chama a atenção de ninguém, está ali cumprindo a sua “obrigação”. Entretanto, algo chamou a minha atenção, algo que seria imperceptível se não observado de perto. Notei uma falha que foi encoberta. Talvez, no passado, pensaram em colocar um quadro nessa parede. Essa marca, por mais que a tenham tentado escondê-la, estará sempre ali. Colocaram massa nesse espaço e pintaram para que parecesse igual ao restante. Mas ao passar meus dedos, senti sua “falha”. É como se essa parede trouxesse consigo uma cicatriz. Ela estará sempre ali para mostrar que algo aconteceu, que um prego foi forçado a entrar em sua superfície, que nesse processo esse prego a machucou, deixou uma marca e depois ele foi retirado daquele lugar. Se alguém tivesse pensado melhor, quem sabe não teria sido necessário perfurar essa parede para depois se arrepender do que fez. Não teriam o trabalho de tentar consertar o “erro”, não gastariam com massa, muito menos com tinta, para encobrir esse local e deixá-lo igual ao restante.

Cada luta, cada problema, cada situação difícil que passei foi como se pregos estivessem entrando em mim e rasgando a minha pele. E a cada vez que esse objeto era retirado, deixava cicatrizes por todo o meu corpo. Até hoje estava tentando me esquecer de tudo o que passei, mas percebi que eu estava totalmente errada. Eu não posso esquecer as minhas lutas, pois as marcas estarão ali para mostrar que algo aconteceu, serão minhas cicatrizes, e cicatrizes são eternas, elas fazem de você quem é.

Então, o que eu finalmente percebi hoje é que eu posso lembrar da minha dor, mas ela não pode mais me machucar. Quero chegar ao ponto em que essas cicatrizes serão apenas cicatrizes e não como agora, que ainda são enormes machucados dolorosos que precisam ser tratados. Depois que um machucado sara, dependendo da sua

proporção, ele se tornará uma cicatriz, você pode apertar o local de todas as formas que aquilo não incomoda mais, não machuca mais, não sangra. Vou encarar esse machucado, trata-lo da melhor maneira possível até que chegue o dia em que ele nunca mais incomodará. Até o dia em que olharei para ele e saberei que ele compõe a minha vida; independente se é belo ou extremamente feio, ele é meu e de mais ninguém. Até o dia em que, ao olhar para ele, eu sorrirrei, pois notarei que não sou inquebrável, mas posso e sou reconstruível e que essas cicatrizes me deixaram mais forte, deixou o local mais resistente, que não será qualquer prego que conseguirá perfurar sua superfície.

Cicatrizes podem ser belas, só depende do ponto de vista.

Quando termino de ler, solto minha respiração. Estava presa e eu nem tinha notado. Izadora consegue ser exata e sutil ao mesmo tempo. Não deve ser fácil para ela expor seus pensamentos e sentimentos dessa forma. Ela é muito mais forte do que imagina.

Percebo uma melhora, pois suas postagens estavam sombrias ultimamente. Espero que ela consiga o que deseja.

Como sinto sua falta! O som da sua voz é o que mais sinto falta. A gente acaba se acostumando ao som da voz de alguém que se tornou importante em nossa vida e quando isso é retirado de nós, é como se faltasse um acorde nessa melodia. Izadora é o acorde perfeito e sem ela minha melodia não é a mesma coisa.

A minha música preferida está indisponível no momento. Sei que é por uma causa muito boa. A música, que antes eu apreciava, nesse momento está passando por uma reformulação e virá com uma roupagem diferente, com arranjos de tirar o fôlego. A mesma música, mas melhorada. A mesma Izadora, mas em paz consigo mesma. Eu espero o tempo que for necessário se, no final, eu puder ouvir mais uma vez essa linda canção.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 53

*Nobody said it was easy
It's such a shame for us to part
Nobody said it was easy
No one ever said it would be this hard
Oh take me back to the start
(The Scientist – Coldplay)*[\[52\]](#)

Izadora

TRÊS MESES DEPOIS...

Acordei sentindo uma falta imensa do Hugo. Nunca mais tive notícias dele. Deve estar na correria com a finalização do seu TCC. Queria muito poder estar com ele, dando apoio. Só... ainda não me sinto pronta. Há dias ótimos em que não penso em nada que me traga recordações ruins, e em outros até me lembro delas e sinto dor, mas há também aqueles dias em que eu quero me isolar completamente do mundo, não saio do meu quarto para nada, não tenho ânimo, a vontade de desistir me sufoca. Fico muito tempo sem ter uma crise e nesse momento acho que já estou bem, que logo não será necessária a medicação, que a antiga Izadora está de volta. Então, quando meu coração começa a acelerar, minhas mãos a suarem e minha nuca a doer, sinto que dou vários passos para trás, regresso tudo o que percorri e é absolutamente desanimador.

Meu quarto está abarrotado de coisas, finalmente decidi entregar a casa onde morava em Bauru para sua dona. Meus pais fizeram todo o serviço da mudança. Demorei a tomar essa decisão, pois achei que me recuperaria logo de toda essa bagagem. Engano meu. Olhar para esses objetos me faz querer voltar a morar sozinha. Não faço ideia de quando isso acontecerá.

Ontem recebi uma mensagem de Suzana me contando que Helena e

Gabriela foram demitidas por negligência. Não perguntei o que elas aprontaram dessa vez, mas fiquei feliz com isso, ainda mais quando Suzi me disse que ofereceram a ela o antigo cargo da ex-chefe. Não duvido da capacidade de Suzana, tenho certeza que ela vai gerenciar aquele lugar muito melhor do que a outra, que será a líder que aquela loja precisa, sem abusar do “poder”, sem favorecer a quem lhe agrada.

Saio do meu quarto, sem saber bem o que fazer no dia de hoje. Chego à sala e sento ao lado do meu pai que assiste a um jornal. Imediatamente, ele tenta mudar de canal, eu o interrompo.

— Pode deixar aí, pai. Está tudo bem — tento tranquilizar a situação.

Na reportagem, estão falando de uma vítima de estupro e os comentários que surgiram nas redes sociais. Fico enojada com as imagens e com o que leio. Parece que essa moça saiu de casa com uma saia curta à noite e os comentários são extremamente ofensivos, dizendo que a culpa é toda dela por estar com aquela roupa, que ela não deveria sair de casa altas horas da noite sozinha, que isso é pedir para ser abusada. Meu pai me olha de lado, preocupado, pois sabe o que passei naquela noite na boate, não escondi mais nada. Ele tenta me manter longe desse tipo de assunto, achando que eu não me sentiria bem. De certa forma, ele tem razão, mas não me sinto bem por motivos totalmente diferentes de antes.

Estou mal por essa moça que está sendo discriminada. A maioria dos comentários são de homens. O que me deixa realmente preocupada é ver várias mulheres apoiando esse tipo de pensamento. Será que elas não se colocam no lugar da moça? Meu coração dispara, meu peito vibra de indignação. Levanto impetuosamente, vou direto ao meu quarto, ligo o notebook, entro no blog e deixo as palavras saírem, ganharem corpo.

Essa Moça

Quero compartilhar algo que aconteceu comigo esse ano. Senti essa necessidade de falar depois que assisti a uma reportagem sobre uma moça que sofreu estupro.

De acordo com aquelas mentes medíocres, a responsabilidade foi dessa moça porque não aconteceria se ela “não usasse minissaia” ou “mulher que sai tarde da noite sozinha está pedindo por isso” e tantas outras coisas que não irei reproduzir aqui. Só sei que, no final,

eles estavam dizendo que essa moça estava se fazendo de vítima. Oi?

Como assim “se fazendo de vítima”? Ela é a PRÓPRIA vítima. Essa moça passou por momentos extremamente cruéis e nenhum de nós estava lá para dizer o contrário. Essa moça saiu da sua casa para se divertir e não é porque ela usou uma roupa nada “conveniente” que estava errada. A vida é dela, portanto ela tem direito de fazer o que bem entender. Não é uma roupa que vai determinar se estou ou não “classificada” para esse ato desumano. Essa moça não pensou “vou sair a essas horas porque assim as chances de ser abusada serão maiores”. Essa moça não se arrumou, dedicou tempo na sua produção “apenas” para que isso acontecesse. Essa moça não acordou nesse dia e pensou “hoje acontecerá algo que mudará totalmente a minha vida”.

Meses atrás eu fui essa moça. Meses atrás, uma pessoa tentou abusar de mim. Meses atrás eu estaria nos noticiários se não tivessem me ajudado. Meses atrás eu novamente senti que não podia controlar o que acontecia com meu corpo. Meses atrás eu teria sido uma vítima.

Fui a um bar com música ao vivo e dancei com um cara por ter insistido tanto que acabei cedendo. Grande erro foi o meu. Em um determinado momento, procurei por uma amiga em todos os lugares do local e nada, até que esse cara “sugeriu” para que procurássemos minha amiga no estacionamento do lugar e, como estava muito preocupada para encontra-la, uma vez que ela não atendia ao telefone, fui. E então, foi aí que aconteceu. Ele tentou me abusar, encontrou a oportunidade “perfeita”, sem ninguém por perto, som alto, lugar escuro, e estava quase conseguindo, quando uma pessoa, que acabou se tornando meu amigo, chegou e me livrou dessa situação.

Agora vem as perguntas.

Eu estava com roupa “inapropriada”? Não. Calça jeans e camiseta.

Era tarde da noite? Não eram nem dez horas.

Saí de casa com o intuito de me fazer de vítima? Me poupe!

Vitimismo. Ainda há quem diga que mulheres abusadas, seja sexualmente ou psicologicamente, se fazem de vítima, que tudo isso é uma tempestade em um copo d’água. Que se não tivesse saído de casa, talvez isso não teria acontecido. Que as roupas que usamos vão determinar se seremos ou não assediadas. Essas pessoas que dizem isso não sabem como é sair na rua e, a cada passo que der, olhar

para trás para conferir se tem alguém por perto. Não sabe a sensação de estar sozinha em uma rua e ouvir passos atrás de si e sentir alívio ao notar que é outra mulher. Não sabe como é gostar do que vê no espelho, e decidir prender o cabelo ou retirar o batom para que não chame a atenção de algum homem na rua. Não tem ideia de quão assustador é se preocupar com essas coisas antes de sair de casa.

Empatia. Antes de acusar, julgar ou questionar, se coloque no lugar dessa pessoa. Você não tem ideia de quão dolorida é a sua luta.

Compreender mais, julgar menos.

Afinal, o futuro é incerto e não tem como prever se algum dia alguém aqui será essa moça.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 54

*I'm a survivor
I'm not gon give up
I'm not gon stop
I'm gon work harder
I'm a survivor
I'm gonna make it
I will survive
Keep on survivin'*

(Survivor – Destiny's Child – versão Clarice Falcão)^[53]

QUATRO MESES DEPOIS...

Somos todos sobreviventes, corremos riscos diariamente, seja ao atravessar uma rua, ao ligar um chuveiro com os pés descalços, ao subir em uma escada ou simplesmente ao abrir os olhos pela manhã. Você percebe que mais um dia se passou sem acidentes de percurso, que a cada amanhecer é uma nova oportunidade que ganhamos. Sobreviventes nesse mundo tão perigoso e egoísta. Somos sobreviventes porque estamos resistindo em meio a todas as circunstâncias ruins que nos cercam. Quem nunca passou por algo que te desafiasse ao extremo? Uma experiência de risco? Ou um embate?

Acabei de chegar de mais uma consulta com a minha psicóloga, ela me ajudou a olhar para os meus problemas de uma forma diferente. Disse algo que chamou a minha atenção.

— Izadora, se tudo isso pelo que passou não te destruiu, tenha certeza que te fortaleceu. Você passou por uma guerra e esse tipo de ferimento é realmente complicado de se tratar, principalmente o estresse pós-traumático. Voltar de uma guerra pode ser aterrorizante, estava “acostumada” a ouvir bombas sendo jogadas próximas a você, a viver alerta diariamente, a desconfiar de tudo e de todos, mas em determinado momento você precisará

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

encarar o fato de que está de volta, que é uma sobrevivente, que a vida vai continuar, independentemente de ter sequelas ou não. A vida vai continuar.

Ela fez uma pausa para me permitir absorver suas palavras, perceber seu impacto e, provavelmente, me preparar para o que diria em seguida.

— Então, nos dias em que estiver aqui precisará tomar uma decisão muito importante. Precisarás decidir se irá odiar aquela pessoa que te machucou na guerra e te fez voltar, sentir dor e raiva toda vez em que se lembrar dele ao olhar para alguma eventual cicatriz, ou irá trabalhar seus sentimentos para que, em algum dia, quando se lembrar de como conseguiu essa cicatriz, a lembrança não te machuque mais. Não estou dizendo para tentar esquecer, de forma alguma! Quero que se lembre, mas que não doa mais. Traga à memória as suas batalhas para poder ganhar forças para as próximas. Eu estaria te enganando se dissesse que jamais se machucará novamente. Mas estará mais forte, mais experiente, mais sábia. Será uma sobrevivente, e sobreviventes não se cansam de lutar. É como uma pomada para algum machucado, no início vai arder, vai incomodar, e depois de algum tempo, quando essa pomada for aplicada, sentirá alívio. Aquilo que te incomodou, que doeu, foi o que precisava para sanar a sua dor.

Nesse exato momento, estou tentando praticar o que minha médica explicou. Depois de muito tempo, faço uma prece pedindo para que Pedro consiga encontrar paz, que seu espírito encontre o caminho.

De início, só de pensar em seu nome, me sentia bastante incomodada, mas sei que posso ser melhor que isso. Eu sou melhor que isso. Não vou parar por aqui. Eu vou conseguir. Eu não vou desistir.

Eu sou uma sobrevivente e sobreviventes não se cansam de lutar.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 55

*I wanted you bad
I'm so through with it
Cuz honestly you turned out to be the best thing
I never had
I said, you turned out to be the best thing I never
had
And I'll never be the best thing you never had
Oh baby I bet sucks to be you right now
(Best thing i never had – Beyoncé)^[54]*

CINCO MESES DEPOIS...

A quantidade de pessoas acessando meu blog cresceu de forma rápida. Depois que coloquei em pauta o relacionamento abusivo que vivenciei e a tentativa de estupro, as mensagens estão transbordando na minha caixa postal. Criei o blog porque queria tanto me ajudar e agora sou eu quem está “ajudando” essas mulheres. Elas pedem conselhos, recebo desabafos e centenas de perguntas relacionadas com os temas, o que tem feito com que eu me empenhe cada vez mais, me tira o foco das coisas que me colocam para baixo, me faz correr atrás de todo o tipo de informação para tentar de alguma forma ajuda-las.

Interessantemente, sou eu a mais ajudada. O contato com todas as manas, é assim como nos chamamos, tem me fortalecido. Sou grata por essa confiança, pois muitas que falam comigo ainda vivem em relacionamentos extremamente abusivos, mas sei que elas conseguirão.

Um comentário chamou a minha atenção na semana passada. A pessoa indicava um tipo de tratamento bem diferente, uma técnica Reiki. Fui atrás de algumas informações e parece ser um tipo de terapia com “imposição de mãos”. Técnica japonesa que envolve energia, reduz o estresse e induz ao

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

relaxamento que promove a cura. De acordo com o que li, se o nosso nível de “energia vital” estiver baixo, a probabilidade de ficarmos mais propensos as doenças ou mais estressados é alta. Reiki não é uma religião, não há dogmas ou a necessidade de se acreditar em algo para receber. Reiki não dependerá da sua crença para que dê certo, independente se você vai crer ou não, a técnica fluirá da mesma forma.

Hoje terei minha primeira experiência com um Mestre Reiki. Minha mãe irá junto, ela ficou muito curiosa para saber mais e talvez faça também. Por isso que, quando digo que essas pessoas têm me ajudado muito, esse contato com elas, não estou exagerando. Trocamos diversas informações e tudo o que vem para o nosso bem é aceitável.

Antes de sair, quero deixar uma mensagem para as minhas manas, essas mulheres que estão aqui no blog diariamente e que acabam deixando a sua dor de lado para ajudar o próximo.

Doce Amor

Você sente que amor só vem da sua parte. Amargo.

Você sente medo ao tentar opinar sobre alguma coisa. Amargo.

Você se sente sozinha, todos os seus amigos se distanciaram.
Amargo.

Você não se sente mais a mesma pessoa. Amargo.

Você se sente culpada, diariamente. Amargo.

Você chora muito mais que sorri. Amargo.

Você se sente na obrigação de fazer algo mesmo sem a sua vontade.
Amargo.

Você se sente aprisionada em sua própria casa, em sua própria vida.
Amargo.

Você precisa calcular todas as palavras antes de falar. Amargo.

Você é agredida física e psicologicamente. Amargo.

Você carrega os tons de roxo na pele. Amargo.

Você nunca mais usou aquele lindo batom. Amargo.

Você ouve todos os dias que ninguém se interessaria por você.
Amargo.

Você é uma idiota, diz a voz. Amargo.

Você é uma puta se usar isso. Amargo.

Você nunca mais amará novamente. Amargo. Muito amargo.

Se amarga toda vez em que você o sente,

Se amarga toda vez em que o vê,

Se amarga toda vez em que ele vai embora,

Se amarga toda vez em que ele se “arrepende”,

Se amarga a sua vida, todos os dias, se o gosto do amargo te acompanha por onde for, se o amargo acabou se tornando o sabor que mais sente, se mesmo tentando ingerir qualquer outra coisa para que esse gosto saia, ele permanece, talvez esteja na hora de experimentar algo doce.

Se libertar. É doce.

Se aceitar. É doce.

Se amar. É doce.

Se levantar. É doce.

Se divertir. É doce.

Se afastar. É doce.

Se sentir livre. É doce.

Amor próprio. É muito doce.

Ser respeitada. É doce.

Se sentir compreendida. É tão doce.

Se sentir em paz, mesmo estando completamente sozinha. É doce.

O amor é doce.

Quando esse sentimento se tornar qualquer outra coisa que não seja doce, recuse.

Você é a melhor coisa que ele nunca terá.

Seu amor é extremamente doce, se ele não conseguiu senti-lo era porque já estava amargo há muito tempo. E você merece algo doce, um amor doce, nada menos que isso.

Qualquer forma de amor que não seja doce, não é aceitável.

Meu desejo é que vocês encontrem a doçura que é poder amar.

Ao terminar de escrever, Hugo vem à minha mente. Foi o amor mais doce que eu tive. E estou com tanta saudade desse amor...

Quando esse amor me foi proporcionado, eu ainda estava envolta em amargor, não consegui desfrutar da sua totalidade. Agora já consigo sentir o sabor desse sentimento, é puro e real. Hugo ainda é real, ele está lá e disse que me esperaria. Mas se passaram tantos meses que não sei ao certo se isso se mantém em pé. Não sei se em algum dia sentirei novamente o seu sabor.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 56

*And when you're needing your space
To do some navigating
I'll be here patiently waiting
To see what you find
(I won't give up – Jason Mraz)*^[55]

Hugo

Um mês. Hoje tem exatos trinta dias que não entro no blog de Izadora, depois de ler a postagem dela sobre a tentativa de estupro. Fiquei tentando recordar para identificar quando ocorreu o fato. Conversei com o Cris, seu antigo vizinho, e descobri que foi no dia anterior a minha ida à casa dela. Como não pude perceber sua angústia? Fiquei mal por saber que ela decidiu não compartilhar comigo. Não exatamente por isso, mas por não perceber nada quando estava com ela.

Lorena enviou uma mensagem dizendo que notou uma melhora significativa em Izadora, está mais sorridente, mais segura, mais em paz consigo mesma, o que é muito bom.

Resolvo, então, entrar no blog depois de tanto tempo. Conforme avanço nas postagens, percebo que Lorena tem razão. Ela está encarando todos os seus demônios, seus textos estão ficando mais leves na intenção de ajudar a quem está lendo e não ser somente um desabafo dela. Assim que termino de ler a última postagem, um pequeno sorriso brota em meus lábios. A delicadeza com que ela usou as palavras para falar de algo tão horrível é linda, ou doce, de acordo com suas próprias palavras.

Izadora está em altos mares, navegando, se redescobrando. E eu esperarei pacientemente para, quando ela voltar, me contar o que conseguiu descobrir nessa jornada.

Somente depois que confirmo as palavras de Lorena, abro meu TCC e o estudo com afinco. A apresentação acontecerá no final dessa semana.

Lembro que Iza e eu tínhamos combinado de, depois da apresentação, comemorar muito. Por mais que eu tente, ainda tenho expectativas de me deparar com ela em minha porta, dizendo que está pronta e que ficaremos juntos. Mas não quero criar falsas esperanças, então me concentro no trabalho, desejando que sua árvore volte a dar frutos, que seu inverno esteja finalmente acabando, que eu possa estar presente quando as flores da primavera começarem a se abrir.

Que essa flor me permita apreciá-la da maneira que sempre mereceu.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 57

*I remember all of the things that I thought I
wanted to be
So desperate to find a way out of my world and
finally breathe
Right before my eyes I saw, my heart it came to
life
This ain't easy it's not meant to be
Every story has its scars
(Remedy – Adele)^[56]*

Izadora

SEIS MESES DEPOIS...

Natal.

A casa toda está decorada com o tema, luzes estão piscando em nossa árvore, a mesa de jantar traz consigo uma linda toalha enfeitada com imagens natalinas. Meus pais fazem questão de que todo ano seja assim, pois sabem que é a época que eu mais amo. Adoro todo o clima, as festas e até as pessoas parecem diferentes no Natal, estão mais gratas, solidárias, amorosas. Quando eu era pequena, de tanto que amava tudo isso, consegui convencer meus pais a fazerem uma festa para mim com o tema natalino em pleno carnaval. É um momento mágico, tenho a sensação de que posso realizar qualquer sonho que almejar, como se tudo fosse possível, apenas por ser Natal.

Alguns parentes estão em nossa casa, meu pai e eu ajudamos o dia todo a minha mãe na preparação da ceia. A mesa está linda como em todos os anos. Hoje, estou me sentindo como antigamente, muito bem, em paz e não como nos últimos anos, que foram devastadores. O Natal para mim é como um tipo

de remédio, com boas vibrações, energia positiva, me acalma e me dá esperança.

Do outro lado da sala, observo como Lorena e Cris estão bem juntos. Ele a trata com respeito e é notável o quanto se gostam. Fico feliz por eles, o amor deles é doce. Recordo de Hugo e da sua apresentação do TCC mais uma vez. Eu não fui, e fiquei me lembrando dele o dia todo e desejando que se saísse bem. Não tenho dúvidas de que foi uma excelente apresentação.

Esse último mês tem sido bem diferente de todos os outros, não sei se é porque estou conseguindo fazer o que a minha psicóloga recomendou, ou por eu estar em paz comigo mesma. Talvez seja a técnica Reiki que tem me auxiliado muito. No final, deve ser todas essas coisas juntas que estão me ajudando. Tive somente uma pequena crise, o que é significativo depois de tantos meses com crises diárias. Tem sido uma grande vitória. Cada dia sem lembrar e sem doer, sem ter crise ou sem me culpar por algo que eu não fiz é uma vitória. Mas isso tudo não quer dizer que eu esteja cem por cento ou curada, pode levar anos para isso acontecer. O que eu quero dizer é que a cada dia consigo enxergar uma nova possibilidade, cada amanhecer uma nova chance. Um recomeço.

O que me fez realmente enxergar que eu tinha dado alguns passos para frente foi destrancar a matrícula do meu curso na minha antiga faculdade. Volto às aulas no próximo ano, está na hora de perseguir os meus sonhos. Só que, por mais que esteja pensando assim, há dias em que quero fugir de tudo, me isolar, ficar sozinha.

Minha médica disse que isso é normal, todos precisamos de um tempo consigo mesmos. Às vezes me pego pensando que talvez esteja me iludindo, aquela voz fica me dizendo que tudo o que faço é para não lembrar o meu passado, porque, assim que lembrar, vou decair, voltarei à estaca zero. São nesses dias que procuro estar mais próxima da minha família, do meu cais, meu porto seguro.

Afasto-me das pessoas discretamente e sigo em direção ao meu quarto.

— Aonde vai, filha? — minha mãe está ao pé da escada, me olhando preocupada. Não fui tão discreta quanto imaginei.

— Até meu quarto. Não se preocupe, volto logo — tento tranquiliza-la.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fecho a porta e ligo o notebook. Não me esqueço das manas, elas são parte fundamental da minha vida agora.

Novelo de Lã

Meses atrás eu estava refletindo sobre um novelo de lã, algo aparentemente simples, que não chama muita atenção, nem a de ninguém. Essa bola de lã estava absurdamente embaralhada, cheia de nós que deixavam feia a sua aparência. Lembro que tentei de todas as formas desfazer cada nó, mas quanto mais eu mexia nessa peça, pior ficava a sua estrutura. Pensei até mesmo em cortar todos os nós que se mostravam teimosos em se desfazer. Não lembro se acabei fazendo isso, o que recordo é que a minha preocupação naquele momento era que, quando eu cortasse essa linha, o trabalho aumentaria, pois em vez de duas pontas, a cada linha cortada, eram acrescentadas mais duas pontas, ou seja, levaria o dobro do tempo para conseguir me livrar daqueles nós e o novelo ficaria com muitas falhas, quem sabe até inutilizável.

Comparei toda essa situação com a minha dificuldade em falar sobre o que havia acontecido comigo. Eu jamais tinha sido franca com alguém sobre o assunto, então ao falar para alguém eu comparava com o corte da linha. Além de falar, teria de justificar muitas outras coisas, o trabalho “aumentaria”, seriam pontas demais para unir. Falhas demais para encobrir. Fiquei com medo, com muito medo. Só que quando eu finalmente me abri e tirei todo esse fardo que carregava sozinha, ao passar do tempo, percebi que estava enganada. As pontas duplicaram, sim, mas o maior trabalho estava em cortar a linha e não em remenda-la. Só eu podia fazer isso, só eu poderia cortar essa linha, a tesoura estava em minhas mãos, a decisão era minha e de mais ninguém. Preocupei-me antecipadamente com o que poderia acontecer ao invés de me preocupar com o que já estava acontecendo. Estou remendendo essa linha a cada dia que passa. Não será mais um novelo perfeito, liso, sem falhas, mas os nós estão sendo eliminados e eu sei que isso não é garantia de que nunca mais haverá nós em minha vida. A forma como lidarei com eles é que mudará. Qualquer tipo de corte machuca, fere e sangra, contudo o corte será fundamental para poder eliminar aquilo que incomoda.

O que eu quero que saibam é que a “tesoura” está em suas mãos, ela pode parecer muito pesada ou sem jeito para pegar, mas não tenha medo. Use-a. Corte. Elimine. Arranque todos os nós que estão dificultando a sua vida. A decisão é sua, por mais que doa, por mais que seja difícil, é sua. O trabalho de realinhar essas linhas não será

fácil, eu sei disso por experiência própria, contudo tem valido a pena. Eu sei que vocês conseguirão. Alcançarão. Vocês podem e conseguem fazer isso. Não tenham medo. Vai dar tudo certo. Talvez o corte seja o remédio. Use-o. E obrigada por estarem comigo até aqui, Manas.

Que o seu Natal tenha paz. Muita paz.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 58

*I'm giving you up
I've forgiven it all
You set me free, oh
Send my love to your new lover
Treat her better
We've gotta let go of all of our ghosts
We both know we ain't kids no more*
(Send my love (To Your New Lover) – Adele)
[\[57\]](#)

ANO NOVO

Caminho pelo centro da cidade em busca de alguma roupa confortável para passar a virada do ano na casa dos meus tios em uma edícula. Quero algo simples, já que estaremos somente em família. Entro em uma pequena loja e começo a olhar as blusas, bem básicas, quando meu telefone toca.

— Alô?

— Vaca, vamos a uma festa hoje? — Lorena me pergunta.

— Não vai dar, ficarei na casa dos meus tios, é como se fosse uma tradição...

— Pare com isso. Tem tempo suficiente para ficar lá e depois sairmos, a Jéssica irá junto. Só as três...

Penso por alguns minutos, faz muito tempo que não saímos juntas.

— Além do mais, seria meio que uma despedida, né... — que jogada de mestre!

Jéssica mudará para Belo Horizonte, conseguiu a tão sonhada faculdade. Com isso, ela me ganha.

— Tudo bem, eu vou!

— Te pego às onze! — desliga, toda animada.

Resolvo comprar um short de cor neutra e uma blusa branca rendada com brilho. Quando volto para casa, conto para minha mãe que sairei com as meninas. Ela não esconde a sua alegria ao saber disso. Foram muitos meses de confinamento no meu próprio casulo, está na hora de começar a encarar o mundo.

Ajudo meus pais na finalização dos doces que levaremos, vou para o meu quarto, olho para o espelho e finalmente começo a enxergar a antiga Izadora. Ela sempre esteve aí, escondida embaixo de tanta dor e sofrimento, se encolheu tanto a ponto de achar que nunca mais conseguiria se levantar.

— Oi — digo para a minha imagem refletida no espelho. Suspiro ao tocar o vidro frio do objeto. — Quanto tempo... Não tenha medo, vai ficar tudo bem. Eu prometo...

Lágrimas caem por meu rosto. Não é um choro de sofrimento ou de angústia. Ele é diferente, como se estive lavando por onde passa, como um bálsamo. Vou até meu banheiro e tomo um demorado banho. Ao voltar para o quarto, me deparo com o notebook, lembrando que não escrevi nada hoje e quero muito deixar alguma mensagem para as manas. Só estou sem inspiração no momento, então começo a me arrumar, pois iremos mais cedo para ajudar meus tios. Minha mãe entra no quarto e me observa enquanto me arrumo, algo que eu não fazia mais com tanta frequência.

— Podemos conversar um instante? — ela pergunta, um tom de voz sério. Paro de pentear meu cabelo e olho em seu rosto.

— Sempre.

Sentamos juntas sobre minha cama, mantendo contato visual. Não tenho ideia do que ela quer falar.

— Deve estar se perguntado o porquê dessa conversa agora — apenas confirmo. — Se lembra de quando conversamos na cozinha sobre você ser um navio e seu pai e eu, o cais?

— Com certeza, jamais esqueceria aquele momento — um sorriso brota

em meus lábios.

— Pois bem. Não sei qual tipo você escolheria ser, um Titanic ou um barco a vela. Se é uma grande embarcação que chama a atenção por onde passa ou um simples barco que, de tão pequeno, sua presença talvez não seja notada. Só sei que esse barco chegou no cais aos pedaços, sua estrutura toda danificada, sua beleza estava escondida por muitas camadas de ferrugem. E quando eu vi aquilo levei um choque, pois tinha enviado para alto mar a embarcação mais resistente que poderia existir. Eu não sei como lidou com a força da tempestade, muito menos como conseguiu chegar até aqui. Mas fazia alguma ideia apenas olhando para o que sobrou, pois o que eu via me causava espanto, foi necessária uma tempestade sem precedentes para conseguir danificar dessa forma. A força da água deve ter sido tão grande que por alguns instantes essa embarcação submergiu.

Estou chorando, é inevitável. Acho que sei com quem aprendi a usar coisas simples como exemplo para explicar algo complicado.

— De cara — continua ela —, achei que não teria solução, que tudo estava perdido. Foi aí que a maior surpresa apareceu, quando olhei melhor e vi que o motor da embarcação ainda funcionava. Era tudo o que eu precisava. Então a reconstrução desse barco se iniciou, um trabalho árduo, pois manejado de forma incorreta poderia destruir ainda mais o que sobrou. Foram muitas noites em claro para conseguir reconstruir, muitas marcas teimosas não quiseram sair, mas não tinha problema, elas estavam ali para mostrar que esse barco atravessou grandes tempestades. As cicatrizes são inevitáveis, mostram que essa embarcação passou por momentos extremos e mesmo assim voltou a navegar, muito mais forte, muito mais rápido e muito mais confiante. Quando outra tempestade se aproximar, o navio estará pronto para ultrapassar essas águas e conseguirá, porque é insistente, porque tinha tudo para desistir e não o fez. Hoje, finalmente ele começará a se distanciar do cais, onde ficou por muito tempo. Ele foi feito para isso e, por mais que esse cais sinta a sua falta, a certeza que ele tem é que esse barco sempre voltará. Contudo, ele não deixará que chegue ao estado que chegou da última vez para pedir conserto. Esse barco está experiente e ele sabe exatamente aonde ir quando precisar de ajuda.

Minha mãe respira fundo, segura as minhas mãos nas suas e as acaricia.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Izadora, minha filha, ao olhar para você percebo que está pronta para estar novamente em alto mar. Hoje é o último dia deste ano, tudo o que aconteceu ficará para trás, uma nova chance nos é dada. Amanhã será um novo dia, um livro com suas páginas em branco, pronto para recomeçar. Recomece a sua história, recomece quantas vezes forem necessárias, mas nunca deixe de recomeçar. Permita-se recomeçar! Então, minha filha, é melhor andar logo, ligue esse barco, você tem um imenso mar à sua disposição. Recomece sua jornada, afinal, barcos foram feitos para isso. Navegar.

Quando minha mãe se cala, eu a abraço o mais forte que consigo. Não deixo de me surpreender com suas palavras. Ficamos abraçadas por um longo tempo. Após ela sair, sei exatamente o que mandar para as minhas manas.



Estamos na balada para qual Lorena nos arrastou. O som está alto e tem muita bebida. Eu não estou bebendo, nem ousaria misturar medicação com álcool. Danço ao lado das minhas amigas, o clima é de cumplicidade e despedida ao mesmo tempo. Prometemos que não iríamos chorar, promessa vã. Nos abraçamos e dançamos as próximas músicas dessa forma. O som diminuí e alguém fala ao microfone.

— Vamos lá, pessoal! Vai começar a contagem regressiva!

Aproximamo-nos e assim um pequeno círculo é formado, as três juntas nesse momento, nessa virada. Ao olhar para as minhas amigas, sinto paz, algo que há muito me foi tirado, paz de espírito e um coração mais leve.

— Dez!

Eu sou um navio.

— Nove!

E em algum momento do percurso minha estrutura foi danificada.

— Oito!

Demorei, mas voltei para o cais.

— Sete!

Completamente sem forma.

— Seis!

E não desistiram de mim.

— Cinco!

Enxergaram beleza onde não havia.

— Quatro!

Ganhei uma nova chance. A embarcação foi reconstruída.

— Três!

Ligo o motor.

— Dois!

Afasto-me do cais.

— Um!

Novamente em alto mar.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 59

*When, when the fire's at my feet again
And the vultures all start circling
They're whispering, "you're out of time"
But still, I rise
This is no mistake, no accident
When you think the final nail is in, think again
Don't be surprised, I will still rise*
(Rise – Katy Perry)[\[58\]](#)

UMA SEMANA DEPOIS DO ANO NOVO...

Através da janela do carro, observo a beleza das árvores. Ninguém necessariamente cuida delas, não existe uma pessoa específica que vai ao seu encontro e as rega ou faz a poda. Em algum momento, alguém teve a ideia de plantá-las ali para que fossem um atrativo a quem passasse por esse caminho. No entanto, a pessoa que plantou essas sementes pode nunca mais ter retornado ao local e, mesmo assim, as árvores continuaram a crescer, a se erguer, se abrir e florescer.

A própria natureza se encarregou de cuidar de cada uma, proporcionando tudo do que precisam para crescer. Elas têm o calor do sol e o alívio da chuva e isso é o suficiente. Pode parecer tão pouco aos nossos olhos, mas essas árvores são gratas à natureza por cada cuidado recebido. Elas demonstram gratidão em toda a sua beleza e esplendor. Mesmo em um solo danificado que tentou de todas as formas prejudicar o seu crescimento, se ergueram e são majestosas atraindo a atenção de cada pessoa que passa por ali. Para muitos, elas passarão despercebidas, serão apenas mais algumas árvores no caminho. Uma árvore qualquer.

Mas para mim não é bem assim. Observando e refletindo sobre cada uma delas, sei que preciso da sabedoria das árvores. Suas raízes são profundas, consistentes e teimosas, pois, por mais que haja obstáculos no caminho, elas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

não são intimidadas e com sua força empurram tudo o que estiver em sua frente, abrindo passagem para se estabelecer no lugar. Costumam ser altas com troncos sólidos e, mesmo enfrentando os maiores vendavais, não se entregam; podem até se inclinar, mas voltarão a se erguer. A mãe natureza é a fonte de recursos e, ao mesmo tempo, aquela que traz as tempestades enfrentadas por tais árvores. São gratas, pois cada tempestade as fortalecem, as deixam mais resistentes, mais fortes, mais preparadas. Elas sempre se erguem, é sua maneira de demonstrar gratidão. Com as pequenas chuvas, aprendemos a nos proteger para que, quando as maiores vierem, estejamos preparados. Assim é com a nossa vida. Ela trará grandes obstáculos que nos testará e nos preparará para outros maiores ainda. A vida é a nossa mãe natureza, ela nos proporciona muita coisa, e também será a mesma que trará as lutas as quais terei de enfrentar.

Eu poderia achar tudo isso muito injusto e querer somente a parte boa, porém nesse momento sou grata. Sim, o sentimento dominante é de gratidão. Grata por ter tido a chance de poder me reerguer. Grata por cada ensinamento que a vida me presenteou. Por estar ciente que hoje sou muito mais forte; o vento pode até tentar derrubar que essa árvore vai se manter erguida. Raiva, ódio e tristeza são como algumas folhas que compõem essa planta e estou aprendendo a deixar que cada uma dessas folhas seque e caia, pois não pertencem a mim, não farão parte da minha vida. A raiva secou. O ódio não floresceu, a tristeza se soltou e lentamente caiu.

Essa noite, eu praticamente não dormi. Foram poucas horas de sono, porque algo me incomodou a noite toda como que me dissesse que ainda faltava fazer mais alguma coisa. Que esse processo de aprendizagem só continuaria se eu não deixasse essa ponta do novelo de lã solta. Eu sabia exatamente o que era e não estava com medo ou insegura, só não tinha noção de como fazer.

Quando desisti definitivamente de rolar na cama e vi que eram cinco e meia da manhã ao olhar para o relógio, resolvi não pensar em como faria, apenas levantei, tomei um banho, meu café da manhã e saí. Deixei um recado para que minha mãe não ficasse preocupada e agora estou chegando a Bauru. Espero que eu chegue a tempo. Não estou mais me apegando a dias, semanas ou meses, isso pode ser bem relativo e para uma pessoa com ansiedade a

noção de um tempo fixo acaba se tornando angustiante. Só sei que estou sentindo muita falta dele e preciso vê-lo.

Dirijo até o campo onde costumávamos correr juntos todas as manhãs. Tentarei a sorte, pois não sei se ele ainda corre aqui. Estaciono; há várias pessoas no local, são quase sete da manhã. Saio do carro e começo a andar, observando esse lugar que me traz tantas memórias boas, todas com ele. Reviro os olhos ao lembrar de Lorena me dizendo, de “forma natural”, que Hugo ainda perguntava por mim e continuava solteiro. Permaneço caminhando, o local é muito grande. Sinto minhas mãos suadas, mas isso não chega a me incomodar como antes, aprendi a conviver com minha ansiedade. Dou quase uma volta completa e começo a desistir quando o avisto.

Ele está correndo nessa direção e, assim que percebe a minha presença, diminui a corrida até estar andando diretamente para mim. Hugo usa sua habitual roupa de corrida, shorts e regata preta. Ele me olha seriamente, mesmo assim noto surpresa em seu olhar. Retira os fones de seus ouvidos ao se aproximar de mim, parando a uma pequena distância. Consideravelmente próxima. Coloca as mãos na cintura enquanto recupera o fôlego. Nenhum dos dois desvia o olhar. A insegurança tenta me cercar e dizer que não vou conseguir, que foi uma perda de tempo ter vindo até aqui. Afasto esses pensamentos rapidamente, eles não irão me dominar.

— Oi — minha voz é quase um sussurro.

É tudo o que consigo dizer de início.

— Oi — a voz rouca me responde com suavidade. Como senti falta desse som!

Ficamos em um silêncio constrangedor. Ele está esperando que eu fale já que dirigi até aqui para isso, mas as palavras simplesmente sumiram. Sei que não é medo, pois se fosse, eu não teria vindo. Muito menos insegurança, caso contrário não teria coragem de entrar no carro e pegar a estrada. É um sentimento diferente, totalmente novo, e eu o estou descobrindo agora.

— Izadora, está tudo bem? — Hugo se aproxima ainda mais, assim ficamos muito próximos e sinto levemente sua respiração.

— Acabei de descobrir uma coisa... — ele me olha com paciência, como

sempre fez.

— O que descobriu?

Sorrio ao constatar o que é, devo estar parecendo uma boba. Não ligo. Não mesmo.

— Eu vim até aqui para te ver e dizer o que estou sentindo e percebi que é a primeira vez em muito tempo que estou fazendo isso simplesmente porque eu quero, porque sinto vontade, porque decidi e porque estou em paz com essa Izadora — digo apontando para mim mesma. — Não é mais aquele sentimento de obrigação ou medo. De me ver manipulada a ter que fazer ou sentir coisas que não quero. Eu escolhi estar aqui. Liberdade. Hoje sei exatamente o que quero e não tenho medo disso. É libertador.

Hugo se aproxima mais ainda de mim, nossas testas praticamente se tocam, mas ele não move as mãos, me provoca. Hugo me sonda, sabe o que estou fazendo aqui, só quer ouvir da minha boca as palavras exatas.

— O que você quer, Izadora? — sua voz sai mais baixa, o tom urgente mais intenso. Seu hálito faz cócegas em meu nariz.

Diferente de outros tempos, a insegurança não está ao meu lado me intimidando, nem o medo me apavorando. Fixo meu olhar em seus olhos e a intensidade deles me encoraja.

— Eu quero você, Hugo — ele arqueia uma sobrancelha ao mesmo tempo em que sorri, e assim o que antes era incompleto se torna sólido. — Eu te amo...

Tenho a sensação de que Hugo vai me beijar, entretanto, no momento em que começo a fechar meus olhos, ele segura em minha mão e me direciona.

— Venha, quero te mostrar algo — sua voz traz animação.

Eu o acompanho ainda confusa com o que está acontecendo. Definitivamente essa não era a reação que eu esperava. Caminhamos por algum tempo em silêncio, Hugo sabe exatamente aonde quer me levar. Percebo que observa o gramado durante o caminho como se estivesse procurando o local exato para seja lá o que queira me mostrar. Paramos embaixo de uma grande árvore com várias vegetações menores ao seu redor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Em todo esse tempo em que passava por aqui correndo, não tinha o costume de reparar nesse lugar até o dia em que notei isso — ele aponta para várias flores de tamanho razoavelmente grande. Parecem fortes, são lindas e simples, mas não consigo recordar o nome.

— Que flores são essas?

— Violetas. Descobri o nome posteriormente — ele parece orgulhoso ao olhar para elas. Eu ainda não consegui entender o que viemos fazer aqui.

— Você as plantou? — tento sanar minha curiosidade.

— Não — ele se agacha para retirar algo que o vento carregou e se enroscou nelas. Vejo o cuidado que ele tem com essas flores, é muito grande. Hugo toca o solo para se certificar que está tudo em ordem e se levanta. — Enfim, pode parecer loucura, mas essas flores me ensinaram muito nesse tempo em que ficamos longe um do outro.

Ele contempla as plantas por mais alguns momentos em silêncio, como se estivesse apreciando cada uma delas. Sem desviar os olhos das flores, ele explica.

— Depois que você foi embora, eu fiquei um pouco confuso. Sabia e entendia o que me pediu, mas ainda não conseguia me orientar em como prosseguir ante a isso — o tom em sua voz é baixo e um tanto triste. Não foi fácil para nenhum de nós. — Eu vinha correr com mais frequência que o normal, precisava ocupar minha mente com alguma outra coisa, não queria me afundar em tristeza, tinha medo de voltar a beber e me perder de vez. Foi então que, certo dia, parei aqui para descansar um pouco e notei várias flores desabrochando. Resolvi ajudar, joguei todo o conteúdo da minha garrafa de água nelas. E assim o fiz por dias seguidos até notar que algumas começaram a apodrecer. Fiquei confuso, pois eu estava cuidando de cada uma delas, regando todos os dias. Algumas morreram sob meus cuidados e me senti mal porque eu achei que estava ajudando. Tirei uma foto delas e pesquisei na internet o nome e a procedência correta. Eu estava fazendo tudo errado. Esse tipo de planta está acostumada a climas altos e armazenam água para se hidratar. Logo não há a necessidade de regá-las todos os dias. E violetas devem ser regadas somente no solo e não como eu fazia, em suas pétalas.

Hugo segura meu rosto com suas mãos e olha diretamente em meus olhos.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Como senti falta desse gesto.

— Até as violetas precisam de pausa. Eu as reguei e depois deixei que a natureza se encarregasse do resto – seus dedos acariciam meu rosto de forma delicada. — Honey, você é a minha violeta. Eu compreendi a sua pausa. Você foi regada e cuidada, mas o restante era a vida que se encarregaria e eu precisava respeitar e esperar. Não é sempre que o solo coopera, às vezes ele demanda um cuidado maior, porém depois que essa planta se estabelece, dificilmente morrerá. E hoje você está aqui, pois cresceu, se fortaleceu e agora se estabeleceu. Eu amo você.

Sem pensar duas vezes, estamos nos beijando, sem rodeios, tudo com muita urgência, aliás, foram longos meses e nenhum de nós quer perder mais tempo. Quando percebo, Hugo está me segurando fora do chão, eu enlaço sua cintura com minhas pernas não dando importância para quem passa. Esse momento é nosso e é único. Ele afasta nossos lábios por um momento.

— O que acha de ir para minha casa, assim poderei regar a sua planta.

— Seu babaca! — estamos rindo de forma incontrolável. — Tinha ficado tão romântico e você estragou...

Hugo sempre amenizando as situações com sua maneira incorrigível. Por isso ele é o meu babaca favorito a quem eu amo tanto.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 60

*So I'll kiss you longer baby
Any chance that I get
I'll make the most of the minutes and love with
no regrets*
(Like I'm Gonna Lose You – Meghan Trainor,
John Legend)^[59]

Hugo

Termino de abotoar minha camisa, a coloco por dentro da minha calça social, ajeito meu cinto, calço os sapatos e me olho no espelho. Não estou acostumado a usar roupa social, mas hoje é um dia muito especial e importante para mim. Diego esteve em meus pensamentos o dia todo, não tenho dúvidas de que ficaria orgulhoso e estaria ao meu lado nesse momento. Pego minha gravata e a coloco também, a ajeito para que fique confortável em meu pescoço. Deixarei para vestir o blazer quando chegar ao local. Estou pronto. Confirmo as horas no relógio de pulso, me arrumei no horário planejado. Na sala, encontro meus pais prontos. Fico muito feliz em ver que minha mãe de veio Lençóis Paulista à minha formatura. Pela primeira vez em anos, há um brilho em seu olhar, algo que havia se perdido no caminho. Eles estão bem arrumados, com roupas sociais. Ela se levanta e vem ao meu encontro.

— Está lindo, filho! — diz, ajeitando a minha gravata. — Estamos orgulhosos de você.

— Obrigado, mãe — dou um beijo em sua testa.

— Parece que estão todos prontos, podemos ir? — pergunta meu pai.

— Só um momento, acho que Izadora ainda não terminou.

Ela não deixou que eu a espiasse antes de terminar, até parece uma noiva

de tão ansiosa com a ocasião. Izadora me disse que usaria algo que há muito não fazia parte de seu guarda-roupa. Cheguei a cogitar que me formaria sem ela ao meu lado, mas quando a vi no parque naquela manhã e notei seu semblante leve, sabia que a teria ao meu lado em todos os momentos, sendo eles bons ou ruins. Minha parceira no crime. Minha violeta.

Por mais que eu estivesse pronto, nada nesse mundo me prepararia para receber a visão mais bela que poderia ao vê-la entrar na sala. Izadora está usando um vestido longo rendado, vermelho, colado ao corpo, ressaltando sua beleza. Um detalhe chama rapidamente a minha atenção e eu fico mais feliz por notar. Ela usa um lindo batom vermelho e eu tenho certeza de que dessa vez não vai retirá-lo. Caminho devagar até ela, seguro em sua mão e a giro em minha frente.

— O que achou? — ela não faz a pergunta com insegurança. Na verdade, ela está totalmente segura de si.

— Deslumbrante. A mulher mais linda da festa! — beijo seu rosto e depois sua testa. Estendo a minha mão que ela segura firmemente. — Vamos?

— Vamos!



Quando contei que me escolheram como o orador da turma, Izadora ficou emocionada. Lembrou que concluiria a sua faculdade esse ano. Eu a consolei e disse que tudo tem um tempo determinado, não sabemos os planos que a vida tem para nós. O mais importante é que ela voltará a estudar, retomará as aulas e eu não tenho dúvidas de que fará com excelência.

Estou sentado ao lado de meus colegas no palco do anfiteatro da universidade; minha família, Izadora e seus pais estão do outro lado. Olho para eles e meu pai ergue os polegares, me incentivando, pois sabem que a minha vez está chegando. O discurso está em minhas mãos por precaução, tudo o que quero falar está memorizado. Sou despertado de meus devaneios ao ouvir meu nome.

— Convidamos o formando Hugo Martins para proferir o discurso...

Meus colegas aplaudem. Levanto e vou em direção ao tablado. Uma
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

música de fundo está tocando, deixando o clima nostálgico.

— Boa noite a todos! Meus cumprimentos ao excelentíssimo reitor... — início citando a instituição, o reitor e o vice-reitor. Olho para minha família e continuo meu discurso. — Agradeço a cada professor por nos proporcionar todo o aprendizado, que em muitos momentos deixaram seus compromissos pessoais para dar apoio aos alunos, a todos os colaboradores, que sem a ajuda de vocês, esta noite não estaria acontecendo. A nossa família que incansavelmente nos ouviu falar sobre nossos medos e apreensões no decorrer do curso. O apoio de vocês foi fundamental para a nossa jornada que só está começando. Sou grato a Deus por ter nos sustentado até aqui. Gostaria de dizer que é uma honra ter sido escolhido como orador da turma. Desde que fiquei sabendo disso, refleti muito sobre o que queria falar e como falar. E a melhor maneira que encontrei foi em forma de metáfora, algo que aprendi com alguém muito especial.

“Foram três anos de estudos. Três primaveras. Três verões. Três outonos e outros três invernos. Pode parecer pouco, mas em três anos há mudanças incontáveis acontecendo ao nosso redor e principalmente dentro de nós. Três anos em que nos empenhamos em um ideal. Um sonho. Talvez esse tempo aumente quando pensamos que, antes mesmo de entrar para a faculdade, já sonhávamos com isso. Então, esses três anos não são exatos. Por mais que tenhamos vivenciado juntos três vezes as estações do ano, diria que para a maioria o inverno foi o mais presente nesse período. E não somente em relação aos estudos, pois cada um tinha seu próprio inverno para encarar fora da sala de aula. Invernos de congelar os ossos, invernos rigorosos, invernos devastadores.

“Houve, sim, primaveras e verões, e foram bem aproveitados. Conseguíamos as notas pendentes, provas realizadas com esmero, trabalhos com retorno positivo. Comemorações em deveres e tarefas cumpridas. Momentos de lazer, férias mais que merecidas e a companhia de pessoas queridas. E o calor de cada verão era o combustível que ajudaria nos dias cinzas.

“E inevitavelmente, mais uma vez o outono chegava. E trazia consigo preocupações. Cada companheiro que desistia do curso, cada nova matéria que demorava para entrar em nosso entendimento, era um alerta para esse

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

inverno rigoroso que voltaria.

“Ele voltou com força maior. Último ano, o terceiro ano, o ano decisivo. O mais puxado e mais difícil que haveria. TCC. Algo que amedrontou a todos. O teste final no qual seria colocado em prática todo o aprendizado. Estávamos prontos? Teoricamente sim, mas na prática a coisa toda mudava. Teríamos que aprender a lidar com a pressão das aulas e trabalhos por entregar, com a pressão no trabalho, na família, com amigos e relacionamentos. Era necessária uma distinção meticulosa das coisas. Não poderíamos deixar que nossos problemas fora da sala de aula atrapalhassem nossos estudos e nem a faculdade em nossa vida particular.

“Mas como conseguir não misturar as coisas? Como não acabar descontando nossas frustrações em pessoas que apenas queriam nosso bem? Como lidar com a pressão do mundo em nossas costas? Como não misturar os climas? Verão e inverno? Climas tão distintos.

“Olhando para meus colegas agora, posso dizer sem hipocrisia nenhuma que conseguimos. Da maneira mais difícil talvez, mas conseguimos.

“Nesses três anos, aprendemos que, se não lutarmos por nossos sonhos, ninguém o fará por nós.

“Aprendemos que companheirismo vai muito além de camaradagem.

“Aprendemos que está tudo bem se em algum momento você quiser desistir. Isso não demonstra fraqueza, mas autoconhecimento para saber quando não dá mais.

“Aprendemos que invernos são mais intensos e extensos que o verão. Então é fundamental saber aproveitar cada raio de sol.

“Aprendemos que não podemos escolher a estação do ano em que viveremos, mas podemos tirar o melhor de cada uma.

“Aprendemos que amigos é realmente a família que podemos escolher, por mais que seja clichê, essa é uma verdade universal.

“Aprendemos que mestres nos são apresentados diariamente, e eles sempre terão algum aprendizado para passar.

“Aprendemos que, por mais que as circunstâncias dizem não, cabe a nós

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lutar e buscar o sim.

“Aprendemos que o cansaço vai nos pegar e querer nos desanimar, constantemente. Porém temos uma força muito maior e mais sólida que imaginamos, então vamos conseguir.

“Aprendemos a lidar com o medo e as frustrações. Por maior que seja o medo, em algum momento irá ceder. A frustração vira aprendizado.

“Aprendemos que a vida não para ante a sua dor. Ou você convive e aprende a lidar com ela, ou ficará para trás.

“Aprendemos que nossa família é o pilar que nos sustenta. É o cais em meio ao vendaval.

“Aprendemos que mesmo caindo, é possível se levantar e recomeçar.

“Aprendemos que vale muito a pena ir atrás dos nossos sonhos, pois nada é tão nosso quanto eles.

“Aprendemos que somos muito mais fortes do que pensamos e muito mais resistentes do que achamos.

“E por fim, algo particular que aprendi é que precisamos de pausas, pois nenhuma árvore é frutífera o ano todo e nem todas as estações duram para sempre.

“Não sei em qual você está no momento, não sei que tipo de clima está encarando ou muito menos a sua intensidade, a única coisa que posso falar, por experiência própria, é que vai passar. O sol vai voltar e o calor te aquecerá.

“E hoje, uma nova etapa se inicia e não tenho dúvidas de que já somos mais que vencedores. Muito obrigado e sucesso a todos!”

As pessoas aplaudem assim que finalizo. Volto meu olhar para meus pais, ele sorri muito ao mesmo tempo em que bate palmas. Minha mãe é mais resguardada, mas está feliz, é notável. Izadora está enxugando algumas lágrimas e sorri muito para mim. Vê-los assim enche meu coração de gratidão. Olho para o céu e sussurro “*É para você, Diego!*”. Não tenho dúvidas de que ele está orgulhoso e lágrimas vêm aos meus olhos ao desejar sua presença aqui. “*Eu te amo, irmão*”.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Estamos no baile de formatura. Apresentei Izadora a todas as pessoas possíveis, me sinto privilegiado por tê-la ao meu lado. Recebi vários elogios pelo discurso que fiz, e recordo que isso só foi possível porque a vida tem me ensinado em cada detalhe, que eu fiz e ainda faço de tudo para prestar atenção e aprender suas matérias.

Izadora me puxa para pista de dança, uma música agitada está tocando, não sou muito bom nessas coisas, porém tento alguns passos que saem desajeitados até que a música finaliza. Quando começa os acordes da próxima, honey dá pulinhos e bate palmas.

— A nossa música!

“*More Than Words*”. Realmente é a nossa música. Dessa vez, puxo seu corpo para mim, enlaço sua cintura e assim dançamos lentamente ao som dessa melodia.

— Está feliz? — pergunto observando seus olhos. Sei a resposta, mas adoro ouvi-la se expressar.

— Muito! — ela fica séria de repente. — Você foi a melhor coisa que me aconteceu, Hugo. Obrigada.

— Não tem que me agradecer por nada, honey...

— Eu sei, mas quero. Depois de tudo o que vivi, acabei distorcendo o que seria amor. Ele acabou se tornando algo que me encurralava e me deixava para baixo, não me respeitava. Quando você chegou, percebi que aquilo não era amor; o que você me dava, sim. Amor protege. Amor respeita. Amor te liberta. E hoje, eu sou livre – ela acaricia meu rosto e sorri. — Eu amo você.

Eu a beijo com todo o carinho que meu coração transborda nesse momento.

— Honey, acho tão bom que as linhas das nossas vidas são tão tortas, tão desiguais, e é justamente por isso que elas se encontraram. Caso contrário, pode ser que nunca teria te conhecido e eu não consigo imaginar uma vida sem você — beijo sua testa, depois seu nariz e enfim dou um selinho em seus lábios. — Você pode até achar que não, mas me ensinou tanta coisa. Já vivi

muitos invernos e sei que virão outros no caminho, contudo tenho meu raio de sol, que aquece meu coração e não o deixa congelar. Você é o meu raio de sol. Eu te amo.

— Canta para mim?

— Sempre — evolvo meus braços ao seu redor, aproximo meus lábios dos seus ouvidos e acompanho a música que ainda toca.

*“Now that I've tried to talk to you and make you understand
All you have to do is close your eyes and just reach out your hands
And touch me, hold me close, don't ever let me go
More than words is all I ever needed you to show
Then you wouldn't have to say that you love me
Cause I'd already know.”* ³⁶

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 61

*I'll rise up
Rise like the day
I'll rise up
In spite of the ache
I will rise a thousands times again
And we'll rise up
Rise like the waves
We'll rise up
In spite of the ache
We'll rise up
And we'll do it a thousands times again
For you.
(Rise Up – Andra Day)^[60]*

Izadora

UM ANO DEPOIS...

Deserto do Atacama – Chile.

Sinto um pouco de dificuldades para respirar, talvez seja por causa do ar rarefeito do lugar. Enquanto caminho, admiro a beleza que me cerca. Quando Hugo citou esse lugar há mais de um ano, não imaginaria que estaríamos aqui hoje. Não pensei duas vezes em topar vir com ele nesse mochilão. O guia está explicando para o grupo o processo dessas formações rochosas, a origem do local e dicas valiosas. Estamos no Vale da Lua ou *Valle de la Luna* que fica há uns 19 km de San Pedro do Atacama, onde está nossa hospedagem. Assim que chegamos a um dos lugares mais altos, fazemos uma parada para apreciar a visão.

É fenomenal. A quietude do lugar, essas formações rochosas que foram

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desenhadas pelos ventos e erosões, formaram paredes espetaculares. Um lugar totalmente sem vida, as crateras parecem mesmo com os desenhos animados, é como se estivéssemos na lua ou qualquer outro lugar, menos na Terra. Vale da Lua, nome propício para o local. O vento que sopra é gelado, pois ainda é muito cedo, mas tudo isso traz uma calma que eu jamais imaginaria, a energia desse lugar é simplesmente maravilhosa. Os braços de Hugo me envolvem. Ficamos em silêncio, apenas olhando para o horizonte e contemplando a visão espetacular, absorvendo a excelência da natureza.

— Está feliz? — Hugo sussurra em meu ouvido, repetindo a mesma pergunta de um ano atrás, como se minha opinião pudesse ter mudado.

— Muito! — aperto ainda mais seus braços em volta de mim. — É um pedaço do paraíso, não tenho palavras melhores para explicar isso tudo.

— O nosso paraíso por dez dias.

— Não sei ainda como serão os outros lugares que vamos conhecer, mas aqui... É como se eu estivesse no topo do mundo.

— E você está, honey... No topo do seu mundo.

— Sim... — olho para o céu e sorrio. — Estamos no topo do mundo. Do nosso mundo.

Não foi um ano nada fácil para nenhum de nós. Digamos que foram necessárias readaptações. Hugo concluiu sua faculdade, então veio a pergunta “E agora? Como será daqui para frente?”. Alguns meses depois, ele pediu demissão da loja em que ainda trabalhava e, juntamente com um amigo, abriram uma pequena empresa de serviços na área em que se formou.

Eu voltei para a faculdade e não foi tão simples assim como imaginei. Senti-me um peixe fora d’água. Até pensei em voltar a morar em Bauru, mas acabei desistindo. Aluguei uma casa na cidade dos meus pais mesmo. Trabalho agora em um escritório muito bom, salário razoável e finalmente voltei a entender o que é passar sábados e domingos em casa. Não tenho mais uma psicóloga, porém ainda trato a minha ansiedade. Ela está bem moderada, raramente tenho uma crise, contudo é algo que não posso facilitar, caso contrário volta com força total. Uma pergunta frequente que fazia para meu médico era até quando ela me acompanharia, e ele sempre dizia que era algo

impossível de se prever, que surgirão efeitos de acordo com minha qualidade de vida. Não tomo remédios diariamente, somente quando sinto que alguma coisa não está bem em mim. O medo que antes me cercava, dizendo que eu me viciaria, agora não assusta mais, sei que posso controlar. O blog, agora com centenas de acessos, é o lugar onde aconselho mulheres diariamente que entram em contato comigo para falar de seus relacionamentos tóxicos. Há muitos homens que também passam por isso, e é algo mais frequente que eu poderia imaginar.

Abracei a causa com toda a minha alma.

A violência doméstica é a maior causa de desagregação familiar e é algo que precisa ser debatido. A sociedade precisa parar de maquiar essa “situação” como algo que não diz respeito ao amigo, ao vizinho ou qualquer outra pessoa que sabe que esse tipo de violência acontece, mas não se manifesta. Não se manifestar é, em si, um ato violento. Engajei-me nessa causa e o blog tem trazido resultados positivos. Fico feliz com isso, todavia é uma porcentagem tão pequena, me deixa preocupada.

Hugo disse para mim, certa vez em que eu estava muito triste ao ler um relato de uma moça, que, por mais que eu queira ajudar, infelizmente não conseguirei alcançar a todas, que preciso me concentrar nas que estão em contato comigo. Por mais que eu tenha achado dura as suas palavras, entendi o que ele quis dizer. Eu poderia fazer o maior esforço do mundo, contudo a decisão de tentar mudar não caberia a mim. Outrora a tesoura estava em minhas mãos e cortar esse novelo de lã não foi algo que decidi de uma hora para a outra. Depois de muitas tentativas, pude finalmente cortar esse fio e agora passo essa tesoura para outras mulheres fazerem o mesmo, cada uma a seu tempo. Espero de coração que elas consigam finalmente retirar esses nós, é um processo delicado e dolorido, demanda tempo e coragem. Demanda força. Muita força. E assim como aconteceu comigo, sei que descobrirão uma força que jamais imaginariam. Muito mais fortes do que pensam. Muito mais resistentes do que julgam ser.

— Tão perdida em seus pensamentos... — ele sussurra em meu ouvido.

— Sim, refletia sobre esse último ano e todas as mudanças que ocorreram — fico de frente para Hugo e observo seu semblante, está sereno e calmo. —

Sei que já falamos sobre isso, mas ainda me pego pensando que eu poderia fazer mais do que simplesmente escrever algumas palavras no blog.

Hugo me olha de maneira gentil, acaricia meu rosto e noto que está pensando em algo, ele nunca me deixa sem resposta.

— Scorpions tem uma música chamada “*Maybe I Maybe You*”. Conhece?

— Sim, uma bela música. Por que pensou nela nesse momento?

— Tem uma estrofe que fala algo do tipo “*Talvez eu, talvez você possa fazer uma mudança no mundo, nós estamos alcançando uma alma que está perdida na escuridão... Talvez eu, talvez você sejamos apenas soldados do amor, nascidos para carregar a chama, trazendo luz à escuridão*” — Hugo segura meu rosto com suas mãos e me olha de forma séria. — Honey, você é esse soldado do amor que a música cita. Pode ter certeza de que conseguiu alcançar alguma alma que estava na escuridão, você carregou a chama que iluminou o caminho dessa pessoa e ela pôde enxergar novamente. Não deixe esses pensamentos te colocarem para baixo, eu sei que ainda existem centenas de mulheres que sofrem diariamente, e isso é horrível, mas pense nas almas que tocou, nas vidas que mudaram, na coragem que passou. Existem milhões de almas iluminadas nesse mundo, vamos torcer para que elas consigam iluminar o caminho das pessoas que, inevitavelmente, você não alcançará. Não é por falta de vontade, existirão almas que não permitirão que as toque, e você precisa entender que isso não é sua culpa.

Hugo agora me olha com serenidade e continua.

— Honey, sua alma é tão iluminada, se você pudesse ver o que vejo quando olho em seus olhos... Você superou sua dor e agora quer fazer o mesmo por essas mulheres. Eu seria um louco se não te amasse tanto assim. Continue transmitindo amor e coragem através das suas palavras no blog. Você pode até não mudar o mundo propriamente dito, mas mudará o mundo dessas mulheres, e isso é tudo o que elas precisam.

— Já disse que te amo hoje? — ele sorri para mim.

— Sim, mas pode repetir quantas vezes quiser, isso é música para os meus ouvidos.

— Eu amo você!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu sei, sou irresistível mesmo e você é caidinha por mim!

Ele me pega no colo e me gira no ar. As outras pessoas nos olham e sorriem, não ligamos. Afinal, estamos no topo do nosso mundo e não é todo dia que podemos apreciar uma paisagem como essa ao lado da pessoa que, além de incentivar, apoia indiscutivelmente cada decisão. Todo mundo precisa de alguém que te respeita e te apoie que incentive seus sonhos mais loucos e que entenda seus medos mais absurdos.

E ao pensar em tudo isso, sei exatamente o que escrever para as minhas manas ao retornar para a hospedagem.

Permita-se Recomeçar

Nem sempre a cura é o milagre que precisamos.

Temos a inocência de achar que só é milagre se houver a cura. Que a sanidade é a cura. Antes, eu olhava para minha imagem e via somente um amontoado de cacos, grandes, pequenos, minúsculos e aqueles que viraram pó, pois a intensidade da queda foi tão forte que se esfarelou quando tocaram o chão. Achei que não haveria uma maneira de distinguir a sua forma original, de realocar cada caco e assim colar cada pedaço que se quebrou. Mas as circunstâncias me fizeram encarar essa imagem que não era nada agradável e assim comecei a juntar os cacos que sobraram. Não foi tão simples assim, me cortei no decorrer do caminho, eles perfuraram a minha pele de maneiras inimagináveis. Esses cacos eram muito maiores que a minha ansiedade. Esses cacos fizeram minha pele sangrar, consumiram a maior parte da minha energia. Esses cacos penetraram em minha alma.

Então comecei a árdua tarefa de colar cada pedaço de vidro quebrado. De início, fiquei totalmente perdida, não sabia onde cada caco se encaixava, as formas não combinavam, mas continuei mesmo assim, ainda que em certos momentos tivesse de usar somente a lembrança da imagem real, já que aos olhos não era possível distinguir. Fui forçada a me lembrar de como tudo era diferente, como esse objeto reluzia ao sol, sem marcas, falhas e arranhões. Fui forçada a trazer à memória como era bom ser daquela forma, como tudo parecia perfeito. Ainda não descobri que tipo de cola se usa para consertar uma pessoa, talvez no meu caso tenham sido as lágrimas.

Depois de todo o trabalho, olhei para o que sobrou daquele objeto e

só o que chamava a minha atenção eram suas marcas. Cicatrizes com as quais teria que lidar para sempre. Recusava-me a olhar, pois não via beleza alguma. Demorei muito para me acostumar com essa imagem e entender que aquilo agora era parte da minha história. Aos poucos, eu tocava esse objeto até que meus dedos e minhas mãos se acostumassem com sua nova superfície áspera e cheia de alterações. Fui me aproximando e olhando de perto, contemplando, até que comecei a notar beleza nas marcas. Lembrava muito bem como cada uma delas foi parar ali e isso fazia meu coração se apertar. Olhei por tanto tempo que em um determinado momento, olhar não me doía mais. Olhar não machucava mais. Olhar não me entristecia mais. Olhar não me quebrava mais.

Quando eu finalmente coleí todos os cacos que sobraram e contemplei o resultado final, eu pude entender o porquê a cura não era o milagre que precisava. A vida fez questão de me ensinar que existem incontáveis formas de milagres, só precisamos ter a sutileza de perceber que eles estão nos mínimos detalhes. Então, quando eu admirei a forma final, entendi que isso era o meu milagre. Renascer foi o meu milagre. Recomeçar foi o meu milagre. Me permitir foi o meu milagre.

Não sei em que momento sua vida se encontra agora. Não tenho ideia de qual batalha está travando. Não sei se sobraram cacos suficientes para serem colados, muito menos a profundidade de cada corte. Não sei qual foi o momento em que percebeu que precisava de uma pausa, que notou seus pés cansados, os ombros pesados e carregados de dor. Não posso determinar qual tipo de milagre lhe é cabível. Talvez o seu milagre seja justamente se permitir.

Se permitir olhar além da sua dor.

Se permitir pensar um pouco mais em si mesma.

Se permitir chorar. O choro alivia.

Se permitir se amar.

Se permitir viver.

Se permitir recomeçar.

Recomeçar não vai apagar tudo o que passou.

Recomeçar não é garantia de nunca mais sofrer.

Recomeçar não é eliminar as cicatrizes que ficaram.

Recomeçar não quer dizer que as lutas acabaram que os problemas

se findaram.

Recomeçar não nos dá a certeza de felicidade eterna.

Recomeçar não nos faz ser melhores que os outros.

Recomeçar não é esquecer.

Permitir-se recomeçar é ter a certeza de que é possível seguir em frente todas as vezes que se despedaça.

Permitir-se recomeçar é ter a capacidade de transpor a própria dor.

Permitir-se recomeçar é ser sobrevivente.

Permitir-se recomeçar é entender que você consegue ser mais forte do que aquilo que te derrubou.

Permitir-se recomeçar é ser sábio mesmo em tempos difíceis.

Permitir-se recomeçar é se permitir ter uma nova chance.

Permitir-se recomeçar é andar com sutileza e olhar com destreza.

Permitir-se recomeçar é entender que é possível superar a dor.

Permitir-se recomeçar é entender que a vida não para, que ela não nos espera.

Permitir-se recomeçar é compreender o tamanho do amor que se tem pela vida, caso contrário ficaria estagnado no mesmo lugar.

Permitir-se recomeçar é permitir-se viver.

Viver mesmo quando tudo disser que não.

Viver mesmo quando sentir suas forças se esvaírem.

Viver mesmo quando achar que não consegue mais.

Viver mesmo que não veja uma luz no fim do túnel.

Viver mesmo que, aos olhos, morrer seja a solução.

Viver mesmo que para isso tenha que voltar para o início.

Viver mesmo quando as lágrimas bloquearem a sua visão.

Viver é Sobreviver.

Sobreviver é Recomeçar.

Recomeçar é se Permitir.

Se permitir é não se limitar, é aprender, é evoluir.

Não tenha medo de se permitir recomeçar quantas vezes forem necessárias.

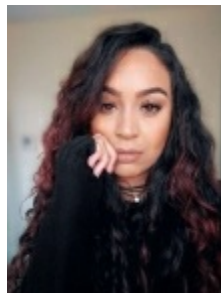
Então, vamos nos permitir.

Com carinho

~~Anxious~~

Izadora.

Sobre a Autora:



Láiza de Oliveira nasceu em Barra Bonita, interior de São Paulo. Atualmente mora em Jaú com os pais e o seu gato Nino, o Reclamão.

Começou a ler e cheirar livros aos oito anos, a biblioteca sempre foi seu lugar de refúgio, onde permanecia por horas a fio tentando encontrar alguma relíquia. Somente em 2012 começou a adquirir livros. Seu sonho? Montar sua biblioteca particular.

Sempre teve interesse na área de comunicação, chegou a elaborar um blog, mas desistiu, e decidiu por um canal no YouTube, assim poderia falar sobre qualquer assunto que desejasse. Uma de suas metas atuais é deixar de consumir macarrão instantâneo.

Permita-se Recomeçar é seu primeiro romance, construído ao som de sua playlist favorita, acompanhada de muitas lágrimas.

Contato:

[FANPAGE](#)

Anexo 1 - Traduções

[1] Você pode pegar tudo o que eu tenho / Você pode quebrar tudo o que eu sou / Como se eu fosse feita de vidro / Como se eu fosse feita de papel / Vá em frente e tente me derrubar / Eu vou me levantar do chão / Como um arranha-céu. (Skyscraper - Demi Lovato)

[2] Você achou difícil respirar? / Você chorou tanto que você mal podia ver? / Você está sozinho na escuridão / E ninguém se importa, não há ninguém lá. (Flares - The Script)

[3] Então você diz que eu sou complicada / Que eu devo ter perdido a cabeça / Mas você estava me subestimando / Subestimando, subestimando, subestimando. (Confident – Demi Lovato)

[4] Ombros para o lado, jogue, jogue lá no alto / As pernas de um lado para o outro, jogue lá no alto / As pernas de um lado para o outro, jogue lá no alto / Ombros para o lado, jogue, jogue lá no alto / Jogue, jogue lá no alto. (7/11 – Beyoncé)

[5] Onde há desejo, haverá uma chama / Onde há uma chama alguém está sujeito a se queimar / Mas só porque queima não significa que você vai morrer / Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar / Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar / Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar. (Try – Pink)

[6] Quando o seu dia é longo, e a noite / A noite é somente sua / Se você tem certeza que já teve o suficiente desta vida / Bem, persista / Não desista de si mesmo, pois todo mundo chora / E todo mundo sofre, às vezes. (Everybody Hurts – R.E.M. – Versão Glee)

[7] Eu quero ter amigos que me permite ser / Sozinho, quando estar sozinho é tudo que eu preciso. (The Perfect Space – The Avett Brothers)

[8] O mundo que nós conhecemos / Não vai voltar / O tempo que nós perdemos / Não pode voltar / A vida que tínhamos / Não vais ser nossa outra vez. (Never Too Late – Three Days Grace)

[9] Sempre em algum lugar / Sinto sua falta onde eu estiver / Eu estarei de volta para te amar de novo. (Always Somewhere – Scorpions)

[10] Você é jovem, a vida é longa / E há tempo para desperdiçar / Até que um dia você descobre / Que dez anos ficaram para trás / Ninguém te disse quando começar a correr /

Você perdeu o tiro de largada. (Time – Pink Floyd)

[11]

Você não reconhece o topo até chegar lá em baixo. (I'm So Sorry – Imagine Dragons)

[12] Tudo que você tem de fazer é fechar os olhos e estender as mãos. (More than words – Extreme)

[13] É melhor estar alerta quando eles te convocarem / Não se curve, não ceda, querida, não recue. (It's My Life – Bon Jovi)

[14] Sem inibições – não faço condições / Sair um pouco da linha / Eu não vou agir politicamente correta / Só quero me divertir um pouco. (Man! I Feel Like a Woman – Shania Twain)

[15] Um sinal de alerta / Perdi a parte boa quando me dei conta / Comecei a observar e a bolha estourou / Comecei a procurar por desculpas. (Warning Sign – Coldplay)

[16] Me diga que a realidade é melhor que o sonho, mas descobri do pior jeito, nada é como parece. (Duality – Slipknot)

[17] Fale comigo suavemente / Há algo em seus olhos / Não abaixe sua cabeça na tristeza / E, por favor, não chore. (Don't Cry – Guns N' Roses)

[18] Não se aproxime muito / É escuro aqui dentro / É onde meus demônios se escondem / É onde meus demônios se escondem. (Demons – Imagine Dragons)

[19] O que você faria se meu coração fosse partido em dois? / Mais do que palavras para mostrar o que você sente / Que seu amor por mim é real. (More than words – Extreme)

[20] Nunca me abri desse jeito / As vidas são nossas, nós vivemos do nosso jeito / Todas essas palavras eu não apenas digo / E nada mais importa. (Nothing Else Matters – Metallica)

[21] Luzes quebradas na rodovia / Deixam-me aqui sozinho / Posso ter perdido meu caminho / Mas não esqueci meu caminho para casa. (Broken – Lifehouse)

[22] Você não pode ser duro consigo mesmo, estas foram as cartas que lhe foram dadas. / Então, você tem que entender que isso, isso não é quem você é. / Você sabe que você está tentando ser o melhor que você pode ser / Mas isso é tudo que você pode fazer. (Purpose – Justin Bieber)

[23] Eu vi o mundo revirando em meus lençóis / E mais uma vez não consigo dormir /
Saio porta a fora e subo a rua / Olho para as estrelas / Olho para as estrelas caírem / E eu
me pergunto onde / Foi que eu errei? (Same Mistake – James Blunt)

[24] Sinto muito interromper / É que apenas estou constantemente à beira / De tentar te
beijar / Não sei se você / Sente o mesmo que eu / Mas poderíamos ficar juntos / Se você
quisesse. (Do I Wanna Know? – Arctic Monkeys)

[25] É, você não conhece a minha mente / Você não conhece o meu tipo / As
necessidades obscuras são parte do meu projeto / Diga ao mundo que estou caindo do céu /
As necessidades obscuras são parte do meu projeto. (Dark Necessities – Red Hot Chili
Peppers)

[26] Você não pode parar o amor, amor / Você não pode nos dizer não, não / Não
podemos ter o suficiente / Todo mundo precisa de um homem. (Everybody Needs a Man –
Offer Nissim)

[27] Você está me deixando louca agora, seu amor / Está me deixando louca agora / Me
tem parecendo tão louca agora, seu toque / Você está me deixando louca agora (seu toque)
/ Me fez esperar que você me salve agora, seu beijo / Me fez esperar que você me salve
agora / Loucamente apaixonada / Você me deixou, me deixou loucamente apaixonada.
(Crazy In Love – Beyoncé – versão Fifty Shades of Grey)

[28] Então, iremos irritar os vizinhos / No lugar que sente as lágrimas / O lugar de perder
seus medos / Sim, comportamento imprudente / Um lugar que é tão puro, tão sujo e cru /
Ficar na cama o dia todo, o dia todo, o dia todo / Transando com você e lutando / É o nosso
paraíso e é a nossa zona de guerra / É o nosso paraíso e é a nossa zona de guerra.
(Pillowtalk – Zayn)

[29] Talvez eu, talvez você / Possa fazer uma mudança no mundo / Nós estamos
alcançando uma alma / Que está perdida na escuridão. (Maybe i, maybe you – Scorpions)

[30] Você é uma estrela cadente, eu vejo / Uma visão de êxtase / Quando você me
segura, sinto-me viva / Somos como diamantes no céu. (Diamonds – Rihanna)

[31] E as lágrimas escorrem pelo seu rosto / Quando você perde algo que não pode
substituir / Quando você ama alguém, mas isso se desperdiça / Poderia ser pior? (Fix you –
Coldplay)

[32] Eu sou / Uma parte da cura? / Ou eu sou uma parte da doença? (Clocks – Coldplay)

[33] O seu coração contra o meu peito / Seus lábios pressionados em meu pescoço / Eu estou me apaixonando por seus olhos / Mas eles ainda não me conhecem / Com um sentimento que vou esquecer / Estou apaixonado agora. (Kiss Me – Ed Sheeran)

[34] Você é minha ruína, você é minha deusa / Minha pior distração, meu ritmo e tristeza / Não consigo parar de cantar / Está tocando uma música em minha cabeça para você. (All of me – John Legend)

[35] Dizer eu te amo / Não são as palavras que eu quero ouvir de você / Não é que eu não queira / Que você diga, mas se ao menos você soubesse / Como poderia ser fácil me mostrar o que você sente / Mais do que palavras é tudo que você tem que fazer para tornar real / Então, você não precisaria dizer que me ama / Pois eu já saberia. (More than words – Extreme)

[36] Agora que tentei conversar com você e te fazer entender / Tudo o que você tem que fazer é fechar os olhos e estender as mãos / Para me tocar, me abraçar, não me deixar partir jamais / Mais do que palavras é tudo que você tem que mostrar / Então, você não precisaria dizer que me ama / Pois eu já saberia. (More than words – Extreme)

[37] Eu sou forçada a fingir / Um sorriso, uma risada todos os dias da minha vida / Meu coração não pode quebrar / Quando não estava inteiro para começar (...) / Por sua causa / Eu acho difícil confiar não só em mim / Mas em todos à minha volta / Por sua causa eu tenho medo. (Because of you – Kelly Clarkson)

[38] Então, abra os meus olhos / Diga que estou vivo / Isso nunca irá a nosso favor / Se eu tiver que adivinhar tudo o que está em sua cabeça. (Believe – Mumford & Sons)

[39] Em todo o lugar que eu olho agora / Estou rodeada pelo seu abraço / Querido, eu posso ver sua aura / Você sabe que é a minha graça salvadora / Você é tudo o que eu preciso e mais / Dá para ver no seu rosto / Querido, eu posso sentir a sua aura / Rezo para que ela não desapareça. (Halo – Beyoncé)

[40] Lentamente, lentamente você me desvenda / Mas você realmente me conhece? / Alguém me disse que o amor controla tudo / Mas só se você souber. (Say you love me – Jessie Ware)

[41] Eu não te disse que você ia se destruir / Eu não te avisei, eu não te avisei? / É melhor ir com calma, tente encontrar uma saída / É melhor começar a acreditar em você. (Pieces – Rob Thomas)

[42] Onde quer que esteja, estou perto / Em qualquer lugar que você vá, eu estarei lá / Toda vez que você sussurra meu nome, você verá / Como mantenho cada promessa / Porque que tipo de cara eu iria ser / Se eu fosse embora quando você mais precisasse de mim. (What are words – Lauren Christy e Rodney Jerkins)

[43] Enquanto você cai no sono / Mal você sabe / Ainda sou perseguida pelas memórias / Mal você sabe / Estou tentando me reerguer / Pedaco por pedaco / Você mal sabe que preciso de um pouco mais de tempo. (Little do you Know – Alex e Sierra)

[44] Eu nunca fui do tipo que deixa os sentimentos a mostra / E eu achei que sendo forte nunca iria perder o autocontrole / Mas eu estou bêbado o suficiente para mostrar a minha dor / Acabar com o meu orgulho, deixar cair como chuva / Dos meus olhos / Essa noite eu quero chorar. (Tonight i wanna – Keith Urban)

[45] Vou até você com a fé esmaecida / Me dê mais do que uma mão para segurar / Me pegue antes que atingisse o chão / Diga que estou segura, você me tem agora / Você vai assumir o volante / Se eu perder o controle? / Se estiver deitada aqui / Você vai me levar para casa? (Take me home – Jess Glynne)

[46] Me encontre aqui / E fale comigo / Eu quero te sentir / Eu preciso te ouvir / Você é a luz / Que está me guiando / Para o lugar / Onde encontrarei paz / Novamente. (Everything – Lifehouse)

[47] Não perca quem você é, no borrão das estrelas / Ver é iludir, sonhar é acreditar / É normal não estar bem / Às vezes é difícil / Seguir seu coração / As lágrimas não são uma derrota / Todos estão sofrendo / Seja verdadeiro com quem você é. (Who You Are – Jessie J)

[48] Então, quando eu estiver pronta para ser mais confiante / E meus cortes se tiverem curado com o tempo / O conforto se pousará sobre o meu ombro / E enterrarei o meu futuro para trás / Vou sempre manter você comigo / Você estará sempre na minha mente / Mas há um brilho nas sombras / Nunca saberei a menos que eu tente. (Home – Gabrielle Aplin)

[49] Enterre todos os seus segredos na minha pele / Desapareça com inocência / E me deixe com os meus pecados / O ar ao meu redor me parece ainda como uma gaiola / E o amor é só uma camuflagem / Para o que se assemelha a raiva novamente. (Snuff – Slipknot)

[50] Pegue minha mente / E tome a minha dor / Como uma garrafa vazia, e leve à chuva / E cure, cure, cure, cure. (Heal – Tom Odell)

[51] Porque ela é a menina que eu nunca tive / Ela é o coração que eu queria / A música que eu ouço no rádio / Isso me faz parar e pensar nela. (Unbreakable – Jamie Scott)

[52] Ninguém disse que era fácil / É uma pena nós nos separarmos / Ninguém disse que era fácil / Ninguém jamais disse que seria tão difícil assim / Oh, me leve de volta ao começo. (The Scientist – Coldplay)

[53] Eu sou uma sobrevivente / Eu não vou desistir / Eu não vou parar / Eu vou trabalhar duro / Eu sou uma sobrevivente / Eu vou conseguir / Eu vou sobreviver / Eu vou continuar sobrevivendo. (Survivor – Destiny’s Child – Versão Clarice Falcão)

[54] Eu queria tanto ficar com você / Mas não sinto mais isso / Porque, sério, você acabou sendo a melhor coisa que eu nunca tive / Você acabou sendo a melhor coisa que eu nunca tive / E eu sempre serei a melhor coisa que você nunca teve / Aposto que é uma droga estar em seu lugar agora. (Best thing i never had – Beyoncé)

[55] E quando precisar de seu espaço / Para navegar um pouco / Esperarei pacientemente / Para ver o que você descobrirá. (I won’t give up – Jason Mraz)

[56] Lembro-me de todas as coisas que eu pensei que eu queria ser / Tão desesperado para encontrar uma maneira de sair do meu mundo e, finalmente, respirar / Bem diante dos meus olhos eu vi, meu coração veio à vida / Isso não é fácil, não é para ser / Toda história tem suas cicatrizes. (Remedy – Adele)

[57] Estou desistindo de você / Estou perdendo tudo / Você me libertou, oh / Envie meu amor para a sua nova amada / Trate-a melhor / Temos que nos libertar de todos os nossos fantasmas / Nós dois sabemos que não somos mais crianças. (Send my love (To Your New Lover) – Adele)

[58] Quando, quando o fogo está sob meus pés novamente / E as sombras começam a circular / Elas sussurram, “O tempo está acabando” / Mas ainda assim, eu me ergo / Isso não é um erro, não é um acidente / Quando você acha que o final está próximo, pense de novo / Você não se surpreenderá, ainda assim vou me erguer. (Rise – Katy Perry)

[59] Então, eu vou te beijar demoradamente, querida / Qualquer chance que eu tiver / Aproveitarei os minutos e vou amar sem arrependimentos. (Like I’m Gonna Lose You – Meghan Trainor, John Legend)

[60] Eu irei erguer-me / Erguer-me como o dia / Eu irei erguer-me / Apesar da dor / E eu vou fazer isso mil vezes novamente / E nós nos ergueremos / Nos ergueremos como as ondas / Nós nos ergueremos / Apesar da dor / Nós nos ergueremos / E nós vamos fazer isso

PERIGOSAS

milhares de vezes novamente / Por você. (Rise Up – Andra Day)

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI